



Daces RIVAIS

Uma comédia romântica de



OLIVIA UVIPLAIS



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Daces RIVAIS

Un roman d'anticipation



OLIVIA UVIPLAIS



Copyright © Olivia Uviplais.

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangíveis ou intangíveis – sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Leitura Crítica:

Rafaela Horn

Jenniffer Fógos

Leitura Sensível:

Lara Silva

Evelyn Fernandes

Revisão:

Julie Mangi

Ana Tinoco

Ilustrações:

@c.vitoriart (ilustração do casal)

Ana Kei Osera (ilustração da padaria)

Sumário



Sumário

[Sinopse](#)

[Aviso de conteúdo](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1 | Marina](#)

[Capítulo 2 | Estevão](#)

[Capítulo 3 | Estevão](#)

[Capítulo 4 | Marina](#)

[Capítulo 5 | Estevão](#)

[Capítulo 6 | Estevão](#)

[Capítulo 7 | Marina](#)

[Capítulo 8 | Marina](#)

[Capítulo 9 | Marina](#)

[Capítulo 10 | Estevão](#)

[Capítulo 11 | Estevão](#)

[Capítulo 12 | Marina](#)

[Capítulo 13 | Estevão](#)

[Capítulo 14 | Marina](#)

[Capítulo 15 | Estevão](#)

[Capítulo 16 | Estevão](#)

[Capítulo 17 | Estevão](#)

[Capítulo 18 | Marina](#)

[Capítulo 19 | Marina](#)

[Capítulo 20 | Marina](#)

[Capítulo 21 | Marina](#)

[Capítulo 22 | Estevão](#)

[Capítulo 23 | Marina](#)

[Capítulo 24 | Estevão](#)

[Capítulo 25 | Marina](#)

[Capítulo 26 | Estevão](#)

[Capítulo 27 | Marina](#)

[Capítulo 28 | Marina](#)

[Capítulo 29 | Estevão](#)

[Epílogo | Estevão](#)

[Bônus | Marina](#)

[Agradecimentos](#)



Para todas aquelas que olharam para um homem gato e pensaram:
“hum... falta algo”.

Esse algo era um bigode. Faça bom proveito de Estevão Avelar.



Pois somos tipo

Passarinhos soltos a voar, dispostos a achar um ninho

Nem que seja no peito um do outro

Passarinhos - Emicida (part. Vanessa da Mata)

Sinopse



Sinopse

Enemies to lovers :: convivência forçada :: grumpy (ela) x sunshine (ele)

Marina Dantas é uma advogada implacável. Ou pelo menos *vai ser* uma advogada implacável um dia. Recém-formada, tudo o que a jovem e dedicada profissional precisa é de uma oportunidade para crescer num dos maiores escritórios do país e mostrar que nada nem ninguém pode pará-la.

E essa chance aparece na forma de uma tarefa: **convencer um padeiro a vender sua padaria.** Simples, não é? Mas só parece.

Estevão Avelar não queria herdar a Avelar Avelã. Formado em gastronomia, seu sonho estava na culinária internacional, não numa padaria em decadência. Como o único herdeiro, ele precisa tocar o empreendimento que está ameaçado pela construção de um shopping que vai destruir o legado da família. As contas estão no vermelho, a construtora não para de mandar representantes legais, e o chef não pode desistir.

Ainda mais agora que uma pequena advogada entrou em seu caminho **e promete não desistir.**

Eles não contavam que essa guerra de ódio teria um elemento como surpresa: a atração instantânea entre os dois. Agora, tudo se resume a

uma equação muito simples, ela quer comprar a padaria dele, ele vai irritá-la até que ela desista, e nada pode impedir o futuro iminente: **um só ganha se o outro perder.**

Aviso de Conteúdo



Aviso de conteúdo

Apesar de ser uma comédia romântica, o livro aborda temas como: **racismo e machismo no ambiente de trabalho.**

Em caso de assédio no ambiente de trabalho, acumular evidências é essencial; documente todos os incidentes, mantenha registros de comunicações relevantes e busque depoimentos de testemunhas se possível.

Se todas as medidas internas falharem, você pode fazer uma denúncia externa, entrando em contato com agências governamentais de fiscalização do trabalho ou comissões de direitos humanos para investigar e proteger seus direitos.



BRAGA NETO

ADVOGADOS ASSOCIADOS



Prólogo

Prezado Estevão Henrique Avelar,

Esperamos que essa carta o encontre bem, **agradecemos a oportunidade de discutir a possível aquisição de sua propriedade "Avelar Avelã".**

No entanto, ressaltamos que **a JL Engenharia está pronta para tomar medidas legais** caso não seja possível chegar a um acordo mutuamente benéfico para o desenvolvimento da área.

Se necessário, **iremos agir com determinação para proteger os interesses da empresa.**

Atenciosamente,

A handwritten signature in black ink, which appears to read 'Helia Braga Neto'. The signature is fluid and cursive, enclosed within a simple, hand-drawn oval loop.

New
fodendo,
mas
obrigado.

Ass: Estevão Avelar

Capítulo 1

M A R I N A



Capítulo 1 | Marina

De: Hélcio.braga@braganetoadvogados.br

Para: marina.dantas@braganetoadvogados.br

Assunto: Venha até minha sala

Marina,

Venha até minha sala imediatamente.

Att. Dr. Hélcio.

Eu seria demitida. Obviamente. Por qual outro motivo o dono do escritório, meu ídolo e mentor, iria me mandar um e-mail com assunto “*venha até minha sala*” e com a mensagem “venha até minha sala *imediatamente*”? Imediatamente só podia significar uma coisa: demissão. Rua. Desemprego. A porta é a serventia da casa.

Me levantei da cadeira ergonômica mais macia que meu sofá em casa, sentindo minhas pernas meio duras. Se as outras pessoas tremiam quando estavam nervosas, eu ficava rígida como um pedaço de pau, sólida feito “O Coisa”, do Quarteto Fantástico.

Caminhei sem ser percebida pelos outros advogados ocupados demais com seus próprios processos para me verem saindo, mesmo assim ergui a cabeça e alisei a saia do meu conjuntinho bege para parecer impecável. Ainda devia duas prestações dele, mas não pensaria naquilo. Tinha que me concentrar em não chorar na frente do doutor Hélcio.

Não choraria. Claro que não, eu acenaria com a cabeça, agradeceria e iria até o RH, tão forte que faria o meu chefe reconsiderar a demissão. Ele ia pensar: “uau, essa Marina tem fibra, talvez eu não devesse demiti-la, talvez devesse finalmente dar uma promoção a ela”. Pelo menos seria assim nos meus sonhos.

Só cairia em prantos quando estivesse no conforto do meu lar, o apartamento aconchegante que era alugado e que não sobreviveria a uma demissão.

Apertei o botão do elevador e a porta brilhante se abriu, revelando meu reflexo no espelho. Entrei assistindo à jovem mulher de expressão firme me olhar de novo e fiz uma careta enquanto selecionava o andar. Os cabelos crespos bem definidos numa finalização cuidadosa que tinha feito dois dias atrás e sobreviveu ao *day after*, a maquiagem suave com produtos da *Fenty Beauty* — também parcelados — sobre a pele preta de um tom quente gêmea à pele do meu pai.

— Meu pai. — gemi, lembrando do sorriso orgulhoso que ele me deu quando contei que trabalharia no Braga Neto.

Mamãe chorou por horas, e ele ligou para a família inteira, dizendo que a filhinha dela era advogada num dos maiores escritórios de Belo Horizonte. Agora teriam que ligar chorando para dizer que eu era uma das maiores desempregadas da cidade.

Pelo menos uma pessoa ficaria satisfeita com minha demissão: minha melhor amiga Cecília. O que parece ser algo cruel, ter sua *bff* torcendo pelo seu desemprego, mas já conseguia ouvir sua voz doce dizendo “*finalmente vai poder abrir seu próprio escritório*”, como se a vida fosse feita de sonhos e morangos.

Nenhum escritório seria aberto se eu tivesse que vender todas as minhas coisas para pagar o aluguel.

O elevador chique subiu do 13º para o 20º andar, que era ocupado pelas salas de reunião dos advogados sênior e pelo escritório do Doutor Hécio. Me senti meio claustrofóbica dentro das paredes de metal, mas ao mesmo tempo queria que demorasse muito tempo até que as portas se abrissem.

Se eu tivesse sorte, a luz da Savassi cairia por horas, e eu ficaria ali dentro protegida como um gato de Schrödinger, empregada e desempregada ao mesmo tempo.

Só que eu não podia contar com tanta sorte, por isso, quando o sinal sonoro de que eu havia chegado no andar apitou, não me surpreendi. Endireitei a coluna, olhando pela última vez no espelho, enfiei meus dedos na raiz do cabelo e puxei levemente para cima, para

garantir o volume e não cachinhos minguados e sem emprego.

— Estou aqui para ver o doutor Hércio. — anunciei para Sandra, a secretária quarentona que tinha sempre um coque impecável e delineado bem-feito.

— Ele está te aguardando. — afirmou com um sorriso educado, e eu respirei fundo, erguendo o queixo um pouquinho, me preparando para o impacto.

Minha expectativa era que o advogado não estivesse me esperando, que na verdade fosse um erro de envio de *e-mails*. Não parecia ser o caso.

Caminhei pelo corredor de mármore branco ouvindo o *toc toc* dos meus saltos, o reflexo no chão brilhante mostrava uma advogada recém-formada e promissora. E que em breve entraria para as estatísticas de desemprego.

Mordi o lábio inferior, pensando em Bianca, minha antiga professora e amiga do doutor Hércio, a responsável por eu ter conseguido uma entrevista com direito a uma carta de recomendação elogiosa que me garantiu o emprego.

Eles jantariam juntos numa quarta-feira qualquer, quando o advogado contaria que me demitiu? Ou ele ligou para ela antes para avisá-la que sua pupila era horrível? Qualquer hipótese me deixava arrepiada.

Bati na porta de madeira caramelo e não tive tempo antes que uma voz grave chamasse lá de dentro.

— Pode entrar.

Empurrei a maçaneta prata e vi o grande escritório com uma parede inteira de vidro que dava uma visão completa de toda a região Centro-Sul, o tipo de frescura arquitetônica que o prédio inteiro — um dos mais caros do quarteirão — tinha. No meio do ambiente amplo estava uma mesa de madeira escura que devia ter desmatado um campo de futebol inteiro para acontecer. Tudo ali gritava caro, chique, expansivo.

A única coisa que destoava era o homem de cotovelos apoiados em frente ao computador com a cabeça entre as mãos em puro desespero.

Tá... não era isso que eu estava esperando.

— Bom dia, doutor Hércio. — O cumprimento soou firme, apesar dos meus pensamentos confusos e fatalistas. Era mais fácil fingir que estava tranquila do que chamar pessoas cujo maior grau de titulação era bacharel de “doutor”.

O advogado ergueu a cabeça um pouquinho e suspirou.

— Entre, Marina. — pediu, com um suspiro. Entrei, fechando a porta atrás de mim e atravessando a sala enorme até parar na cadeira de couro. Não me sentei porque poderia ser uma daquelas situações: você está demitida, passe no RH. Rápido, cortante.

Eu não seria a idiota brincando de vivo/morto na frente do meu chefe. Ex-chefe em breve.

Tentei, mas falhei em evitar o contentamento que me enchia quando lembrava que ele sabia o meu nome. Me permiti ser vaidosa uma última vez.

A sala ficou em silêncio e senti meu coração bater rápido no peito. Por causa de toda a estrutura cara e antirruído do prédio, não conseguia ouvir o tumulto da rua cheia lá embaixo. Éramos só o doutor Hércio e eu. Um pouco de curiosidade sufocou a apreensão porque eu nunca tinha de fato entrado naquela sala por mais de dois minutos, era o santuário de uma das minhas maiores referências em Direito, e eu nunca teria a oportunidade de explorar.

— Sente-se, por favor. — O advogado pediu amuado, indicando a cadeira.

Então não seria só um *hasta la vista*. Eu ganharia um discurso motivacional? Um parecer sobre meus dezoito meses trabalhando na Braga Neto? Sabia que o doutor Hércio estava dando palestras como *coach*, eu ganharia uma aula?

— Não vou mentir para você, Marina. — Ele suspirou, endireitou-se, e eu mantive minha expressão muito bem controlada. Iria balançar a cabeça positivamente, levantar-me e sair. Fácil. — Estamos... — Hércio jogou os ombros para trás, batendo na cadeira como uma criança fazendo pirraça. — *fodidos*.

Aquilo quase me fez perder a compostura. Quase.

— Perdão, doutor Hércio... — pedi de antemão, talvez ouvindo mal. Ele poderia ter dito estávamos vendidos, partidos... qualquer coisa. Menos um palavrão. — Acho que não...

— Estamos fodidos, Marina. — repetiu a voz um pouco mais aguda em desespero, e eu franzi o cenho.

Ok.

Eu não tinha ouvido errado.

O premiado advogado Hércio Braga Neto, ganhador por dois anos consecutivos do prêmio *Innovation in Law* e palestrante em instituições como USP, UFMG e UFV, estava resumindo sua condição

em “fodidos”.

Não exatamente *sua* condição.

Ele falou “estamos”. No plural. Nós.

— Acho que estou... confusa — Não gostava de admitir quando tinha problemas para entender as coisas, mas naquele momento era meio impossível.

Hélcio enfiou de novo o rosto nas mãos, me dando uma mostra da calvície profunda no topo do seus cabelos, e eu quis ultrapassar a pele e os ossos para entender o que estava se passando na cabeça dele.

— Posso confiar em você, Marina. — não era uma pergunta. — Não tenho motivos para mentir ou atenuar as coisas. Estamos fodidos.

Escutar Hélcio Braga xingar três vezes me dava direito a uma música no Fantástico? Parecia que sim. O ambiente era tão formal, que nunca tinha visto ele chamar ninguém por um apelido sequer, éramos tratados pelo primeiro nome, com formalidade e polidez.

— A JL Engenharia quer quebrar contrato com a gente e arrastar junto nossos principais clientes. E eles vão conseguir. Vão colocar nosso nome na lama tudo por causa de um... — trincou os dentes, a pele branca e já meio enrugada ganhou tons preocupantes de vermelho. — *padeiro*. — cuspiu a palavra como se fosse um palavrão pior do que “fodidos”.

Ah, sim... entendi.

Eu ainda estava dormindo e tudo aquilo não passava de um pesadelo estranho.

Um sonho maluco em que a Braga Neto estava por um fio graças a um padeiro. Super normal, como na vez em que sonhei estar grávida e o Louro José jogava aviõezinhos do Silvio Santos para eu comprar meu enxoval. Foi culpa da feijoada vegana que Clarisse fez, comi muito antes de dormir, e isso deixou meu sono pesado.

— Um padeiro? — repeti. Se um fantoche comesse a me atirar notas de cem, saberia que tudo não passava de invenção da minha cabeça.

— A JL está trabalhando para construir um shopping no Santa Alice^[1] como parte do plano de revitalização do bairro. Eles conseguiram uma localidade viável na rua das Coníferas com alguns prédios comerciais de fácil aquisição, por estarem em débito com a prefeitura, resultando em tratativas exitosas. — Como um bom advogado, doutor Hélcio fez uma pausa dramática. — *Exceto por uma*.

Trabalhava na Braga Neto a tempo o suficiente para saber que

as tratativas tinham a finalidade de trazer cada vez mais famílias ricas para o bairro e que, para isso, costumava-se localizar dívidas em nomes de moradores idosos do local para convencê-los a venderem seus imóveis sem muita resistência, visto que logo acabariam sendo leiloadas à *preço de banana*. Portanto, era uma surpresa que algum comerciante endividado estivesse se recusando a vender seu imóvel para uma grande construtora.

— É uma pequena padaria no centro do projeto, impossível de ser contornada, com toda a documentação do imóvel impecável como nunca vi antes. Negociações impossíveis com o proprietário, ele está irredutível. Foi oferecido quatro vezes mais do que vale. — disse as palavras com uma rapidez estranha para sua dicção sempre perfeita.

Doutor Hércio parecia ter decorado aquele discurso. Ou o ouvido tantas vezes que era impossível esquecer.

Me concentrei nas implicações daquilo. Advogados estavam sempre envolvidos em trâmites longos, portanto, pensar à frente era o que nos ajudava a estarmos preparados. E minha conclusão sobre o futuro próximo era de que: *sim, estávamos fodidos*.

Se a JL já tivesse entrado em negociação, ou pior, já tivesse adquirido outros imóveis, confiando na infalibilidade da Braga Neto, um proprietário cabeça dura que não aceitava quatro vezes o valor do imóvel e não podia ser desocupado forçadamente era um problema enorme. Um pequeno pepino de milhões de reais. Talvez na casa do bilhão.

Tudo isso nas costas do escritório incompetente que não conseguiu convencer um padeiro a vender sua padaria. Quanto tempo até todos os clientes entenderem aquilo como um sinal do fim da hegemonia de Hércio Braga Neto?

Trágico.

Catastrófico.

Apocalíptico.

Franzi o cenho diante do verdadeiro pandemônio. Mas por que *eu* estava ouvindo tudo aquilo?

Era uma advogada júnior, recém-formada, minha carteira da OAB ainda tinha o cheiro de tinta de impressão. Por que eu, no meio de todos os advogados superexperientes e super velhos, estava ouvindo aquilo?

— Doutor Hércio, não me entenda mal, consigo visualizar o problema aqui, mas... — não tinha um jeito educado o suficiente de dizer aquilo. — *por que está falando isso comigo?*

O advogado com anos de carreira e um sobrenome no meio jurídico que datava da época de Dom Pedro olhou para mim como uma criança que perdeu a bola que rolou morro abaixo.

— Porque você é a única que pode nos ajudar, Marina — as palavras pairavam no ar por tempo o suficiente para que eu as absorvesse.

Eu. A única.

Não fazia sentido.

— Você é jovem e ainda não tem uma reputação negativa no direito imobiliário. — a forma como ele disse o *ainda* me deu certa vaidade. Eu teria? Um dia seria uma *doutora* com um histórico? De repente quis me levantar e dançar. — Pode ser nossa única advogada ilibada dentro de toda a Braga Neto e, assim, talvez a única que pode convencer o proprietário a vender o imóvel.

Tomei uma respiração profunda tentando ouvir mais do que meu ego naquele momento.

Eu era a única. Isso significava que, se eu falhasse, a Braga Neto podia afundar nas minhas costas. Seria eu a cometer o erro fatal. JL Engenharia seria a primeira a abandonar o navio. Analisando as relações comerciais de construtoras em BH e região, a ProExcelência, Vanguarda e a Horizon Construções seriam as próximas.

Um rombo quase irrecuperável.

— Contudo, não faço essa proposta de mãos vazias. — Hércio aprumou a coluna enquanto minha cabeça trabalhava. Ele usou sua voz de júri, e eu quase podia ver a toga preta descendo pelos seus ombros. Um arrepio de admiração subiu pelo meu braço. — Se você conseguir convencer o padeiro, você se tornará uma advogada sênior da Braga Neto. Imediatamente. Aos 26 anos, a mais jovem da história.

As palavras ecoaram na minha cabeça. Estabilidade. Não um cargo promissor, mas algo sólido, real, que me colocava no topo onde sempre almejei estar.

Não precisei pensar duas vezes.

— Aceito. — falei, firme, estendendo a mão para fechar negócio, e pela primeira vez desde que entrei no escritório, vi Doutor Hércio sorrir aliviado.

Quem quer que fosse o padeiro, o velhinho estava ferrado.

Capítulo 2

ESTEVÃO



Capítulo 2 | Estevão

— E se você trocar farinha e fermento por farinha *com* fermento? — Júnior sugeriu, escondendo a boca como o cara bem-educado que ele era, para os farelos de casadinho não caírem enquanto ele dava a ideia mais estúpida de todas.

Revirei os olhos enquanto colocava sua xícara recém-feita de cappuccino à sua frente.

— Por que eu não uso areia ao invés de trigo? — resmunguei irônico, ignorando o fato de que ele era meu primeiro e único cliente da tarde, mesmo que já passasse das quatro horas.

O fato de que nos conhecíamos há quase vinte anos me dava certa liberdade para apontar quando ele era melhor como amigo do que como dono de uma padaria.

— Estou falando sério. — contrariou, esfregando as palmas uma na outra para tirar o açúcar dos dedos. — Por que gastar com duas coisas sendo que você pode simplesmente comprar uma?

— São dois tipos de fermentos diferentes, lembra? — questionei quase de forma paternal, e Júnior pegou a xícara no balcão com uma careta, ignorando o óbvio. Como cozinheiro, ele também era um ótimo recém-aprovado no curso de direito.

Tínhamos feito dois semestres de Gastronomia juntos antes de ele desistir e finalmente ir atrás de seus sonhos. Nunca o contrariei na sua decisão de largar a graduação porque estava claro que, apesar de muito dedicado, Júnior entendia tanto de cozinha quanto entendia de

física quântica. Ou seja: nada. Ele só entrou para me acompanhar depois de ser reprovado no que realmente queria.

— Estou tentando pensar em opções que vão te fazer economizar e, assim, ganhar mais dinheiro. — apontou, e eu suspirei, me encostando no balcão com os cotovelos apoiados no granito preto quase centenário, mas com minha cabeça a quilômetros de distância, em todos os bancos onde tive empréstimos negados.

Minhas opções agora eram agiotagem ou ganhar na loteria.

— Não posso cortar nos ingredientes. — apontei o óbvio que para ele não era tão óbvio assim. — Se a qualidade cai, as poucas vendas que faço despencam. É melhor pouco dinheiro do que nenhum.

— E se você tentar vender em combos, tipo: o pessoal que ainda compra pão de manhã tem que levar uma... — olhou ao redor para as gôndolas meio vazias penduradas nas paredes de tijolinhos marrons. O fato de que eu não podia enchê-las porque os produtos venciam ainda me doía — broa de milho.

Meu avô tinha que repor produtos duas vezes por dia na Avelar Avelã de sua época, mas eu precisava escolher o que colocaria à venda porque produtos muito perecíveis não saíam. Pensar em Joaquim Avelar e em seu sucesso trouxe uma pontada aguda para o meu peito.

— Isso é venda casada que, inclusive, é crime, senhor doutor advogado. — apontei, e Júnior coçou a cabeça coberta pelos cabelos curtos e crespos. Não admiti que eu só sabia daquilo porque já tinha cogitado a ideia.

— Ainda não tive essa aula. — defendeu-se, e eu sorri. Apesar de já ter comprado seu Vade Mecum, ele ainda estava orgulhosamente no primeiro período. — Então quais são as outras coisas que você pode fazer?

— Essa é a pergunta de um milhão de reais. — suspirei, me endireitando, olhando para a vitrine atrás do meu melhor amigo e, assim como nos últimos meses, não vi a multidão de pessoas vivendo suas vidas do lado de fora.

Era como se a rua tivesse se transformado em um quarteirão fantasma e muito sabidamente assombrações não compravam pão de manhã ou bolo de iogurte à tarde. Uma padaria se transformava em algo inóspito no meio da rua de prédios e lojas já quase todas vazias.

Tudo por causa do maldito shopping.

— Bem... é quase isso, não é? — o homem negro de pele retinta, alto e forte que me conhecia melhor que ninguém perguntou com delicadeza. — Quase um milhão de reais.

Fechei os olhos, apertando a ponte do nariz entre os dedos.

Seiscentos mil reais.

A primeira oferta tinha sido de cento e oitenta mil, mas a última negociação tinha me deixado com uma proposta de mais de meio milhão de reais enquanto uma advogada com cara de vovó e voz suplicante me dizia que aquele era o melhor valor entre todos os aceitos na rua. Eu neguei mais uma vez, e ela comprou um pão de queijo antes de sair.

Foi aí que os representantes pararam de aparecer, e as cartas começaram a chegar. E cartas não compram uma guloseima antes de sair, o que era terrível para os negócios.

— Estevão... — Júnior chamou com cuidado. — você já cogitou, *mesmo que por um segundo*, a hipótese de que talvez... *só talvez...* — sua enrolação deixava muito claro aonde ele queria chegar. — você devesse *pensar* na oferta da JL Engenharia?

Claro que eu já tinha cogitado. Não era idiota.

Seiscentos mil reais pagariam não só as dívidas que contrai tentando salvar a Avelar Avelã, mas me dariam a oportunidade de recomeçar. Não com pães, bolos e biscoitos, mas com culinária real. Refeições completas, menus degustação, cozinha internacional, todas as coisas que sempre quis fazer, mas nunca tive a oportunidade porque tinha um legado para seguir.

E era justamente isso que me impedia.

A padaria era da minha família há setenta anos. Décadas inteiras no número 53 na Rua das Coníferas, no bairro Santa Alice, desde quando meu bisavô saiu de Portugal e fundou seu próprio negócio em BH. Uma família grande de imigrantes apaixonados pela panificação que ao longo do tempo se transformou em um homem sozinho tentando dar conta de um patrimônio familiar em decadência.

Era tudo que eu tinha. Ainda mais considerando que *eu meio que morava* no segundo andar.

— Eu já pensei, Júnior. — suspirei, e meu amigo, que tinha crescido a poucos metros dali, mas viveu boa parte de sua infância dentro da padaria comigo, balançou a cabeça. — E não posso abandonar tudo que restou da minha família.

— Nem por *seiscentos mil reais*? — fez uma careta. — eu amo minhas irmãs, mas trocaria Adélia e Giovanna por muito menos. Tipo... por duas casadinhas dessas. — apontou para os doces protegidos por um mosquito no meu balcão.

— Você está falando isso da boca para fora. É porque você

ainda as tem que pensa assim. — As duas mulheres eram mais velhas que nós e nos deduravam sempre para meu avô e para os pais de Júnior. Ambas também haviam se mudado da Rua das Coníferas.

— São *seiscentos mil* reais. — disse, a voz ficando meio aguda pelo desespero. Não que Júnior fosse um cara materialista, mas, assim como eu, ele era de uma família de classe média. Dinheiro fazia diferença.

— É a vida toda da minha família. — E aquilo valia mais do que qualquer coisa.

Exceto pelo fato de que eu não podia usar isso como moeda para pagar contas ou fazer investimentos. Não conhecia muitos fornecedores que aceitavam “a vida toda da minha família” como pagamento.

— Ok... — deu de ombros e bebeu o último gole de seu cappuccino que tomava religiosamente antes das aulas. — Seiscentos mil reais é fácil de conseguir.

Lá vinha uma provocação...

— Ah, é? — instiguei porque, apesar dos anos de convivência, ainda me surpreendia o quanto mesmo com a cara de bom moço, ele podia ser ácido.

— Sim, olhe bem para você. — apontou em minha direção olhei para baixo vendo os jeans azuis, a camisa preta de mangas curtas e o velho avental branco da Avelar Avelã. Tudo normal. Não valia seiscentos mil reais. — Quanto tempo até você abrir um Only Fans de padeiro sexy e conquistar uma legião de fãs com vídeos amassando pães por aí?

Eu sabia.

— Se liga, Alberto Júnior. — chamei meu amigo pelo nome que ele odiava, e ele semicerrou seus olhos para mim, puto.

Ele odiava ser Alberto Júnior pelo simples fato de que 1) era nome de velho e; 2) seu pai se chamava Fred. Não havia um *Alberto pai*, e ele odiava ter que explicar que sua mãe achava uma boa ideia unir ambas as alcinhas simplesmente porque achava bonito.

— Com esse bigode de ator de pornochanchada, vai fazer muito sucesso. — Implicou como fazia há três anos desde que comecei a apenas tirar a barba e cultivar o que ele chamava de “pelos faciais de *esquerdomacho*”.

— As mulheres gostam. — repliquei, e ele riu.

Não era uma mentira, no entanto.

— As casadas com mais de sessenta anos, né? — esse não era exatamente o perfil com o qual eu dava *match* no Tinder, mas não podia deixar passar a brincadeira.

— Está dizendo que sou o tipo da sua mãe, Júnior? — bati os cílios num gesto sedutor irônico, e meu amigo deu um pulo da banqueta de metal em que estava sentado, xingando baixinho e pegando a mochila pesada no chão.

— Não seja babaca, Estevão. — pediu num resmungo bravo, e eu gargalhei, recolhendo a xícara vazia e o pratinho com apenas migalhas do que um dia foi uma casadinha recheada com doce de leite.

Apesar de nossas provocações, o fato de que ele todos os dias tirava um tempo para vir até a padaria mesmo que por alguns minutos, comprava algo e conversava comigo era muito importante para mim.

Júnior e eu podíamos estar seguindo caminhos diferentes — ele entrando numa graduação em Direito e eu afundando uma padaria familiar —, mas ainda assim éramos a dupla imbatível sempre e nos apoiávamos.

Mesmo quando estávamos nos chamando de ator de pornochanchada e dando em cima da mãe do outro.

— Você sabe que eles não vão desistir, não é? — perguntou, voltando ao seu tom de melhor amigo quando eu estava de costas para ele, colocando a louça na bancada de apoio. Senti meus ombros caírem.

— Sei que não vão. — admiti.

Casas, prédios inteiros e outras lojas já tinham sido compradas pela JL Engenharia. A maior parte da rua em que crescemos estava vazia, fregueses de anos haviam se mudado e com comodidades como serviços de aplicativo, ninguém mais precisava andar por vários metros até a Avelar Avelã especificamente para ter seu pão quentinho.

Eu era um dos únicos que continuavam ali.

Houve certa resistência no começo, moradores mais velhos, comércio familiares, mas aos poucos eles foram desistindo e aceitando as propostas ou sendo obrigados a saírem.

Minha última companheira tinha sido Sônia, a senhora dona de uma pequena lavanderia duas casas depois da Avelar Avelã que lavava meus edredons pesados por metade do preço em troca de pão sírio. Ela prometeu que resistiríamos juntos, e isso durou até a Braga Neto descobrir que a Lava Lava da Sônia era apenas fachada para uma

banca de Jogo do Bicho.

E então sobrou só a minha padaria.

— Olha, eles não ensinam isso na faculdade, mas sei o suficiente para saber que quando essas grandes empresas querem alguma coisa, os escritórios de advocacia não descansam até alcançar. — Júnior estava há poucas semanas no curso, mas, diferente da culinária, ele tinha estudado *tudo* sobre a profissão de um advogado antes de finalmente fazer o vestibular.

Sabia que ele estava certo.

Me virei para ele, cruzando os braços e vendo o semblante sério do meu sempre sorridente amigo. Júnior já se encaixava muito bem como um profissional da justiça.

— E o que meu futuro advogado me recomenda? — meu avô tinha lhe dado coxinhas de graça suficiente para que ele fosse eternamente meu advogado.

O homem olhou para cima, para o teto branco da Avelar Avelã, e eu quase podia ouvir as engrenagens de sua cabeça genial funcionando. Na infância ele tinha uma síndrome de Cebolinha-dono-da-rua com seus planos maquiavélicos para pregar peças nas irmãs. Não me surpreendia que Júnior tivesse crescido e continuado um estrategista nato.

— Se você não quer vender a padaria. — o leve tom de crítica em sua voz não desapareceu —, a partir de agora, qualquer pessoa que entrar por aquela porta e representar a JL Engenharia é seu inimigo. — disse como se estivesse jogando *CS Go* de novo e fazendo estratégias para pegar o time oposto.

Eu não seria o idiota a contrariá-lo, Júnior ainda era do time campeão e invicto de BH.

— É disso que estamos falando? De inimigos? — questionei, e ele balançou a cabeça positivamente.

— Rivals do mais alto nível. — confirmou, e eu suspirei, escondendo meus olhos nas mãos, sentindo a dor de cabeça que parecia me acompanhar desde que vi o caixão do meu avô descer.

Não havia ninguém no mundo inteiro que estivesse mais perdido do que eu.

Ergui o rosto e vi as feições de Junior cravadas em empatia.

— Sinto falta dele. — admiti e não precisava nomear minha saudade. — o velho saberia exatamente o que fazer.

Ele sempre sabia o que fazer, não apenas sobre a padaria, mas

sobre tudo. Inclusive sobre a parte de que eu precisava me dedicar aos negócios da família e que negligenciar aquilo seria um problema.

— Avelar Avelã está em boas mãos. — consolou, e suspirei.

Não tinha tanta certeza.

Capítulo 3

ESTEVÃO



Capítulo 3 | Estevão

Meu saldo de uma manhã inteira na Avelar Avelã tinha vinte pães de sal e, por pura sorte, três roscas de creme e um bolo de coco. Atendi aos clientes, quatro senhoras e uma adolescente, com o carinho e atenção de sempre, e não poderia nem mensurar o quanto a entrada delas significava não só para a padaria, mas para mim, por isso eu sorria e distribuía educação.

— Sinto muito pelo seu avô, ele era um grande homem. — Beth disse quando entreguei a ela sua sacola de casadinhas, as palavras ditas com um tom tão doído que me desconcertou. — A missa dele foi muito bonita ontem. — elogiou, mas havia um tom leve de curiosidade em sua pergunta.

Comprimi os lábios, esperando que algo em minha expressão fosse educado e gentil porque eu não sentia nada daquela forma. As semanas que se passaram não foram o suficiente para passar a dor estranha da falta dele, eu ainda apurava os ouvidos para escutar os passos dele arrastando as sandálias, ainda esperava que ele saísse do seu quarto que eu ainda não tinha aberto nem por um segundo.

Eu vivia na casa fantasma no segundo andar enquanto tentava salvar a vida da padaria no primeiro piso.

Era a missão mais fodida e difícil da minha vida, mesmo assim, eu tinha que sorrir.

— Não consegui ir. — omiti a parte de que eu não quis aparecer e ouvir o padre que meu avô idolatrava falar sobre como Joaquim Avelar foi algo. No passado. — Mas muito obrigado por suas

palavras. — agradecei, e ela sorriu, se virando em direção à porta, que já estava aberta porque uma nova cliente tinha chegado.

Duas na mesma manhã? Sorte grande!

Beth saiu me dando a visão da nova compradora.

Ela era baixa, usava um conjuntinho branco de calça e blazer, com uma camisa preta apesar do calor. Seu cabelo era crespo, cacheado, escuro e brilhante, do tipo que você sabe que é macio e cheiroso apenas de olhar. Ela usava saltos, mesmo assim, eu duvidava que chegasse aos 1,60m de altura. Sua pele era negra-retinta, as feições eram suaves, jovens. Já mencionei que ela era baixa?

Porque ela era.

Tão pequena que abri um sorriso instintivamente porque algo em mim uniu o conjunto da obra e descreveu como *fofa*. E atraente.

Eu era super profissional. Mesmo com as investidas de alguns clientes, sempre separei onde se ganhava o pão de onde se comia a carne. Ou onde *se fazia* o pão. Não seria diferente com ela, obviamente, mas não deixei de notar. Ela era linda.

Limpei num gesto inconsciente as mãos no avental, querendo estar mais apresentável. Que porra, eu nem tinha penteado os cabelos de manhã, senti as bochechas esquentarem por estar parecendo um espanador de bigodes enquanto ela... parecia profissional até demais.

A visitante usava uma roupa formal e, no seu ombro, havia uma bolsa caramelo grande, pesada como se carregasse muitos livros e documentos. Além disso, havia uma pasta de papel em sua mão e nela liam-se as palavras: “Braga Neto Advogados”. Seu rosto bonito não era aberto, mas duro como o dos jogadores de xadrez prestes a dar xeque mate.

E talvez ela pensasse que estivesse mesmo perto disso.

Cruzei os braços, desfazendo meu sorriso.

Dessa vez, a JL Engenharia tinha mandado uma mini advogada, mas parecia problema dos grandes.

— Boa tarde. — disse solene. — Estou procurando o senhor Estevão Avelar. — informou plácida. Ela era jovem, da minha idade ou menos, mas não parecia nada nervosa com a situação, pelo contrário, era como se fizesse aquilo há uns cinquenta anos.

O que *me deixou* nervoso com a situação.

— Do que se trata?

— Prefiro falar apenas com ele. — não foi um corte porque seu

tom educado não deslizou nem por um segundo, mas era para ser. Conhecia os enviados da Braga Neto bem o suficiente para saber.

— Está falando com ele. — informei, e seu rosto educado não se moveu, apesar de eu poder ver a surpresa em seu olhar.

Estevão não era exatamente o nome mais moderno de todos, mas crescendo ao lado de um Alberto, eu quase me esquecia disso.

Não era raro alguém ler o nome do dono da Avelar Avelã e esperar por um idoso, era comum também as pessoas pensarem que meu avô era o Estevão, não eu. Foi difícil no começo explicar que *Joaquim* tinha falecido, mas eu continuava vivo.

Parecia ser o caso da advogada à minha frente.

— Senhor Estevão, eu venho em nome da Braga Neto... — começou o discurso polido que ouvi mais de mil vezes, mas nela havia algo diferente. A garota não estava tentando me enrolar, falar com palavras mansas e me confundir até que eu assinasse papéis. Não mesmo.

Pela primeira vez, a JL Engenharia tinha enviado uma atacante.

— Cansaram de mandar cartas e resolveram mandar gente de novo? — perguntei, dando um sorriso irônico que não pareceu em nada agradá-la, ela respirou fundo em silêncio, fazendo com que os botões pretos que uniam o tecido sobre seus seios tencionassem. Desviei o olhar.

— Achamos que assim as negociações podem ser mais produtivas do que “nem fodendo, mas obrigado”. — recitou meu bilhete com cuidado, e meu sorriso aumentou.

Júnior disse que eu não devia fazer isso e que enviar a carta custava R\$2,50, caro demais para o meu orçamento, mas eu achei muito bom porque demorou quase um mês até que eles mandassem alguém de novo.

E então enviaram *ela*.

— Não acho que tem como ser *mais* produtivo do que isso... — tentei lembrar o nome dela, mas percebi que a advogada nunca se apresentou, diferente dos outros que quase me mostraram fotos comoventes suas de quando criança.

— Marina Dantas. — disse, calma, e estudei de novo seu rosto tendo em vista agora seu nome bonito, delicado. Combinava.

Apesar de eu ter a impressão de que algo como Medusa ou Cersei Lannister coubesse melhor.

— Então... *Marina*. — quis que soasse como um xingamento,

mas não consegui dar inflexão o suficiente, não quando os dois olhos redondos e castanhos como os de um personagem da Disney me fitavam. — Já disse um milhão de vezes e agora repito: não estou interessado. Não vou vender a padaria. Obrigado pela oferta, mas não.

— Estevão. — ela sim conseguiu fazer como se meu nome fosse um palavrão. — só quero ter certeza de que você tem plena ciência de todos os fatos que estão envolvidos nessa negociação.

Ela podia ser bonita, fofa, com certeza muito gostosa e meio assustadora, mas ainda assim era parte dos meus inimigos oficiais.

— Sim, eu sei de tudo. — me encostei no balcão de apoio atrás de mim, me sentindo meio canalha. — deixa eu ver... vocês compraram a casa de todo mundo que vendeu e de quem não conseguiram, simplesmente entraram com ações para desapropriar os imóveis e despejar moradores e empresários que estavam aqui há décadas. Me ofereceram rios de dinheiro e começaram a procurar por qualquer brecha no meu estabelecimento para também me mandar para a rua. Mas não conseguiram. Nem vão.

Não por minha causa diretamente. Meu avô era o cara da papelada em dia, apesar de já ser mais velho, nos anos noventa ele comprou seu próprio computador para manter os documentos da Avelar Avelã em dia e mais tarde um HD externo para armazenar tudo. Foi ele quem criou a cultura de tolerância zero para enrolações. “Um nome limpo é tudo que um homem pode ter”, ele me dizia todos os dias quando eu era garoto.

Essa foi a principal coisa que aprendi com ele. E como cortar o pão de sal para ele ficar bonito.

— Isso é o que você *acha* que sabe. — Marina falou quase gentil, mas o tipo de gentileza que as tempestades têm antes de alagar a sua casa. — Estou aqui para garantir que você saiba das *verdadeiras* implicações da compra do seu estabelecimento pela JL Engenharia. Meu cliente é uma construtora que atua nos setores de desenvolvimento urbano, projetos, montagens e incorporação imobiliária. Isso significa que não só eles têm respaldo em âmbito nacional e internacional, como seus projetos são de interesse público.

O fato de que ela não estava lendo nada daquilo, mas falando de cabeça com calma e confiança meio que me impressionou. Exceto pelo fato de que era uma ameaça direcionada a mim.

— Interesse público. — ri, sem humor. — Construir *um shopping*. — Não consegui deixar o desdém fora da minha voz porque eu de verdade achava uma palhaçada.

— Movimentar a economia local, trazer expansão e

investimento. — mini Wanda Vision do Direito deu sua própria versão do que *construir um shopping* significava. — Precisamos pensar no quadro macro, no fato de que esse é um projeto que não só foi aprovado em todas as instâncias competentes, mas também foi apoiado pela população em pesquisas feitas pela JL Engenharia.

— Uau, eles fizeram uma pesquisa... Muito obrigado, agora me convenceu, me dê os papéis. — falei ácido, e sua expressão calma não se alterou, mas algo me diz que ela achou... *engraçado*? Tedioso? Pavoroso? Não tinha como saber. — Olha, Marina...

— Eu não terminei. — disse tranquilamente, mas ainda assim firme. *Girl Power* para ela. — O que quero dizer, senhor Estevão, é que pode resistir o quanto quiser, mas os interesses por trás desse projeto são muito maiores do que suas objeções pessoais. A JL Engenharia tem todo o respaldo necessário e o apoio popular para seguir adiante com seus planos. Você pode escolher cooperar e garantir uma transição suave para sua propriedade ou pode optar por enfrentar obstáculos que só vão atrasar o inevitável.

Ela estava... *certa*.

Eu podia remediar, mandar cartas engraçadas e vender pão de queijo para advogados que tentassem me convencer, mas a construtora era enorme, continental. Li artigos o suficiente sobre eles para saber que não são peixe pequeno. A Braga Neto, muito menos.

Sabia disso. Agora mais do que nunca.

Marina interpretou meu silêncio como uma vitória, como se eu estivesse prestes a desistir. Ela não sorriu, mas seus olhos brilharam, e eu quase podia ouvir suas palavras finais: *Xequé mate*.

Não ainda.

— Você está certa. — concordei, mas sorri largamente, fazendo com que uma centelha de raiva aparecesse em suas íris castanhas. — Seu cliente tem tudo. *Tudo*. Exceto por *uma* coisa.

Ela não retrucou porque sabia do que eu estava falando. Meu sorriso aumentou.

— Essa padaria. — apontei para as paredes ao meu redor e, se olhares pudessem matar, eu estaria morto naquele momento. — Ela é minha. Cada centímetro dela me pertence. Não à JL Engenharia. Não ao Braga Neto. Minha. Sem ela, vocês não podem construir seu shopping com *respaldo necessário e apoio público*. Precisam desse espaço e não vão tê-lo.

Marina respirou fundo, mudando o peso de uma perna torneada sob o tecido branco para outra. Era impressionante o quanto ela ainda

parecia calma e tranquila, no entanto, ainda assim sabia que ela estava ardendo em raiva.

Eu não deveria estar gostando tanto daquilo...

— Por enquanto — prometeu. — você acha que só manter sua papelada e impostos em dia é o suficiente, mas eu *vou* achar uma brecha. — suas palavras não eram saturadas de rancor, pelo contrário, elas eram tranquilas, como uma constatação. O que era pior do que uma ameaça.

— Isso não é assédio judicial? — perguntei, sem deixar uma pitadinha de humor fora da minha voz.

— Está se sentindo assediado? — questionou com uma falsa preocupação.

Na verdade, eu estava me sentindo meio atraído por ela.

— Nem em sonho, *docinho*. — declarei, tombando minha cabeça para o lado e sorrindo.

Ela odiou o apelido, a forma como as unhas em formato de gota apertaram a pasta me mostrou isso, mas o rosto continuou impassível. Como era possível que a menor advogada da história fosse também a mais dura na queda?

— Enfim... — foi a vez dela de sorrir, fofa, educada e assustadora. — posso garantir que essa é a primeira vez de *muitas* que vamos nos ver. — aquilo sim era uma ameaça explícita.

Era a primeira vez que via Marina Dantas, mas duas coisas estavam muito claras: o salto alto não fazia nada para deixá-la maior e ela não entrava em uma briga para perder. Nunca.

Mas sempre há uma primeira vez para tudo.

— Vou estar te esperando, *docinho*. — repeti o apelido, e ela se virou, os saltos clicando pelo chão de taco.

Marina desapareceu tão rápido quando chegou. O sininho anunciou sua partida, mas eu sabia que ela cumpriria sua promessa. Nos veríamos muitas vezes e, contrariando minha própria sanidade mental, eu estava meio animado para isso.

Capítulo 4

M A R I N A



Capítulo 4 | Marina

Tinha que admitir: não estava esperando por aquilo.

Se eu fosse honesta, admitiria que, procurando por brechas, não tinha prestado atenção nas datas dos documentos. Um empreendimento de quase oitenta anos de existência, com um proprietário chamado *Estevão*, me deu a ideia de que eu encontraria um senhorzinho potencialmente racista que me ameaçaria com uma bengala, não um gostosão digno de capa de revista.

Casos jurídicos não costumam ter braços fortes e bigodes indecentes.

Minhas mãos ainda estavam trêmulas quando entrei no Palio e dei partida para longe da Avelar Avelã, não sabia se pela surpresa ou pelo ódio. Talvez uma mistura dos dois. O fato de que o padeiro era tão petulante quanto era bonito me perturbou em medidas iguais.

Doutor Hécio não me preparou para aquilo. Todos os dados, contratos e relatórios não amenizaram o quão firme Estevão Avelar estava em sua posição de ser um idiota cabeça dura. Sabia sobre suas recusas anteriores, mas duvidava que outros representantes da Braga Neto ou da JL Engenharia tivessem sido chamados de *docinho*.

— Argh! — Por estar sozinha, me permiti explodir por um momento, afundando minhas unhas no volante e grunhindo.

Não era a primeira vez que eu tinha uma reunião frustrante com uma contraparte de negociação, afinal de contas, Direito não era exatamente uma área cheia de pessoas satisfeitas. No entanto, era a

primeira vez que eu me sentia tão... *afetada*.

Estevão não me menosprezou. Ele foi educado dentro do possível, o que era muito mais do que metade dos clientes com quem já tinha conversado ao longo da minha carreira, mas eu quase preferia que ele tivesse sido grosseiro e ranzinza, porque aquilo tudo foi muito... *mais*. Sua postura confiante, mesmo estando em uma situação fodida, a forma como sorriu, *a merda daqueles braços cruzados*...

— Não pense nos músculos de um cara que pode destruir seu emprego. — implorei para mim mesma quando parei no sinal vermelho.

Meus pensamentos estavam nublados pelas mãos grandes e pelo bigode estúpido e estranhamente atraente. Esfreguei os olhos, tentando afastar a imagem grudada nas minhas pálpebras. Quando não funcionou, apelei para algo mais efetivo: música calmante.

Conectei o *Spotify* rapidamente no meu carro e deixei a *playlist* “*Para Relaxar*” tocando em ordem aleatória. Senti meus ombros caírem quando os primeiros acordes de *Chop Suey!* do System Of A Down tocaram meus ouvidos.

Cecília dizia que eu tinha o mesmo gosto musical de um menino branco rebelde de quatorze anos de 2005, mas eu não podia fazer nada se as melodias de *nu metal* faziam uma verdadeira mágica pelos meus nervos. E o mais importante: me colocavam no *mood* de concentração.

Eu precisava de toda a minha atenção porque, apesar de ter me precavido estudando todo o caso de JL com Estevão Avelar minuciosamente, eu menosprezei o fator humano mais importante: às vezes as pessoas tomam decisões burras. E aquela era a situação.

Não podia negar que a Avelar Avelã era um lugar acolhedor, aconchegante. Algo nas paredes de tijolos revestidos por algum material que parecia calda de caramelo me dava a impressão de que eu estava dentro de um pão quentinho junto da mobília branca de metal ornamentado. Adorável, mas claramente prestes a ir à falência.

As prateleiras estavam quase todas pela metade, com produtos sem reposição, a vitrine refrigerada continha doces delicados e salgados atraentes, mas todos em pouca quantidade, não mais do que três de cada um. Enquanto eu estava lá dentro, ninguém entrou para fazer uma compra, afinal de contas, boa parte da rua já tinha se mudado enquanto Estevão se mantinha irredutível na decisão de não fazer um acordo com a JL Engenharia.

— Empacado lá como um burro. — resmunguei para mim mesma, porque meu carro era meu santuário da reclamação. — Um

burro com orelhas grandes e... braços maiores ainda. — Meu Deus! Talvez Cecília estivesse certa, eu estava há tanto tempo sem transar que isso estava afetando meus neurônios.

Claro que não era uma resposta a Estevão Avelar, mas sim algo sobre mim e minha vida amorosa e sexual decadente. Mas se o preço a se pagar para ser uma grande advogada fosse ter pensamentos indecentes sobre a forma física de um verdadeiro inimigo, eu podia suportar.

Ou no mínimo comprar um vibrador.

Parei meu carro no estacionamento da Braga Neto, empurrando as ideias sexuais para o fundo da minha mente. Desliguei o rádio quando Chester Bennington estava no ápice de seu grito em *Given Up* e quase fiquei parada ouvindo o resto da música que me ajudava a relaxar, mas tinha um panorama geral para dar ao Doutor Hércio.

Peguei minha bolsa no banco ao lado, ajeitei meu cabelo pelo espelho retrovisor e saí, com a coluna ereta e o queixo erguido. Apesar dos carros de luxo dos advogados sócios ficarem do outro lado, tinha medo de encontrar uma lenda do Direito ali no meio dos Palios, Gols e Unos de nós, funcionários juniores.

No elevador, me senti meio vaidosa quando, ao invés de parar no meu andar, segui direto para a cobertura, como fui instruída. Repassei na minha cabeça o que seria mais promissor de se dizer. Não mentiria dizendo que Estevão estava *menos* irredutível, mas confiaria no meu próprio poder.

Minha mãe costumava falar que me criar foi uma das coisas mais estressantes e engraçadas que ela fez em toda vida. Eu ainda usava fraldas quando entrei nas minhas primeiras argumentações com ela. Dona Regina Dantas dizia que era uma vontade mista de me jogar para o ar e rir da neném com cachinhos e chupeta tentando negociar a hora de dormir sem nem saber o que significava *hora*.

Um diploma de direito não me transformou numa argumentadora, isso, eu sempre fui, apenas me transformou em uma *argumentadora com respaldo da Ordem dos Advogados do Brasil*.

Era questão de tempo até Estevão Avelar ter uma mostra das minhas habilidades.

A porta de metal abriu e Sandra não pareceu surpresa com a minha chegada, mesmo assim não queria ser pretensiosa.

— Estou aqui para ver o doutor Hércio. — anunciei como fazia nas raras ocasiões em que fui chamada.

— Ele está te aguardando. — informou com um sorriso

educado.

Será que aquela era a vida de um advogado sênior que tinha seu próprio escritório? A mera ideia de passar meus dias numa sala gigante, contemplando os processos, me dava arrepios de prazer.

Dei duas batidas na porta para anunciar minha chegada, e a voz pediu lá de dentro:

— Entre. — havia um toque de ansiedade em seu tom, quase apreensão.

Meu estômago se revirou um pouquinho. Doutor Hércio esperava que eu tivesse convencido Estevão em apenas um encontro? Claro que sim. Estava tão desesperado que não poderia deixar de sonhar.

Mas eu não o frustraria, não quando algo tão grande no meu futuro podia depender daquilo.

— E aí? — perguntou afoito.

Dessa vez não estava sentado na sua cadeira de couro com rodinhas, mas sim num sofá preto elegante com um formato irregular que gritava caro. Os olhos estavam arregalados em minha direção, brilhantes.

Respirei fundo antes de dizer.

— Conheci Estevão Avelar. — comecei, e seus lábios se entreabriram de expectativa, Hércio se levantou, hipnotizado pelas minhas palavras. — Ele realmente é muito... — *cabeça dura, irritante, irônico, gostoso...* — convicto. — Hércio se jogou para trás, bufando enquanto se sentava de novo.

O fato de um dos advogados que eu mais admirava se comportar como uma criança às vezes era algo inédito.

Mas se ele era uma criança, eu era a porra da Super Nanny.

— No entanto... — as palavras atraíram sua atenção de novo. — acho que consigo convencê-lo.

Ele me olhou, primeiro incrédulo, mas em seguida seu rosto foi se iluminando como o sol nascendo depois de uma noite muito escuro. Isso considerando que o sol podia aplicar botox na testa.

— Claro que você consegue! — se levantou de novo, animado. — Nunca duvidei de você, Marina. Tenho certeza de que pode você... — apontou sua mão para mim, arrastando os dedos no ar como se me exibisse. — é perfeita para isso.

Respirei fundo, não deixando a onda de satisfação me comover

visivelmente. Queria ser respeitada pela minha competência, corresponder às expectativas altas que o doutor Hércio colocava sobre mim.

E não seria nenhum padeiro teimoso a mudar isso.

— No entanto, acho que preciso de uma abordagem um pouco mais... incisiva. — A ideia absurda estava na minha mente o tempo todo, e a animação do meu chefe fez com que, de repente, ela se tornasse plausível.

— Marina, você pode fazer qualquer coisa para garantir que o senhor Estevão Avelar aceite a proposta. — disse, mas depois semicerrou os olhos. — bem... qualquer coisa que não acabe conosco sendo processados.

“*Isso não é assédio judicial?*”, a voz grave invadiu meus pensamentos, e eu engoli seco. “*Está se sentindo assediado?*”, parte de mim quase queria que ele dissesse sim ao invés do enervante “*nem no sonho, docinho.*”

— Não acho que esse vai ser o caso. — garanti porque algo me dizia que Estevão seria teimoso até em admitir que a abordagem da Braga Neto era excessiva.

Se fosse assim, ele não me chamaria de *docinho*.

— Então siga com qualquer que seja sua estratégia! — disse, unindo as mãos num sinal de contentamento, quase como se estivesse me aplaudindo. — mas... qual é o plano mesmo?

Capítulo 5

ESTEVÃO



Capítulo 5 | Estevão

Uma coisa que os anos morando só com meu avô me ensinou foi acordar cedo.

Durante os mais de trinta anos em que ele foi padeiro, não houve uma vez em que a Avelar Avelã não tivesse pão quentinho às sete da manhã.

Mesmo em situações como finais de Copa do Mundo e feriados mundiais, os consumidores puderam contar com a base de seu café da manhã fresco e na hora certa.

Eu não estava desrespeitando seu ensinamento.

Levantei-me antes de haver sol no céu e trabalhei a massa que já tinha preparado anteriormente, coloquei os rolinhos crus nas grades de assar e pré-aqueci o forno industrial. Se Joaquim Avelar fazia duas fornadas inteiras que acabavam antes das dez da manhã, eu tinha apenas algumas dúzias para preparar. Os clientes, mesmo que poucos, contavam comigo.

Enquanto o fogo fazia sua mágica, eu acompanhei de olhos atentos, mas a cabeça longe, pensando numa advogada de tamanho *pocket*.

Estaria mentindo se dissesse que, depois que ela saiu, consegui esquecer rapidamente sua aparição como tinha feito com outros intermediários da JL Engenharia. Mal conseguia lembrar seus nomes quando passavam pela minha porta, mas Marina Dantas não era alguém fácil de se esquecer.

Sua promessa ficou rondando meus pensamentos por horas, “*posso garantir que essa é a primeira vez de muitas que vamos nos ver*” e não parecia um juramento da boca para fora.

— Ela que venha. — resmunguei para mim mesmo olhando meu reflexo no vidro do forno. Não era exatamente um oponente de se botar medo, mas faria meu melhor contra a mulher muito bem-preparada.

Tirei os pães do forno, o aroma conhecido enchendo a cozinha enquanto os pequenos estalos da casca crocante recém-pronta rodavam no ar. Claro que eu preferia estar trabalhando em algo mais instigante do que farinha. Talvez um menu degustação completo, culinária francesa, italiana, filipina, as opções eram infinitas, mas todo o processo me lembrava do meu avô e, por mais que eu amasse gastronomia, aquilo era a forma de me manter mais próximo dele.

Queria que ele soubesse disso antes de sua partida, que eu até gostava de panificação, mas queria ter mais. E isso não significava que eu o amava ou admirava menos. Só significava que eu não queria tocar a Avelar Avelã.

E o fato de que a padaria estava prestes a ir à falência mostrava isso.

Varri o chão, tirei o pó das mesinhas brancas de metal que quase nunca eram usadas e rodei a plaquinha para que o “fechado” se tornasse um “aberto”, o que não fazia muita diferença no movimento da clientela.

Tinha vendido poucas sacolas quando o barulho de saltos batendo contra o piso encheu o ar ao meu redor. Estava de costas, limpando o balcão de apoio que tinha sido finalmente usado para fatiar muçarela, mas não precisava me virar para saber quem estava às oito e meia vindo perturbar minha paz.

— Bom dia. — a voz melodiosa cumprimentou, me deixando chocado com como apenas duas palavras podiam soar tão provocadoras.

Advogados aprendiam isso na faculdade? Tinha uma disciplina chamada *Como Tirar Alguém do Sério 101*? Se existisse, não me surpreenderia se Marina Dantas fosse a professora dela.

— Bom dia. — respondi, limpando a mão no pano de prato que ficava preso no gancho à minha esquerda e me virando para olhá-la.

“*Apenas medindo o oponente*”, falei para mim mesmo, cruzando os braços e deixando meus olhos vagarem pela pequena figura à minha frente. Dessa vez ela estava usando uma calça social preta que

abraçava seus quadris, uma blusa branca sem mangas e com um caimento chique, os cabelos presos num coque firme, polido com gel, mas dois cachos solitários emoldurando seu rosto.

Não era idiota para pensar que ela estava sem maquiagem, podia ver o volume dos seus cílios e o rubor nas bochechas, no entanto, mesmo assim, ela parecia natural, com o rosto fresco e impecável.

Formal, bonita e elegante.

Prestes a acabar com a minha vida.

Quase me senti mal por estar em jeans surrados, camiseta preta e avental, no entanto, só um de nós era o vilão servindo às grandes corporações, então não era eu quem devia estar envergonhado.

— O que está fazendo aqui? — perguntei.

— Pelas próximas semanas vou estar em *home office*. — disse calma, mas eu podia ver planos diabólicos rodando em seus olhos.

— Isso aqui não é sua *home*. — aponte para as paredes ao meu redor. Podia apostar que ela era uma daquelas pessoas que adorava misturar inglês e português para falar de trabalho sem se sentir uma boba.

Imagine se fosse eu falando *bread* para me referir a pão, ou *little married* para casadinhas?

— Trabalho remoto pode ser feito de qualquer lugar. — me corrigiu tranquila, mas as farpas de suas palavras voavam em minha direção.

Como amostra de sua informação, puxou uma das cadeiras das mesinhas, a que ficava de frente para mim e se sentou devagar, quase como se fizesse uma cena. Semicerrei os olhos em sua direção. Se ela queria acabar com minha padaria, não podia se sentar na minha mobília.

Mas Marina não ligou para meus olhares cheios de raiva. Tirou a bolsa caramelo dos ombros e colocou sobre a mesinha, devagar, apertei a ponte do meu nariz com os dedos, implorando para Deus me dar uma iluminação divina sobre o que fazer. Assisti a um sorrisinho discreto nascer em seus lábios.

Se eu tivesse um AVC diante dela, provavelmente isso a deixaria mais feliz.

A advogada tirou um notebook da bolsa enorme que carregava e o abriu, me ignorando.

— Não vou te dar a senha do *Wi-fi*. — prometi, apesar de ser

uma coisa que meu avô odiaria.

Quando a moda de trabalhar em cafés e padarias começou, ele fez questão de instalar internet móvel. Apesar dos meus conselhos briguentos de que aquilo atrairia parasitas e não consumidores, ele ignorou. “Lugares cheios atraem mais pessoas, e você sabe, ninguém consegue resistir ao cheiro de bolo quentinho”. O faturamento cresceu em dez por cento depois disso.

Mas ali era diferente.

Marina não respondeu, num gesto teatral, pegou o celular e clicou algumas vezes na tela, provavelmente ligando seus próprios dados móveis.

Inferno de mulher bem precavida.

— Eu quero uma água. — pediu sem tirar os olhos do notebook, e eu franzi o cenho. Então ela iria consumir? — Em um copo. De graça. Como prevê a PL 1538 de 2023. — completou, e eu revirei os olhos.

Claro que ela não compraria nada. A advogada usaria seu conhecimento em leis e ganharia água, pela forma como ela era uma sabe tudo, não me surpreenderia se tirasse uma lei de dentro daquela bolsa que me obrigaria a dar um pão de queijo de graça.

No entanto, eu não negaria água. Meu avô tinha me criado melhor do que aquilo.

Peguei um dos copos de vidro no balcão de apoio e segui para a cozinha, tinha água na geladeira, mas peguei do filtro de barro, porque eu não daria nenhum frescor para Marina Dantas.

— Aqui. — falei a contragosto quando cheguei até sua mesa, e ela estendeu a mão sem olhar em minha direção, ainda fixa na tela do seu computador.

Coloquei o copo com cuidado entre seus dedos porque seria *uma pena* se eu errasse e molhasse o teclado do notebook novinho em folha.

— Obrigada. — respondeu plácida e colocou o copo sobre a mesa, sem dar um golinho sequer.

Talvez tudo não passasse de uma pegadinha. Não existia JL Engenharia ou Braga Neto. Era tudo uma grande pegadinha do Domingo Legal, ninguém tinha vendido suas casas e comércios, só tinham saído por um tempo para a produção fazer as gravações. *HA HA HA*, muito engraçado. Era isso. Já podia acabar.

Não havia possibilidade de Marina Dantas não ser um teste à

minha paciência.

Voltei para meu lugar no balcão, sendo perseguido pelo som de suas unhas batendo contra o teclado num ritmo surpreendentemente alto. Era bom ter algo além do silêncio para ouvir enquanto trabalhava, mas não admitiria aquilo em voz alta para minha recém feita inimiga.

Imprimi etiquetas novas, limpei o balcão, registrei as poucas vendas e... de repente não tinha mais nada para fazer.

Ter uma padaria em decadência demandava muito trabalho, mas ao mesmo tempo me deixava com muito tempo de folga. Não havia tantos clientes, por consequência, não precisava produzir em larga escala. Geralmente sobrava algumas horas para ler *reviews* de restaurantes cujos chefs eu era fã ou então rolar o TikTok por algumas dezenas de vídeos.

Eu não mexeria no celular enquanto Marina trabalhava para mostrar o quanto eu estava à toa, no entanto, não havia muito mais coisa para fazer, então resolvi me concentrar nela.

Sentei-me no banquinho alto atrás do balcão, perto da caixa registradora, e me permiti analisá-la de novo: para medir minha oponente. Apesar de eu ter certeza de que ela era uma enviada de Deus para testar minha resiliência, Marina parecia... completamente alheia a mim?

Seus olhos continuavam fixos na tela, e ela digitava *sei lá o que* com uma confiança surpreendente, era quase como se ela não precisasse pensar, as palavras simplesmente fluíam. As sobrancelhas levemente franzidas em concentração, trazendo uma ruguinha fofa para o meio de sua testa.

Vez ou outra ela mordida os lábios marrons avermelhados cobertos por uma camada fina de *gloss* brilhante, como se encontrasse uma peça particularmente difícil de um quebra-cabeça. Mas nada a parava.

Observar Marina era como ver um vídeo da definição do dicionário Aurélio para a palavra competência. Ela sabia muito bem o que estava fazendo.

Era eu quem não sabia.

A advogada podia estar escrevendo um documento que me jogava na rua instantaneamente, e eu estava lá, olhando-a como um idiota, compenetrado em suas microexpressões e tentando adivinhar o que se passava em sua cabecinha diabólica.

No entanto, era fascinante demais para eu desviar o olhar.

E meio que era aquilo ou assistir a vídeos de gatinhos fazendo receitas de bolo no TikTok. Marina era com certeza muito mais interessante. E muito mais perigosa também, claro. Era por isso que eu a estava observando, não porque o nariz dela de vez em quando se enrugava de um jeito meio fofo quando ela franzia os lábios.

Podia ficar horas ali olhando para ela fazer seu *tec tec tec* jurídico no computador.

Por causa de toda a lógica de: “mantenha seus amigos perto e seus inimigos mais perto ainda”. Obviamente.

De repente ela suspirou, jogando a cabeça para trás, os cachos soltos escorregando pelo seu rosto quando alongou o pescoço de um lado para o outro. Olhei para baixo, disfarçando mexer nas etiquetas que havia imprimido duas horas atrás. Se ela não estava prestando atenção em mim, eu tampouco estava me lembrando dela.

A advogada se levantou, equilibrando-se nos saltos brancos, fechou o notebook e o colocou dentro da bolsa que cabia o mundo. O copo de água continuou intocado no mesmo lugar

Minha língua estava coçando para falar.

Não resisti.

— Esse é o seu plano? Fazer home office todos os dias até que eu me canse e venda a padaria? — Debochei, cruzando os braços sobre meu peito e me apoiando na cadeira ao meu lado.

Era o pior plano da história, tinha que admitir que estava esperando mais.

No entanto, para minha surpresa, Marina sorriu.

Um sorriso diabólico que me fez engolir seco.

— Nos vemos depois, Estevão. — disse, ignorando meu comentário e virando-se para desfilar em direção à porta com tanta elegância que era quase como se não estivesse sobre saltos altos mortais.

No último segundo, antes de tocar a maçaneta, ela virou o pescoço, apenas o suficiente para que eu pudesse ver a lateral do seu rosto.

— Muito tranquilo aqui, hein? — questionou, amena, mas eu podia ver o veneno escorrendo pelos seus lábios.

Por algum motivo, a pergunta inocente soou como uma ameaça.

Capítulo 6

E S T E V Ã O



Capítulo 6 | Estevão

Os crentes estavam certos no final das contas, o mundo estava mesmo acabando.

Essa era a única razão para um som grave e destruidor ferir meus tímpanos enquanto eu colocava os pães frescos no balcão expositor.

O pulo que dei quando o barulho começou quase me fez jogar uma bandeja inteira pelo ar. Não foi algo rápido e passageiro como... *sei lá*, um meteoro caindo na rua. O barulho insuportável persistiu. Claro, porque o fim do mundo não duraria segundos, seria algo de horas, dias... Talvez o colapso da sociedade fizesse as pessoas comprarem pão. Pelo menos, torcia para que sim.

Deixei a forma no balcão de apoio e subi correndo as escadas que davam da padaria para a casa no segundo andar.

O estrondo vinha da minha direita, por isso, atravessei a pequena sala aberta e fui para a janela, esperando ver naves espaciais aterrissando na Terra ou gigantes pisoteando carros, mas o que encontrei foi quase *pior*.

Vinte homens com uniformes azuis e amarelos usando marretas, britadeiras e talhadeiras para colocar abaixo a Lava Lava da Sônia, um grito ficou preso na minha garganta quando, por instinto, quis me inclinar na janela e dizer que eles não podiam fazer aquilo. No entanto eles podiam, a lavanderia não era mais da mulher divorciada e sorridente que mais tarde descobri ser bicheira. Era da JL Engenharia.

Um trator entrou na rua, aumentando a cacofonia barulhenta, e eu me encolhi. Olhei ao redor, procurando por mais vizinhos exaltados, só que eu era o único, não tinha mais ninguém ali para reclamar do som da obra.

Suspirei, fechando a janela reforçada que mesmo com o vidro grosso não fazia nada para proteger do ruído. No entanto, não mexi. A parte racional de mim dizia que deveria descer e abrir a Avelar Avelã independente de qualquer coisa.

Me lembrava de ter dez anos quando vovó Conceição morreu numa tarde quente de janeiro e, no dia seguinte, mesmo com toda a dor, vovô fez pão e o vendeu com carinho, como se fosse um dia normal. Com Joaquim, a padaria não fechava. Nunca.

Só que eu era mais fraco.

Ver a casa de dois andares que cresci ao lado se transformar em pó trouxe uma sensação agonizante para o meu peito. A Lava Lava da Sônia era só a primeira de muitas construções que viriam abaixo ao meu redor. As pessoas indo embora foi um baque enorme, mas algo dentro de mim ainda esperava que houvesse volta. Mas não havia.

Pisquei, suspirando e saindo de perto da janela. O barulho das máquinas e dos homens me acompanhou escada abaixo e esfreguei as têmporas, sentindo uma dor de cabeça vertiginosa começar a se formar.

A Rua das Coníferas, assim como todo o bairro Santa Alice, era um lugar silencioso, bom de se viver pelo estilo pacato mesmo em meio a capital mineira. A sensação era quase de estarmos numa cidade pequena dentro de Belo Horizonte.

“*Muito tranquilo aqui, hein?*”, uma voz doce e maliciosa completou minha linha de pensamento, e eu parei na metade do caminho.

Não... não era possível.

Marina Dantas tinha passado algumas horas na padaria e, *coincidentemente*, no dia seguinte a obra começava? Não era possível. Ela não tinha esse poder... ou tinha? Todos os outros advogados foram suplicantes comigo, mesmo os mais duros pareciam estar me dando opções.

Mas ela não. Sua abordagem foi diferente, foi de ataque, convencimento. Estava certa de que em algum momento eu desistiria de manter a Avelar Avelã e faria um acordo, tinha tanta certeza de que se permitia ser irônica.

— Aquela desgraçada... — falei entredentes, sozinho,

lembrando da forma como ela parecia tranquila antes de falar cinicamente que ali era muito tranquilo.

Claro que tinha dedo dela naquilo.

Mas não seria uma obra ao meu lado que me faria desistir do fruto de anos de trabalho da minha família. Marina Dantas podia ser uma corporativista de primeira, mas eu não desistiria.

Não mesmo.

Abri a padaria normalmente e atendi às poucas clientes que entraram. Pedi desculpa pelo barulho quando caretas desconfortáveis foram unanimidade entre elas, mas minha voz foi abafada pelo som de britadeiras e tratores.

Vendi menos do que o pouco de costume, o som espantando até mesmo os consumidores mais fiéis da Avelar Avelã que percorriam um caminho longo em busca de pão quentinho. O cheiro doce que a padaria exalava foi substituído pela camada invisível de poeira que circulava o ar.

Talvez o pó da construção civil tivesse se impregnado no meu cérebro, mas podia jurar que as paredes ao meu redor estavam tremendo um pouquinho.

E não havia nada que eu pudesse fazer.

Apoiei meus cotovelos no balcão, escondendo meu rosto entre as mãos, sentindo um cansaço que não tinha nada a ver com as horas de trabalho ou o estresse de tentar tirar um estabelecimento do vermelho. Era a fadiga por fazer tudo aquilo *sozinho*.

Senti falta do meu avô mais do que tudo.

Apesar de saber que havia muito pouco que um senhor pudesse fazer para deter a gentrificação, fantasiei que se ele ainda estivesse ali, teria dado um jeito de convencer os vizinhos a não venderem seus imóveis. Seu jeito alegre, educado e impossível de não amar teria feito com que os clientes que foram embora continuassem ali, frequentando a padaria.

Se Joaquim Avelar estivesse ali, eu não sentiria tanta culpa por nunca ter conseguido me despedir.

A única pessoa que eu tinha no mundo inteiro havia partido e me deixado só uma incumbência oculta: que eu não falhasse com a Avelar Avelã.

Não podia decepcioná-lo de novo.

Mas possibilidades não mantinham uma padaria aberta. Engoli a saudade — e um pouco de poeira — e segui com minha rotina

normal. Entrei em contato com fornecedores que ainda mantinham preços que eu podia pagar e fiz massa de bolo de iogurte, além de bolear alguns pães de queijo para congelar.

Conseguiria fechar o mês sem dívidas se fizesse boas vendas na Feira BeloArte e com sorte poderia montar uma pequena reserva de dinheiro para maio. Daria certo. Tinha que dar.

Mas começou a dar errado quando uma pequena irritante se materializou na minha frente. Do absoluto nada.

— Porra! — gritei, jogando as mãos ainda sujas de pão queijo para o ar quando olhei para baixo e vi olhos castanhos e cachos envoltos num rosto diabolicamente bonito.

Por causa do barulho ensurdecador da obra, não a ouvi entrar, mas lá estava Marina Dantas em mais um de seus conjuntinhos combinando — dessa vez um marrom terroso de calça e camisa —, saltos altos e sorriso falso.

Os lábios dela se moveram, mas não consegui entender o que dizia quando a britadeira parecia estar trabalhando a cinco centímetros de nós.

— O que? — perguntei alto, me inclinando em sua direção. — não estou ouvindo.

— Bom dia para você, Estevão. — disse alto, enunciando com cuidado cada uma das palavras com sua dicção perfeita, e eu respirei fundo pelo nariz, ouvindo o cinismo em seu tom.

— Tranquilo aqui, hein? — cuspi as palavras que ela disse para mim no dia anterior e, no gesto mais irritante de todos, ela fez uma cara de criança arteira dando um sorrisinho de lado, os olhos fechando um pouco para não denunciar o quanto ela gostava daquela posição.

Eu estava certo, Marina Dantas era um nome muito fofo para ela, sua cara bonita não combinava com a personalidade de vilã. A advogada era muito mais uma mistura de Coringa com toques de Thanos e requintes de Darth Vader.

— Acho que não mais. — ela pontuou com um sorriso, mas, de alguma forma, eu sabia que ela estava desconfortável.

Seus ombros estavam encolhidos e os pés juntos demais, como se ela tivesse medo de ocupar espaço. O trator pareceu entrar na cacofonia ensurdecadora ao lado de nós, e Marina se encolheu, apesar de a expressão não ceder nem por um centímetro.

Muito curioso. Ela sabia fingir bem, dava até para acreditar que ela estava acomodada no meio do pandemônio de barulho que a

Avelar Avelã se tornou, mas eu podia ver atrás da máscara de tranquilidade.

— O que você está fazendo aqui, Marina? — perguntei, voltando a afundar meus dedos na massa de pão de queijo para transformá-los em bolinhas regulares. Os olhos dela seguiram o caminho das minhas mãos.

Era impressão minha ou ela engoliu em seco?

— Hein? — chamei quando ela não respondeu, hipnotizada pela mistura de leite, margarina, polvilho doce, sal, ovos e queijo. No entanto, suspeitei que não tinha nada a ver com os ingredientes.

— Você deveria estar fazendo isso aqui? — perguntou, apontando para a bandeja, seu indicador tremeu quando o fez, as íris fixas nas minhas mãos.

Revirei os olhos. Além de tentar me obrigar a vender a loja, ela agora queria me denunciar para o INMETRO?

— Considerando que sou o único funcionário e estou seguindo todas as regras sanitárias, sim, eu posso. — garanti porque tinha aprendido sobre normas de limpeza antes de aprender a andar. — Você não pode morar a vida toda em cima de uma padaria sem decorar o Manual de Boas Práticas.

Ainda conseguia me lembrar da expressão chocada do meu professor quando, no primeiro semestre de Gastronomia meu *mise en place*^[2] era perfeito enquanto meus colegas queriam lavar carne na pia em que limpávamos a louça.

— A vida toda? — perguntou de repente, o cenho franzindo, tombando o cabelo de lado fazendo seus cachos se mexerem com delicadeza.

— Negócio familiar de quase um século. — apontei com o queixo para as paredes ao meu redor. — Meus avós e eu vivemos... *vivíamos* no andar de cima. — perto de me formar, me mudei para um apartamento mais perto da faculdade, muito mais por pirraça do que por vontade. Não queria dar mais satisfações ao meu avô sobre assumir ou não a padaria, então juntei minhas coisas e fui embora.

Joaquim me visitou lá algumas vezes, e eu sempre vinha à padaria, mas era óbvio que ambos nos sentíamos sem teto sem a presença um do outro e éramos cabeça duras demais para assumir. Quando ele morreu e a Avelar Avelã ficou por minha conta, me desfiz do apartamento e voltei para o segundo andar.

A casa em que cresci nunca mais pareceu um lar.

— Então, uma venda não só te daria uma oportunidade de

recomeçar em um outro emprego mais compatível com sua área, como também te daria uma chance de ter uma casa própria. — Sugeriu, e eu trinquei os dentes, com raiva.

— Não tem venda nenhuma, Marina. — lembrei, e ela esticou o pescoço para frente num gesto teatral.

— O que? Não te ouvi direito. — Claro que havia escutado, mas estava fazendo uma cena.

— Não. Tem. Venda. Nenhuma. — enunciei cada palavra com cuidado e assisti aos olhos castanhos faiscarem em minha direção. Me confortava saber que eu a irritava tanto quanto ela me dava nos nervos.

Na verdade, era quase divertido.

— Então o que vai ter são de dois a três anos disso. — apontou para a parede à sua direita e, como se fosse comandando, uma britadeira começou a trabalhar num nível máximo de barulho. — Pelo que posso ver, uma obra ao seu lado não é bom para os negócios.

— Parece muito bom na verdade, você continua vindo aqui fazer seu home office. — contrariei, enrolando um pão de queijo com mais força do que o necessário, sentindo a massa grudar nas minhas palmas.

Marina Dantas conseguia fazer o impossível: que cozinhar se tornasse uma tarefa difícil para mim.

— Estevão, você pode continuar fazendo sua cena heroica ou admitir logo que a melhor opção é a venda. Com o dinheiro, muito acima do valor de mercado, você consegue investir em novos sonhos. — diferentes dos outros advogados, Marina não parecia sonhadora como se tentasse me convencer de que era a atitude certa. Ela estava obstinada.

Era quase inspirador. Ou pelo menos seria se sua força de vontade não estivesse focada em tentar acabar com a padaria da minha família.

Ela enfiou a mão dentro da bolsa gigante tirando um monte de folhas grampeadas com papel timbrado da Braga Neto e me entregou devagar. Nem precisava ler para saber do que se tratava. Era o contrato.

O legado do meu avô contra a oportunidade de recomeçar anos de trabalho dos Avelar antes de mim versus um futuro de novos projetos. Ter as memórias de uma vida comigo ou jogar tudo fora para ficar sozinho no mundo.

Foi uma escolha fácil.

Limpei as mãos no avental, mas restos de massa de pão de queijo ainda estavam nos meus dedos, não me importei. Peguei o contrato fazendo com que os olhos cartunescos de Marina Dantas brilhassem. Sua inocência me fez sorrir.

— Hoje não, docinho. — falei e rasguei as páginas em um único movimento, transformando a papelada em duas.

Que a Braga Neto e a JL Engenharia se fodessem. Eu poderia até perder, mas perderia lutando.

Olhei para baixo, esperando encontrar uma Marina quase tendo um AVC tamanha raiva, mas o que encontrei me surpreendeu.

Seus lábios estavam entreabertos, e uma respiração entrecortada fez seu peito descer e subir rápido, os olhos estavam brilhando, o chocolate de suas íris se derreteu em algo quente e convidativo. A advogada ergueu o queixo, me fitando com algo que nunca, *nem em um milhão de anos*, imaginei ver nela.

Atração.

O momento durou um segundo antes de ela recompor sua máscara de tranquilidade e se virar em direção à mesinha que tinha ocupado anteriormente. Num gesto provocativo ela passou a mão sobre o tampo para tirar uma camada de poeira acumulada. Respirei fundo, controlando meu ódio.

A advogada tirou o notebook e fones de ouvido grandes e caros, do tipo que abafavam ruídos, e me deu uma última olhada antes de se voltar para a digitação fervorosa no teclado do computador. E eu sabia o que aquele olhar significava.

Era guerra.

Capítulo >

M A R I N A



Capítulo 7 | Marina

No Direito, tínhamos aulas de história o suficiente para eu saber que conflitos não se encerravam do dia para noite. Mais tarde, como estagiária no fórum, vi casos se arrastarem por meses, anos, *décadas* até serem resolvidos. Por isso, não me importava se Estevão Avelar tinha decidido criar mais caos na minha vida.

Ele desistiria. De um jeito ou de outro.

Com ou sem o fato de que, *em virtude de uma incerteza subjacente*, eu o achasse meio gostoso demais para meu próprio bem.

Seria a primeira a admitir que nunca fiz uma disciplina que nos ensinava a como não ficar atraída pelo seu rival num caso que podia significar a diferença entre um futuro confortável e a fama de ter destruído um dos maiores escritórios de Minas Gerais. Ninguém me preparou para braços fortes e aquele bigode estúpido.

Não tinha sido nem a primeira vez que alguém fazia uma cena e rasgava um contrato na minha cara, mas nunca o teatrinho pareceu tão sexy. E perigoso.

Misturar as duas coisas, o fato de que eu poderia por *algum motivo, dentro de algumas condições, estar possivelmente* atraída por Estevão e que ele tinha poder para destruir a Braga Neto era a receita para o fracasso. E eu não era o tipo de pessoa que colocava tudo a perder por pau. Nem se o pau em questão viesse preso a um padeiro lindo de morrer.

Nunca saí em muitos encontros, a maioria deles foi na casa de

caras da faculdade que se sentiam intimidados demais pelas minhas notas para seguir para algo sério. Palavras deles. Essas saídas não davam em nada porque minha prioridade eram sempre meus estudos, estágios e, no final, a prova da OAB. Meus pais investiram demais em mim para que eu resolvesse que a faculdade era o momento de viver uma história de amor.

Apesar de, de fato, eu ter vivido uma.

— Eu e o direito empresarial somos amantes inseparáveis. — falei para mim mesma enquanto virava o volante para entrar na rua da Avelar Avelã, mas me encolhi instantaneamente quando as palavras saíram da minha boca.

Ainda bem que não tinha ninguém para me ouvir dizer uma coisa como aquela. Melhor: ainda bem que minha melhor amiga não estava perto para me escutar falar em voz alta a coisa mais broxante do mundo.

Não deixava de ser verdade.

Minha mãe, a melhor professora de português do mundo, foi quem fez com que eu me interessasse pelos estudos. Ela pegou mais turnos na escola particular onde trabalhava apenas para garantir que eu pudesse estudar lá onde a educação era melhor. Meu pai, a seu próprio modo, fazia de tudo para que eu tivesse acesso a todas as oportunidades possíveis. Incontáveis comissões das vendas de móveis que ele fazia para pagar meus materiais, cursinhos e aulas extras.

Regina e Rogério Dantas fizeram o que estava ou não ao seu alcance para que eu chegasse onde queria estar. E eu jamais os decepcionaria. Por isso, quando chegou a oportunidade de trabalhar na Braga Neto e me estabilizar financeiramente, sabia que não podia desperdiçá-la com coisas idiotas como sonhar em abrir um escritório próprio ou deixar um padeiro teimoso me vencer.

Não importava o quanto ele era bonito ou seus bolos e tortas pareciam deliciosos.

Queria ver como ficariam suas vendas com a rua inteira se transformando em uma obra a céu aberto. Claro que não podia decidir quando os funcionários da JL Engenharia começariam a fazer as demolições, mas ter um cronograma nas mãos me caiu como uma luva. E Estevão não precisava saber que *tecnicamente* eu não tinha nada a ver com a construção.

Era bom que ele pensasse que todo aquele barulho era fruto do meu poder, da ligação inquebrável entre a Braga Neto e a JL Engenharia.

O caos de britadeiras, marretas e... *onde estava o barulho?*

Estacionei em frente a Avelar Avelã, desligando o motor e esperando ouvir o som ensurdecedor que tinha me levado a usar protetores de ouvido no dia anterior. Mas não havia nada.

— Que merda o Estevão aprontou? — rosnei para mim mesma, pegando minha bolsa no banco ao meu lado e saindo do carro em um pulo.

Praticamente tropecei até a fachada da padaria, mas me equilibrei quando vi a porta fechada e uma plaquinha pendurada na maçaneta. “*Voltamos Já*”, escrito à mão numa caligrafia elegante. Franzi o cenho, arrumando a bolsa no meu ombro.

Duas principais perguntas vieram à minha mente. Primeiro: quem éramos o “nós” daquela frase? Estevão trabalhava sozinho ali. Segundo e mais emergencial: onde ele estava? E por que aquilo me cheirava a algo terrível para mim?

Uma risada alta seguida de várias outras graves e felizes chamou minha atenção porque não vinha de dentro da padaria. Vinha dos entulhos do antigo prédio ao lado.

— Não é possível... — murmurei para mim mesma, seguindo o barulho da conversa animada, tomando cuidado onde pisava porque meus saltos estavam se prendendo entre os pedregulhos.

Não era minha obrigação estar em scarpins, muitas advogadas bem-sucedidas adotavam lindas sapatilhas ou tênis arrojados. Mas elas com certeza tinham mais de 1,53 de altura.

Nunca desejei tanto ser uma doutora altona como naquele momento num labirinto mortal de pedras e poeira.

Juntando toda a minha coordenação motora, me apoiei no tapume de madeira poroso, o tipo usado para proteger obras e que enchia as palmas da gente de farpas, mas não me importei. Quase coleei meu rosto para poder ouvir a conversa lá de dentro.

— ... é parmesão, não é? — uma voz masculina perguntou, com a dicção ruim, como se estivesse... *de boca cheia*.

Impossível.

Inacreditável.

Aquele filho de uma...

— É queijo do reino. — uma segunda pessoa contrariou, igualmente deliciada, o que me fez ter vontade de dar um soco no tapume de madeira. — Meu avô fazia desses lá na chácara. — ouvi quando o cara deu uma mordida.

— Na verdade — a voz insuportavelmente conhecida corrigiu com educação, animado, e eu quase podia visualizar o sorriso em seu rosto. O desejo por violência apenas aumentou dentro de mim. — é meia cura normal, com polvilho doce, sem nenhum segredo.

Franzi o cenho.

Ele tinha ido até lá ensinar receitas típicas mineiras para os pedreiros? Eu duvidava muito. Estevão devia estar irritando-os, flexionando seus braços e falando coisas irritantes com aquela voz grave e envolvente. Esse era o plano? Seduzir os trabalhadores da construção civil até que eles se esquecessem que estavam ali para demolir tudo.

— Três reais cada um, né? Me vê mais dois. — arregalei os olhos quando entendi. O desgraçado estava indo até a obra não para apenas parar o trabalho, mas para atrapalhar *e lucrar*.

Não consegui conter meus próprios passos, tropecei até a porta improvisada da obra, onde dois tapumes estavam presos por uma corrente sem cadeado. Esperava não estar ferindo o artigo 150 do Código Penal brasileiro, já que eu *tecnicamente* não estava entrando e permanecendo de maneira clandestina em dependências alheias.

Bem... *eu estava*, mas por uma motivação maior.

Empurrei a madeira, tentando elaborar meu plano, mas sem sucesso. O que eu faria? Entraria e ficaria olhando brava para todo mundo até que Estevão desistisse?

— Bom dia, moça. Posso ajudar? — o homem mais velho de cabelos brancos presos debaixo de um capacete chamou, e um grupo de quinze pessoas e um padeiro estúpido se virou em minha direção.

Só um deles sorriu vitorioso para mim.

— Eu... — proíbo que vocês façam comércio com esse homem? Imploro que não comprem nada dele? Peço que alguém dê um soco nessa cara bonita?

Mas nenhuma palavra saiu da minha boca, fiquei olhando para os homens em uniformes combinando da JL Engenharia e vi cada um deles me fitar como se esperassem que eu desse uma explicação plausível por estar invadindo a obra.

— Você não pode entrar aqui sem equipamento de proteção. — Estevão implicou com uma travessa de alumínio vazia nas mãos, mas isso não era a coisa mais absurda nele. Não mesmo. Era o fato de que ele também estava usando um capacete amarelo. — Não é, Sebastião? — perguntou, e o homem mais velho balançou a cabeça.

— É mesmo, dona. Desculpa, mas a senhora não pode... — o tal

Sebastião começou a dizer.

— E ele pode ficar aqui? — intervim, apontando acusadoramente para o padeiro que usava camisa preta, jeans escuros e Vans ao invés da roupa adequada para os trabalhadores.

Aquilo fez o mestre de obras coçar a testa, dando uma mordida inconsciente no pão de queijo em suas mãos. Parecia que cada um dos pedreiros tinha um daquele, alguns mais de um.

Antes que Sebastião pudesse fazer alguma coisa sobre o homem irritante perdido em sua obra, Estevão virou a proteção de sua cabeça, revelando os cabelos escuros, cheios e bagunçados que, ao invés de deixá-lo feio, só faziam aumentar a sua beleza.

— Já estou de saída. — entregou o capacete para um jovem ao seu lado e sorriu como se fosse candidato a vereador ou outra coisa. — A padaria é aqui ao lado, vou assar mais pães de queijo e sintam-se à vontade para esquentar as marmitas lá na loja. Vai ser um prazer almoçar com vocês. — garantiu, dando um tapinha na assadeira.

— Obrigado, cara. — o homem com dois pães de queijo na mão os levantou em agradecimento, mas quase não prestei atenção no movimento, porque Estevão estava à minha frente, poucos centímetros nos separavam.

Não dei um passo para o lado.

— Licença, docinho — pediu cheio de ironia. — tenho que assar mais disso porque meus novos compradores vão estar esperando. — Respirei fundo, tentando conter a raiva, e aquilo foi uma péssima ideia, porque o cheiro bom que vinha dele me acertou.

Amadeirado, masculino, terroso e sensual, mas com um leve toque amanteigado que vinha do seu trabalho. Delicioso. E infernal.

— Você não pode fazer isso. — sussurrei, minha voz menos inflexível do que eu gostaria. De repente, meus joelhos não pareciam fortes o suficiente.

Num gesto provocativo, ele se inclinou um pouquinho, quebrando um pouco da distância entre nós, seus olhos castanhos brilhando em puro prazer e divertimento.

— Eu posso fazer o que eu quiser. — disse tranquilo, mas, antes que eu pudesse retrucar, uma voz chamou do meio do grupo de homens fazendo uma pausa para o lanche.

— Camarada, você pode fazer um desses recheado? — pediu, e Estevão virou apenas o rosto em direção ao homem, dando um sorriso brilhante digno de um vendedor nato.

— Como você quiser. — garantiu e se voltou para mim, a simpatia se perdendo imediatamente quando me fitou de novo. — Muito obrigado pelos dois a três anos de novos clientes, docinho. — disse, usando minhas palavras contra mim, e deu um passo para o lado, assobiando uma música alegre como um personagem de desenho animado.

Maldito.

Segui Estevão com os olhos, ele andava despreocupado pela calçada, evitando contemplar sua forma física invejável e me focar no meu mais novo objetivo: tirar aquele sorrisinho arrogante da cara de Estevão Avelar.

Capítulo 8

M A R I N A



Capítulo 8 | Marina

— Cento e cinquenta, cento e cinquenta e três... — respirei fundo, tentando abafar a voz grave que estava contando aquelas malditas notas pela milésima vez. — Opa, perdi as contas. — Estevão riu como um idiota, voltando o maço de notas para o começo. — dia movimentado hoje.

Fechei meus olhos por um segundo, deixando o site do Tribunal onde eu tentava acompanhar a movimentação do processo de licitação, também gerei um alerta no meu nome pela Braga Neto nos Diário Oficial, mas tudo parecia estar dando errado para mim. E de alguma forma, eu sabia que cada coisa era culpa de Estevão Avelar.

E para coroar o show de bosta: eu estava com fome. Muita. O suficiente para minha barriga roncar alta e vergonhosamente.

Quase podia ouvir a voz da minha mãe dizendo: “*a pirraça fica sempre com o pirracento*”, mas, para me defender, eu não estava sendo infantil. Talvez eu estivesse sim, mas com a melhor das intenções. A melhor das intenções *para mim*, pelo menos.

À medida que a manhã foi passando e os pedreiros entrando cada vez mais para comprar pães de queijo, sucos e biscoitos, o sorriso do meu inimigo crescia enquanto a minha raiva aumentava proporcionalmente. Empaquei como uma mula naquela cadeira e não me levantei, nem para almoçar ou esticar as pernas, obrigando o homem a permanecer no caixa.

Eu estava do lado do trabalhador. Óbvio que estava. Que todo pequeno empreendedor no Brasil ganhasse mais dinheiro, amém!

Exceto pelo microempresário que podia fechar o escritório em que eu trabalhava. O único que me chamava de docinho e me dava sorrisos indecentes que me faziam querer depilar seu bigode com cera quente. E implantar os pelos de volta porque era seu charme.

Argh! As horas sentadas naquela cadeira dura estavam começando a cobrar da minha sanidade. O cheiro quente e atrativo de mais uma das três fornadas de pão de queijo que Estevão fez também colaboravam para meu processo de enlouquecimento.

Às seis da tarde, eu não tinha nada além do café da manhã de horas atrás, uma barrinha de cereal no estômago e um chiclete já sem gosto na boca, mas os trabalhadores da obra saíram levando pacotes de papel pardo recheados das bolinhas de massa dourada e crocante, além promessas de que no dia seguinte haveria broa de milho.

E a droga do site do Tribunal não carregava.

— Passamos trinta minutos da hora de fechar. — Estevão quase cantarolou do caixa onde ele tinha o mesmo maço idiota de notas nas mãos. — mas tudo bem, tenho um monte de *pix* pra checar. — lancei um olhar que, se dependesse da força do meu pensamento, o mataria apenas pela minha força de vontade.

A guerra ainda estava de pé, mas não podia negar que Estevão ganhou a batalha do dia de lavada, mais histórica do que o 7 x 1 no Mineirão. E o pior: eu nem tinha energia para cair atirando.

Mas pelo menos podia ficar sentada ali, fazendo com que o horário de trabalho dele aumentasse, por pura vingança e não porque eu estava sem combustível para me levantar. Tudo de caso pensado.

Apertei o F5 mais uma vez e de novo recebi a mensagem de “erro”. Pelo reflexo da tela, consegui ver meu rosto cansado. Apesar de ter finalizado no dia anterior, meu cabelo parecia xoxo e anêmico, o volume bonito tinha despencado, e minha maquiagem estava derretida.

Derrotada.

Tudo que eu queria era chegar em casa, devorar tudo que estava na minha geladeira, tomar um banho e ligar para os meus pais, ouvir eles contarem sobre seus dias normais que não envolveram ficar sentados numa padaria.

Por um segundo me permiti pensar num futuro diferente. Um em que eu era a advogada que mandava recém-formados fazerem trabalhos absurdos, em que eu não precisasse consultar processos em plataformas que eram movidas a carroças. Meu próprio escritório. Lindo, arrojado, elegante e que não tentava fazer padeiros desistirem

de suas padarias.

Uma realidade em que Estevão Avelar era problema de outra pessoa.

Suspirei, desistindo pelo menos por hora, tentando mentalizar meu cargo como sênior, o salário bom e a estabilidade que sempre sonhei. Aquilo valia a pena. Muito. Foi o que me motivou a me levantar e guardar minhas coisas, sem olhar em direção ao homem cantarolante no caixa porque corria o risco de jogar meu notebook na cabeça dele.

— Volte sempre. — Estevão desejou, e eu podia sentir a sua alegria em dizer as palavras.

Mesmo cansada, eu podia revidar porque a força do ódio me movia.

— Ah, eu garanto que vou. — prometi, colocando a bolsa no meu ombro, me xingando mentalmente por carregar tudo dentro dela.

Me virei e abri a porta, saindo para o ar fresco do começo da noite. O sol já tinha caído e tudo parecia meio deserto. Por instinto, peguei a chave do meu carro e corri para minha porta, não dando o mole de ficar parada numa rua vazia. Não *totalmente vazia*, porque eu conseguia sentir o par de olhos castanhos nas minhas costas.

Girei a chave na ignição e, girando-a, desejando que eu pudesse me teletransportar para casa em um segundo ao invés de dirigir por vários minutos.

Mas nada aconteceu.

Bati de novo, esperando meu querido Palio dar sinal de vida, o motor roncar e me dar a graça de sair dali.

Silêncio absoluto.

— Ah, não. — gemi, girando de novo e de novo, esperando um milagre acontecer. Meu carro nunca me deixava na mão, mantinha as idas ao mecânico com rigor justamente porque eu não sabia o que fazer em casos como aquele.

Saí do carro, evitando olhar para dentro e ver Estevão Avelar se dobrando de rir do meu azar lá dentro, deixei a porta aberta porque, se alguém quisesse me roubar ou sequestrar, provavelmente estaria me fazendo um favor.

Abri o capô com a ponta dos dedos para não sujar minha roupa, examinei o motor que parecia normal para mim. Mil cabos poderiam ter aparecido ali, e eu não teria notado. Na autoescola, eu não prestava atenção nas coisas sobre manutenção, estava mais atenta às

informações sobre como não atropelar alguém e acabar sendo presa por homicídio culposo.

— Precisa de ajuda? — uma voz se materializou ao meu lado, e eu gritei de susto.

— Merda! — falei, colocando a mão no peito e tentando conter meu coração, que estava prestes a parar de bater. — Que susto, porra.

— Advogada boca suja. — meu homicídio doloso, *quando há intenção de matar*, disse brincalhão ao meu lado, seus olhos dentro do meu carro. — Acabou o horário de trabalho, ela vira uma xingadora.

Não o tinha visto chegar, mas queria muito vê-lo sair.

— Não preciso de ajuda, obrigada. — falei, cruzando meus braços e me virando para olhá-lo. — Não vou fazer pães de queijo dentro do motor. — completei meio infantil e, para minha surpresa, Estevão riu.

Uma risada de verdade, grave, sem ironia ou escárnio. Quase fofo.

Os cantos da minha boca se ergueram por instinto. Ok. Tinha sido um pouco engraçado. Cecília dizia que quando eu estava irritada soltava as melhores pérolas. No entanto, isso era para ela. Minha melhor amiga, cuja maior irritação que podia me dar era tentar me convencer a fazer desenhos na unha, não o cara que podia acabar com meu emprego.

Fechei a cara de novo.

— Sei fazer mais do que pão, Marina Dantas. — disse, inclinando-se sobre meu motor, um braço segurando no capô e outro apoiado em cima do para-choque, as mangas de sua camisa cedendo um pouco, mostrando os músculos.

A mistura de sua expressão concentrada e os bíceps expostos me fez respirar fundo, tentando conter o rebuliço dentro de mim.

— Sabe consertar um carro? — a pergunta era para ser contestadora, afastá-lo de perto de mim, mas soou mais com um suspiro.

Em minha defesa, eu estava *muito, muito, muito* cansada.

— Não, vou assar um bolo aqui. — ironizou, e eu revirei os olhos. Eu merecia, mas isso não queria dizer que eu queria seus comentáriozinhos bobos. — Chocolate ou baunilha? — disse baixinho, concentrado, com a mão esquerda começou a dar batidinhas dentro de alguma coisa no meu carro.

— O que você está fazendo? — perguntei, ficando na ponta dos

pés para tentar visualizar. Ele virou o rosto para mim, os lábios comprimidos como se dissesse “sério?”. — Pelo que eu sei, você poderia estar colocando uma bomba aí. — cansaço também me deixava dramática.

— Uma bomba de chocolate? — sugeriu, voltando-se de novo para o motor, e foi minha vez de conter um sorrisinho.

Ele era meio engraçado. Meio. Menos da metade, na verdade. Eu só não admitiria.

— Já terminou as piadas de padeiro? — perguntei, e ele franziu o cenho, voltando a espancar meu carro.

— É porque você ainda não viu as de chef de cozinha. — disse com um sorrisinho, e aquilo me deixou curiosa. Eu sabia que ele era formado em gastronomia e tinha uma padaria. Ponto final. Essas eram as informações pessoais que tinha dele.

Se Estevão havia se formado para ser um mestre-cuca, por que estava insistindo numa padaria que estava fadada a fechar?

Eu realmente precisava descansar, a fadiga estava me deixando maluca porque, de repente, naquele momento, eu quis saber mais sobre ele.

— Pronto. — disse, fechando o capô. — testa de novo. — apontou com o dedo para o banco do motorista.

Espremi os olhos em sua direção, investigando.

— O carro vai explodir? — era uma pergunta plausível, e ele tinha que admitir isso.

— Não dessa vez. — garantiu solene. — Não costumo explodir advogadas intrometidas numa sexta-feira, acaba com meu final de semana. — coçou os olhos com as costas da mão e pela primeira vez vi o que estava evitando.

Ele também estava cansado. Nós dois estávamos.

Mas não desistiríamos, isso era óbvio.

Sentei-me no banco do motorista, girei a chave, e meu carro ligou, como se os minutos atrás nunca tivessem acontecido. Suspirei. O universo só podia estar brincando comigo.

Assisti a Estevão contornar a frente do meu carro e parar na minha janela, se inclinando sobre ela. Sua expressão deixava claro que ele esperava as palavrinhas mágicas, e dona Regina tinha me criado muito bem.

— Obrigada. — falei a contragosto.

— De nada.

— Ainda vou te fazer vender a padaria. — prometi, e ele bufou, saindo de perto do carro e revirando os olhos. Sua afetação às minhas palavras me deixou feliz. Pelo menos agora ele sabia que não seria um simples serviço de mecânico que me faria desistir.

— Até semana que vem, docinho. — provocou, e eu dei partida, deixando-o para trás. Pelo retrovisor, vi Estevão no meio da rua, de braços cruzados e olhar atento ao meu carro.

Estávamos de lados opostos, e isso estava claro. Não mudaria.

Quando saí da Rua das Coníferas, algo no banco do carona, em cima da minha bolsa, chamou minha atenção. Um saco de papel pardo.

Deixei uma mão no volante, me dividindo entre manter os olhos na rua e vasculhar o que quer que fosse aquilo. Minha mente conspiratória que assistia a séries policiais demais começou a pensar em rastreadores e coisas incriminatórias.

E seria melhor se fosse.

Porque dentro do pacote estavam três pães de queijo quentinhos e crocantes, postos ali com cuidado.

Capítulo 9

M A R I N A



Capítulo 9 | Marina

— Você está enfiando as unhas no volante de novo, né? — Cecília investigou, seu rosto expressivo mesmo estando coberto pela máscara cirúrgica. A perícia criminal devia conhecer minha amiga, seu poder de descobrir as coisas era inacreditável.

— Não. — minha voz soou mais aguda do que o normal.

— Você está mentindo? — perguntou, tombando a cabeça de lado, as *box braids* em um corte chanel descendo junto.

— Sim. — murmurei, e ela estalou a língua no céu da boca, colocando o balanceador de PH sobre a minha unha natural.

— Eu te disse um milhão de vezes que isso vai te dar um deslocamento. — Cecília não era uma das *nail designers* mais requisitadas BH por qualquer razão: as mãos de suas clientes eram as bebês dela, e todo cuidado era pouco.

— Estou tentando me controlar. — jurei, e ela balançou a cabeça, discordando e seguindo para o próximo passo. — Claro que estou!

— Para uma advogada, você mente muito mal, MD. — resmungou, aplicando mais um dos intermináveis cuidados, que fazia parte da sua aplicação.

— Advogados não mentem. — dei um sorrisinho, e ela revirou os olhos. — Oi. — falei o discurso que tinha aprendido no primeiro dia de aula com a doutora Bianca, ainda podia sentir os arrepios que assaltaram minha pele escutando aquilo, me senti em um episódio de

How to Get Away With Murder.

— E tentam esganar volantes por aí. Tadinhas das minhas filhinhas — completou, falando com carinho não para mim, mas para minhas unhas. — mas pelo menos sei que você tem fofoca para mim, porque a última vez que te vi nesse estado você estava tentando esconder a entrevista na Braga Neto. — A parte ruim de ter uma melhor amiga que podia ler minhas emoções pela minha cutícula era essa.

Cecília sempre sabia.

— Nada demais. — dei de ombros, ou pelo menos tentei, já que meu braço esquerdo tinha que ficar imóvel.

Cecília parou o movimento de suas mãos e me fitou com aqueles olhos castanhos que diziam: *se você não desembuchar, eu vou parar*. E eu sabia que não era um blefe. Sob seu rostinho angelical e voz doce como caramelo, havia uma mulher muito decidida.

— Ok... tem uma coisa. — admiti.

Não queria falar sobre isso nem com meus pais para colocar expectativas neles que culminariam num telefone sem fio em que minha avó diria para as pessoas que eu era a nova dona da Braga Neto. Mas Cecília era diferente, ela era uma pessoa muito equilibrada e conseguia ver nuances para além do orgulho que sentia de mim.

— O doutor Hécio me chamou na sala dele para me dar uma oportunidade que pode me levar a ser uma sênior ainda esse ano. — aquilo fez ela parar, arregalando os olhos em minha direção. — Uma das construtoras que o escritório presta consultoria jurídica está construindo um shopping no Santa Alice, tudo já está esquematizado, exceto por um proprietário que não quer vender sua padaria e está impossibilitando a obra. — resumi o caso que eu sabia de cor.

— E onde você está nisso? — questionou curiosa, aplicando o produto que criava a extensão da minha unha.

— Tenho que convencer o padeiro a vender a padaria. — bufei, e Cecília fez uma careta sob sua máscara.

— Como? Ameaçando-o com processos? — antes que eu pudesse responder, sua mente inventiva começou a trabalhar. — ameaçando-o com mandados de prisão, colocando-o numa sala com algemas e...

— Claro que não, Ceci. — alguém tinha que urgentemente tirar Criminal Minds da Netflix, estava consumindo toda a sanidade da minha melhor amiga. — preciso convencê-lo com argumentos, honrando os anos de clube de debates que participei, né?

— Sei lá, você com essa cara de boazinha pode ser muito má quando quer, MD. — apesar do apelido muito sugestivo que ela tinha me dado quando ainda éramos adolescentes, entre nós duas, Cecília era a mais ardilosa.

Éramos as duas únicas garotas negras numa escola particular e, ao contrário de mim, ela se virou bem. Sempre muito artística e uma empreendedora desde o berço, ela começou a cobrar dos nossos colegas para fazer os trabalhos que envolviam desenhos e criatividade, assim, ninguém pegava no pé dela.

Eu só fui ser deixada em paz na sexta série, quando ajudei a turma a ganhar uma viagem para Ouro Preto em um concurso de história que venci sozinha porque as outras crianças não se importavam o suficiente para estudar o conteúdo extra.

Mesmo assim, minha melhor amiga me via como a pessoa mais forte do mundo inteiro.

— Estou tentando convencê-lo *a partir dos bons argumentos* de que vender a padaria é sim a melhor escolha. O comércio vai ser prejudicado pela obra, já está sendo e depois disso vai ser ainda pior, já que, com um shopping, a dinâmica da rua vai mudar. — Despejei sobre ela um pouco da pesquisa que eu havia feito em meio aos relatórios da JL Engenharia.

— E o velho não quer sair. — adivinhou quando colocou minha mão na cabine de secagem.

Cecília estava cometendo o mesmo erro que eu: achar que a Avelar Avelã era propriedade de um senhorzinho cabeça dura. E quem dera que fosse.

— Algo assim... — murmurei.

— Essa não é a história completa, né? O que rolou? — odiava o fato de que ela conseguia pegar no ar as pequenas coisas que eu queria esconder.

— O proprietário não é... velho. — falei, e ela gargalhou, tirando minha mão da cabine. — Mas não é nada disso que você está pensando. — acusei.

— Eu nem disse nada. — se defendeu, cínica. Eu sabia o que ela estava pensando. — Mas pelo jeito que você falou ele parece *com certeza* não ser velho. — voltou-se para seu trabalho por um segundo antes de começar a formar planos mirabolantes de novo. — me passa o Instagram dele.

— *O quê?* — perguntei ultrajada. — não tenho o arroba dele, não somos amigos, Ceci, não é esse tipo de relação. — Claro que na

última semana eu tinha visto mais ele do que qualquer colega de trabalho, amigo e familiar. Também não poderia mentir que havia cogitado procurar por suas redes sociais depois do pão de queijo se materializar no meu carro.

Só que não podia cair no risco de aquilo se transformar em algo pessoal demais.

Quando eu ainda era uma estagiária, vigiar Facebooks de pais ostentadores que não pagavam pensão era quase que rotina, mas aquilo era diferente. Estevão não estava sendo relapso, com certeza bastante cabeça dura e irritante, mas não era um genitor negligente que por si só tinha minha antipatia. Me aproximar demais podia ser problemático.

Principalmente se a proximidade envolvesse seus braços super torneados.

— Vamos só fazer uma pesquisa de campo então. — inventou o termo, pegando o iPhone com capinha roxa em suas pernas. Toda a sala seguia a estética de coloração lilás, obviamente seu celular também estaria na paleta. Seu bom senso, no entanto, era um arco-íris de curiosidade.

— Não, nós não vamos. — contrariei, assistindo aos dedinhos hábeis se moverem.

— Qual o nome? — perguntou, o polegar pairado sob a tela pronta para digitar.

— Não vou dizer. — murmurei, e ela abaixou a máscara do rosto, me mostrando seu sorrisinho vencedor.

— O nome, MD. — pediu, e eu suspirei.

— Estevão Avelar. — bufei, e minha amiga deu uma risadinha, digitando e fazendo uma dancinha de um lado para o outro, como se estivéssemos na quinta série, procurando pelas redes sociais de algum menino bonito.

Mas não era a quinta série. Éramos uma advogada e uma *nail designer* muito competentes. E o garoto em questão era muito mais do que só bonito.

— Ah! — Ceci bufou, arregalando os olhos como se o céu claro daquela manhã de sábado estivesse caindo sobre nossas cabeças. — Marina Dantas!

— O quê? — perguntei, me projetando para frente, quase me debruçando sobre sua mesa de atendimento para ver o que ela tinha encontrado, mas Cecília escondeu o celular de mim, colocando-o sobre o ombro, se inclinando para trás.

— Sua palmiteira safada. — riu e eu fiz uma careta. — MD, ele é um gato!

— Nem é tudo isso. — na verdade, ele era muito mais do que tudo isso, mas não daria o braço a torcer. — Não faz meu tipo.

— Não faz mesmo. — concordou, voltando com o celular para o meio da mesa, fazendo uma coisa inédita: ignorando o trabalho. — Seu tipo é homem feio, e esse aqui é lindo.

— Hum... — resmunguei, desviando o olhar enquanto sua mãozinha nervosa rolava a tela para cima e para baixo, investigando tudo. Eu não estava interessada. Não mesmo, mas, ainda assim... — deixa eu ver. — pedi, e ela sorriu.

— Vai me dizer que ainda não *stalkeou* ele. — disse em tom de acusação, e balancei a cabeça. Mas a ideia tinha passado pela minha cabeça. — mas está morrendo de vontade, né? Vem cá, vamos ver juntas.

Me inclinei, fazendo uma cena, revirando os olhos exageradamente, mas me focando na tela. O perfil era aberto, tinha mais de três mil seguidores, mas seguia apenas duzentas pessoas. Podia apostar que ele deixava assim para mulheres darem em cima dele. Ridículo.

— Formado em Gastronomia pelo Instituto Gastronómico Gaudeamus. — leu a biografia com um tom sugestivo. — hum... *sabe cozinhar*. — Ceci disse como se estivéssemos no Vai Dar Namoro. — E tem bigode de putão.

— Pelo amor de Deus. — ralhei, e ela ignorou, clicando em cada uma das fotos.

— Panela de risoto, frutas numa quitanda, conjunto de facas em preto e branco. — começou a catalogar cada um dos posts. — meu Deus, ele não sabe que o Instagram é para postar foto bonita? Tudo tem que ser conceitual. — resmungou. — foto na praia, finalmente! *Olha esse tanquinho*. — virou o celular em minha direção sem que eu nem tivesse tempo para me preparar.

A imagem era... inesquecível.

Ele estava com um coco verde na mão, a fruta cabia inteira em seus dedos, o braço musculoso em destaque. Ele usava boné do MTST e sunga vermelha. E nada além disso. Suguei uma respiração vendo os seis gominhos em seu abdômen bem definido.

Como poderia encará-lo de novo sabendo que por baixo do avental e das camisas básicas ele escondia tudo aquilo?

— Mais foto de comida, mais fotos de panela... — Cecília

voltou sua inspeção, mas foi a vez dela de parar, de repente. — Puta merda. — gemeu. Na imagem, Estevão estava ao lado de um outro homem, igualmente alto e forte, eles estavam lado a lado sorrindo, cara negro de cabelos raspados tinha um drink em suas mãos enquanto o padeiro segurava uma *long neck*.

— Conhece? — perguntei, mas Ceci não respondeu, clicando na marcação no canto da página e sendo direcionada para o perfil do homem.

— Não, mas quero conhecer. — disse, quase incrédula, mas o perfil era fechado. — Junior, emoji de livros, emoji de sol, carinha de nego doce, alto e de cabelo raspado do jeito que eu gosto. — se meu tipo eram homens feios e desinteressados, o da minha amiga eram os pretinhos bonitos e bons moços. E aquilo era um problema para mim.

Se Estevão era amigo de um cara legal, isso podia significar que ele próprio também era bacana, e eu não podia conceber algo assim.

— Ceci! É meu inimigo. — lembrei, mas ela estava hipnotizada.

— O quê? Meu namorado é seu inimigo? — perguntou ultrajada.

— Estevão é. — constatei o óbvio. — e o amigo do meu inimigo é seu inimigo e não seu futuro namorado.

— Nada de futuro aqui, MD, estamos falando do presente. — Ceci era uma mulher delicada, mas igualmente obstinada. — E que história é essa de inimigo? Todas as pessoas contrárias aos seus clientes viram seus rivais por acaso? — ergueu uma sobrancelha, bloqueando a tela do celular, mas sem fechar o perfil do tal Júnior.

— Nem todos. Mas esse aí com certeza é. — apenas pensar na confusão em que eu estava metida fez meus ombros se arriarem.

— Explica. — pediu, voltando para o trabalho, colocando o molde no meu indicador.

Mordi o lábio inferior. Era ali que a loucura começava.

— Se eu não conseguir convencer Estevão Avelar a vender a padaria, isso vai fazer com que a construtora perca milhões de reais da compra dos imóveis ao redor. Isso vai cair na conta do escritório. Questão de tempo até que a Braga Neto fique mal falado no ramo e outras empresas comecem a nos deixar. Pode ser o fim de tudo. — falei, sentindo a ansiedade cravar em meu peito.

Eu era competente. Acreditava na força do meu trabalho e nas minhas habilidades, mas mais do que isso: não podia falhar.

— É por isso que esse cara precisa parar de pirraça e vender o

imóvel. Meu futuro meio que depende disso. Vai ser o melhor para todo mundo. — Podia ver pelo seu Instagram que Estevão queria fazer mais do que só assar pão o dia todo.

Era o acordo perfeito para todo mundo.

— Porque vai ser o apocalipse se você sair da Braga Neto, não é? Afinal de contas, esse *sempre* foi o seu sonho. — ironizou e eu suspirei.

Cecília era corajosa e criativa o suficiente para abandonar o curso de marketing e abrir seu próprio negócio. Ela viu tudo dar certo em apenas três meses, com seu trabalho duro e o ouvido fechado para as críticas — inclusive a de sua mãe. Mas eu não era assim. Estava buscando retribuir toda a dedicação dos meus pais.

— Ceci...

— É verdade, MD — disse suave. — talvez essa seja a sua oportunidade de fazer o que sempre quis. Abrir a sua salinha e ser você sua chefe. — pintou um mundo colorido à minha frente.

— Não é tão simples. — Dei um sorriso triste, e ela suspirou, colocando minha mão de volta na cabine.

— Se você diz. — encerrou o assunto com leveza como sempre fazia, mas no fundo sabia que sua opinião era contrária à minha. — Mas me diz! Hoje vamos fazer um desenho bem bonito? Ou então inovar. Talvez azul, verde.

Revirei os olhos. Ela sempre tentava me fazer escolher algo chamativo e artístico, mas lugares como a Braga Neto não permitiam isso.

— Ha ha ha. — dei uma risada falsa que a fez gargalhar. — a francesinha de sempre, amiga.

Capítulo 10

ESTEVÃO



Capítulo 10 | Estevão

Quando virei a plaquinha de “Fechado” para “Aberto”, uma mini enviada do capeta já estava na porta. Respirei fundo, cogitando não abrir, apenas deixá-la na calçada. Visualizá-la sentada na calçada, digitando em seu computador, me fazia feliz, mas se fizesse isso, grandes eram as chances de que eu não vendesse nada. E eu precisava vender.

— Bom dia. — cumprimentou, e percebi que ela estava muito diferente da pessoa cansada que saiu da Avelar Avelã na sexta.

Ainda estava em um de seus saltos e terninhos, dessa vez um marrom, com camisa branca que criava um contraste interessante com sua pele, o cabelo era cacheado, cheio e bonito, mas a expressão era descansada. Não devia me compadecer pelo inimigo, mesmo que ela parecesse exausta e com problemas no carro, mas eu não podia evitar.

Meu avô sempre me ensinou a ajudar quem precisava ser ajudado, podia imaginá-lo do céu me olhando julgador se eu não estendesse a mão para a mulher pronta para arrancar meu braço. E para ser sincero, não queria ficar parado lá, vendo-a passar aperto. Algo em Marina, a coisa além de toda sua personalidade irritante e sua teimosia, me inspirava a não deixar que nada ruim acontecesse com ela.

Mas estávamos num novo dia e nada havia mudado, ainda estávamos de lados opostos.

— Pra você também. — respondi a contragosto, mas não dei espaço para que ela passasse. — Você vai ficar vindo aqui todo dia? —

questionei cruzando os braços, mas seus olhos não chegaram até meu rosto, ficaram parados nos meus bíceps.

Franzi o cenho. Talvez o final de semana não a tivesse restaurado o suficiente. Marina parecia *meio incoerente*.

— Você não manda em mim. — lembrou, e eu revirei os olhos, dando um passo para lado, e Marina entrou, se sentando na cadeira que já devia considerar sua. — Além do mais, parece que sou a única cliente por aqui. — apontou para as paredes da Avelar Avelã.

— Não é a única, afinal de contas, você nem é cliente. — Marina nunca havia comprado uma bala na padaria e mesmo assim, num gesto de fraqueza, eu dei pão de queijo para a pequena víbora.

— O que aconteceu com seus amigos da construção? — perguntou ácida, abrindo o notebook, e caminhei de volta para o caixa.

— Eles misteriosamente começaram a trabalhar numa demolição mais longe daqui, continuam vindo às vezes, mas a logística ficou mais difícil. — meus mais novos clientes estavam colocando abaixo a antiga casa do Jean, um esquisitão que foi um dos primeiros a vender o imóvel quando a JL chegou. — Me pergunto que aconteceu. E se você tem algo a ver com isso. — semicerrei os olhos em sua direção, mas Marina apenas deu de ombros, se voltando para o seu computador.

— Claro que tenho. — a desgraçada nem mentiu. — Se vejo alguns trabalhadores de um dos meus clientes perdendo horas de trabalho por um inconveniente, posso muito bem reportar e sugerir uma mudança.

— Só queria afastar meus novos clientes, não é? — perguntei, e ela sorriu.

Não sabia o que seria pior: ela mentir dissimulada ou continuar com toda aquela sinceridade ácida.

— Todo o processo vai prosseguir por meses, os pedreiros sabem que o perímetro precisa ser demolido para a construção do shopping Santa Alice, transformando todo o espaço em um canteiro de obras a céu aberto. — explicou, sem tirar os olhos de seu computador. — você poderia ler mais no contrato que eu te dei, mas você rasgou.

A senhorita sabe-tudo falava com tanta coerência que eu quase me pegava acreditando. Não precisava ter visto todos os outros advogados que a Braga Neto mandou para saber que ela não era apenas boa. Marina Dantas era a melhor de todas em fazer da minha vida um inferno.

— E o que você sabe sobre construção civil? — questionei, abrindo o caixa para as vendas do dia, sabendo que não haveria muitas, já que a advogada espantou meus clientes, mas sem conseguir me desviar dela.

Marina ergueu o rosto, dando um sorrisinho contido, mas seus olhos brilhando de contentamento pelo que estava prestes a dizer.

— Eu sei tudo sobre tudo, Estevão. — disse tranquila, como se me informasse as horas e não estivesse falando a coisa mais convencida do mundo.

E, para ser sincero, presunção combinava com ela.

— Bom dia, Estevão. — no meio do nosso jogo de encarar quase não percebi quando Júnior entrou pela porta carregando sua mochila preta que parecia estar muito pesada e um sorriso que não cedia por nada.

— E aí, cara? — cumprimentei feliz em vê-lo, suas primeiras aulas na faculdade já estavam dando uma canseira nele, mas nunca vi meu amigo mais feliz em toda sua vida.

Diferente da gastronomia, que ele entrou por pura pressão de estar numa graduação e escolheu o curso só porque eu estava lá, Júnior estava super aplicado. Apesar da diferença de idade entre ele e a maioria dos colegas, meu amigo estava se saindo bem e já era representante de turma.

Júnior estancou no meio caminho, como sempre, não conseguindo conter sua expressão quando viu a mulher sentada na mesinha da padaria.

No meio de todos os seus estudos e da minha tentativa feroz de manter a Avelar Avelã viva, esqueci de comentar com ele aquele *pequeno detalhe*, que eu tinha uma advogada inimiga acampada no meio da minha padaria.

— Quem é essa? — perguntou no que deveria ser um sussurro escondido, mas meu amigo não sabia fazer essas coisas.

Quando visualizava minha vida, me imaginava na cozinha de um restaurante de menu internacional, gritando ordens, flambando pratos e recebendo estrelas Michelin, mas, ao invés disso, explicava para Junior por que tinha uma mulher desconhecida, irritante e perigosa trabalhando junto comigo fisicamente e ao mesmo tempo contra mim em suas metas.

Mas nada me impedia de me divertir.

— É uma estelionatária ou algo assim. — dei de ombros, assistindo aos olhos castanhos se arregalarem.

Junior tinha um primo que quando criança vinha passar as férias em BH e sempre jogávamos videogame juntos, mas na vida adulta Cristian tirava um tempo de descanso na cadeia depois clonar cartões e aplicar golpes financeiros. Essa foi uma das razões para ele querer fazer direito. E por morrer de medo de golpistas.

— Jesus Cristo! — murmurou, dando um passo para trás. Apesar de não frequentar a igreja há muitos anos, toda vez que sentia medo invocava Deus ou algum santo.

Escondi uma risada, alinhando o bigode com a mão. Era hilário ver um homem com porte de atleta parecer assombrado com uma pequena suposta criminosa.

Da mesa, Marina fez uma careta brava em minha direção, odiando ser acusada de um crime, mas se voltando com um sorriso plácido para o meu amigo. Claro que ela queria ser doce e cordial com qualquer um que não fosse eu.

— Ele está inventando isso. — disse delicada. — sou advogada da obra que vai trazer o shopping para o bairro. — comprimi um sorriso, sabendo o que estava por vir.

Assisti a Junior respirar fundo, aliviado.

— Ah, então você trabalha para o Braga Neto? — perguntou, arrumando as alças de sua mochila, como se de repente tivesse ficado hiper consciente de si mesmo, mas antes que Marina pudesse responder, eu dei a volta no balcão, parando ao lado do meu amigo para dar um tapinha no seu ombro.

— E esse é *o meu* advogado. — falei e senti meu amigo estremecer.

Meu amigo tinha muitas qualidades, leal, prestativo, bom ouvinte, mas com certeza não sabia sustentar uma meia verdade, uma *mini mentirinha*.

— Ah, é? — Marina questionou, alisando a frente do seu blazer e se levantando e vindo em nossa direção, sua expressão educada se manteve firme no lugar, mas eu sabia que era fachada. Ela estava analisando seu mais novo oponente.

E o oponente em questão estava prestes a desmaiar.

— Não fomos apresentados ainda, sou Marina Dantas, advogada júnior no Braga Neto. — estendeu a mão em sua direção e vi quando a palma de Junior tremeu. — sou formada pela UFMG e tenho pós-graduação em Direito Imobiliário e Notarial. — nunca tinha ouvido falar sobre aquela pós, mas me mantive firme.

— Você teve aula com a doutora Bianca Motta? — questionou,

e Marina sorriu, pela primeira vez parecendo sinceramente afetada. E ainda mais bonita.

— Não só isso, ela foi uma grande mentora para mim. — disse, voltando ao profissionalismo, e balancei a cabeça, tentando tirar o deslumbre de vê-la sorrir da minha cabeça.

Foco. Nada de pensar com a baguete entre minhas pernas.

— Júnior é um mentor ele mesmo. — me gabei. Ele era representante de turma, o que não configurava uma mentira. Representantes eram líderes e líderes eram mentores.

Tudo se encaixava.

— Ah, é mesmo? — Marina ergueu uma sobrancelha. — Você leciona? — perguntou surpresa.

Junior negou com a cabeça.

— Tem seu próprio escritório então? — por algum motivo aquilo pareceu deixá-la... *triste*?

Meu amigo fez que não de novo.

— Então... o quê? — Questionou curiosa, e eu fechei os olhos, sabendo que ele iria desembuchar.

— Estou no primeiro semestre de Direito. — Junior confessou, agoniado como se estivesse prendendo a respiração e de repente soltando. Apertei a ponte do meu nariz, pensando: *por que caralhos* eu ainda confiava nele para sustentar mentiras comigo?

Mas Marina não pareceu se importar com a *pequena inverdade* do meu amigo, ela parecia mais ocupada comigo.

— Seu advogado é um *calouro*? — questionou com ambas as sobrancelhas erguidas em minha direção.

— Ele é muito inteligente. — defendi Júnior, mas sabia que ela não estava surpresa com ele. Estava surpresa comigo. — É o que eu posso pagar.

— Você não me paga. — lembrou e, *pelo amor de Deus, ele não podia mentir nem um pouquinho*?

— Conhece a plataforma do Processo Judicial Eletrônico? — Marina perguntou, se voltando para Júnior, que nem precisou dar uma resposta. Era lógico que ele não conhecia. — Vem, vou te mostrar alguns sites que você vai trabalhar no futuro.

— Sério? — perguntou embasbacado.

— Claro.

Aquilo me pegou de surpresa.

Ela queria mostrar para Júnior como me processar por fingir que ele era meu advogado? Ou então, talvez, passar a Avelar Avelã para o nome dele. Fiquei em pé, parado, esperando quando seu plano maquiavélico iria se formar.

Só que nunca aconteceu.

Meu amigo puxou uma cadeira para o lado da advogada, e ela virou um notebook em sua direção e começou, numa voz baixa e educada, a ensiná-lo coisas sobre processos *on-line*. Não porque ela estava tentando me ferrar. Mas simplesmente porque... *ela queria ensinar*.

— Pega um cappuccino para mim. — Junior disse quando se passou sei lá quanto tempo, e eu continuei olhando-a, vendo seus lábios se mexerem e a voz ecoar.

Linda. Incrivelmente atraente.

A clara distância entre eles me agradou mais do que deveria. Minha mente girou para todos os momentos em que *eu* estive mais perto. Apenas alguns centímetros nos separando. Muito melhor do que os dois.

— Hum? — resmunguei quando não entendi direito o que ele falou.

— Cappuccino. E uma casadinha. — se virou para Marina com educação, como se falasse com uma professora de verdade. — E pra você?

— Nada, obrigada. — falou e se virou para mim com um sorriso. — primeiro cliente do dia. — ironizou, mas dessa vez o efeito não foi tão potente quanto antes. Não me deixou com tanta raiva.

Só com um pouco.

— Quer roubar minha padaria e agora meu amigo? — perguntei, e ela empinou o queixo, em puro desafio.

— Você é o próximo.

Capítulo 11

ESTEVÃO



Capítulo 11 | Estevão

A água gelada batendo contra meu corpo às cinco não fez nada para cessar o calor da pele e a ereção pulsante entre as minhas pernas. Fechei os olhos, jogando a cabeça para trás, deixando o banho lavar meus pensamentos, mas não adiantou.

Marina Dantas estava gravada a ferro nas minhas fantasias mais sujas.

Ela era minha inimiga, mas meu pau não parecia saber daquela informação.

— Inferno de mulher. — rosnei para mim mesmo, como um adolescente cheio de tesão. Agarrei o comprimento, não sentindo nenhum alívio no meu próprio toque.

Eu não queria meus próprios dedos ao meu redor.

Queria os dela.

Seus lábios cheios me chupando, a língua afiada lambendo, sua garganta engasgando porque eu a fodia com força. Queria sua boceta engolindo meu pau enquanto Marina gemia de pura satisfação, precisava dela gemendo e chorando de prazer enquanto...

— Puta merda. — arfei quando minhas fantasias me levaram para o orgasmo mais rápido e solitário da história.

Tentei retomar minha respiração, abaixei a cabeça, deixando as gotas caírem na minha nuca enquanto a constatação me abatia como uma bola de demolição.

Eram cinco da manhã e eu estava homenageando minha inimigo no banho.

Como se eu fosse um garoto patético que tinha recém-descoberto sua baguete e não um homem adulto, sexualmente ativo e cheio de problemas para resolver. E a culpa era dela! Marina era quem estava me atormentando, transformando minha vida num inferno tão sem precedentes que, de repente, tesão e ódio estavam se misturando.

Lavei a sujeira que tinha feito, prometendo para mim mesmo que aquela seria a primeira e a única vez que meu pau e Marina Dantas se misturariam. Eu não podia me sentir atraído pela mulher que queria transformar a padaria que era o legado da minha família em pó.

Não podia.

Mas eu estava.

E aquela era uma situação complicada. Um problema quente e pulsante.

Talvez nem fosse *ela*, tentei argumentar comigo mesmo enquanto me vestia para o dia. Desde a morte do meu avô, as coisas viraram uma bola de neve confusa e caótica.

Em um dia eu estava fazendo entrevistas para os restaurantes mais influentes de BH, no meu próprio apartamento, recebendo mulheres que eu conhecia. No outro, estava me mudando para a casa que cresci, sendo responsável por uma padaria que ia de vento em poupa até cair nas minhas mãos.

Isso quebrava o clima para qualquer um.

No entanto, não significava que eu podia reconstruí-lo com Marina Dantas de todas as pessoas no mundo inteiro.

Se o planeta fosse destruído e só sobrasse eu e ela... *nós foderíamos em cada superfície da Terra*. Não, não não, não! Nada disso, nada de pensamentos sexuais sobre ela. Proibido.

Desci as escadas, esperando que trabalhar pesado me colocasse no estado de espírito certo. Coloquei no forno os pães que preparei com antecedência no dia anterior enquanto o calor do ambiente começava a se intensificar. O cheiro reconfortante de pão fresco preenchia a padaria enquanto eu preparava a massa para dois bolos que com sorte fariam sucesso com os pedreiros.

As atividades manuais *corretas* me ajudaram a esquecer a mini enviada do diabo. Quando eu cozinhava mesmo algo tão simplório quanto massa, meu foco era todo voltado para as tarefas que envolviam muita matemática e química.

No entanto, sentia falta de gastronomia de verdade. A magia de criar pratos complexos, harmonizando sabores e texturas, e a satisfação de ver as expressões de prazer nos rostos dos raros clientes que conseguíamos encontrar no meio da loucura da cozinha. O desafio intelectual da pressão de prazos curtos e consumidores exigentes combinado com a experiência sensorial única da gastronomia era algo que eu ansiava retomar.

Tinha muita saudade. Mais do que conseguia expressar. No entanto, ainda tinha uma padaria para salvar e isso era minha prioridade.

Ainda mais quando havia uma inimiga estacionada bem no meio da minha... *onde ela estava?*

— Que foi, filho? — dona Neusa, uma das poucas clientes que ainda apareciam religiosamente para comprar pão, perguntou quando congelei no meio do ato de entregar sua sacola. — Perdeu alguma coisa?

Marina era tão pequena que, sim, provavelmente ela estava perdida em algum lugar, tentando escalar rejuntas de piso ou pendurada na maçaneta da porta. Mas onde? Se ela não estava na Avelar Avelã, onde estava?

— Nada não, dona Neusa. — garanti entregando seu pão. — São três reais e quinze centavos. — disse, mantendo um sorriso educado enquanto ela abria a bolsinha para pegar as moedas.

No entanto, meus pensamentos estavam longe.

Ela tinha finalmente arranjado um jeito de me despejar e estava vindo numa retroescavadeira demolir a padaria? Não me surpreenderia se fosse esse o caso, mas me pegou desprevenido o fato de *eu estar me importando tanto* com aquilo.

— Obrigado e volte sempre. — desejei quando a senhora em leggings e camisa comprida de pilates acenou da porta, mas soou estranho até para mim.

Não era como se eu estivesse com saudade de Marina. Não mesmo. Precisava apenas acompanhar seus passos, tentar prevê-los quando ela colocava algo em prática. Era pura estratégia de guerra.

Duvidava que Júlio César ou Napoleão Bonaparte tivessem batido punheta para seus inimigos, mas ainda assim, um campo de batalha era um campo de batalha independente da época.

— Mas esse não é meu foco hoje. — falei em voz alta, para as paredes. — meu foco é trabalhar.

E eu fiz meu máximo.

Limpei, embalei, joguei fora produtos fora da validade — e isso doeu —, etiquetei e fiz algumas vendas, dentro do normal de pouquíssimas por dia.

Eram dez da manhã quando meu celular vibrou com um toque diferente. Franzi o cenho porque eu nunca tinha ouvido aquele som, exceto no dia em que o configurei.

Meu avô estava tentando implementar um serviço de entregas, comprou um número, distribuiu alguns cartões e estava fazendo um teste com um motoboy, mas infelizmente ele faleceu antes de concluir aquilo.

E eu obviamente não dei continuidade ao projeto.

Mesmo assim instalei o *WhatsApp Businesses*, mais uma das coisas que fiz pela metade porque estava anestesiado demais pela dor de perder um verdadeiro pai e herdar uma padaria. Deixe ali o aplicativo caso houvesse algum pedido, mas nunca aconteceu.

Exceto por aquele.

Um número desconhecido enviou:

“Olá, bom dia! Quero um bolo de iogurte, duas casadinhas, doze pães de sal, seis pães de queijo, uma caixa de bombas de chocolate e um litro de leite integral. O pagamento é no pix, por favor.”, abaixo um endereço que ficava na Pampulha, pelo menos uns cinco quilômetros da Avelar Avelã.

Somei mentalmente a compra.

Era mais do que eu tinha feito a manhã toda.

Não pensei duas vezes antes de confirmar e gerar o QR Code.

Todo dinheiro era um bom dinheiro na Avelar Avelã. Em breve precisaria comprar mais material para fazer produtos básicos como pão e bolo, teria que pechinchar para conseguir a quantidade que precisava. Isso sem contar em coisas como água, luz e internet que não podiam ser negociadas.

Em um minuto o dinheiro chegou na conta e comecei a separar os pedidos, por sorte eu tinha tudo pronto e alguns sacos de entrega além de sacolas reforçadas. A maior parte dos produtos tinha embalagens próprias, mas...

— Espera aí. — falei de novo para o vazio, depois de fechar o pedido com um grameador, estava me transformando em um expert de falar com as paredes — como eu vou chegar lá?

Fechei os olhos, desejando ter paz pelo menos uma vez na vida.

Meu avô tinha contratado um motoboy por um motivo, não tínhamos um veículo próprio. Nunca precisamos, a Avelar Avelã era um comércio de bairro. Até tudo mudar virando a padaria de cabeça para baixo.

Não tinha como eu chegar lá...

Exceto por uma opção.



— Sai do meio da rua, seu maluco! — um motorista dentro de um UNO prata gritou, parecendo mais em choque do que bravo.

Mas eu estava com muita raiva.

— Vai pro inferno! — esbravejei porque eu era o único dirigindo uma bicicleta de mais de dez anos de idade.

Tinha sorte de os pneus estarem cheios e ainda não tinha testado os freios, mas nem seria azar se estivessem estragados, bater num ônibus naquele momento era uma benção. Depois que eu entregasse o pedido, claro.

A *GT Sprint* amarela tinha sido um presente de aniversário de quinze anos do meu avô para mim, na época era a coisa mais legal do mundo. Também era muito maneiro ter adesivos do *Resident Evil* no capacete apesar de uma década mais tarde eu me sentir bastante humilhado.

Pedalei com a sacola pendurada em meu pulso, aproveitando que a geologia de Belo Horizonte estava fazendo muito por mim me dando mais descidas do que subidas. Esperava que cada Avelar antes de mim, no céu ou no inferno, estivesse vendo que eu estava tentando salvar a padaria. Muito mais do que cuidar da minha própria vida, já que furei alguns sinais vermelhos.

Quando cheguei ao endereço, encostei a *magrela* — nunca iria perdoar Júnior e eu de quinze anos por termos dado nomes para nossas *bikes* — na porta do prédio sinalizado na mensagem, prendendo-a no corrimão porque, depois que vendi meu lindo e confortável UP para investir na Avelar Avelã, aquela bicicleta era tudo que me restava.

— Estou com uma entrega para o duzentos e um. — falei, tentando recuperar o fôlego para o porteiro de bigode, que mal tirou os olhos da pequena televisão passando Mais Você.

— Pode subir, meu patrão. — o homem disse e, se eu fosse um *serial killer*, ele nem teria ficado sabendo, porque mal me olhou, sua atenção presa na receita narrada por um boneco fantoche.

Pelo menos estavam ensinando a selar a carne de maneira correta. Era mais do que eu podia esperar.

Entrei no elevador porque não subiria dois lances de escada nem fodendo, tirei o capacete e arrumei os fios, tentando parecer mais apresentável. Se causasse uma boa impressão, talvez fosse recomendado e pudesse fazer entregas ao invés de vendas em um ponto. Ainda estaria mantendo a memória da família se a Avelar Avelã se tornasse um delivery, certo?

Esperava que sim.

Saí do elevador, e uma porta no pequeno corredor já estava aberta, pelo número das outras, percebi que era o endereço de onde tinham feito o pedido. Coloquei meu melhor sorriso no rosto.

A primeira coisa que vi foram delicados pés descalços. Depois pernas torneadas, a pele preta brilhante e sedosa por algum tipo de hidratante. A pessoa estava em minishorts jeans quando deu um passo pra fora.

E então o diabo se materializou em forma de gente diante de mim, usando uma camisa preta do Linkin Park e cabelo molhado.

— Bom dia, Estevão. — A voz conhecida me saudou, e eu trínquei os dentes.

— Filha da... — comecei a dizer, e seu sorriso cresceu.

— Não, não. — Marina Dantas balançou o indicador direito em riste em minha direção. — não é desse jeito que se trata uma cliente tão especial.

Fechei os olhos, respirando fundo.

Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove e dez.

Aquela pegadinha do Domingo Legal estava indo longe demais. As câmeras podiam cortar, o diretor gritar que estava tudo certo, já tinham me causado microinfartos demais, tinham o suficiente para um ano de programa.

— Você me tirou da padaria em pleno... — mal conseguia falar.

— Um estabelecimento que não consegue fazer entregas e se manter aberto deveria analisar propostas comerciais que fossem oferecidas. — disse com aquele tom de sabe-tudo, esticando a mão para pegar a sacola. Entreguei, sentindo meu corpo anestesiado. — segui seu conselho e *hoje* decidi fazer *home office*.

A forma como ela frisou que era apenas hoje fez com que eu apertasse a alça do capacete em minha mão, sentindo o plástico da fivela tensionar com a força. O tesão de mais cedo tinha evaporado e

se transformado em ódio puro.

Parecendo gostar de me ver colapsar, Marina abriu a sacola e a assisti pescar a caixinha de bombas de chocolate. Eu devia ter desconfiado. Era por isso que eu tinha todos os produtos, quem fez o pedido sabia do meu estoque, porque estava todos os dias xeretando minha padaria.

Como se estivesse comendo pipoca assistindo à minha desgraça, ela mordeu a massa doce, no entanto, sua expressão se desfez em puro... prazer. Era a primeira vez que eu a via 100% fora da máscara que ela mantinha o tempo todo sobre si mesma.

— Hum... — ela gemeu. *Gemeu*. Não um som fabricado, não pouco natural, feito para agradar, mas um gemido de verdade. Prazeroso. Quase erótico.

Marina parecia ter sido sugada para uma dimensão de êxtase, sua língua lambeu o chocolate que escorreu, no entanto, a advogada parecia fraca demais para sorver todo o doce.

Uma gota escorreu pelo seu queixo.

Eu estava com raiva. Puto. E cheio de tesão pela mulher que eu deveria odiar por tentar estragar a minha vida.

Foi isso que me moveu.

Num segundo eu estava de pé, segurando o capacete, no outro, tinha cortado a distância entre nós e parado com poucos centímetros — *milímetros* — entre nós.

Marina entreabriu os lábios como se quisesse falar algo, mas a voz morreu em sua garganta quando me inclinei e perdi completamente o senso.

Minha boca pairou sobre a sua, podia sentir o cheiro fresco de banho recém-tomado e o hálito doce cantando para mim, me chamando. Mas mantive meu propósito firme. O jogo da provocação podia ser jogado por dois.

Lambi o filete que escorreu em seu queixo, deixando minhas papilas gustativas aproveitarem a doçura que tinha muito pouco a ver com o chocolate. Aquele era o sabor de Marina, e eu queria um banquete.

Dei um passo para trás, cortando a proximidade entre nós, e vi seus olhos queimarem em algo que eu conhecia muito bem. Uma medida exata de atração, uma medida exata de ódio.

— Marina, você está jogando um jogo muito perigoso. — avisei, mas não esperei por sua resposta.

Me virei e saí.

Senti medo de que eu também quisesse jogar aquele jogo.

Capítulo 12

M A R I N A



Capítulo 12 | Marina

Me sentia culpada por fazer Estevão fechar a padaria e entregar no meu apartamento? Não. Me sentia culpada por vê-lo com um capacete e meio sem fôlego? Talvez um pouco. Mas, acima de tudo, me sentia muito acesa quando pensava em seu contra-ataque.

E isso era terrível.

Mas quem tinha me mandado gemer como uma idiota por causa daquela bomba de chocolate estúpida? No entanto, sua língua na minha pele teria me feito suspirar muito mais se não fosse o puro choque em que caí.

“Marina, você está jogando um jogo muito perigoso”, ele me avisou. Mesmo assim, não iria parar. Estava me arrumando para mais um dia na Avelar Avelã, não importava o quanto eu tinha que apertar as pernas juntas só de lembrar da cena.

Dirigi com cuidado pelas ruas, dessa vez, nem ouvir o *All Hope Is Gone*, meu álbum favorito do Slipknot, consegui me manter concentrada. Minha cabeça rodava nas imagens do rosto e dos braços de um padeiro irritante.

As vozes gritantes fizeram muito pouco para me acalmar quando Estevão Avelar parecia fazer de tudo para se tornar uma pedra no meu sapato.

Estacionei em frente à pequena padaria, não gostando de como eu sentia que aquela era *a minha vaga*. Nada ali era meu. Em breve, com sorte, tudo seria da JL Engenharia.

Marchei para fora do carro, colocando minha melhor expressão de advogada. Não aceitaria lambidas... quer dizer, *provocações*. Apresentaria de novo o contrato e seria enfática que a cena de antes, não a sua língua na minha cara, mas a entrega mostrava o quanto a Avelar Avelã não era mais um negócio viável.

Abri a porta, ouvindo o sininho sobre a minha cabeça, esperando o ataque, mas o que eu encontrei foi... *fofo*.

Estevão estava encostado na parede em frente ao balcão, sua cabeça pendia para trás enquanto ele ria, à sua frente havia uma senhora de uns setenta anos usando roupas esportivas e segurando o antebraço dele. O padeiro a dava equilíbrio, não para ajudá-la a sair da loja, mas porque eles estavam conversando.

— ... acho que vou começar aulas de natação. — a senhorinha disse.

— Ajuda a não cair na piscina. — Estevão concordou, seus olhos se voltando para mim. — Bom dia. — disse ameno, e a idosa se virou para mim com um sorriso.

Quase me esquecia como era cumprimentar as pessoas com tanto entusiasmo.

— Vou sair, menino, que você tem cliente. Volto na hora do café da tarde. — prometeu, dando um tapinha no braço dele e levando consigo uma sacola. — Bom dia, moça. — desejou com um aceno de cabeça carinhoso.

— Olá. — cumprimentei, tentando imaginar onde ela morava, não devia ser *perto* porque a JL tinha comprado tudo que estava próximo.

Ela saía de onde quer que morasse apenas para ir comprar pão com Estevão.

— Voltou para seu *home office* na padaria? — perguntou, cruzando os braços. Havia provocação em sua voz, mas nada como o “*Marina, você está jogando um jogo muito perigoso*”.

Analisei seu rosto, procurando vestígios do que quer que tinha visto no dia anterior. Nada. Eu sabia que não tinha inventado a coisa toda. Então ignoraríamos a situação? Parecia que sim. E era o melhor.

Então por que eu estava... desapontada?

Sentei-me na cadeira que ocupava sempre e pendurei a bolsa no encosto.

— E trouxe uma nova cópia do contrato, caso tenha finalmente caído em si. — garanti, tirando o maço de papel grampeado e pondo-o

sobre a mesa, mas Estevão não se mexeu.

— Você sabe quem esteve aqui no sábado, Marina? — perguntou com um tom ácido e falsamente curioso.

Eu sabia, mas adoraria ouvi-lo dizer.

— Quem? — questionei, apoiando meus cotovelos sobre a mesa e segurando meu rosto com as mãos, feito uma namoradeira de janela.

— A vigilância sanitária. — não consegui conter o sorriso. — Porque eles tiveram uma denúncia urgente sobre ratos saindo e carregando pães de queijo de dentro da minha loja. — fiz um biquinho ultrajado que só pareceu deixá-lo com mais raiva. — Uma grande mentira, como você sabe e como bem expliquei.

— Não sei de nada. — afirmei, mantendo um sorriso tranquilo. Eu tinha um contato de uma antiga colega do Direito que estava trabalhando no braço municipal do órgão público.

Foi mais fácil do que imaginei que seria.

— Claro que você não sabe, as denúncias são anônimas. — semicerrou os olhos na minha direção. — Fiquei sabendo disso às sete da manhã quando homens usando roupas especiais e luvas cirúrgicas me contaram. Por sorte não acharam nada, afinal de contas, está tudo impecável.

Estevão estava reclamando de barriga cheia, meu plano original era um pequeno incêndio controlado e *acidental*.

— Que maravilha. — afirmei falsa, pegando meu notebook e a garrafa térmica que tinha ganhado anos antes do meu pai como presente de Natal.

Aquilo pareceu ofendê-lo mais do que minha denúncia nada anônima.

— Você trouxe café? — disse ultrajado e, do jeito que ele falou, parecia que eu havia trazido estrume. — *Café* — repetiu — para uma padaria?

Sua consternação me fez sorrir, tinha levado minha própria bebida porque depois de experimentar as coisas que ele fazia ali, talvez caísse na tentação. Não confiava em mim mesma nem para beber uma Coca na Avelar Avelã porque com certeza de lá seria mais gostosa. Mas saiu melhor do que a encomenda. Se soubesse que aquilo o irritaria tanto teria levado um banquete inteiro.

— Gosto do jeito que eu faço. — *e iria odiar gostar do seu*, completei mentalmente. Abri a tampa, trazendo a garrafa até a boca, sentindo o gosto amargo e forte que me acompanhou por anos no

cursinho e na graduação. Podia suspeitar que eu tinha mais cafeína do que sangue nas veias.

— Eu amo — ironia pura — como você nunca fala tudo que pensa. — Acusou, e eu ergui uma sobrancelha em sua direção.

— De onde você tirou isso?

— Dessas caras que você fez — imitou meu franzir de sobrancelhas, mesmo com as caretas, seu rosto imbecil era bonito —, mas consigo ver exatamente por trás dessa sua pose.

Eu não fazia uma pose. Pelo menos não o tempo todo. Sendo advogada, aprendi a entrar no papel que esperavam de mim, não era algo de outro mundo. E quem era aquela padeiro teimoso para dizer sobre o que eu pensava?

— Não estamos em *Fleabag*, você não é o padre gostoso. — *Só é gostoso.*

— Só sou gostoso? — provocou, e eu o olhei ultrajada. Assar pão aparentemente dava sim poderes de leitura de pensamento.

— Vai à merda. — resmunguei.

Estevão revirou os olhos, desencostando da parede e voltando para a parte de trás do balcão. Senti o vento soprar meus cachos para a frente, pela porta que a senhorinha não tinha fechado atrás de mim.

Mas de repente senti mais que isso.

Uma picada no meu ombro, mesmo sob o blazer branco que eu usava. Olhei devagar para o lado, com medo do que iria encontrar. O sangue deixou meu rosto quando vi a aberração verde com seus olhos maldosos me fitando.

— Ah! — berrei, jogando a garrafa para o alto, vendo o café subir uma nuvem disforme pelo ar e cair de volta em mim, nos meus seios. Nem senti quando o líquido quente me acertou, porque precisava me desfazer daquele monstro.

— Que isso, Marina? — Estevão perguntou alarmado, mas eu dei um tapa na coisa, que quicou para perto do meu pé, descoberto pelo salto.

Não pensei duas vezes.

Me levantei em um pulo e pisei na cadeira e, em seguida, na mesa, criando um espaço entre mim e a aberração que não apreciava nem um pouco afetada pelos meus gritos. Eu odiava insetos. Todos. Cada um deles. Especificamente aquelas aberrações de seis pernas nojentas.

— O que foi? — ouvi a voz grave e assustada, dessa vez, muito perto de mim, mas abaixo.

— Ali. — aponteí com uma careta. — Que nojo, tira!

— O quê? — A pior parte era que ele parecia preocupado, quase complacente. Até ele ver meu antagonista. — *Um grilo, Marina?* — perguntou incrédulo, como se diante de mim estivesse um bebê fofo ou um filhote bochechudo.

— Tira daqui! — pedi, esfregando minhas pernas umas nas outras com medo de que, se eu ficasse parada, o bicho me atacaria.

Provando o maluco que era, Estevão se agachou, estendendo a mão esquerda e deixando o monstrengo subir em seus dedos.

— É inofensivo. — garantiu, segurando-o com o mesmo cuidado que teria para acolher um gatinho. — E traz sorte, sabia? — perguntou, olhando a coisa feia, e desejei que o inseto picasse sua mão para que ele aprendesse uma lição.

— Traz é um monte de doença, vou ligar para a vigilância sanitária de novo. — ameacei, apesar de saber que o órgão não fazia nada contra grilos, algo que eu sabia por experiência própria.

Era impossível que uma praga do Egito não fosse considerada um risco à saúde, como os agentes não tinha visto aquilo na inspeção, eu iria abrir um processo contra eles.

— De novo. — Estevão repetiu, bufando para minha confissão. — Ele não transmite não. — disse quase ofendido, trazendo a coisa para mais perto do peito.

— Quando eu estava na terceira série, os meninos jogaram um desses no meu cabelo, e ele agarrou nos fios. Foi horrível. — gemi, me encolhendo. Não devia ter contado aquela parte porque era minha criptonita. Não voltaria na Avelar Avelã se tivesse um grilo como mascote.

No entanto, ao invés de usar o bicho contra mim, Estevão me olhou de forma insondável por alguns segundos. Não estava mais ofendido como antes ou se divertindo como imaginei que estaria.

Ele parecia com raiva.

O padeiro caminhou devagar até a porta e se abaixou, do lado de fora, colocando a coisa verde no chão, e desejei que ele desse um chute tão forte que deixaria a Luisa Mell embasbacada, mas Estevão apenas entrou e fechou a porta atrás de mim.

Ergui o pescoço para garantir que não era um truque e vi a aberração caminhar devagar para o outro lado. Esperava que ela fosse

atropelada.

— Pronto. — disse com um suspiro. — Pode descer da minha mobília, por favor. — ofereceu uma mão, a que não tinha entrado em contato com meu mais novo inimigo, no entanto, não me mexi. — Marina — chamou tranquilo —, pode descer.

— Estou bem aqui. — contrariei, e dessa vez o meu futuro homicídio doloso riu.

— Você está quase pisando no seu notebook e está toda molhada de café. — informou, e eu olhei para baixo, vendo o pequeno caos que eu tinha criado aos meus pés.

Gemi de desespero.

Uma vez meu pai teve que sair de Nova Lima à noite para tirar um grilo que entrou no meu banheiro, mas aquele era seu dever paterno. Ter meu inimigo lidando com minha loucura era algo muito diferente.

— Vem aqui. — pediu gentil, como se fosse um bombeiro e eu, o gato arisco em cima de uma árvore. — Esse café deve estar queimando. — só porque ele trouxe o assunto em questão, minha pele ardeu, segurei sua mão, fazendo uma careta e descendo da mesa.

No chão, separei nossos dedos imediatamente, não querendo pensar na sensação de contato, e abri o primeiro botão da camisa sob o blazer, o tecido bege com uma mancha enorme, mas o pior estava embaixo, o ar gelado em contato com minha nova queimadura fez com que eu me encolhesse. Aquela merda doía.

Olhei para cima e Estevão estava... à beira de um ataque.

Sua bochechas brancas estavam todas vermelhas e os lábios estavam comprimidos debaixo do bigode. Era impressão minha ou os olhos brilhavam como se lágrimas quisessem escorrer?

— Vá em frente. — autorizei com um suspiro, porque dessa vez ele havia ganhado.

Tinha passado uma vergonha homérica na frente do meu inimigo. Ele merecia aquela vitória.

Estevão explodiu em uma risada esganiçada, se inclinando para a frente enquanto eu fechava os olhos, tentando calcular mentalmente quantos anos eu ganharia de cadeia se acertasse seu nariz perfeito com um soco.

— Já acabou? — perguntei, e ele balançou a cabeça.

Riu por mais um minuto inteiro antes de se endireitar.

— Você subiu em cima da mesa... — suspirou, colocando a mão no peito, como se tentasse controlar um infarto.

— Minha pele está queimada. — reclamei. — Pode me ajudar ou vai ficar rindo aí feito um idiota? — perguntei, mas sua risada feia era tão contagiante que dei meu próprio risinho. — Besta. — revirei os olhos, puxando a gola da camisa para frente tentando parar o contato entre minha pele e o pano molhado.

— Por aqui. — Estevão pediu, se esticando para trancar a porta e virar a plaquinha de "aberto" para "fechado", tomando a dianteira. — vem, vou te dar uma outra camisa e deixar você se secar.

Segui Estevão, molhada e quente. Não de um jeito bom.

Subi as escadas de madeira que seguiam pelo corredor à esquerda e não tentei bancar a blasé, olhei ao meu redor quando de repente a padaria se transformou numa casa.

O segundo andar da Avelar Avelã dava para o que parecia um apartamento de conceito aberto. Da pequena porta de madeira, eu conseguia ver a sala e a cozinha. O lugar era aconchegante, com tapetes e quadros na parede, mas um conjunto de manchetes de jornal chamou a atenção perto de mim.

Logo na entrada, no lugar onde as pessoas costumavam ter fotos de família, havia uma seleção de recortes de jornais antigos emoldurados. "*Navio com imigrantes portugueses, italianos e japoneses chega ao Brasil*", a mais antiga de todas, dizia num papel amarelado: "*Padaria Avelar Avelã inaugura com sucesso, trazendo novidades aos moradores de Belo Horizonte*", abaixo da manchete, estava a fachada da loja, muito diferente, mas a estrutura de tijolinhos ainda era a mesma.

Quase me esqueci da dor na minha pele, me abaixando para ler mais.

"*Tradição e sabor: Avelar Avelã completa uma década servindo à comunidade*", um senhor de bigode e cabelos ralos posou em frente à padaria, usando um avental e com a expressão severa. Na próxima, o idoso desapareceu, dando lugar a um jovem parecido com Estevão, e a notícia afirmava: "*Inovação na cozinha: Padaria Avelar Avelã lança novo pão integral*". Na seguinte, a imagem é colorida e dizia: "*Avelar Avelã adota medidas sustentáveis para reduzir impacto ambiental e se torna primeira padaria consciente de BH*", era o mesmo homem da notícia anterior, mas ele estava mais velho. Na "*Celebrando 60 anos de história: comunidade homenageia a Avelar Avelã*", ele já era um idoso.

Meu coração se apertou quando li a última "*Pandemia não impede a solidariedade: Padaria Avelar Avelã distribui pães gratuitamente aos necessitados*" porque, no fundo da memória, me lembrei de ver algo

assim no jornal. Trancada em casa, fazendo as últimas disciplinas da faculdade, pensei no quanto era uma ação legal.

— Meu bisavô veio de Portugal na década de cinquenta com minha bisa e meu avô. — disse solene, em um tom baixo e nostálgico. Me virei, percebendo que ele estava me fitando com intensidade. — A padaria era o sonho dele, abandonou tudo para tê-la, ajudou a construir com as próprias mãos. Vô Joaquim cresceu aqui, fez sua festa de casamento nessa sala. — apontou para o cômodo com uma risada. — Minha mãe nasceu aqui. Eu também nasci.

— Onde ela está? — perguntei por impulso, minha voz suave porque sabia que não devia ser uma resposta fácil.

— Faleceu no meu parto. — disse simplesmente, e foi a vez dele de mascarar uma emoção, dizendo aquilo como algo corriqueiro e não uma tragédia sem precedentes. Meu coração apertou.

Ele não tinha ninguém, e todas as memórias dos Avelar antes dele estavam naquelas paredes. No entanto, ali estava eu tentando fazer com que ele desistisse do legado dos seus parentes.

— Acho que é o fim do expediente para você. — falou, me tirando dos meus devaneios. — o banheiro é por ali. — apontou para a porta fechada à minha direita.

— Obrigada. — agradei, mexida pelas coisas que li e pelo que ouvi de Estevão.

Caminhei devagar, tentando não encostar em nada ou deixar o café pingar no chão, mas, antes que pudesse chegar até o cômodo, ouvi meu nome.

— Marina. — chamou e me virei, vendo um sorrisinho em seu rosto. — Trégua? — perguntou, levantando a mão direita como se fosse uma bandeira branca.

Ele estava ainda mais bonito do que quando se inclinou para tocar minha pele com sua língua. Balancei a cabeça negativamente, e ele gargalhou, encostando a cabeça na parede antes de responder:

— Foi o que imaginei.

Capítulo 13

ESTEVÃO



Capítulo 13 | Estevão

Só podia ser brincadeira.

— Que isso, cara? Viu um fantasma? — questionou, olhando alarmado sobre o próprio ombro quando colocamos o último pacote de suspiros sobre a barraca da Avelar Avelã na feira. — Ah! — disse unicamente quando viu o mesmo que eu.

— É uma miragem, né? — perguntei, sem conseguir desviar porque algo minúsculo encheu meus olhos.

— Acho que não. — deu um tapinha consolador enquanto assistia à minha nêmesis caminhar sorridente pela BeloArte.

Pela primeira vez ela não usava um dos seus terninhos profissionais que eu sonhava em arrancar dela, mas um vestido amarelo de alcinhas, que conseguia ser ainda mais indecente. Seus cabelos estavam soltos como sempre, e ela carregava *um balão em formato de cachorro salsicha*, tão fofa que nem parecia que queria acabar com a minha vida, tão diferente de como costumava aparecer na Avelar Avelã, que eu simplesmente não conseguia parar de olhar.

E nem queria.

Marina sorriu para a mulher ao seu lado, ambas do mesmo porte físico, mas a outra garota era mais alta, tinha pele mais escura do que a da advogada e tranças que iam até os ombros. Pareciam entrosadas, confidentes, rindo, e mesmo sem saber do que se tratava a conversa, me peguei rindo também.

De repente, ambas pararam no caminho, e a amiga de Marina a

cutucou com o cotovelo empinando o queixo em direção à barraca, assisti à advogada acompanhar a trilha indicada pela mulher e vi sua expressão cair quando me viu.

Meu sorriso só aumentou.

Ergui a mão, dando um tchauzinho, um vinco surgiu entre suas sobrancelhas e a mulher ao lado dela disse algo, parecendo estar muito divertida com a situação.

— Quem é aquela gata ao lado dela? — Júnior perguntou baixinho, mas o ignorei, vendo as duas caminharem para o estande da Avelar Avelã.

Marina não usava saltos, o que só a deixava menor, ainda mais em contraste com a amiga, que era alta e esguia.

— Veio me vigiar até mesmo na feira? — perguntei quando ambas pararam a poucos centímetros de nós.

Não tinha como ela saber que eu estaria ali, e eu pensava que sua programação de fim de semana envolvia desenhar pentagramas no chão e não passear por barraquinhas.

— Acredite ou não, tenho coisas mais interessantes para fazer do que te seguir. — garantiu, empinando o queixo. — Além disso, foi Cecília quem me chamou para vir aqui hoje. — completou, como se quisesse dar mais segurança ao seu discurso.

— O que se provou ser uma ótima decisão. — a moça riu, e só o fato dela parecer estar tão entretida com a raiva da amiga já me fez gostar dela. — Pode me chamar de Ceci. — pediu, esticando a mão em minha direção, muito carismática e educada, mas seus olhos estavam fixos em Júnior. Não precisava me virar para checar que ele devia estar sorrindo como um adolescente vaidoso.

— Ele não pode te chamar de Ceci. — Marina retrucou num sussurro zangado, mas foi ignorada por Cecília.

Lado a lado dava para perceber o quanto as duas eram diferentes, apesar de muito íntimas. Minha nêmesis era fechada, contida, enquanto a outra era aberta, radiante, quase como uma fada enquanto Marina era muito mais um duende resmungão.

— Sou o Estevão. — disse apertando sua mão com cuidado, mas apostava que ela já sabia daquilo. — E esse é meu amigo Júnior. — apontei com o polegar e pela visão periférica vi um braço musculoso se inclinar para cumprimentar a mulher sorridente.

— Desistiu de manter a padaria e resolveu começar um negócio itinerante. — a advogada sugeriu, trazendo minha atenção para si, e eu revirei os olhos.

Ela podia sonhar se quisesse.

— E você abandonou o Braga Neto para virar vendedora de balões? — sugeri, e ela uniu as sobrancelhas parecendo confusa, aponte para o fio que ela segurava em sua mão e trazendo uma careta para seu rosto.

— Não seja bobo. — pediu como uma adolescente que achava ser adulta sendo pega assistindo a desenho animado. — É meu dia de folga. Temos direito a isso também.

— Bem, eu não tenho desde que uma empresa maluca começou a vir até a minha padaria e tentar me convencer a demoli-la. — acusei, mas aquilo não fez nada para constrangê-la. Pelo contrário, a ordinária sorriu, orgulhosa.

— Você pode ter um minuto de descanso. — Júnior sugeriu atrás de mim e dei um pulo, finalmente me lembrando de que ele estava ali.

Mal percebi quando ele e a tal Cecília engataram num assunto porque minha concentração estava toda voltada à advogada à minha frente. Marina tinha aquele poder estranho de me fazer tê-la como centro não só da minha atenção, mas de todos os meus problemas.

— Por que vocês dois não vão dar uma volta? — a amiga sugeriu como se tivesse um grande *insight*, mas o sorriso sugestivo em seus lábios deixou claro que aquilo fazia parte de seu plano.

— Eu não... — Marina começou, mas foi cortada rapidamente.

— Você disse que queria comprar uns artesanatos, aproveita e deixa *Estevão*... — meu nome soou como uma provocação — te mostrar o caminho.

— Estou cuidando da barraca. — lembrei, mas foi a vez do Júnior me empurrar.

— Vai lá, cara, eu cuido das coisas aqui. — insistiu, abanando as mãos como se eu fosse um cachorro que ele mandasse sair. Conhecia-o bem o suficiente para saber que, se não voltasse rápido, em breve minha barraca viraria palco de um casamento.

— Se você insiste. — falei *meio ofendido* porque só bastava uma mulher bonita chegar e eu virava segunda opção. O lado bom era que a advogada também tinha se tornado. — Me acompanha? — pedi, e ela respirou fundo, olhando para a amiga e depois para Júnior.

— Vamos. — disse meio irritada e tomou a dianteira, desfilando em sua sapatilha.

Se eu fosse um pouquinho mais cavalheiro não teria olhado

para sua bunda empinada dentro daquele vestido amarelo, mas não consegui evitar. Achava que os terninhos profissionais seriam a minha destruição, mas vê-la em roupas casuais era ainda melhor. *Pior*.

— Tem certeza de que está segura saindo assim ao ar livre? — perguntei, e ela franziu o cenho, confusa. Podíamos estar fora da padaria, mas isso não significava que as provocações terminariam lá. — Com os grilos e tudo mais.

Seus lábios carnudos abriram em um forma de “o” perfeito enquanto os olhos queimaram de ódio.

Claro que eu respeitava seus medos, quando ela contou a origem do trauma eu quis voltar no tempo e dar uma surra em crianças. Mas isso não significava que eu não iria falar deles, *ao menos um pouquinho*.

— Não comece. — disse cortante, apertando o passo, como se quisesse ir mais rápido, e aquilo me deixou arrependido.

Eu não tinha visto Marina desde o incidente do grilo. Depois daquilo, ela desapareceu, e eu quase fiquei preocupado... com a possibilidade de a Braga Neto ter achado uma brecha e próxima vez que um advogado voltasse fosse com uma ordem de despejo, claro. Esse era meu foco.

Mas se eu fosse sincero por um momento, admitiria que estava pensando nela. Talvez eu estivesse enlouquecendo, os anos flambando comida fizeram com que meu cérebro fritasse e eu confundisse uma inimiga com boa companhia.

— Você sumiu. — falei, deixando meu próprio passo mais devagar, fazendo com que ela me acompanhasse.

No sol tranquilo da manhã, seus ombros desnudos pelo vestido de alcinha pareciam brilhar. Não, não era só isso. Marina inteira estava resplandecendo, como se ela pertencesse àquele lugar informal e alegre.

A feira era coisa do meu avô. Era ele quem fazia a inscrição e me levava para os estandes desde quando eu era uma criança e curtia a tarde de sábado. Tinha estado em pelo menos umas quinze edições, mesmo assim, BeloArte nunca pareceu tão interessante.

Para minha surpresa, um sorriso contrariado nasceu em seus lábios.

— Estava trabalhando num caso frustrante. — admitiu, e aquilo me intrigou.

— Pensei que eu fosse seu caso frustrante. — apontei, meio em choque por perceber que os dias de Marina não eram tomados pelas

horas que ela ficava plantada na Avelar Avelã. Ela tinha um emprego de verdade além da função de me irritar.

— Não se ache tanto. — pediu rindo. — Estou lidando com uma disputa entre herdeiros sobre a propriedade de uma casa. As partes envolvidas não conseguem chegar a um acordo sobre como dividir a propriedade ou quem tem direito a quais partes, levando a um impasse prolongado.

Dava para ver que aquilo era complicado, mas era mais que isso. Marina soava desgostosa. E eu duvidava que era sobre o Direito, qualquer um podia ver o quanto ela amava fazer o que fazia. Mas algo a deixava insatisfeita.

Nem era da minha conta, mesmo assim, me peguei dizendo:

— Não era isso que você queria fazer. — afirmei, desviando de um casal com um carrinho de bebê, meus olhos presos nela, que ignorou a pergunta, parando numa barraca que tinha samambaias e as olhando com atenção.

Fugindo do assunto? Não era muito o feitio dela.

— Preferia estar na Avelar Avelã fazendo da minha vida um inferno, não é? — acrescentei e, para minha surpresa, ela gargalhou.

Seus dedos livres do balão brincaram com as folhas que pendiam das plantas e me peguei hipnotizado com a delicadeza que aquela diaba tinha dentro de si. Enfiei as mãos nos bolsos dos meus jeans, contrariados com meus próprios pensamentos.

Atração física era algo que eu não podia controlar, mas *admirar* Marina Dantas era uma coisa bem diferente.

— Não conta para os outros, Estevão. — murmurou e se virou para mim, olhando para cima, colocando a mão direita sobre as sobrelhas para se proteger do sol. — mas de todas as pessoas que eu atormento, você é meu preferido. — Sua voz estava cheia de ironia, provocação, mesmo assim, não consegui conter o inchaço que tomou meu peito.

Que tipo de idiota eu era para ficar vaidoso sobre aquilo? Tentei esconder meu sorriso, passando a mão pelo bigode, mas não adiantou de nada. Marina viu que eu gostei. No entanto, a advogada não reagiu.

Talvez ela mesma gostasse.

— O que você ficou fazendo enquanto eu não estava lá? — perguntou, voltando a andar, e eu a segui.

Caminhar pela BeloArte sempre me trazia sensações mistas de

saudade e nostalgia, mas fazer aquilo com Marina trazia um componente novo.

— Criando um exército de grilos. — insinuei, e ela me lançou um de seus olhares mortais. Ergui minhas mãos em sinal de rendição. — *Tô brincando!*

— *Ha-ha-ha muito engraçado.* — disse brava, mas não de verdade, a provocação brilhou em seu rosto. — Devia estar fazendo as malas, já que em breve vai ter que sair da padaria. — desafiou.

Mas antes que eu pudesse responder, um senhor carregando uma caixa enfeitada com papel crepom e uma placa com “R\$ 5,00” escrito nos parou com um sorriso, o que foi bom já que eu não tinha uma resposta à altura daquela. Trocadilhos à parte, Marina sabia como ser baixa.

E eu gostava daquilo.

— Bom dia. — o homem de cabelos grisalhos e ralos cumprimentou. — Vamos levar uma trufa para a namorada, amigo? — inclinou a caixa para que a advogada pudesse ver as bolinhas cobertas por embalagens coloridas. — Tem de coco, morango, maracujá e ninho.

— Ele não é... — Marina começou, mas a cortei.

Ninguém precisava saber que o *status* do nosso relacionamento era “inimigos mortais”.

— Vou querer duas. — falei, e ela franziu o cenho. — Escolha a sua. — pedi, pegando minha carteira no bolso. — e pega uma de maracujá para mim, por favor. — Eu estava sendo meio babaca, pedindo para ela fazer por mim algo que eu poderia fazer, mas algo no fato de que o vendedor pensou que nós éramos namorados me fez querer mostrar que éramos próximos.

Era oficial, eu estava mesmo ficando maluco.

— Duas de maracujá. — Marina disse a contragosto, e ergui uma sobrancelha. — É meu sabor favorito também. — explicou como se aquilo fosse um problema. E talvez fosse. Não devíamos ter afinidades.

Entreguei a nota de dez reais para o senhor, que sorriu, agradecendo e voltando para sua caminhada.

A advogada esperou até o homem desaparecesse da nossa visão para dizer:

— Você não devia me comprar isso. — reclamou, brincalhona, mesmo assim fez um malabarismo com seu balão e a embalagem. —

Está indo à falência, lembra? Você é pobre, Estevão Avelar.

Gargalhei alto, surpreso com sua audácia.

Que mulher diabólica do caralho.

— Não se preocupe com isso, Marina Dantas, porque, de acordo com você, vou ficar meio milhão de reais mais rico em breve. — lembrei, e ela riu.

— Seiscentos mil reais. — corrigiu, dando uma mordida na trufa, fazendo com que o recheio escorresse pelos seus lábios.

Foi impossível não pensar naquela outra manhã em que era eu a poucos milímetros de sua boca.

Marina pareceu se recordar também, porque de repente seus olhos saltaram para mim, o peito arfando. Ah, sim... *ela também lembrava.*

Aquilo não era só perigoso. Era estúpido. Mesmo assim, ali estávamos, brincando com o fogo, esperando sermos queimados. Era um momento péssimo, mas a voz da minha professora de Segurança Alimentar disse na minha cabeça: *“basta apenas uma faísca para vocês se queimarem por completo. O fogo é traiçoeiro”*. E era exatamente como eu me sentia sobre Marina.

Mesmo sabendo dos riscos, perguntei:

— Melhor do que o meu? — questionei, a voz grave pela expectativa. Sequer sabia do que estava falando. Melhor que o meu quê? Doce? Recheio? Cobertura? Chocolate? *Toque?*

Marina engoliu antes de responder sem fôlego:

— Nada é melhor. — suspirou, afetada, e o pouco do meu controle evaporou no ar.

Me inclinei e beijei a mulher que queria destruir minha vida.

Eu tinha estado tão perto daqueles lábios e, mesmo assim, desviei. Naquele dia só percebi o erro que tinha cometido quando senti a doçura e a suavidade de Marina. Inferno! Deveria tê-la beijado antes, deveria ter feito isso no primeiro dia.

Sua boca era macia, convidativa, doce para além da mistura de chocolate e maracujá. Viciante.

Colei nossos corpos, puxando sua cintura para mais perto de mim, e adorei a forma como ela me acolheu, suas mãos segurando as laterais do meu rosto, o suspiro cansado, quase um gemido de fracasso quando ela aprofundou o toque.

Eu entendia a sensação. Beijei Marina como alguém que tinha

sido derrotado porque sabia que, no momento em que nossas línguas se tocaram, havíamos perdido. Era uma batalha inútil tentar frear a atração.

Toquei seus cabelos macios como tinha vontade de fazer desde a primeira vez, segurando sua nuca, inclinando-a levemente para cima apenas para ter mais acesso a ela. Deixei que nossas bocas se separassem por apenas um segundo para descer pelo seu pescoço, ombros, abdômen, *tudo*.

No entanto, bastou apenas aquele pequeno momento de clareza para que a realidade caísse sobre nós.

— Merda! — Marina arfou, dando um passo para trás, quebrando o contato, tocando os próprios lábios com a mão direita, tanto a trufa como o balão tinham sumido de seus dedos.

Olhei para cima e vi a *porra do cachorro de gás hélio* subir pelo céu e fechei os olhos tomando proporção da burrada que tinha feito.

— Marina... — chamei, olhando para baixo e vendo-a assombrada.

— Desculpa. — pediu e, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela virou pelo caminho que tínhamos passado e desapareceu no meio da feira.

Capítulo 14

M A R I N A



Capítulo 14 | Marina

— E como estão as coisas com a Avelar Avelã? — doutor Hécio finalmente perguntou, me entregando uma xícara do cappuccino que lhe assisti fazer enquanto me enchia com conversa fiada.

Duvidava que ele tinha me chamado ali para falar de como era importante ter uma máquina de café em sua sala. Preferia um freezer com Coca-Cola, mas cada um com seus vícios.

— Estão indo... — comecei a dizer, procurando pelas palavras certas porque eu sabia exatamente quais eram as erradas a se dizer.

Estão indo mal porque eu beijei o dono da padaria no sábado e, antes disso, eu deixei que ele lambesse meu rosto e pior: eu gostei. Mas isso não é nem é o começo, porque eu achei os braços dele irresistíveis desde o primeiro dia, e algo sobre o bigode dele me faz querer abrir minhas pernas. E ainda mais grave: nem é só sobre isso. Eu acho que estou começando a admirar a forma como ele defende a Avelar Avelã, apesar de ser essa defesa que vai nos destruir. Li sobre o legado deles na parede e achei tão lindo, tão importante, muito mais fundamental que um shopping. Mais importante que o Braga Neto.

— ... bem. — completei, mantendo meu sorriso preso no lugar enquanto segurava a xícara com uma mão e o pires com outra.

— Tive uma reunião com o CEO da JL Engenharia. — doutor Hécio se sentou ao meu lado, seu joelho coberto pela calça de alfaiataria preta, esbarrando no meu apesar de todos os centímetros disponíveis no estofado.

— É mesmo? — perguntei, cruzando as pernas para cessar o contato. Homens, mesmo os mais educados e formais, não tinham senso de espaço.

— Sim. — disse e bebericou seu próprio cappuccino. — Ele queria que déssemos certeza sobre o convencimento do senhor Avelar. Disse que teríamos uma resposta positiva em breve. — O homem ao meu lado era profissional há muito mais tempo do que eu e deveria saber que não havia situação certa no Direito.

Doutora Bianca sempre dizia que a certeza é uma ilusão confortável para os advogados. Tudo poderia mudar, as leis não estavam escritas em pedras, e uma decisão favorável dependia muito mais do que apenas do bom trabalho de um jurista.

E aquela também era uma dessas situações.

Eu estava dando meu melhor, claro que toda a confusão de beijos e lambidas turvava a situação, mas mesmo que eu fosse excepcional sempre haveria a chance de dar errado. Tinha dado com todos os outros advogados da Braga Neto até então.

Mesmo assim, doutor Hércio colocava aquela responsabilidade sobre meus ombros.

Ele confiava em mim.

— Sua estratégia de fazer *home office* lá está dando certo então? — colocou a xícara sobre o pires com um sorriso. — Poucos advogados têm a fibra para fazer o que você está fazendo.

Na verdade... tudo que eu consegui foi uma queimadura por café nos peitos, horas e horas de olhares furtivos para os braços de Estevão e uma cena vergonhosa com um grilo. Ah, já disse que beijei o padeiro?

Estava tentando não pensar nele, não pensar no beijo, mas era impossível. Toda vez que eu fechava os olhos era no calor dos lábios daquele idiota que eu pensava, no quanto eu queria fazer aquilo de novo. Muito mais. Mil vezes mais.

Cecília não entendeu quando eu a puxei da barraca onde ela falava com o amigo gostosão e praticamente a amarrei no carro para que saíssemos da BeloArte o mais rápido possível. Evitei o assunto, me neguei a dizer o que estava acontecendo, mas ela sabia que algo grande tinha ocorrido.

Eu também sabia disso.

Não era só um beijo bobo.

— Indo muito bem. — contrariei meus próprios pensamentos, desejando que doutor Hércio fosse um pouco com o Estevão e

conseguisse enxergar através das minhas meias verdades — Acho que é uma modalidade inexplorada de trabalho para mim. Está sendo uma experiência muito... — *molhada* — imersiva.

Doutor Hércio balançou a cabeça, concordando comigo, apesar de ele passar muito mais horas no escritório do que em qualquer outro lugar, mesmo nos tribunais.

— Aquele caso dos herdeiros em que estou trabalhando, por exemplo, consegui chegar num entendimento para ambas as partes, o que ninguém antes... — comecei porque aquela era uma situação muito mais corriqueira do que estar plantada numa padaria para convencer um padeiro a vendê-la.

Apesar de a Avelar Avelã ser minha prioridade, eu ainda estava tocando todas as demandas que eram da minha competência. Nunca deixei nenhum dos outros clientes da Braga Neto de lado, mesmo aqueles que não tinham bigodes indecentes.

— Esses processos pequenos de advogados juniores vão ser passado. — O advogado deu um tapinha no ar quando falou do meu trabalho como algo menor. — Em breve você vai fazer representação em audiências, negociações de acordos e sendo responsável pela construção de estratégias jurídicas, não é ótimo? — perguntou, tocando meu ombro como se nós dois concordássemos.

Mas eu não me sentia assim. Pelo menos não 100%.

Com casos menores, eu podia ter mais autonomia, era uma advogada tomando as decisões que achava mais corretas. Em processos gigantescos, eu tinha que agir junto com os interesses do escritório. Como uma sênior.

— Ótimo. — concordei, balançando a cabeça e me esquivando do tapinha camarada.

— Posso continuar contando com você então? — questionou suave, e eu dei um último gole no meu café, sabendo que a conversa estava terminando. Doutor Hércio não tinha muito tempo e mesmo assim estava gastando parte dele comigo.

Fitei seu rosto, desejando tanto que ele pudesse ser como Estevão, que enxergasse as coisas através do que eu dizia. Que meu sim significava: “*estou beijando a contraparte*”, que ótimo na verdade era “*não tenho tanta certeza mais*”. No entanto, eu tinha uma meta firme. Não desviaria.

— Pode contar comigo. — confirmei, sorrindo, e ele gargalhou, se levantando num claro sinal de “ok, agora saia da minha sala”.

— Sei que sim, Marina. Que você vai usar todos os seus dons

para garantir aquela padaria para a gente. — me levantei junto com ele, querendo poder ficar mais tempo ali, não por causa de Hércio, mas porque deveria ir até a Avelar Avelã, ficar cara a cara com Estevão.

— Mas... — comecei, tentando achar o tom certo para aquele questionamento. — posso perguntar o que vai acontecer caso... eu tenha *mais problemas* em convencê-lo?

Não ousei levantar a hipótese de que talvez eu não conseguisse convencer Estevão.

Para minha surpresa, Hércio sorriu.

— Não pense nessa hipótese. — pediu, mas não parecia uma forma de me instigar, era quase como uma ameaça velada. — Nenhum de nós quer lidar com as consequências caso não consiga. Vai ser difícil permanecer no Direito depois disso.

Engoli seco. Aquilo era *pior* do que uma resposta completa contando passo a passo do que aconteceria se eu falhasse, mas uma coisa era bem explícita: seria impossível para mim achar um outro emprego. Ele era *Hércio Braga Neto* e, se algo desse errado, quem ficaria com o nome irremediavelmente sujo era a recém-formada desastrada.

Não precisava ser uma *expert* em fofoca de escritório para saber que as pessoas estavam falando. De repente, o movimentado grupo do *whatsapp* do setor dos advogados júnior onde os funcionários passavam a maior parte do tempo fingindo estar compartilhando dicas, mas na verdade estavam se vangloriando, tinha ficado em silêncio, e eu sabia que era porque alguém tinha criado um sem minha presença nele.

Eu não só ficaria sem emprego se o escritório sofresse um revés tão grande, eu ficaria manchada no mercado.

Nada bom.

— Vamos descer juntos? — pediu ainda sorrindo, indicando a porta, e eu balancei a cabeça positivamente.

Não devia me sentir tão vaidosa sobre aquilo, mas não conseguia me conter, se os outros advogados tinham mesmo criado um grupo sem mim para continuar seus ciclos de se vangloriar e invejar uns aos outros que pelo menos me vissem saindo com o dono de tudo. Mesmo que eu estivesse muito fodida.

Doutor Hércio segurou o elevador para mim, deixando que eu entrasse primeiro como o bom cavalheiro que era e o fiz, com um sorriso educado em sua direção. Não me impressionava muito com

cavalheirismo, mas vindo de um homem que eu respeitava tanto era quase emocionante.

Uma música clássica mansinha encheu o ambiente, e eu suspirei, pensando no dia em que seria eu a advogada super renomada ao lado de uma pupila competente.

Eu teria essa oportunidade no Braga Neto?

— Nos vemos depois, Marina. — Meu chefe desejou quando a porta se abriu para a recepção, mas ele não saiu, pelo contrário, deu um passo assustado para trás.

E ele tinha razão para estar em choque.

Porque havia um protesto no saguão.

O *hall* de entrada, normalmente um espaço de elegância e profissionalismo onde eu sempre queria tirar uma *selfie* pelo requinte, estava transformado em uma cena de agitação e protesto. Manifestantes ocupavam o espaço, suas vozes erguidas em uníssono de “*Justiça! Justiça! Justiça!*”. Cartazes pintados à mão exibiam mensagens como: “*Deixem o Santa Alice em Paz*”, “*Fora JL Engenharia*” e “*Abaixo a gentrificação!*”.

Cercando o perímetro do saguão, uma fileira de seguranças mantinha uma postura firme, mas claramente meio chocados. Ninguém protestava num escritório de advocacia.

Só uma pessoa tinha motivos para aquilo.

— O que é isso? — doutor Hércio perguntou alarmado, e eu enfiei minha cabeça para fora, tentando enxergar além da muvuca de cartazes.

Todo mundo falava ao mesmo tempo, mas só *um alguém* tinha um megafone na mão, coordenando o resto dos manifestantes. Reconheceria aqueles braços perfeitos em qualquer lugar.

Aquele filho da mãe.

— Marina. — Hércio chamou em choque quando viu o mesmo padeiro estúpido que eu. — Você não disse que a situação estava sob controle? — perguntou, assombrado.

Fechei os olhos, respirando fundo e desejando estar em um daqueles pesadelos malucos que, apesar de não fazerem sentido, ainda te faziam acordar assustada, com o coração acelerado.

Contei até dez mentalmente, esperando acordar, mas não aconteceu. Infelizmente eu estava acordada, conseguia ouvir o coro de “*Abaixo a Braga Neto, abaixo a Braga Neto*”.

— Eu tenho tudo sob controle. — *não tinha não*. — mas acho que ele está rebelde hoje. — era para ser uma brincadeira, mas eu estava tão puta que o humor se perdeu.

— Percebi. — o advogado falou em choque, ainda preso no fundo do elevador, como se tivesse medo de que a qualquer momento as pessoas invadissem o espaço para linchá-lo.

Apertei o botão da garagem, poupando meu chefe de tudo aquilo, e me virei para ele, com um sorriso plácido no rosto.

— Continue descendo, vou resolver isso. — garanti e dei um passo para fora, ouvindo o clique das portas se fechando sem me preocupar se doutor Hércio ainda estava vivo lá dentro. Andei rápido como uma bala com um objetivo fixo em mente.

Eu iria matar um padeiro naquela manhã.

— Eu digo “Fora!”, vocês dizem “Braga Neto!”. — Estevão comandou em seu megafone, erguendo o punho para a multidão o acompanhar, como a versão panificada de Luiz Inácio Lula da Silva na época sindical. — Fora!

— Braga Neto! — a multidão completou com força.

Onde ele tinha arrumado toda aquela gente?

— Não recomendamos que você entre aí, moça. — o segurança, um homem alto de cabelos ruivos que eu só tinha visto antes em rondas muito menos animadas pela Braga Neto, falou, preocupado.

— Tudo bem. — afirmei, contornando-o. — Eu me garanto.

— Fora! — Meu futuro homicídio doloso comandou no megafone, e a multidão concordou com “Braga Neto”.

Estiquei minha mão, escolhendo no último momento não o estrangular ali mesmo, num lugar cheio de testemunhas, e apenas dei um tapinha em seu ombro, desejando mais que tudo que não passasse de um mal-entendido.

Estevão se virou para mim, seus olhos queimaram em obstinação. Ele estava exatamente como era na padaria, jeans escuros, camisa branca, mas sem o avental. Lindo pra caralho. E prestes a acabar com minha vida.

— O que é tudo isso? — perguntei entredentes apontando para a multidão de umas vinte pessoas. Mais de perto, consegui ver que o grupo era muito distinto, porque todos aparentavam ter sessenta anos ou mais.

Exceto pelo padeiro e por um homem alto, negro e forte, usando um boné enfiado na testa e óculos escuros, como se tentasse

passar despercebido no meio dos manifestantes que mais poderiam ser integrantes da fila do INSS. Um deles até usava uma bengala, mesmo assim, carregava um cartaz com “Santa Alice merece mais!”

— Uma manifestação. — Estevão Avelar teve a coragem de dizer.

— Isso, eu sei. — retruquei desejando que, apenas uma vez, uma única vez, ele não fosse tão irritante com aquela cara beijável e sociável na mesma medida. — Quero saber o motivo pelo qual você está fazendo um protesto.

— Porque é justo e legal. Artigo 220 da Constituição Federal. — separei os lábios em choque por ele estar usando *minhas* leis contra mim. — E não adianta negar, porque o Junior pesquisou. — apontou para o homem de cabeça baixa.

— Não fala meu nome alto. — o futuro advogado sibilou e quase me emocionou o fato de que ele estava ali, algo que poderia afetar seu futuro, apenas para apoiar o amigo.

Muito fofo. *Lindo*.

Se não fosse uma enorme pedra no meu sapato.

— Onde você arrumou toda essa gente? — perguntei, colocando as mãos na cintura, me sentindo um pouco como minha mãe tentando argumentar comigo. Mais tarde ligaria para ela para me desculpar por todas as vezes que fui teimosa como uma mula.

— São todos clientes da Sônia. — deu de ombros como se fizesse algum sentido. Minha total desinformação sobre aquilo pareceu irritá-lo. — Sônia é a mulher cujo comércio a JL derrubou ao lado do meu. — falou ferido.

— Porque ela vendeu! — apontei o óbvio, e as bochechas dele ficaram vermelhas. — Ela não vendeu? — aquilo era impossível, a JL Engenharia fazia tudo dentro das leis, e era exatamente por isso que Estevão estava sendo um dos meus pesadelos.

O padeiro empurrou o megafone em direção ao amigo e murmurou:

— Vai puxar os gritos, por favor. — pediu, e Júnior gemeu, ligando o aparelho e, ainda de cabeça baixa, começou seu próprio coro.

— Eu digo “protesto” e vocês dizem “pacífico”. — disse com a voz mais grave, tentando não ser identificado. — Protesto!

— Pacífico!

Estevão segurou a dobra interna do meu cotovelo, o contato

dos seus dedos contra mim fez com que um arrepio subisse pela minha coluna, meu corpo acendendo imediatamente. Fechei os olhos, me deixando ser guiada para o canto, implorando para meus hormônios serem um pouco mais coerentes.

Ele era meu *inimigo*. Tinha convocado um *protesto* para o saguão do meu trabalho. Não era hora de sentir *tesão*.

— De onde saiu tanta gente? — investiguei de novo quando nos afastamos porque se ele tivesse dado *um mísero pão de queijo* para algum daqueles velhos, eu entraria no longo processo de elaboração legislativa e criaria uma lei que o enquadraria pelo Estatuto do Idoso.

— São ex-clientes da Sônia. — por algum motivo parecia que ele estava escondendo algo. Semicerrei meus olhos em sua direção como eu fazia às vezes no clube de debates, esperando que tivesse algum poder sobre ele. Para minha surpresa, realmente teve. — Da banca do jogo do bicho da Sônia. — completou derrotado, e coloquei ambas as mãos nas minhas têmporas, ainda cogitando a ideia de um pesadelo.

Ou então, talvez, eu estivesse morta. Era como naquela série “The Good Place” quando a Kristen Bell descobria o *plot twist*.

Aquele saguão era o meu Lugar Ruim.

— Você trouxe um monte de idosos contraventores penais para um escritório de Direito? — perguntei devagar, esperando que ele absorvesse minhas palavras.

Estevão comprimiu os lábios sob o bigode, revirando os olhos como se não estivesse nada afetado.

— Não. — contrariou. — Eu trouxe um monte de cidadãos indignados para uma manifestação constitucional.

Que inferno! Por que ele tinha que ficar citando termos jurídicos e parecer ainda mais gostoso? A mistura de tesão e tensão estava me deixando maluca porque eu quis agarrá-lo ali mesmo. No entanto, não podia fazer aquilo porque era justamente aquele ímpeto que tinha nos colocado naquela sinuca de bico.

— Você não pode me beijar e depois vir ao meu emprego fazer uma manifestação. — apontei o óbvio, mas ele pareceu ofendido, como se eu tivesse caído em alguma armadilha lógica de sua argumentação infalível.

— Ah então você vai admitir que a gente se beijou? Porque não apareceu hoje, e eu pensei que... — cruzou os braços, magoado e ofendido, e foi como se duas peças tivessem se encaixado na minha cabeça.

Impossível.

— Estevão. — chamei devagar, incrédula. — *Você convocou uma manifestação porque eu não apareci na padaria?*

Ele nem respondeu.

Era a coisa mais estúpida, idiota, inconsequente, irresponsável, insensata e... fofa que alguém já tinha feito por mim. Podia ser estranhamente doce e emocionante, mas ainda era um problemão, e eu tinha que parar aquilo antes que se tornasse algo maior.

— Termine isso agora. — falei firme. — Vamos conversar. — garanti.

— Não posso terminar. — contrariou, constrangido por ter sido pego organizando uma grande manifestação porque eu sumi por algumas horas, sendo denunciado pelas suas bochechas vermelhas.

— Termine. — Avisei, e ele fez uma careta.

— Você não manda em mim só porque me beijou, Marina Dantas. — falou com um tom que deveria ser definitivo, e eu apenas ergui uma sobrancelha em sua direção.

Era melhor que Estevão não me testasse.

Ele suspirou derrotado, se afastando de mim e indo até Júnior que mantinha sua cabeça baixa e os protestos, cada vez mais pacíficos. Não me surpreenderia se em breve ele comesse a falar “Viva a Braga Neto”.

Estevão pegou o megafone e levantou a mão como um líder nato apenas para dizer:

— Estamos terminando nossa manifestação, pessoal. Muito obrigado pela participação.

Aparentemente eu mandava sim.

Capítulo 15

E S T E V Ã O



Capítulo 15 | Estevão

Estava olhando para a porta da Avelar Avelã como uma criança vigiava uma árvore de Natal no dia 24 de dezembro e tinha chances de ser tão frustrado quanto um menino que viu seu avô embrulhando os presentes ao invés do Papai Noel.

Marina prometeu que conversaríamos, e eu acreditei quando, na verdade, deveria ver o óbvio: *não, nós não iríamos*.

Depois que encerrei a manifestação, ela desapareceu no hall de entrada. Ajudei Júnior a colocar os idosos clientes de Sônia na van que a bicheira tinha arranjado e, porque ele era um amigo bom demais, ainda ganhei sua carona de volta para a padaria quando ele foi para faculdade.

“Durou tipo, cinco minutos. Foi a manifestação mais precoce de todas, deveríamos procurar um urologista”, ele falou ao volante quando permaneci em silêncio por metade do caminho. *“Vai me contar o que aconteceu de verdade? Por que tive que acordar às seis da manhã pra um protesto relâmpago?”*.

Não consegui dizer a minha razão principal: pedi ajuda de Sônia para montar um protesto porque eu queria ver Marina Dantas. Estava parado como um idiota olhando fixamente para porta, esperando que ela entrasse.

Era oficial: eu tinha enlouquecido.

E para ser sincero, sabia que era só questão de tempo para os meus parafusos pararem de funcionar. Gastronomia me mantinha são,

o caos da cozinha me dava a paz que eu precisava. Longe do que eu amava e cheio de problemas, era óbvio que eu ficaria maluco.

Tinha coisas muito mais importantes para me preocupar. O caixa da Avelar Avelã estava perigosamente baixo, a BeloArte deu um fôlego para as despesas, mas não por muito tempo. Se as vendas continuassem baixas como na média dos últimos meses... não duraríamos.

Fechei os olhos, puto comigo mesmo e com meu avô. Por que ele tinha que morrer e me deixar sozinho para cuidar da coisa mais preciosa que tinha? A padaria merecia mais do que estar nas mãos de um cara que estava obcecado pela mulher que tinha o poder de destruir tudo.

Por que ele tinha que morrer?

Mas o grande idiota da situação era eu, que estava dedicando meu sagrado tempo a criar manifestações não porque a JL Engenharia tinha destruído toda a possibilidade de os negócios seguirem em frente, mas porque eu queria ver a advogada deles.

Patético.

E real.

Aquele beijo foi diferente de todos os outros, tinha sabor de... *finalmente*. Como se eu não soubesse, mas estivesse há muito tempo esperando por ele.

O que só complicava as coisas, porque Marina Dantas era a pessoa que podia foder a Avelar Avelã de forma irreversível. E ela estava ativamente tentando isso, não escondia. A advogada queria que eu fechasse o contrato com a JL Engenharia, era seu trabalho garantir, de uma forma ou de outra, que a padaria fosse destruída. Estávamos de lados opostos, não havia um meio termo confortável.

Um só ganharia se o outro perdesse.

E isso não era um problema, pelo menos não era um problema *antes*. Quando a padaria passou para meu nome, e a JL fez a primeira oferta, eu sabia que teria que lutar com unhas e dentes para mantê-la em pé como meu avô fez antes de mim. E eu fiz meu melhor até ela aparecer.

Marina bagunçou tudo.

A porta foi finalmente empurrada, e me permiti respirar fundo, a sensação de alívio inundando meu corpo. Fechei os olhos por um segundo, me odiando por sentir aquilo. De onde quer que estivesse, meu avô deveria estar em choque pelas coisas que eu estava fazendo.

Marina entrou com o semblante neutro, mas eu podia ver a miríade de emoções dançando em seus olhos enquanto ela as escondia numa fachada plácida.

Ela não se sentou na sua cadeira de sempre como das outras vezes, permaneceu de pé, mais perto da porta, como se tivesse tramado uma rota de fuga caso a conversa seguisse para um caminho que não gostasse. Pelo menos, Marina tinha essa opção.

Ficamos os dois em silêncio, nos encarando.

E olhá-la só piorou minha situação.

Odiava a forma como a figura pequena e irritante se encaixava bem na paisagem da padaria. Tinha decorado cada pedaço do lugar onde passei minha vida toda, sabia das pequenas manchinhas, marcas do tempo e reformas do presente, ainda assim o cenário só parecia mais completo com a minha inimiga parada no centro, de braços cruzados.

O que era irônico, já que o trabalho dela era garantir que a Avelar Avelã fosse destruída.

— Estevão — quebrou o silêncio, chamando quase como uma súplica.

Eu queria ouvi-la implorando meu nome, mas não naquele contexto.

— Marina — repeti o tom.

Suas sobrancelhas se franziram porque não era exatamente o diálogo mais maduro do mundo.

Na Gastronomia, sempre fui elogiado pela minha prudência, algo que um *chef* deveria ter por natureza. Se alguns dos meus professores ou cozinheiros que eu admirava pudessem me ver ali, nunca mais me deixaria pegar uma faca.

— Você não pode ir ao meu trabalho e causar um alvoroço. — começou, mas não havia nenhuma culpabilização em seu tom, nem parecia um aviso muito sério, era mais como o tipo de protocolo de praxe.

Algo como limpe os pés antes de entrar e não faça um protesto na entrada, por favor.

— Posso dizer o mesmo para você. — aponte, e ela mordeu o lábio inferior, atraindo meu olhar para sua boca bem desenhada.

Não, eu não podia deixar meu pensamento seguir naquela direção.

— Justo. — murmurou para si mesma, mas suspirou, deixando os braços caírem ao lado do corpo, como se estivesse cansada, desistindo. — O que eu faço... não é pessoal, Estevão. É meu trabalho. É, na verdade, uma oportunidade impossível de ignorar. Não posso falhar nisso.

Ela estava firme em suas palavras, mas dessa vez não foi duro, era uma explicação quase derrotada.

— É pessoal para mim, Marina. — lembrei. — Isso é o legado da minha família, da minha vida. Se der errado...

— Você tem a chance de continuar. — pintou o cenário para mim. — a JL vai te pegar muito bem pela Avelar Avelã, você vai poder recomeçar em outro lugar, no futuro. Se isso der errado para mim... pode significar o fim. De verdade.

Algo profundo e primitivo apertou meu peito ouvindo aquilo. Não queria destruir a vida de Marina, apesar de ser muito claro que ela queria sim acabar com a minha. Saber que era uma via de mão única me doeu porque eu não queria que nada de ruim acontecesse com a advogada irritante.

— E por que está me dizendo isso? — quase gemi culpado.

— Porque eu preciso que você saiba que... não podemos ir além disso. — disse baixinho, pela primeira vez mostrando algo que nunca tinha visto nela, nem quando o monstro mais terrível de todos, *um grilo*, entrou na sala. Eu vi vulnerabilidade em Marina Dantas.

E sabia que ela estava certa, ambos tínhamos certeza disso, mas aparentemente compartilhávamos de um conhecimento oculto ainda mais poderoso: não sabíamos como parar o que quer que estivesse acontecendo entre nós.

Não ousei cortar a distância porque sabia que, se o fizesse, estaríamos quebrando o que ela mesma estava dizendo, que deveríamos parar.

— E onde isso nos coloca? — perguntei, fazendo com que uma careta atravessasse seu rosto.

— Queria poder saber. — Riu sem humor. — Retiro o que eu disse, sabe. Você é sim meu caso mais complicado. — Atirou, brava, uma raiva potente quase não cabendo em seu corpo pequeno, e aquilo não deveria me deixar contente. Mas deixava.

— Espero que você não fique beijando seus casos difíceis por aí. — desejei, e ela revirou os olhos, desviando o rosto para a parede ao meu lado no gesto mais fofo de todos, envergonhada.

— Idiota. — murmurou.

Eu era fascinado pela Marina firme, advogada séria e competente, mas havia algo tão atraente naquela nova faceta, na forma humana, livre e sem edições que ela estava me mostrando.

Não conseguia deixar de me perguntar sobre todas as coisas que tinham acontecido em sua vida que a fizeram montar aquela armadura. Era errado, talvez o maior erro de todos, mas queria remover cada pedaço daquela proteção, ver a pessoa por baixo dela sabendo que me encantaria.

— E o que foi aquele beijo? — perguntou, a voz mais baixa, quase um sussurro.

— Não sei. — admiti, e ela bufou, frustrada.

— Por que não pode simplesmente dizer que não significou nada? — implorou, quase como se quisesse que eu a rejeitasse.

Mas eu não conseguia.

— Porque estaria mentindo. — esclareci, fazendo com que ela fechasse os olhos. — Prometo falar a verdade, nada além da verdade. — brinquei um pouco, e seus lábios se contraíram, como se ela tentasse esconder um sorriso.

— Você sempre dá um jeito de falar uma coisa engraadinha, não é? — questionou, abrindo os olhos, a expressão doce.

Marina mordeu o lábio inferior, quase podia ver as engrenagens girando em sua cabeça como se ela tivesse em um debate interno para falar algo. “*Diz*”, minha língua coçou para incentivar, mas me mantive em silêncio.

Antes que ela pudesse falar, a porta abriu atrás, e Junior enfiou a cabeça para dentro, como se estivesse checando o terreno antes de entrar. Amava meu melhor amigo, mas ele tinha o dom de aparecer sempre que era inconveniente.

A expressão afetada se desfez no rosto da advogada quando viu que tínhamos companhia, deu um passo para o lado, dando espaço para o intrometido entrar, mas não sem antes dizer:

— Não sei o que a OAB pensaria de acadêmicos do Direito fazendo manifestações contra escritórios renomados. — falou tranquila e venenosa, do jeito que eu estava acostumado a vê-la me ameaçar, mas dessa vez havia um tom de diversão em sua voz.

Meu amigo não captou a brincadeira.

— Eu disse pra ele que a gente não devia! — Junior se explicou, entrando finalmente, a mochila da aula ainda nas suas costas. — Doutora Marina, eu não...

Doutora Marina.

Gostei disso nela.

— Estou brincando, Júnior. — garantiu, se virando para sair pela porta em que entrou. Vê-los lado a lado era quase cômico, a advogada não alcançava nem os ombros dele, mesmo assim parou apenas para sussurrar: — Por enquanto.

O homem engoliu em seco, seu pomo de Adão sacudindo com a ameaça nada velada.

Eu não deveria ficar excitado ao ver Marina Dantas ameaçando meu amigo. Mas ainda assim eu estava.

— Eu vou voltar. — prometeu, virando a cabeça um pouquinho apenas para olhar para mim, e soou como um aviso.

— Sei que sim. — garanti e ela saiu pela porta, desaparecendo, mas deixando várias perguntas na minha cabeça.

— Vocês estavam prestes a se pegar. — Júnior acusou, e eu dei um pulo, assombrado por aquelas palavras.

Uma coisa era eu saber que eu estava atraído por ela, outra bem diferente era ter meu melhor amigo jogando aquilo na minha cara.

— O quê? Claro que não. — disse falsamente ultrajado e fui ignorado, o homem tirou a mochila de seus ombros, deixando sobre a mesa que Marina sempre ocupava, e me lançou um olhar de águia.

Júnior nunca perdia nada.

— Você está sofrendo de um caso crônico de MC Rick. — acusou, e fiz uma careta.

Desde que tinha entrado na faculdade, meu amigo tinha as mesmas referências de seus colegas de turma de dezenove anos. Era irritante.

— O quê? — ergui uma sobrancelha, cruzando os braços e esperando que ele fizesse algum sentido.

— Quem ama bloqueia. — completou como se fosse óbvio.

— Do que você está falando? Não é mais uma dessas suas besteiras de adolescente da atlética universitária, né? — Ele tentou me vender rifas para os jogos inter atléticos, sabia que isso logo começaria a mexer com seus neurônios.

— Eu te odeio, mas amo sua sentada. — explicou por fim, e eu fechei os olhos, apertando a ponte do meu nariz, desejando ter ouvido errado.

Júnior estava fazendo comparando a complicação da minha vida com um funk de BH? Aparentemente sim.

— Podemos apostar: você e essa advogada ainda vão se pegar muito. — garantiu, e preferi não o olhar porque podia acabar denunciando coisas que não gostaria. — É só uma questão de tempo.

E eu tinha medo de que ele estivesse certo.

Capítulo 16

E S T E V Ã O



Capítulo 16 | Estevão

— Só alguns drinques. — Júnior reclamou quando parou ao meu lado na calçada do BH Experience, um bar superfaturado e com um menu furreca demais para o preço que cobravam em porções. — E você me deve. — apontou, as luzes do letreiro de neon azul piscando em seu rosto.

— Já estou aqui, não estou? — perguntei, apontando para mim mesmo, garantindo que eu estava lá e que não era uma miragem.

Meu amigo tinha vindo do nada com aquela ideia, em plena terça-feira irdos para um bar em específico para que eu pudesse compensar o fato de que ele tinha participado de uma manifestação num escritório de Direito. Sua lógica era: “se eu ficar na lista proibida dos estágios, então pelo menos você tem que sair comigo para encher a cara”.

Nunca tínhamos ido ao BH Experience, era mais uma das coisas de jovem que seus novos colegas de faculdade estavam ensinando a apreciar como *playlists* de funk e *lives* de *react*. Não reclamei, entrei em seu carro usando minha melhor roupa, que consistia em uma camisa preta idêntica às que eu usava na Avelar Avelã e calça cargo cáqui com tênis surrados. Meu melhor não era lá essas coisas.

— Sim, você está. — deu um sorriso enigmático e indicou que eu entrasse na frente.

— Você está meio estranho, sabia. — apontei quando passamos pela entrada com um aquário de um dois metros de largura cheios de peixes coloridos. — Não me diz que está me levando para uma

reunião de Atlética. — forcei um falso tom ultrajado, e ele riu atrás de mim.

— Você está muito desconfiado, Estevão. — soou quase irônico. — não posso querer um dia em paz num lugar legal com meu melhor amigo?

Aquele não era exatamente o adjetivo que eu usaria para o bar. Algo como “Fenda do Biquíni” ou “Banheira do Gugu” descreveria melhor, tudo tinha uma estética meio água, oceano ou decorei-com-o-que-encontrei-em-um-ribeirão.

As paredes eram adornadas com redes de pesca velhas, dando uma atmosfera quase rústica, apesar das várias luminárias pendentes. Mesas de madeira desgastada estavam distribuídas pelo espaço amplo, cada uma decorada com conchas e estrelas do mar em miniatura, dando a impressão de que você estava sentado em um recife de coral.

Tudo muito legal, exceto pelo fato de que estávamos no coração de Minas Gerais e que a praia mais perto estava a mais de quinhentos quilômetros.

— Nada de errado se... — comecei a dizer, olhando em direção ao balcão, onde os *barmen* vestidos em roupas de marinheiro faziam drinques. Mas não foi isso que chamou minha atenção.

Foi algo muito maior. Ou menor, dependendo do ponto de vista.

— Não! — sufoquei, mas, antes que pudesse sair correndo, duas mãos fortes agarraram meus ombros.

— Estevão, me escuta... — Junior choramingou atrás de mim — vai ser bacana. — implorou.

Não parecia nada divertido para mim porque, perto do bar, sentadas em banquinhos próximos, estavam Marina Dantas e sua amiga Cecília. Mesmo de costas, consegui identificar as duas porque os cabelos cheios e sedosos da minha nêmesis eram inconfundíveis, mesmo na iluminação baixa. Queria me afundar naqueles cachos, que eram minha mais recente obsessão, e eu os reconheceria em qualquer lugar.

Desviei o olhar quando vi suas coxas expostas por um vestido lilás. Puta que pariu. Eu não aguentaria aquela cena.

Me virei devagar para trucidar aquele traidor com meu olhar.

— Você armou isso. — acusei, e seu lábio inferior se projetou para cima, magoado.

— Essa não é exatamente... — começou a se defender, e quase

fiquei orgulhoso por ele estar fazendo suas primeiras falcatruas como advogado. Uma pena que elas estavam sendo comigo.

— Explique. — falei entredentes.

— Cecilia e eu trocamos números. — desembuchou, falando o nome com a voz macia. — e ela achou que seria uma boa ideia se...

— Se você me trouxesse para perto da minha inimiga pessoal? — completei para ele que revirou os olhos dando um tapinha no meu ombro.

Isso explicava por que ele estava usando cordão de prata e perfume caro. Não era uma saída entre amigos, não tinha se arrumado todo para mim, Junior estava tentando impressionar a garota. Não uma qualquer, mas a melhor amiga de Marina Dantas.

— Ceci e eu concordamos que essa coisa de inimigos é muito quinta série da parte de vocês. — O apelido soou tão natural na voz dele, que me fez semicerrar os olhos em sua direção.

Há quanto tempo ele estava confraternizando nas fronteiras rivais?

— Marina sabe disso? — perguntei, de repente me sentindo meio ansioso.

E se ela soubesse? Tinha concordado com aquela armação? Se sim, como? Ela estava pensando no beijo? Porque eu estava, muito mais do que deveria. *Merda, podia ter me vestido melhor*, se o projeto de Thiaguinho ao meu lado, com sua calça e camisa jeans estilosos, tivesse me avisado, teria me esforçado mais.

— Ela não sabe, não queríamos contar para vocês. — disse apressado, olhando fixamente para a garota de vestido branco no balcão.

— E por que fizeram isso? — cochichei estressado.

Já dava para perceber que a tal Cecília e Junior combinavam, porque apenas dois loucos armariam uma besteira como aquela.

— Não queria pressionar, estamos conversando como amigos, pensei em algo mais descontraído. — falou ansioso e se virou para mim com as sobranceiras unidas. — acho que ela é a mulher da minha vida, Estevão.

— Pelo amor de Deus, Junior. — Ele encontrava a mãe dos filhos dele pelo menos uma vez por ano.

Meu amigo tinha sido criado por pais que foram os únicos namorados um do outro, confiava em amor eterno e em todos os clichês que as músicas do Roberto Carlos que cresceu ouvindo

ensinavam. Para ser sincero, eu também acreditava naquela baboseira, mas não estava tão concentrado em procurar pela minha alma gêmea quanto ele.

— É sério! — garantiu. — Quebra essa pra mim, vai? Só umas cervejas, depois você pega meu carro e volta pra... — mas, no meio do seu pedido, a tal Cecília virou para trás, apreensiva, os olhos arregalados e uma careta incomodada.

Ao lado dela, Marina tombou de lado sob o balcão, quase caindo, seus ombros sacudindo pela risada.

— Ah, meu Deus. — Gemi e puxei Junior pelo braço, trazendo-o junto comigo.

Aquilo sim era uma pegadinha digna do Programa do Sílvio Santos.

— Acha que eles me serviriam mais uma Cuba Libre? — nos aproximamos, e a voz que eu conhecia e que era sempre plácida e controlada, digna de discursos presidenciais, perguntou sem dicção, as palavras emboladas.

— Você nem terminou a primeira, amiga. — Cecilia tocou o ombro desnudo da advogada, que riu.

— Ela tá... — Junior disse, curioso, sem uma conclusão.

— Bêbada pra caramba. — completei quando estávamos a poucos passos delas.

Parecendo ouvir minha voz, Marina deu um pulo em seu banquinho e o girou, se desequilibrando no processo de mover por apenas alguns centímetros. Seus olhos castanhos caíram em mim como se me procurassem, e fiquei imóvel esperando por sua reação.

Ela estava *linda*.

O cabelo estava solto como sempre, mas dessa vez ela usava acessórios dourados, com brincos e pulseiras chamativas de ouro. Seus lábios estavam cobertos por uma camada generosa de um gloss rosado de um tom parecido com o do vestido, e eu mal conseguia desviar os olhos dali. Qual seria o gosto? A sensação macia?

E de repente ela... sorriu?

— Ceci! — Deu um tapa na coxa da amiga que se encolheu, franzindo o cenho. — Olha quem está aqui — apontou diretamente para mim — Estevão Avelar. — disse meu nome com a voz arrastada, inclinando-se para a frente e tropeçando no ar.

Soltei Junior e, por instinto, segurei-a, posicionando-a de volta na cadeira, a frente única de seu vestido me deu acesso aos ombros

desnudos, com apenas a corrente de uma bolsinha, a pele era macia, quente, me desconcentrando. Num gesto inesperado, ela esfregou a lateral do rosto contra o meu peito como um gatinho.

— Estou sonhando? — perguntou olhando para cima, e eu não queria soltar.

— Não está, docinho. — Adoraria ver a cara dela assistindo àquela cena sóbria. — Oi, Cecília. — cumprimentei, e ela ficou de pé, deixando uma carteira prata sob o balcão junto da cerveja inacabada.

— Oi, Estevão. — Esticou-se e deu um beijinho rápido na minha bochecha, porque seu foco era outro. — Oi, Júnior — sua voz se derreteu e virei a cabeça para assistir às mãos do meu amigo posicionadas na cintura dela protetoramente enquanto davam um abraço longo demais.

— Acho que eles estão num *date*. — Marina sussurrou, tombando para o lado apenas para ver a mesma cena que eu.

Num solavanco, a advogada voltou para a posição ereta, seus lábios formando um beicinho curioso.

— O que eu estou fazendo aqui então? — questionou, e era meio divertido ver a senhorita-sabe-tudo ficando confusa.

Era fofo também.

— Boa pergunta. — concordei, e meu amigo finalmente soltou a mulher e o sorriso que os dois deram mostrou a sintonia de ambos. Não precisava me preocupar com Junior pedindo-a em casamento ainda naquela noite, porque grandes eram as chances de que Cecilia aceitasse.

— Sentem-se, por favor. — A garota pediu, e Junior o fez como um cachorrinho, ocupando o banquinho ao lado dela.

Me sobrou o outro perto de Marina, que soltei com cuidado, vendo como seu corpo estava meio mole quando se virou para frente do balcão e procurou com a boca o canudinho de sua taça. Demorou alguns segundos para que ela finalmente começasse a beber.

— Já tomou quantos desse? — perguntei baixinho o suficiente para que apenas ela me ouvisse.

— Esse é o primeiro. — deu um sorriso largo que eu nunca tinha visto antes nela e que me fez querer rir também. Até eu perceber que o copo ainda estava meio cheio.

Uns dois goles tinham deixado Marina assim? Era a resistência mais baixa à bebida de toda a história.

— Ela não é muito boa com álcool, acho que é o tamanho, sobe

mais rápido pra cabeça. — Cecilia disse penalizada. — Eu só não lembrava o quanto.

Marina soltou o canudo, jogando a cabeça para trás e perdendo o equilíbrio no processo. Coloquei minha mão na base da sua coluna, sentindo a pele suave mesmo com o tecido que parecia seda nos separando.

Apesar de já termos nos beijado, era uma das primeiras vezes que eu a tocava daquela forma.

— Deveria ir embora. — Marina disse, coçando a cabeça. — Daqui a pouco tudo vai girar e girar e... — começou a balançar o indicador para cima em movimentos circulares. — Não vou conseguir dirigir. — disse para ninguém particular. — Multa no valor de R \$2.934,70 e CNH suspensa por um período de 12 meses. — A enciclopédia do Direito completou.

Cecilia suspirou, mas deu um sorriso amável para a amiga.

— Tudo bem, querida. Vou te levar. — tinha um tom de decepção ali, mas muito mais cuidado do que qualquer outra coisa. Atrás dela, meu amigo fez cara de cachorro caído da mudança.

Marina deu um pulo, saindo do banquinho e tropeçando no chão, mas mesmo de salto ela conseguiu se manter em equilíbrio, o que era bem admirável.

— Não, não, não! Você depilou as pernas para estar aqui hoje. — Acusou, e eu comprimi os lábios para evitar uma risada.

Quem poderia dizer que, em contato com o álcool, a advogada sempre firme e durona virava uma máquina sem filtro? Era fascinante e, ao mesmo tempo, incrivelmente cativante, como um daqueles documentários sobre estrelas supermassivas em que você sabe o que vai acontecer e mesmo assim não consegue tirar os olhos.

— Estevão pode te levar. — Junior sugeriu, apontando para mim. — Ele dirige, pode ir no meu carro.

Não consegui elaborar uma resposta. Num momento eu estava assistindo à cena mais engraçada e fofa da minha vida, no outro, meu amigo estava me enfiando numa carona não solicitada pela minha inimiga, tudo para poder ter seu encontro.

Que traíra.

— Nada contra você, Estevão, mas não posso deixar minha amiga entrar num carro com um desconhecido. — Fez uma careta, e o fato de que ela se importava me tocou. Marina merecia pessoas que cuidavam dela daquela forma.

Porque aparentemente ela não estava nada interessada em se preservar.

— Ele não é perigoso, alguém com um bigode assim não faz mal a ninguém. — disse e como uma suposta amostra de seu argumento enfiou sua mão esquerda inteira na minha cara, pressionando todo meu rosto. — Eu *amo* o bigode dele, fica tão *sexy* fazendo protestos contra mim.

Ri por debaixo dos seus dedos, ouvindo o maior absurdo da história, mas prometendo para mim mesmo que jamais esqueceria daquelas palavras. Então ela me achava sensual? Mesmo quando eu fazia manifestações em seu trabalho?

— Espero muito que você lembre disso amanhã. — Cecília disse, e Marina se afastou de mim com uma careta para amiga.

— Eu me lembro de *tudo*. — cruzou os braços. — Me pergunta um artigo, qualquer um, eu te falo na hora. — desafiou, mas engoliu seco num sinal claro de que demoraria pouco tempo até que a bebida fizesse seu efeito final no corpo tão pequeno que não aguentava mais do que alguns goles de álcool.

— Tá bom, Show do Milhão, acho que deu para você por hoje. Vou te levar em casa. — antes que eu estivesse de pé, as chaves do carro de Junior já estavam estendidas em sua mão. — Obrigado. — falei irônico, e ele sorriu, contente.

Seu encontro tinha saído melhor do que a encomenda.

— Me ligue quando chegar, Marina. — Cecilia pediu, mas se dirigiu diretamente para mim. — Vou saber se ela não chegar. — A mulher simpática soou tão ameaçadora quanto a amiga podia ser.

As duas formavam um par e tanto.

— Pode deixar. — prometi. — Até mais, tenham juízo.

— Não tenham não. — Marina pediu, e abracei seu ombro, com medo de que ela tropeçasse e caísse.

— Vamos, docinho. — pedi, esperando xingamentos de sua parte, mas, contrariando minhas expectativas, ela tombou a cabeça para o lado, se encostando.

A confiança repentinamente depositada em mim, mesmo que fosse apenas por causa do álcool, fez meu coração palpitar de uma forma inesperada. Marina era, antes de qualquer coisa, minha rival, mesmo assim eu queria ter sua confiança.

Conduzi nós dois de volta para o estacionamento e apertei a chave, abrindo a porta do carona e rebocando Marina para dentro,

tomando cuidado para que ela chegasse sã e salva no banco, sem bater a cabeça ou quebrar um braço, o que, considerando seu estado, era possível.

— Você lembra onde eu moro? — perguntou quando liguei o carro.

— Me fez ir até lá de bicicleta, impossível esquecer. — minhas palavras a fizeram rir porque, apesar de bêbada, ela ainda era Marina Dantas.

— Queria ter remorso sobre isso, mas você estava muito gostoso todo suado. — olhei para o lado, surpreso com a chuva de sinceridade, mas, antes que pudesse comentar, a advogada fez uma careta. — Posso colocar uma música relaxante? Acho que vou enjoar. — pediu, pegando o celular dentro da bolsinha em seu ombro.

— À vontade. — garanti e abri os vidros porque, apesar de merecer, não queria um desastre no carro de Junior.

— *WAKE UP, WAKE UP, GRAB A BRUSH AND PUT A LITTLE MAKE-UP.* — Uma voz gritou de dentro do Iphone, e eu dei um pulo de susto, esperando ouvir algo como Caetano Veloso, Gal Costa, até mesmo um Xuxa Só Para Baixinhos, já que ela fazia parte do demográfico ou *qualquer outra coisa* que não fosse rock pesado.

O cantor continuou a berrar, e Marina colocou o celular ao lado do rosto, como se para ouvir melhor, e deu um sorriso relaxado, deitando a cabeça no banco e sucumbindo à sua canção de ninar maluca.

Me permiti olhar para o lado, fitando a mulher mais absurda que já conheci em toda minha vida.

Marina Dantas era mesmo maluca.

E eu gostava daquilo.

Capítulo 17

ESTEVÃO



Capítulo 17 | Estevão

Marina cantou Linkin Park durante todo o caminho até seu apartamento, fazendo a voz do roqueiro, do rapper e o som da guitarra. Queria ter gravado aquela cena porque, se eu contasse para alguém que a advogada enviada para me irritar conseguia ser mais desafinada que um gato no cio, ninguém acreditaria.

Estava fascinado por aquela nova personalidade. E pelas pérolas que ela soltava sem aviso.

— Estevão... Você é padeiro? — disse de repente quando paramos no sinal vermelho e Bring Me To Life do Evanescence parou finalmente.

— Marina... — avisei, revirando os olhos. Esperava tudo, menos cantadas batidas.

— Porque seu pai é um sonho. — murmurou, rindo de si mesma. — Ai... errei! Não é assim! O padeiro é um sonho! Estevão... seu pai é padeiro?

E aquilo se seguiu por pelo menos uns dez minutos.

— Você já reparou como Avelar Avelã parece um trava língua? — perguntou. — Fala três vezes rápido aí... Avelar Avelã, Avelar Avelã, Avelar Avelã. Consegui! — bateu palmas para si mesma.

Era impressionante o quanto ela estava totalmente fora da casinha e, ainda assim, muito fofa.

Dirigi pela noite quente, vidros abaixados apenas por precaução, mas também porque eu gostava de ver a forma como o

vento batia contra seus cachos, fazendo com que eles tremulassem, dançando no ar.

Ela estava linda.

E aparentemente bem mais sociável.

— Boa noite, seu Dilson. — cumprimentou sorridente, sem a música alta, como se encontrasse um amigo de longa data, quando a ajudei a não tropeçar pelo hall de entrada do seu prédio.

O homem de bigode, o mesmo do dia em que levei a entrega até o apartamento e que me ignorou completamente, sorriu animado para ela como se realmente fossem muito próximos.

— Dona Mari. — quase cantarolou, mas quando seus olhos me encontraram, o sorriso em seus lábios só aumentou. Nunca tinha ouvido ninguém a chamar por aquele apelido, combinou com ela. — trouxe visita pra casa.

— Esse é meu inimigo pessoal: Estevão Avelar. — apontou para mim, trazendo uma careta confusa para o rosto do porteiro. — Ele veio me deixar em casa.

— Oi. — cumprimentei e abracei os ombros de Marina, impedindo que ela caísse de novo. Era um milagre ela ainda não ter quebrado o pescoço usando saltos altos quando ficava tão bêbada e descoordenada. — Vou só ajudá-la a subir. — informei mesmo que não precisasse.

Queria que as pessoas ao redor de Marina soubessem que ela estava segura ao meu lado. Apesar de, provavelmente, ser eu a pessoa correndo perigo em sua presença. A advogada já tinha se provado competente em tentar de forma indireta me matar.

— Boa noite. — O porteiro desejou, e reboquei a encenqueira comigo até o elevador.

A porta de metal abriu e segurei sua mão, tomando cuidado para que o salto não ficasse preso no vão. Para minha surpresa, Marina acolheu meus dedos entre os seus com naturalidade, sua mão pequena em comparação à minha, as unhas longas e pintadas com cuidado brincando contra a minha palma.

Aquilo me desconcertou. Parecia tão natural, não apenas em seus movimentos tranquilos, mas porque o carinho não trouxe nenhum sobressalto, era como se tivéssemos vivido anos daquilo ao invés de algumas semanas de comportamento antagônico.

Seu mindinho brincou com o meu, depois nossos polegares, até que as mãos estivessem unidas, as palmas se abraçando. A diferença estava nos tamanhos, nos tons de pele e até nas texturas, a dela macia

e suave enquanto a minha calejada, com as cicatrizes do trabalho na cozinha. Mesmo assim pareciam se encaixar bem.

Ela levantou seu braço, levando o meu junto consigo, como se estivéssemos em uma cena de Ghost, apenas para dizer:

— Você deve amassar uns pães muito legais com essas mãos. — disse, as palavras emboladas, e eu gargalhei quando a porta se abriu e Marina me puxou para fora.

O corredor era exatamente como me lembrava, mas dessa vez escuro até que os sensores de movimento captassem a advogada me arrastando até o duzentos e um.

— A chave. — ela resmungou, soltando minha mão, sem o contato, minha pele parecia formigar, flexionei os dedos, tentando entender a corrente elétrica estranha ali.

Não era um bom momento para ter sinais de infarto.

Marina destrancou a porta com agilidade, apesar de seu estado bêbado, e bateu a parede ao seu lado por dentro antes de entrar, a luz acendendo e me dando a visão de sua sala. Me senti tendo acesso a um mundo mágico.

A primeira coisa que chamou a atenção foi a atmosfera elegante e acolhedora do ambiente. Por sua personalidade difícil, eu tinha certeza de que a casa de Marina pareceria muito mais com a caverna da Cuca do sítio do Pica Pau Amarelo do que com um *showroom* de decoração.

Um sofá marrom estava no centro e sobre ele havia uma manta creme com almofadas combinando, abaixo um tapete felpudo branco e uma mesinha de centro de espelhos, o tipo que estava em revistas de arquitetura pelo bom gosto. Enquanto cortinas de linho leve em tons neutros emolduravam as janelas, filtrando a luz dos postes da rua de maneira delicada.

No canto via uma estante repleta de livros de capas de couro, grossos que provavelmente tratavam de assuntos de direito. Quis ter a oportunidade de entrar e ler os títulos que não entenderia nada, mas me fariam descobrir mais sobre os interesses de Marina. No entanto, não poderia, porque meu foco era impedir que ela caísse.

— Esse salto dói pra caralho. — resmungou entrando e se jogando sobre o sofá, a bolsa em seu ombro caindo no chão. — Por que tá tudo girando? — perguntou, olhando para o teto, e fez uma careta.

Não desejava a ressaca que ela teria nem para meu pior inimigo, e olha que *ela era* meu pior inimigo.

— Acho melhor você beber um pouco de água. — falei, fechando a porta atrás de mim. Não queria deixá-la ali sem que ela pelo menos tivesse se hidratado e tirado os sapatos mortais.

— Tem Coca na geladeira. — apontou para cima do seu ombro, indicando o corredor escuro à minha frente, mas não me atrevi a sair.

— Essa não é uma boa ideia. — Não seria o desleixado que daria refrigerante para alguém que precisava de água.

Mas Marina não parecia concordar comigo.

— Eu meio que gosto de você, Estevão. — confessou, bêbada. — Beberia um fardo inteiro de Coca-Cola por você.

— Não faça isso. — pedi, minha voz fraca pela confissão boba.

Meio que gosto de você.

— Já fiz. — suspirou, apontando para uma lixeira que ficava perto da porta e tinha *algumas* latinhas vermelhas amassadas lá dentro.

Cobri meu bigode com a mão, como se estivesse o ajustando quando na verdade escondia um sorriso. Era isso que minha inimiga número um fazia quando não estava transformando minha vida num inferno? Bebia refrigerante e pensava em mim?

— Vou pegar sua água. — avisei, ainda soando como uma risada.

Caminhei pelo apartamento até a cozinha, que era pequena, quase não funcional e que apontava alguém que cozinhava pouco. Um fogão básico, bugigangas como microondas, fritadeira elétrica e torradeira estavam espalhadas por toda parte, o *chef* de cozinha em mim estremeceu.

Peguei um copo americano no corredor e enchi até o topo com água do filtro na torneira. Me obriguei a não reparar nos pequenos detalhes em sua cozinha, das fotos polaroids na geladeira, os potes organizadores em ordem decrescente no armário, detalhes da vida de Marina que eu queria conhecer.

Caminhei de volta para a sala, vendo-a em uma nova posição, dessa vez sentada, com os olhos fechados, pálida e com a cabeça descansando no encosto do sofá, sua expressão em agonia.

— Preciso fazer uma pergunta muito séria — resmungou, e me peguei em alerta, deixando o copo na mesinha de centro com medo do que ela poderia questionar.

O que está fazendo aqui? Por que parece tão obcecado por mim? Por que não consegue tirar os olhos do meu rosto?

— Pode perguntar. — falei cuidadoso, e ela abriu os olhos um pouquinho, apenas para gemer.

— Você vai chorar no meu funeral? — disse e se jogou para o lado, o rosto batendo na almofada.

Ri de seu drama.

— Você não está morrendo. — lembrei, e ela sacudiu a cabeça.

— Estou sim... vou... — abriu os olhos num solavanco, o rosto perdendo a cor quando se levantou de repente. — vou vomitar! — avisou e correu para fora do sofá, seguindo para uma das portas fechadas à minha direita.

Segui Marina e cheguei a tempo de ver quando ela se debruçou sobre a privada do pequeno banheiro branco e jogou todo o conteúdo de seu estômago para fora. Não pensei duas vezes antes de entrar e segurar seus cabelos com a mão esquerda. Apoiei delicadamente a direita em suas costas, oferecendo um apoio silencioso. Palavras de conforto se formavam em minha mente, mas me obriguei a permanecer em silêncio.

Marina gemeu baixinho, e meu coração se apertou, apesar de eu saber que não era nada além de um desconforto por causa da bebida. Não queria que nada de ruim acontecesse com ela. Nunca.

Dei descarga e me permiti um ato de atrevimento, soltando-a para mexer no armarinho embaixo da pia.

— Não tem Coca-Cola aí. — ela murmurou e se sentou sobre a privada fechada, os olhos ainda nublados e fora de órbita.

Seu aparente vício em refrigerante me deixou curioso, imaginei que era do tipo viciada em tomar veneno, sacrificar virgens, coisas mais parecidas com seu comportamento.

Peguei a escova que era surpreendentemente rosa e a pasta de dente de menta, apliquei um pouco sobre as cerdas e estiquei em sua direção.

— Vai se sentir melhor de dentes escovados. — disse baixinho, me lembrando do meu avô e de como todas as vezes em que passei mal, mesmo quando já era quase um adulto, ele fazia a mesma coisa por mim.

O cuidado às vezes estava nas pequenas coisas. E eu estava cuidando de Marina.

Ao invés de pegar a escova da minha mão, ela fechou os olhos e abriu a boca, segurei seu queixo com delicadeza, deslizando as cerdas pelos dentes perfeitos. Marina suspirou suavemente, relaxando sob o

gesto, reconfortada.

Senti uma mistura de sentimentos doces se instalando em meu peito. Apesar de nossa rivalidade, ali, naquele momento de vulnerabilidade, éramos apenas duas pessoas, conectadas pelo desejo mútuo de cuidar e a necessidade de ser cuidada. Era fácil.

— Pronto. — falei num murmuro, não querendo quebrar a aura de tranquilidade que caiu sobre nós.

Dei um passo para o lado e Marina cuspiu na pia, abrindo a torneira e lavando a boca para em seguida fechar a água e secar seu rosto na toalha.

— Tô com sono. — bocejou, e eu deixei a escova sobre a pia, ao lado da pasta de dente.

— Vou te colocar na cama. — prometi, e ela tomou a dianteira, andando devagar para a segunda porta fechada, abrindo-a dessa vez sem acender a luz.

Na penumbra não consegui ver muito além da cama de casal no centro do cômodo, a janela fechada com cortinas claras e a silhueta de Marina deitando-se sobre o travesseiro, de bruços.

Fiz um verdadeiro malabarismo para tirar os saltos de seus pés, mas consegui, apesar da pouca iluminação. Livre das tiras em seus tornozelos, a mulher gemeu baixinho, esticando as pernas, confortável.

Me endireitei, permitindo olhá-la uma última vez.

— Pode me dar um beijo de boa noite? — pediu baixinho, a voz embaralhada, podia ver que seus olhos estavam bem abertos.

Por um momento, hesitei, debatendo internamente sobre o que fazer. Eu não era o idiota que beijaria a garota bêbada, mas ela soou tão doce, necessitada. Marina não queria uma sessão de pegação, ela queria... *afeto. Cuidado.*

Sorri e inclinei-me sobre ela e, ao invés de um beijo apaixonado, deixei meus lábios roçarem suavemente em sua testa.

— Boa noite, Marina. — desejei baixinho, se não estivéssemos tão perto, talvez ela não ouviria.

No entanto, ela escutou.

— Boa noite, Estevão. — suspirou, ajeitando-se sobre o travesseiro, as pálpebras caindo. — Obrigada por me trazer em casa.

— Conte comigo sempre. — garanti sem perceber que estava, na verdade, fazendo uma promessa enorme.

Eu queria que Marina Dantas confiasse em mim.

Capítulo 18

M A R I N A



Capítulo 18 | Marina

Um copo de água e toda a minha dignidade estavam na mesinha de cabeceira ao meu lado quando acordei. O primeiro deles me comoveu, *flashes* de memória de uma voz suave e atraente me dizendo que eu deveria ingerir algum líquido, mãos segurando meu rosto com delicadeza enquanto meus dentes eram escovados.

Tão cuidadoso.

E eu estraguei tudo com minha boca grande e aberta.

Tinha certeza de que cantei quase todo o Hybrid Theory enquanto Estevão dirigia para casa, e o pior veio depois. Chamei Estevão de gostoso, contei sobre meu vergonhoso vício em Coca-Cola e...

— Ah, não. — gemi, enfiando minha cabeça no travesseiro, escondendo meu rosto, apesar do latejar irritante das minhas têmporas.

Tinha pedido para Estevão Avelar me beijar.

E não implorei por um beijo qualquer. Pedi um beijo de “*boa noite*”. Seria a coisa mais patética do mundo se não tivesse sido tão... *carinhoso*. Apesar da memória turva pela bebida, eu conseguia me lembrar de seus lábios roçando minha testa, do cheiro bom que vinha da sua pele, da forma macia como ele disse meu nome.

Tudo aquilo acordava algo em mim que eu queria esconder, ignorar algo que gritava latente dentro de mim: eu estava atraída por Estevão. Muito. E era mútuo.

Eu era uma pessoa racional e precisava confrontar o fato de que nossos interesses estavam de lado opostos, não havia como, ao mesmo tempo, conseguirmos o que queríamos sem tirar algo enorme um do outro. Nosso envolvimento seria um erro.

No entanto, a verdade permanecia inegável. Estevão mexia comigo de uma maneira que nenhum outro cara havia feito antes, despertando sensações que eu mal sabia que existiam dentro de mim. Como a mistura de ódio e atração podia criar algo tão instigante?

Me levantei, sentindo a dor de cabeça chata, mas ignorando-a porque teria um dia enorme pela frente. Segui descalça pela sala e achei minha bolsa jogada no chão, perto da mesinha de centro. Recuperei meu celular quase sem bateria dentro dela, com o Spotify ainda na minha *playlist* de relaxamento.

Havia quinze mensagens de Cecília.

Ceci: Me avisa quando chegar em casa

Ceci: Você deve estar desmaiada, né? Mesmo assim me avisa

Ceci: Seu amigo padeiro disse pro Junior que te deixou em casa.

Ceci: Me prova.

Ceci: Manda uma foto segurando um garfo.

Ceci: Estou levando o Junior para minha casa

Ceci: Mas vai ser só uma saideira.

Ceci: Não é nada disso que você estava pensando

Ceci: Eu menti

Ceci: Era exatamente isso que você estava pensando

Ceci: Meu Deus!!!!!!!!!! QUE HOMEM

Ceci: Não queria ficar com ele no primeiro encontro

Ceci: Mas a vida é muito curta pra não fazer o que eu quero

Ceci: Me liga amanhã, tenho que te contar TUDO

Sorri vendo como ao longo da noite minha amiga mudou de ideia e não se arrependeu. Tinha curtido sair com o cara com quem eu nem sabia que ela estava flertando, pra começo de conversa. Mas essa era Cecília. Corajosa, destemida, fazendo o que achasse certo e descobrindo sempre que não havia problema nenhum com isso.

Enquanto eu era... eu.

Viciada no trabalho, correndo muito mais atrás de oportunidades racionais do que das coisas que eu realmente queria.

E, no momento, o que eu mais desejava era Estevão Avelar.

Dei uma resposta rápida para minha amiga, dizendo que estava viva e assim que chegasse do trabalho queria saber todos os detalhes.

Segui para o banheiro, já vestida e me olhando no espelho, a maquiagem já meio derretida, o cabelo bagunçado por dormir sem a touca de cetim — alguém tinha que ensinar para Estevão o ritual de colocar uma cacheada na cama —, mas havia um brilho estranho nos meus olhos, algo febril e animado. Talvez fosse o efeito do álcool agindo do meu corpo.

No banho, me dei o luxo de tratar com calma os meus cabelos, apesar do tempo curto. Era minha forma de me acalmar. Cresci com as pessoas me dizendo que meu cabelo era difícil de cuidar, mas, ficando mais velha e tendo acesso a produtos e técnicas certas, aprendi que o crespo cacheado era tranquilo, mais fácil do que horas de chapinha e uma oportunidade de me reconectar comigo mesma.

Esse era meu *Modus Operandi*. Estava ansiosa? Fazia uma hidratação. Com medo de algo? Uma umectação poderosa. Queria mudar? Finalização nova.

Debaixo da água, desembaracei os fios das pontas à raiz, apliquei dois shampoos como os cabeleireiros calvos do TikTok instruíram, enxaguei com calma e coloquei um pouco de óleo reparador, em seguida, máscara de nutrição. Usei o tempo de ação para depilar as pernas, *sem nenhuma intenção oculta*. Tirei o produto depois de cinco minutos e condicionei, sentindo os fios sedosos e minha confiança restaurada.

Saí do banho renovada, mas a água não foi capaz de lavar meus pensamentos.

Finalizei os cachos para dar volume, hidratei a pele e me vesti com um blazer bege, saia da mesma cor e camisa branca, afinal de contas, eu teria trabalho pela frente.

Na Avelar Avelã porque nada havia mudado.

Ou pelo menos era o que eu tentava me convencer.



Estacionei em frente à padaria, e tudo parecia o mesmo. Fachada de tijolinhos, mesma placa de “Aberto”, mesmo sol quente, rua vazia e o zumbido longe de construção civil. Então por que sentia que algo havia mudado?

Saí do carro, carregando minha bolsa, apertando a alça de

couro com força o suficiente para ouvir Cecília gritando em minha mente: *pare de fazer isso com minhas bebês!*

Empurrei a porta ouvindo o sininho sobre minha cabeça, o cheiro doce de pão invadiu meu olfato, mas diante de mim algo chamou mais atenção, porque o balcão que sempre ocupava um padeiro irritante estava vazio.

Exceto por uma lata de Coca-Cola.

Aquele filho da puta.

Ouvi barulho de passos trôpegos pela escada, e ele apareceu usando aquele avental estúpido que não devia ser tão charmoso. Seu rosto era espantado, mas de repente um sorriso começou a nascer em seus lábios, como se fosse Natal e houvesse um laço na minha cabeça. Cruzei os braços, não querendo me sentir tão afetada.

— Você veio. — soou admirado.

— Trabalho aqui, lembra? — Brinquei, e ele revirou os olhos, descendo o último degrau.

— Na verdade, não trabalha não.

— Mera formalidade. — dei de ombros, tentando parecer relaxada apesar do martelar em meu peito.

Por que eu estava nervosa? Era um dia normal. Me sentaria naquela cadeira, estudaria casos com precedentes para a ação da JL Engenharia contra a Avelar Avelã, cuidaria de outros casos. Admiraria Estevão quando achasse que não estava olhando e fingiria não ver quando ele me fitasse. Era isso.

Não era?

— Peguei pra você. — apontou para a lata fechada no balcão.

— Agora sabe o meu segredo. — Meus pés, contra minha vontade, caminharam até que eu tocasse o refrigerante. Para mais perto dele.

Um silêncio tenso caiu sobre nós, e comecei a brincar com as gotículas de água sobre a superfície de alumínio. Desenhei padrões bobos até perceber que eram as letras E S T E V A O.

— Que você não aguenta mais do que alguns goles de bebida alcoólica? — perguntou, enfiando as mãos dentro dos bolsos da calça jeans e se aproximando devagar também. Tudo em nós era vagaroso, contido.

Eu tinha duas opções, agir com a cabeça ou com os meus desejos. Sabia qual das duas eu escolheria em qualquer outra hipótese.

A racionalidade. Sempre foi assim para mim, cada opção que fiz ao longo dos anos foi pensando no futuro, em como aquilo me beneficiaria a longo prazo.

Os estudos para faculdade em detrimento a curtir os anos de caloura e veterana. Estabilidade da Braga Neto contra meu sonho de abrir um escritório. Escolhas fáceis.

Mas aquilo era diferente.

Porque optei pelo que desejava.

— Que eu peço por beijos de boa noite antes de dormir. — não soei sedutora como gostaria. Pelo contrário, pareci confusa, quase sem sentido.

Mas Estevão entendeu, porque ele sempre sabia me desvendar.

— Você disse que iríamos conversar sobre... *nós*. — Me arrepiei, ouvindo aquela palavra, *nós*, como se existisse um “eu e você” sólido, estabelecido.

E queria que houvesse porque, de repente, a ideia de estar com Estevão parecia mais certa do que qualquer decisão racional que eu já tinha tomado antes. Podia estar complicando a grande chance da minha vida, a maneira mais rápida de alcançar o objetivo que estava trabalhando duro para conseguir.

A mensagem simples de Cecília rodou na minha mente: *a vida é muito curta pra não fazer o que eu quero*.

E eu queria Estevão Avelar.

— Quero propor um acordo. — falei firme, já que juridiquês era a minha língua materna.

Sabia como fazer um bom contrato. Não devia ser mais difícil do que aquilo.

— Um acordo... — repetiu, erguendo uma sobrancelha, confuso.

— Proponho que tomemos uma medida em relação a essa questão, colocando de lado nossos interesses conflitantes e agindo sobre essa situação. — *merda... eu não era boa naquilo*.

Estava errada.

Eu entendia como falar em júri, não com um cara bonito demais para meu próprio bem.

Estevão parecia confuso. No mínimo.

— Uma questão... — repetiu como se estivesse diante de um quebra cabeça, as sobrancelhas grossas se unindo. — e agir sobre essa

situação... — franziu o cenho. — Marina, preciso que seja mais clara porque o que eu estou pensando... não é nada jurídico. — implorou.

Eu *devia* ter ido a mais festas do que em clube de debates e simulações da Mini ONU.

Fechei meus olhos e resumi o assunto:

— Estevão, quero que você me foda como se eu não quisesse destruir sua vida. — As palavras saíram como um suspiro quase derrotado.

Talvez estivesse ficando doida, aquelas histórias da minha avó sobre pessoas que enlouqueciam de tanto estudar deviam ser verdade porque ali estava eu, depois de tantos anos de Direito, implorando para transar com o homem que podia acabar com minha carreira.

Um segundo de silêncio tenso se passou entre nós e abri meus olhos a contragosto para olhá-lo e ver o estrago que estava feito. No entanto, ao invés de puro choque, Estevão parecia... em êxtase.

Seus lábios se separaram, e os olhos castanhos brilhavam de uma forma que fez com que meus joelhos ficassem fracos.

— Você... — começou a perguntar, mas o parei com medo de que a racionalidade assumisse de novo.

— Sim. — balancei a cabeça, engolindo seco.

Dessa vez não houve pausa.

Estevão percorreu a distância entre nós, fechando-a com seus braços firmes ao meu redor, gemi apenas com a sensação dos seus músculos abraçando minhas costelas, as mãos tocando minhas costas. O calor dele me tomou antes que os lábios pudessem me encontrar.

O beijo era muito diferente daquele dia sob o sol na feira, pareceu quase tímido, com medo da rejeição enquanto ali Estevão me beijava com firmeza, sua língua dominando a minha enquanto me debruçava sobre o balcão.

Toquei seu rosto, faminta de conexão, queria rastejar para dentro da pele dele até nos fundirmos, descí pelo pescoço, ombros, o peitoral largo, sentindo a diferença de textura entre sua camisa e o avental estúpido que o deixava ainda mais gostoso.

Ele agarrou a sobra interna do meu joelho sem cessar o beijo, trazendo minha perna para cima, para que eu pudesse enlaçá-la ao redor de sua cintura, o tecido da minha saia se acumulando ao redor do meu quadril.

— Ainda somos inimigos? — ofegou no meu pescoço, a voz rouca.

— Acho que não. — murmurei sem forças.

— Porque vou te foder como se a gente se odiasse. — prometeu.

Estremeci, jogando a cabeça para trás, fazendo com que seus beijos tivessem mais acesso ao meu pescoço. Sim, que queria que ele me fodesse com raiva, que descontasse em mim toda a frustração para que eu pudesse devolver todo o ódio.

Meu sangue tinha virado uma mistura quente de tesão e desespero, estava tão entregue que mal ouvi quando o sininho da entrada da padaria tocou.

— Oh! — uma voz feminina soou em choque, e Estevão congelou ainda sobre mim, com minha perna presa em sua cintura. — Eu não sabia que... — me estiquei para ver uma senhora usando roupa de ginástica ficar toda vermelha diante da cena.

Eu não podia julgá-la.

O homem parecia igualmente petrificado vendo a idosinha testemunhar uma cena nada honrosa enquanto estava vindo comprar seu pão de cada dia.

— Estamos fechados. — falei, minha voz trêmula contra a minha vontade.

A velhinha piscou antes de balançar a cabeça e sair, fechando a porta atrás de si.

Muito bom.

Toquei o rosto de Estevão, puxando-o de volta para mim e reivindicando mais beijos. O próprio Hércio Braga Neto podia entrar e eu o convidaria a sair, nada podia me impedir depois que eu tomava uma decisão.

— Você acabou de expulsar minha cliente idosa para a gente transar?

— Sim.

— Marina Dantas. — chamou admirado, a voz grave de humor e desejo. — Você é tão desgraçada que chega a dar tesão.

Não devia ouvir aquilo como um elogio, mas soou exatamente como um quando ele agarrou minha outra perna, abraçando as duas ao seu redor, fazendo com que a saia subisse por completo e minha calcinha branca ficasse exposta, úmida, roçando sobre ele. Choringuei ao sentir a firmeza de sua ereção contra mim.

— Marina. — gemeu quando me projetei para frente, me

esfregando. — Vou te comer nesse balcão se não parar agora.

— Por favor. — pedi.

— Mas eu não posso. — Desvencilhou-se de mim, mas, antes que eu pudesse chorar de frustração, ele me endireitou, mantendo minha mão na sua. — Porque o que eu quero fazer com você precisa de espaço.

— Vai parar agora? — soei desesperada como nunca tinha soado.

Para minha surpresa, Estevão riu, se inclinando para dar um selinho nos lábios já inchados, o gesto foi tão doce que quase apagou as palavras sujas que disse a seguir:

— Não, vou te levar lá para cima e te foder do jeito que você merece. — prometeu e me puxou, guiando-me pela escada acima.

Capítulo 19

M A R I N A



Capítulo 19 | Marina

Algo dentro de mim, uma partezinha que ainda não estava consumida pelo tesão, disse que devíamos trancar a porta, guardar minha bolsa ou qualquer coisa que fizesse sentido, mas eu estava tão entregue que, pela primeira vez na minha vida, a voz racional dentro de mim estava em silêncio.

Antes que ele pudesse destrancar a porta que dava para o segundo andar, Estevão me prensou contra a madeira, suas mãos passeando pelas minhas coxas, o peito colado no meu enquanto os lábios pairavam sobre mim, sem tocar a minha boca.

— Sonhei com isso. — admitiu baixinho, quase vulnerável, e eu entendia o que ele estava falando, sobre aquela atração inexplicável que nos puxava um para o outro.

Me estiquei para um beijo que dessa vez foi tranquilo, toquei seu rosto com o cuidado que reservava para a única pessoa no mundo inteiro que compreendia a loucura em que estávamos metidos.

Nada que fizéssemos ali mudaria o fato de que estávamos em lados opostos, mesmo assim me permiti ignorar o fato. Naquele momento eu era de Estevão, mesmo que por só alguns minutos.

Parecendo sentir a necessidade em mim, ele finalmente destrancou a porta, mas, ao invés de me deixar entrar, me levantou em seu colo, fazendo com que de novo minha saia subisse e a pele das minhas coxas ficasse exposta para tocá-lo.

Segurei a lateral de seu rosto, aprofundando o beijo enquanto

ele nos carregava para dentro. Dessa vez não fiquei concentrada na decoração de seu apartamento, nem poderia, porque todos os meus sentidos estavam sintonizados em Estevão.

Ele me sentou com cuidado em seu sofá e deu um passo para trás, me fitando com uma expressão que não consegui identificar. Fechei minhas pernas por instinto, minhas mãos descendo a bainha da saia, mas o homem se inclinou, me detendo com os dedos longos presos nos meus pulsos.

— Quero olhar para você. — me pediu reverente, não era uma ordem ou algo dito da boca para fora. — Você é tão linda quanto é irritante. — elogiou com um sorrisinho, soltando meus braços, empurrando-os levemente para trás e deixando que suas mãos fossem as únicas sobre mim.

Estevão se abaixou devagar até que estivesse de joelhos à minha frente, e eu afundei no estofado de couro, mordendo meu lábio em expectativa. Beijou minhas coxas, criando uma trilha mansa da pele desnuda e da parte coberta pelo tecido. Sua língua brincou com a pele enquanto o bigode roçava onde seus lábios ainda não tinham chegado.

Os olhos castanhos febris nunca me deixaram, e eu tampouco consegui desviar o olhar.

Sua mão puxou meu tornozelo para cima, recomeçando seu ritual, dessa vez de baixo para cima, e eu arqueei a coluna quando de novo ele voltou a beijar minhas coxas.

— Abre pra mim, docinho. — sussurrou, o apelido provocador tinha perdido toda sua potência de irritação e tinha se tornado erótico.

Obedeci, e suas mãos puxaram o elástico da minha calcinha para baixo. Joguei a cabeça para trás, superestimulada apenas por ser vista por ele. O que ser tocada por Estevão Avelar faria comigo?

Ele se inclinou para frente, abraçando minha bunda e me trazendo para mais perto do seu rosto, afundei no sofá apenas com a expectativa de tê-lo me chupando, seria tão bom, eu sabia que seria. Nunca tinha dado para um cara de bigode, não sabia se tinha diferença, mas... *por que ele não tinha começado?*

Olhei para baixo e o peguei dando aquele sorrisinho provocador.

Filho da mãe... aquilo era hora para brincar de ser inimigo?

— Não vai pedir por favor? — perguntou, apesar de soar divertido, todo seu tesão estava claro.

— Sem gracinhas. — queria parecer firme, mas falhei.

Como represália, ele mordeu a parte interna da minha coxa, apenas alguns centímetros da minha boceta. Por instinto me projetei para frente, querendo encontrar sua boca, mas as mãos me mantiveram firme no lugar.

— Peça, Marina.

Respirei fundo, tentando engolir minha obstinação e... não consegui.

— Você não manda em mim só porque vai me chupar. — lembrei de suas palavras do dia do protesto, e ele riu.

— Como sempre, está certa. — falou, mas não me deu tempo para retrucar, Estevão e se inclinou, a língua finalmente tocando minha carne sensível, e eu ofeguei.

Caralho.

Minha mão agarrou os cabelos curtos, aprisionando-o ali. Não haveria Braga Neto ou JL Engenharia no mundo inteiro que me faria soltá-lo e, pelos sons que estava emitindo, eu duvidava que ele quisesse me largar.

Estevão Avelar chupava boceta muito melhor do que me irritava. E olha que ele era ótimo na segunda coisa. Finalmente entendi o apelo do bigode, a sensação era mágica.

— Não acredito que estou aqui com você. — pausou apenas para ofegar, parecendo maravilhado, e eu toquei meu próprio seio, impulsionada por suas palavras. — Acho que estou ficando viciado.

Sua mão direita soltou minha cintura e seus dedos se infiltraram para baixo de mim, dominando o lugar que sua boca ocupava, senti seu indicador entrar devagar em mim enquanto a língua circulava meu clitóris num padrão ritmado, experiente, enlouquecedor.

Estevão passou a me foder com a boca e os dedos, parei de tentar me conter e gemi alto, ignorando o fato de que lá embaixo mais velhinhas esperando por pão podiam nos ouvir.

Seus movimentos me levavam cada vez mais alto enquanto eu rebojava para aumentar o contato, fazendo com que o orgasmo mais poderoso que eu já tinha sentido em toda a minha vida me arrebatasse.

— Estevão! — implorei, minhas pernas se fechando por hábito para prolongar a sensação, mas não foi necessário porque seus lábios continuaram a me foder como se soubesse exatamente o que eu precisava.

Minha respiração se tornou um gemido cansado, mas ele se levantou sobre mim, dando-me um beijo que tinha o meu gosto e, em um segundo, o tesão foi ao pico de novo. Se cada vez que me tocasse, Estevão me acendesse de volta, teríamos problemas. Deliciosos problemas.

Com a posição privilegiada, desabotoei sua calça, sentindo a umidade salina em meus lábios, mas perdendo a concentração quando meus dedos circularam seu pau. Não consegui beijá-lo de volta porque tive que abaixar a cabeça para olhá-lo.

Bem.. agora tudo fazia sentido.

Ele tinha que ser padeiro porque alguém tinha posto fermento ali.

Puta que pariu. Estevão era grande... e grosso. Os caras na faculdade de Direito não costumavam ser assim. Mas meu inimigo era.

— Preciso dessa boca no meu pau. — Ele ofegou, tocando os meus cabelos com cuidado. — Você manda em mim, eu posso implorar. *Por favor, Marina.* — disse e apoiou ambas as mãos no encosto do sofá.

Escoreguei, serpenteando embaixo dele, e lambi sua glândula, trazendo um gemido rouco para cima de mim. Sorri, amando o controle, e deixei meus lábios escorregarem ao seu redor.

— Abra a boca, mostre a língua. — pediu e segurou sua base, aprumando o corpo e batendo o pênis contra mim. — Porra, sim, olha para mim. *Tão linda.*

E me sentia daquela forma, bonita, atraente e desejável porque Estevão me tocava como se eu fosse digna de adoração.

— Eu não quero gozar assim. — gemeu, seu polegar livre deslizando pelo meu lábio inferior. — Quero estar dentro de você. — pediu, tirando o blazer de mim e se inclinando para me beijar de novo, despindo-me.

— Você pode. — garanti ofegante, e o ritmo de calmaria se desfez, minhas mãos também foram para a camisa dele, tirando-a porque o queria por completo.

Minha saia ficou presa na minha cintura, mas não me importei, minha cabeça tinha um objetivo fixo, nada mais importava, e eu amava aquilo. Amava a forma como meu cérebro sempre pensante e se preocupando com o próximo passo estava em silêncio, concentrado em ver Estevão me deixando nua.

— Não tenho camisinha. — ele gemeu de repente, e nenhum traço de racionalidade falou dentro de mim.

Aquelas palavras não significaram nada no meu cérebro.

— Não ligo. — falei, me aconchegando de volta no sofá. — tomo remédio e... — mordi o lábio inferior, vulnerável, mas ao mesmo tempo sem filtro. — nunca transei sem camisinha antes. Quero isso com você.

Estevão me olhou como se pudesse gozar com aquelas meras palavras e se abaixou de novo para me beijar, saindo dos seus sapatos e jeans.

— Quero isso com você também. — afirmou sincero, tocando meus rostos, cabelos, ombros. — Faço meus exames e está tudo em dia, não costumo... — começou a recitar como um bom moço, e o parei apenas para provocar.

— Transar com advogadas que você odeia.

— Não, isso é só com você. — falou e ergueu minha perna, colocando meu tornozelo sobre o encosto do sofá apenas para ficar entre elas, o pau ainda preso em sua mão. — Apenas para você. — completou, pincelando a glândula pela minha entrada, e revirei os olhos.

Nunca fui egoísta, mas naquele momento queria tudo que Estevão pudesse dar exclusivamente para mim.

Ele entrou devagar, me dando tempo para me acostumar com as suas dimensões, fechei os olhos, me concentrando em relaxar as paredes internas, mas sua mão brincou com meus mamilos, com o vâo entre meus seios e, de repente, eu não tinha mais que me esforçar.

Todo meu corpo queria recebê-lo.

— Porra, você é gostosa pra caralho, Marina. — gemeu, impulsionando-se para dentro e para fora, num ritmo lento. — É tão bom que... — trincou os dentes, fechando os olhos como se quisesse se conter.

— Não, não, não — implorei, erguendo o quadril, seus lábios se separando quando um vinco de prazer cresceu entre suas sobrancelhas —, não para.

— Você tá indo tão bem, docinho. — elogiou, abaixando-se para beijar meus lábios, mas ainda parecia contido.

— Qual o problema? — sussurrei, acariciando seus ombros, ele deu um sorriso duro, abrindo os olhos. — Por que está assim?

— Depois de todo esse tempo te querendo... eu quero acabar com você. — uma corrente elétrica foi descarregada nas minhas veias com aquelas palavras ditas de forma tão culpada.

— Não se segure. — falei, abraçando seus quadris com minhas pernas, e Estevão gemeu.

— Se você precisar que eu pare ou diminua a velocidade, é só me avisar. — pediu torturado, e eu balancei a cabeça.

Estevão estocou com força, firmeza, a mão esquerda segurando minha perna enquanto a direita o sustentava ao lado da minha cabeça. Estava tão molhada, tão entregue, que aos poucos me sentia derreter, me fundir a ele.

Arranhei seu peito, as costas, tudo que minhas mãos podiam tocar no meio do meu transe.

— Marina! — implorou pela última vez, e senti minha boceta se contrair, levando-o para seu próprio orgasmo.

O homem gemeu, deixando seu peso cair sobre mim, e o abracei, trêmula e sem forças.

Uma energia única me abraçou com a sensação de plenitude e pertencimento que jamais havia experimentado antes. Nada nunca se igualaria a aquilo.

— Oi. — sussurrou com um sorrisinho, virando o rosto em minha direção, a pele brilhante pela camada fina de suor.

— Oi — toquei sua têmpora, sentindo o carinho fluindo natural de mim.

— Pra dois inimigos, nós fodemos muito bem, hein? — brincou de leve, e eu ri.

Ele estava certo.

Capítulo 20

M A R I N A



Capítulo 20 | Marina

O que você faz depois de dar igual chuchu na cerca para o seu inimigo declarado? Mais uma coisa que a faculdade de Direito não ensinava. Estava começando a achar que a universidade era defasada.

No entanto, aparentemente eu tinha essa resposta.

Um dia depois de transar com seu rival você... se sentava na mesa de sempre, abria seu notebook e assistia a ele fatiar muçarela para uma velhinha.

A mesma que tinha nos visto em uma posição comprometedora.

— Sabe... — a idosa disse quando Estevão entregou o pacote, depois de receber o dinheiro. — Vocês podem trancar a porta quando...

— Vou fazer isso da próxima vez, Dorinha. — o padeiro interveio antes que a senhora pudesse continuar a falar, e eu me encolhi, tentando desaparecer atrás da tela do meu computador.

Tudo que eu *menos queria* era receber um sermão de uma idosa que tinha me visto debruçada sobre um balcão.

— Próxima vez. — Ela riu, segurando a sacola, e apoiei meu cotovelo sobre a mesa, tapando meu rosto com a mão. Estevão também não ajudava. — Tchau, minha filha. — A mulher se despediu de mim e deu um aceno.

— Tchau. — falei baixinho, e ela desapareceu, o sininho anunciando sua saída. Ergui a cabeça apenas para ver meu rival rindo em silêncio, os ombros balançando apesar de não emitir nenhum som.

Fechei a cara em sua direção.

— Você acha muito engraçado, né? — questionei, mas porque eu também era uma idiota, não consegui soar brava.

Minha voz era de manteiga derretida.

— Eu acho. — disse, contornando o balcão e me dando uma amostra de seu corpo inteiro coberto pelos jeans, a camisa preta e o avental, o que em outro momento teria me atraído, mas depois de tê-lo visto nu, não havia competição.

Se fosse uma decisão minha, Estevão Avelar venderia pão pelado. Podia apostar que traria muitos, muitos clientes.

— Você não? — questionou, parando em frente à minha mesa, abaixando de leve a tela do meu notebook, apenas para me ver.

Meu corpo reagiu instantaneamente à sua proximidade, a respiração acelerando e minhas roupas, de repente, parecendo apertadas demais.

— Nem começa. — suspirei, e ele tombou a cabeça de lado, com uma falsa máscara de inocência.

— Começar o quê? — perguntou, o lábio inferior se erguendo um pouco num biquinho quase novelesco. Walcyr Carrasco estava perdendo o poder de fingimento daquele homem.

Eu ainda estava dolorida do dia anterior, além disso, não podia arriscar em mais idosos aparecendo do nada e me fazendo encarar um processo por atentado ao pudor. Sexo na Avelar Avelã estava vetado. Mesmo no segundo andar.

— Você é muito engraçadinho, não é? — acusei, e ele se inclinou sobre a mesa, espelhei seu movimento, encontrando-o como se ímãs nos ligassem. Seus lábios roçaram os meus com carinho, com um tipo de naturalidade que anos de contato poderiam ter.

Era estranho como apesar de todo o cenário caótico, parecia que tudo estava *certo*, que me aproximar de Estevão era a coisa mais racional a se fazer.

— Quero te levar num *date*. — disse de repente, se endireitando.

— Estou trabalhando. — lembrei, apontando para o computador.

— Trabalhando para fazer da minha vida um inferno, então você pode tirar uma folga. — revirou os olhos, segurando o encosto da cadeira à minha frente com força, apesar de sua expressão relaxada.

Ele estava nervoso por fazer aquele convite.

E aquilo só fez meu coração derreter mais.

— Onde quer me levar? — perguntei por impulso, e ele ergueu a sobrancelha, parecendo surpreso. Eu podia ter um temperamento difícil, mas era fácil, fácil quando se tratava dele.

— Hum... não sei. — olhou para cima, procurando iluminação divina no teto da padaria. — Estamos quase na hora do almoço... Qual é o seu restaurante favorito? — disse, seu rosto ganhando um brilho jovial que eu tinha visto poucas vezes antes.

Estevão gostaria mesmo de saber os lugares que eu frequentava.

— Bistrô Hub. — falei, incapaz de conter a informação diante dele. — Tem culinária italiana, chinesa, japonesa, brasileira e um bar. — Doutora Bianca tinha levado três dos seus melhores orientados de iniciação científica para comer lá numa sexta à noite depois de entregarmos os relatórios dos nossos projetos.

Não era o lugar mais caro de Belo Horizonte, tinha seu valor, mas as memórias de me sentar lá com uma das minhas maiores inspirações e tomar Coca-Cola — nunca me atreveria a beber álcool em sua presença — ao lado de uma deusa do Direito me enchia de felicidade. Queria dividir aquilo com Estevão.

No entanto, ele fez uma careta.

— O quê? — perguntei, franzindo o cenho. — É um lugar muito bom! — me defendi.

— Sim, é sim... — coçou o cabelo, parecendo envergonhado. — O *sous chef*^[3] de lá estudou comigo.

Cruzei meus braços ao redor do peito, inclinando-me para trás.

— Quer dizer que eu não sou sua maior rival? — perguntei, e ele gargalhou.

— Não, você é, Fernando não é meu inimigo, é só... pouco talentoso. — meus lábios se separaram em choque. Era a primeira vez que eu o via soar tão esnobe, e aquilo era... gostoso pra caralho.

— Me leva lá e me mostra. — pedi em desafio.

Tudo que eu mais queria era um pouco de competição que não me envolvesse, adoraria ver Estevão todo vaidoso e crítico, mesmo no meu restaurante favorito. Contanto que ele não falasse mal da doutora Bianca, pouco importava.

— Ok. Vou só trocar de roupa. — apontou para si mesmo, apesar de não ter nada ali para ser mudado.

Mesmo assim, provoqueei.

— Trocar uma camisa preta lisa por outra camisa preta lisa? — perguntei inocente, e ele revirou os olhos.

— Você é mesmo uma diaba, Marina Dantas.



O Bistrô Hub ficava na Praça da Liberdade, mesmo tendo ido ali apenas uma vez, não me esqueceria do endereço porque observei o caminho todo bem atenta de dentro da BMW da doutora Bianca. Mesmo saindo do meu Palio, o espaço ainda era impressionante. Duas colunas de tijolinhos marrons fixavam uma porta de madeira com uma placa do mesmo material, mas com luz embutida. Havia plantas ao redor, espadas de São Jorge e uns coqueiros na parte interna.

Lindo.

— Datado. — Estevão reclamou ao meu lado, sua mão segurando a minha num gesto natural que me deixou chocada. — Decoração qualquer coisa.

Não consegui revidar, porque sua palma contra a minha de um jeito tão confortável me deixou sem palavras.

Ninguém nunca tinha me levado a um encontro como aquele. Para ser sincera, não sabia o quanto era culpa dos meus antigos parceiros que só queriam sexo e Netflix em seus apartamentos ou eu que não me abria o suficiente para dar a eles essa oportunidade. No entanto, não importava, porque Estevão Avelar estava me levando para um.

Um homem de cabelos ralos na entrada usando um colete preto por cima de uma camisa branca nos recebeu com um sorriso. Antes que eu pudesse falar qualquer coisa, o meu acompanhante tomou a iniciativa.

— Mesa para dois, por favor. Você poderia nos acomodar em um local tranquilo e com boa visão do ambiente? — pediu com um sorriso, como só alguém que conhecia restaurantes bem o suficiente para fazer uma pergunta como aquelas.

— Claro, por aqui. — o atendente disse, parecendo meio atordado.

— Assim posso vigiar tudo. — Estevão cochichou para mim, e eu dei um tapinha em seu braço.

Adorava seu modo espião quando não era comigo.

Tudo estava como me lembrava, os azulejos portugueses

decorando as paredes, plantas pendiam do teto, mas sem comprometer a visão e, apesar do horário, o Bistrô Hub não estava cheio, era intimista, confortável.

Estevão puxou a cadeira para mim como o bom cavalheiro que era quando não estava tentando me deixar desempregada. Sentou-se à minha frente, examinando a disposição das coisas em cima da mesa com rigor.

— O que foi? — perguntei, sem conseguir conter um sorriso.

— Os cardápios são muito feios. — cochichou, mas sorriu educado (e falso) para a garçonete que parou na nossa mesa. — Vou querer o ceviche clássico.

Franzi o cenho, ele não precisou olhar para saber.

E eu também não precisaria, amava ceviche, mais uma das pequenas coisas que tínhamos em comum.

— O mesmo pra mim. — falei, e a garçonete balançou a cabeça, escrevendo em seu bloquinho, mas os olhos fixos em Estevão.

Não podia julgá-la.

— E coca. Duas. — pediu, ignorando-a e sorrindo para mim de um jeito brincalhão como provocação que fez com que meu coração se aquecesse.

A garçonete saiu, meio trôpega, e me senti vaidosa. Sim, eu estava ali com o gostosão a ser exibido.

— Fernando quase foi reprovado fazendo ceviche, vamos ver se melhorou. — Deu uma piscadinha, e eu ri.

— Nunca quero ser sua inimiga, você não tem limites, Estevão. — brinquei de leve porque, na verdade, eu sabia exatamente como ele era em campo de batalha. No entanto, podia apostar que o *sous chef* desafeto não tinha feito nada do que nós fazíamos como rivais.

— Só não saia por aí dizendo que é uma *chef* de cozinha melhor do que eu, e vamos ficar bem. — deu uma piscadinha, e a curiosidade me dominou. Queria saber todas as fofocas sobre o mundo da gastronomia. — Não é nada demais. — garantiu, podendo ler meu interesse.

— Me conta, tenho certeza de que as cozinhas são bem mais animadas que os escritórios. — Não gostava de nenhum dos meus colegas de trabalho, mas não tinha nenhuma informação emocionante.

Conversávamos quando necessário, mas no geral éramos focados em nossos próprios casos.

— Fernando é um nepo baby^[4], seu pai era um grande *chef* e...
— começou a contar a história, e me vi sugada para seu mundo.

Era fácil conversar com Estevão quando nossos futuros não estavam em jogo.

Me mostrou um lado seu opinativo, bem-posicionado e que não gostava de injustiças. Acima de tudo, amava a gastronomia, a respeitava e rechaçava aqueles que não tinham a mesma reverência que ele possuía pela cozinha.

Enquanto contava sobre os semestres ao lado do cara que descobri ser metido e pouco humilde, me peguei investida no cotidiano. Queria saber tudo sobre seu passado, suas aspirações, desejos e os pequenos detalhes de sua personalidade que uma relação de ódio não me permitia aprender.

Acima de tudo: gostei de conhecer aquele seu lado mais do que deveria.

Os pratos chegaram quando eu estava no meio do meu próprio monólogo sobre um trabalho em grupo que fiz na aula de Direito Penal. Sem ao menos perceber, também estava dando detalhes sobre a minha vida para Estevão, minúcias que ele parecia tão interessado quanto eu.

— Obrigada. — agradei, mas mal fui ouvida, a garçonete continuava a olhar para Estevão como se ele fosse um deus.

Ok... talvez aquilo me irritasse um pouco.

— Apresentação simples. — o homem esperou a funcionária sair apenas para dizer, e eu virei os olhos.

— Não tem nada errado para mim. — era um prato branco raso com um pedaço de espiga de milho cozida, lâminas de cenoura e o ceviche no meio. Não era exatamente lindo, mas também não era um pavor.

Era comida.

Pelo menos para mim, porque aquilo soou como uma ofensa para Estevão.

— Eu faria numa cumbuca de cerâmica preta, funda, sem essas coisas aqui. — tocou os vegetais com o garfo. — só uma salsinha no topo, caldo no fundo, úmido, delicioso, com uma infusão de sabores.

Meu Deus, ele ficava ainda mais gostoso falando de gastronomia.

E mais inspirado também. Não precisava ser nenhuma especialista para saber que Estevão amava o assunto. Aquilo era o *seu*

Direito.

— Experimente. — pedi. — Não se pode julgar um prato pela apresentação. — assisti a episódios de Masterchef o suficiente para saber que estava falando besteira, mas queria provocá-lo.

— Eu posso, sim. — bufou, mas deu uma garfada, levando o ceviche até a boca, mastigando com vigor, o rosto concentrado, como alguém que realmente entendia de comida.

Esprei paciente, mas ele continuou em silêncio.

— Isso é bom. — admitiu, me pegando de surpresa. — A segunda melhor coisa que já coloquei na boca.

— E qual a primeira?

— Você. — deu um sorrisinho que me fez ficar quente, incomodada entre as pernas.

— Já sei qual vai ser a sobremesa. — falei num suspiro excitado, e seu sorriso aumentou.

— Tenho certeza de que sabe.

Capítulo 21

M A R I N A



Capítulo 21 | Marina

— O segredo é o creme de confeiteiro. — Estevão disse orgulhoso, segurando a forma com luvas especiais que ele trouxe de casa para cozinhar. Olhei hipnotizada a torta fofinha, com fumaça saindo da crosta crocante. — as passas no conhaque dão um toque também. — afirmou, fechando o fogão com o pé, numa destreza que me deixou impressionada.

Minha cozinha foi invadida pelo cheiro doce, quente e, se eu não tivesse acompanhado cada pequeno detalhe de sua confecção, poderia jurar que ele comprou aquilo em algum lugar chique e especializado, não parecia real. Era a torta de maçã que tinha nos desenhos animados.

— O quê? — perguntou rindo, tirou as luvas das mãos e as deixou junto da torta.

Ele trouxe todos os utensílios em sua mochila, os ingredientes em sacolas, disse que queria fazer algo gostoso para levar para Cecília e simplesmente começou a cortar, mexer e cozinhar enquanto conversava comigo. Mal olhou para a faca enquanto fatiava as maçãs, não pesou a farinha ou colocou *timers* para assar e queria que eu estivesse tranquila com aquilo tudo? Era impossível.

— Estou impressionada. — falei, cruzando os braços. Eu levava mini pizzas congeladas para a noite de jogos na casa da minha amiga, como podia aparecer com tudo aquilo?

— É só torta. — revirou os olhos, dando um passo em minha direção, abraçando minha cintura, mas podia ver o sorrisinho de

vaidade em seu rosto. — Com creme de confeiteiro que eu mesmo fiz, passas com conhaque, mas... ainda é só torta. — afirmou convencido.

— Você perfumou o leite com limão. — lembrei, sem conseguir deixar de fora minha surpresa.

Ele jogou cascas dentro da panela enquanto o leite fervia e me explicou toda a química da coisa. Fiquei hipnotizada.

— Sou um *chef* de cozinha, no final das contas. — falou e se inclinou para beijar meus lábios, acariciando minha cintura. Suspirei, sentindo meu coração inflar.

Os últimos dias tinham sido... *eu mal sabia explicar*.

Continuei indo à padaria, mas dificilmente era para trabalhar, passei as manhãs assistindo-lhe trabalhar, roubando beijos e subindo para o segundo andar nos intervalos que ele sabia que ninguém apareceria. Fizemos tanto sexo quanto bolo. Estevão tentou me ensinar a assar, mas na maior parte do tempo eu só ficava olhando, concentrada nos movimentos firmes de seus braços batendo a massa. Nunca admitiria, mas era tão erótico quanto vê-lo nu.

Estevão me levou a mais encontros também. Fomos ao cinema, vimos o pôr do sol no mirante da Sapucaí, caminhamos na orla da Pampulha e fomos a incontáveis restaurantes, barzinhos e cafeterias. Ele cozinhou para mim, no meu apartamento e na padaria, todo tipo de coisa extravagante que eu pedia para testá-lo, e o infeliz entregava os melhores pratos que já experimentei na vida.

E os momentos mais especiais também.

O clima de provocação entre nós nunca cedeu, mas ganhou contornos carinhosos. Estevão ainda era a minha pessoa favorita para irritar, mas também me fazia sorrir como ninguém.

Mesmo assim, eu estava prestes a destruir tudo.

— Não importa o quanto essa torta esteja gostosa... não vamos pegar leve com vocês. — falei quando seus lábios deixaram os meus porque precisava ser sincera com ele.

A noite de jogos de Ceci e MD era um ambiente hostil porque nós duas éramos ótimas jogadoras, mas péssimas perdedoras. Já entramos em contato com a própria Galápagos para um desempate depois de uma rodada tensa de Dixit. Nunca obtivemos resposta, e aquela partida ainda estava em aberto em nosso placar.

Cecília 42 X Marina 43.

E agora Estevão e Junior fariam parte da loucura.

Foi ideia da minha amiga, porque ela comprou um Master e

estava ansiosa para testar com mais jogadores, porque nossas opções eram escassas. Ninguém nunca topava mais do que um jogo conosco.

— Acho que vamos dar conta. — garantiu, os dedos apertando minha bunda sob o vestido amarelo, o mesmo que usei na feira. Podia ver em seus olhos que ele se lembrava.

Coitados.

Eles não dariam.

— Não me provoque. — pedi, mas a barra já estava sendo erguida, minha pele arrepiada pelo contato.

— Quanto tempo temos? — perguntou, se ajoelhando, e olhei para o relógio em cima da geladeira.

Eu tinha que ser a responsável ali, afinal de contas, era nossa noite dos jogos, minha obrigação era nos manter no horário. Não podia ceder.

— Cinco minutos. — suspirei, e ele beijou minha barriga coberta pelo vestido, trazendo arrepios, apesar de eu ainda estar vestida.

— Consigo em três. — gabou-se, erguendo o tecido.

Joguei minha cabeça para trás, desistindo da pontualidade e separando as pernas.

Eu sabia que ele conseguia.



— Baseado nas minhas habilidades de cozinha — falei quando Estevão abriu a porta do carro para mim em frente ao prédio de Ceci. — de zero a dez, o quanto você acha que ela vai acreditar que fui em que preparei a torta?

Fiz Estevão dirigir para poder levar a forma no meu colo para o caso da minha amiga estar na janela quando chegássemos, e minha história de culinária ser mais crível. Como advogada, não era adepta de falsa perícia, mas, se isso impressionasse Cecília, eu mentiria um pouco.

Estevão tirou a torta de mim para segurá-la em seu braço esquerdo e segurar minha mão com o direito como um garçom muito experiente. Fechei o carro, enrolando meus dedos nos seus, me sentindo aquecida e protegida por atravessar a calçada ao seu lado.

— Zero. — disse com um sorriso.

Babaca.

— Ela vai acreditar. — prometi, interfonando o número cem, apertando três vezes como era nosso toque secreto, e do outro lado ouvi o portão ser aberto.

Estevão me deu um olhar engraçado quando viu o quão habituada eu estava ao prédio, mais um sinal de que ele não estava preparado para a noite de jogos. Eram horas, dias, talvez semanas de pura imersão. Obviamente não consecutivas. Mas só porque tínhamos trabalhos.

— Boa noite. — cumprimentou o porteiro, e acariciei sua mão com o polegar, me sentindo derreter um pouquinho mais toda vez que ele fazia um gesto pequeno de humanidade.

Tratava bem todos os trabalhadores ao nosso redor, sempre parava para ouvir pessoas que pediam dinheiro ou entregavam panfletos, sorria para crianças desconhecidas, fazia carinho em viralatas caramelos quando tinha a oportunidade, mandava seus cumprimentos ao chefe depois de comer em um restaurante. Estevão era... ainda não tinha uma palavra certa para defini-lo, mas podia sentir que estava prestes a encontrá-la.

— Aqui? — perguntou, apontando para a última porta no corredor, a única aberta. Uma risada grossa e masculina soou lá de dentro, e ele riu, reconhecendo o dono. — Com certeza é aqui.

Pelo que eu sabia, Júnior estava passando mais tempo no apartamento de Cecília do que na própria casa, e minha amiga estava amando cada momento daquilo. As coisas entre eles estavam evoluindo rápido, sérias.

Não soube responder sobre o status do *algo* entre Estevão e eu.

Pernas longas, desnudas e descalças apareceram no corredor, minha amiga com porte de modelo vestindo short de tecido levinho e uma camisa branca que com certeza não era dela.

Tinha evoluído para o ponto que ela usava as blusas dele?

— Jesus, que cheiro é esse... — Cecília cheirou o ar, parecendo surpresa e eu ri, apontando para a forma com Estevão, mas seus olhos caíram em nossas mãos unidas.

— Eu que fiz. — tratei de me antecipar e ela ergueu uma sobrancelha.

— E eu sou a Jade Picon das unhas. — merda. Não dava mesmo para enganar Ceci. — Tá cheirando bem, padeiro. — elogiou, pegando a torta e trazendo-a para perto mais perto do rosto, fungando.

— Obrigado por me convidar. — disse, e seu aperto tensionou um pouquinho, apesar do sorriso firme.

Ele estava nervoso, e aquilo era fofo.

— De nada, estamos precisando de um pouco de equilíbrio para os times da noite de jogos. — garantiu, dando um passo para o lado, deixando que a gente entrasse.

Tudo estava como me lembrava da última vez em que estive ali, decorações em roxo e lilás, sofá amarelo extravagante. Absolutamente igual. Exceto pelo homem enorme sentado no sofá como se estivesse em casa, usando shorts de basquete e camisa de faculdade de Direito.

Não passou despercebido para mim quando ele se endireitou ao me ver, e um sorrisinho escapou dos meus lábios. Era assim que os grandes advogados se sentiam na presença de calouros? Se sim, eu amava a situação.

— Nossa, todo mundo no andar vai sentir o cheiro disso. — Ceci elogiou, desaparecendo para a cozinha com a torta quando puxei Estevão para o sofá comigo.

— Fui eu que fiz. — testei a mentira com Junior e ele riu.

— Nem fodendo, isso é receita do Joaquim, tem alguma coisa nas passas que ele não conta pra ninguém o que é. — Seus olhos brilharam em um saudosismo que o fez sorrir. — comi o suficiente dessa torta de maçã pra saber que é a receita secreta dos Avelar.

Me virei para Estevão curiosa, mas ele não olhava para mim, seu braço posou ao redor dos meus ombros, os dedos brincando com a alça do meu vestido, mas sua atenção era fixa no melhor amigo.

— Sua mãe uma vez pediu pro vovô, e ele mentiu, lembra? — brincou, e eu franzi o cenho.

Eu tinha visto a receita. Sabia o segredo. Conhaque.

A sensação de pertencimento àquele círculo íntimo de confiança e tradição me atravessou de forma avassaladora. Eu nunca conheceria Joaquim Avelar, e pior: *eu era a pessoa que queria que seu legado desaparecesse*. Mesmo assim seu neto compartilhou comigo o mistério das uvas passas.

Me encolhi, sem saber o que sentir na miríade de sensações que me invadiu.

— Tudo bem? — Estevão questionou baixinho só pra mim, traçando símbolos do infinito no meu ombro.

Balancei a cabeça, mas antes que pudesse responder mais, Ceci voltou para sala com o tabuleiro, praticamente sambando na ponta dos pés.

— Tá, esse aqui é uma versão mais difícil, perguntas mais complexas, então não se preocupem se MD e eu dermos uma surra em vocês. — pela forma como Júnior a olhou, talvez ele gostasse de umas palmadas.

Ele só não conhecia o estilo Marina e Cecília de acabar com autoestima.

Mas nós mostraríamos.

— Eu literalmente sou fã dos quadrinhos, princesa. — Junior tentou elaborar na sua terceira rodada quando caiu na casa de “entretenimento” e a carta perguntou qual era o nome do personagem da DC que tinha como identidade secreta Billy Batson. — Capitão Marvel e Shazam são a mesma pessoa.

Estávamos todos no chão, sobre o tapete felpudo, com o tabuleiro entre nós, Ceci no colo de Junior e eu com as pernas sobre as de Estevão. O jogo estava equilibrado, ninguém muito atrás ou à frente.

— Não é isso que a carta diz. — Ceci balançou a cabeça.

— Mas é a mesma resposta. — apertou as coxas dela leve. — Vai, princesinha, aceita essa.

Erro de principiante.

Nós éramos as mulheres do manual, se não estava escrito então não valia, a não ser que fosse um erro do próprio jogo. Acontecia às vezes. Mas, no geral, para nós, não havia nada de empilhar +4 no Uno ou qualquer jogo inventado com as peças.

— O que está escrito aqui, príncipe? — ela perguntou, mostrando a carta para ele.

— Shazam. — respondeu a contragosto, revirando os olhos, mas sem soltar as coxas dela.

— Pois é. — colocou a carta no montinho dos já lidos. — Sua vez, Estevão. — sorriu para o chef de cozinha, que parou de massagear meus pés, engolindo seco.

Queria dizer um sonoro “*eu te avisei*”.

Ceci e eu não brincávamos em serviço.

E sabíamos brigar se fosse necessário.

— É uma data, MD, como pode *uma data* estar errada? — Cecilia ergueu uma sobrancelha pra mim na décima rodada, já tínhamos deixado para trás todas as pretensões de sermos competidoras saudáveis.

Nós duas éramos as que estávamos mais perto de vencer. Quatro casas de distância.

— Estevão lê a carta de novo. — pedi, e ele puxou o papel do montinho de já lidos.

— Qual foi o principal fator que levou à queda do Império Romano? — ele perguntou devagar, como se estivesse numa sala cheia de dinamites e o mero ato de respirar pudesse causar uma explosão.

Junior nem piscava.

— E qual a resposta, Estevão? — Ceci cruzou os braços, e eu quase podia vê-la pintando minhas unhas de rosa choque quando eu não estivesse vendo em pura retaliação.

Se ela ousasse, eu a cadastraria como mesária nas próximas eleições.

— A decadência moral e a corrupção. — disse, seus olhos passando dela e para mim como num ping-pong.

— E isso está errado. — só eu estava vendo a incongruência ali? — pressões econômicas, invasões bárbaras, falhas na governança e até mesmo questões militares. Isso é conteúdo de quinta série.

— Jesus, em que escola vocês estudaram? — Junior resmungou, ganhando um olhar frio da namorada.

No entanto, suas palavras me despertaram.

— Boa ideia! — aponte para ele. — Vamos ligar para o Petrius, nosso professor de história da escola, e ver o que ele acha sobre essa questão. — propus, e isso fez com que Estevão risse.

— Vocês brincam demais... — disse ao meu lado, tentando amenizar o clima, mas Cecília já estava de pé, vasculhando a sala em busca do celular.

Ela fazia as unhas da esposa do professor, com certeza devia conseguir o número facilmente.

— Será que ele vai querer atender? — achou o Iphone no braço do sofá.

— Claro que vai, são só dez da noite. — professores tinham obrigação com o conhecimento. Ou algo assim.

Me levantei atrás dela, ajeitando o vestido para ouvir a conversa com nosso professor, queria fazer as perguntas certas.

— Meu Deus. — Junior cochichou para o amigo. — Cecília é maluca, mas Marina é *psicótica*.

Me virei para ver a conversa dos dois traidores pronta para

retrucar que eles não estavam prontos para as noites dos jogos, mas o que encontrei me fez ficar aquecida da cabeça aos pés.

Estevão olhava para mim com um sorriso de adoração, algo transformando suas feições.

— Eu sei. — disse afetado, os cantos dos lábios repuxados para cima. — *Minha* psicótica. — riu, talvez esperando que eu não estivesse ouvindo.

Algo dentro de mim desabrochou contra minha vontade. Ao longo dos anos, as pessoas usaram vários adjetivos para me descrever. Teimosa, obstinada, encrenqueira, frívola. Todos apontando para a mesma realidade: eu não desistia. E na maioria das vezes aquilo vinha com uma conotação negativa.

Mas não para ele. O homem no chão me olhou como se todas as características que eu tinha para garantir minha sobrevivência fossem boas.

E de repente uma palavra me veio à mente, a que descrevia Estevão: *apaixonante*.

Capítulo 22

ESTEVÃO



Capítulo 22 | Estevão

— É bom finalmente chegar em casa. — Marina disse, voltando do seu quarto fora do vestido amarelo que me deixava louco, dessa vez ela estava em shorts de dormir e uma camisa soltinha, além de meias fofas nos pés.

Tinha convivido com ela o suficiente para saber que Marina gostava de dormir com os pés cobertos, as janelas abertas e com meus braços ao seu redor. Também escutava nu metal para se acalmar e chorou quando Chester Bennington faleceu, sonhava em ir a um show da banda e tinha as notificações de posts do Linkin Park ativadas para o dia em que eles resolvessem retomar os shows.

Gostava muito de Coca-Cola, quase num nível patológico, mas bebia água o suficiente para compensar. Cuidava dos cabelos religiosamente e disse que iria me treinar para finalizá-los, coisa que eu estava muito empolgado para fazer. Estava por dentro dos projetos de leis em tramitação para estar sempre atualizada.

Eu me sentia feliz por saber de tudo aquilo.

E queria mais.

— Ainda mais depois de uma verdadeira guerra. — falei, dando um tapinha no espaço vago ao meu lado no seu sofá, chamando-a para se sentar. Seus pés foram para meu colo enquanto ela se debruçou no braço do estofado, mexendo os dedinhos cobertos por meias, demandando carinho.

Outro pequeno detalhe sobre Marina: ela era exigente com

massagem nos pés.

— Foi uma partida super saudável. — contrariou, cruzando os braços, e era impossível que estivéssemos na mesma sessão de jogos.

— Vocês ligaram para o seu antigo professor de história. — lembrei, e ela deu de ombros.

— Era uma questão sobre datas, pra quem mais a gente perguntaria? — disse como se fosse óbvio, e eu ri, jogando a cabeça para trás, me aconchegando em seu sofá.

Se Marina Dantas já era mortal sozinha, em dupla, com Cecília, não havia quem pudesse vencê-las.

— Era aniversário da sogra dele. — lembrei quando as duas esperaram na linha pelo fim do parabéns para poder questioná-lo sobre o fim do império romano.

Terminamos aquela partida com as duas redigindo um e-mail para fabricante do jogo, corrigindo-os pelo erro de fazer uma resposta simples para um jogo que, pelo que eu sabia, era para adolescentes.

— A gente esperou. — disse baixinho, quando meus dedos subiram para massagear sua panturrilha.

Não era de se admirar que ela gostasse tanto de massagem, passava o dia todo em saltos. Deixei meu polegar apertar o centro de seu músculo, descendo devagar fazendo com a estrutura tensa relaxasse pelo meu toque.

— Por que você está sempre de salto? — perguntei, sem conseguir me conter.

Os olhos, que estavam semicerrados de prazer, se abriram, curiosos.

— Hum?

— Saltos. — apontei para as sapatilhas no chão. — Você só usa no trabalho. Por quê?

— Ah... — Seus lábios se separaram como se ela pensasse na resposta. Esperei pacientemente. Eu estava interessado em tudo sobre ela. — É um Master sobre mim? — sorri, contente. Eu gostaria de mil rodadas para saber seus segredos, os detalhes da mulher mais fascinante que já conheci.

— Pode ser. — Balancei a cabeça, e ela riu, fechando os olhos e se afundando no sofá fofo.

— Estar o mais arrumada que consigo me ajuda a não ser confundida com qualquer profissão que as pessoas pensem que uma

pessoa preta pode ocupar ao invés de advogada. — falou tranquila. — Ir ao shopping de chinelo e entrar em reunião por vídeo sem estar minimamente maquiada não são uma opção.

Meditei por um segundo sobre aquilo. Eu estava básico na maior parte do tempo, e ninguém nunca havia me confundido com algo diferente do que eu era, podia apenas imaginar a pressão de tentar se encaixar. Deixei minha mão acariciar sua panturrilha, dessa vez não era massagem, era conforto.

— E você... — chamou, ainda de olhos fechados. — por que está sempre de camisa básica e jeans?

O fato de que ela não estava me olhando me ajudou a responder aquilo sem sentir a vergonha que eu tinha.

— Por causa do Dabiz Muñoz, pra mim o maior chef contemporâneo na culinária mundial. — me sentia como um garoto usando verde por causa do Ben 10. — Ele está sempre de camisas pretas... de repente meu guarda-roupas era todinho monocromático.

— Igual ao da Mônica, da Turma da Mônica. — ela riu, colocando o braço sobre o rosto, relaxada.

Eu nem podia contestar. Era exatamente isso.

— Tá, agora sua vez, conta alguma coisa vergonhosa sobre você. — dei um tapinha no seu pé, indicando que era a sua hora de falar.

— Isso não foi vergonhoso. — ergui uma sobrancelha em sua direção, e ela abriu os olhos um pouquinho só para me ver. — Tá... só um pouquinho vergonhoso. — admitiu e me emocionou o fato de que a mulher mais provocadora do mundo estar me poupando. — Eu escutei Ceci cochichar com Junior que se ofereceu de ficar com sua forma e lavá-la apenas pra raspar e comer o fundo.

Ri, ainda meio traumatizado com os gemidos que a ficante do meu melhor amigo deu para um simples pedaço de torta.

— Isso não é novidade pra mim, sou um grande cozinheiro. — me gabei, e ela deu um chutinho na minha mão, me colocando no meu lugar. — Mas quero algo vergonhoso sobre *você*.

— Ok, mas é realmente humilhante. — me endireitei, curioso. — No meu primeiro semestre na faculdade, minha professora pediu pra gente ler o segundo capítulo de *O Príncipe*, e eu li *O Pequeno Príncipe* e fiz o trabalho sobre ele. Foi minha primeira nota zero na vida.

Gargalhei, podendo imaginá-la de olhos arregalados, sentada na mesa, imaginando porque todo mundo estava falando de política

quando o trabalho dela era sobre uma rosa e uma raposa.

— Não acredito! — instiguei, querendo ouvir mais.

— Uai, pois é verdade! — garantiu. — A minha sorte foi que a professora era substituta e saiu naquele mesmo ano porque, se fosse uma concursada... eu nunca teria nem me formado.

Marina com certeza trocaria de faculdade se tivesse que encarar a pessoa que tinha visto ela errar tão feio, a conhecia bem o suficiente para saber.

De repente me vi compelido a falar também.

— Meu avô me ensinou sobre partes privadas com nomes de padaria. Meninos tinham baguetes, e meninas tinham rosquinhas. — confessei, e ela soltou uma risada fofa. — eu estava na segunda série quando a professora estava falando sobre cuidados com as partes íntimas e falei pra todo mundo que eu secava minha baguete depois do xixi. — contei, e dessa vez sua gargalhada não foi nada fofa, pelo contrário, Marina riu, se dobrando, o ar faltando.

Acompanhei a risada porque, apesar da vergonha, eu mesmo amava aquela história e tinha mesmo que gostar, porque Junior nunca me deixou esquecê-la.

— Na primeira casa onde eu morei tinha um formigueiro que era meu de estimação. — Marina disse, recomposta, e eu fiz uma careta. Baguetes e rosquinhas não eram tão estranhas quanto insetos de estimação. — quando nos mudamos, fiquei com medo de eles sentirem falta de mim e coloquei várias formigas em um pote pra mudança... a tampa caiu no carro e fomos picados o caminho todo de um bairro pro outro. — estremeceu só de lembrar, e eu a acompanhei.

Tinha morado a vida toda em cima de uma padaria, sabia o quanto aqueles bichinhos podiam ser persistentes e dolorosos.

— E os grilos? — perguntei de repente. — Você tinha medo deles e não de formigas?

— Esse era o ponto. — ela riu. — Uma vez vi formigas comendo um grilo inteirinho e achei que, se eu cuidasse delas, iriam me defender.

— Você é meio a Shino Aburame de Belo Horizonte. — falei, surpreso. Se nos conhecêssemos quando crianças, eu acharia Marina Dantas a garota mais legal do mundo inteiro.

— Quem? — franziu o cenho.

— O cara que comanda os insetos... de Naruto. — apontei o óbvio, e ela continuou sem entender. — Qual é, Marina? Naruto!

Passava todos os dias de manhã na televisão.

— Eu assistia ao TV Cultura. — se gabou, fazendo um biquinho.
— Não era muito dos desenhos de luta.

— Então você era do quê? — perguntei, e ela mordeu o lábio inferior, parecendo culpada. — Por favor, diz!

— Roda Viva. — murmurou, e eu arregalei os olhos. *Impossível*.
— juro! A qualquer pessoa que estivesse lá, eu assistia. Ministro da saúde, cantor de sertanejo, político, empresário... eu assistia a todos.

— Quantos anos você tinha? — questionei, assombrado. Eu só fui assistir a programas de entrevista na última eleição para presidente e só vi os cortes no YouTube.

— Uns dez...

— Marina! — gargalhei. — Você era uma prodígio, simples assim.

Minha observação parecia tê-la deixado envergonhada, porque ela tentou esconder o sorriso brincando com os cachos da lateral do seu rosto.

— Uma vez fiz um teste desses idiotas de internet. — mudou de assunto. — e descobri que minha personalidade é a mesma da Pocahontas. — Ela queria que continuássemos a contar fatos sobre nós mesmos, que nos conhecêssemos.

Acaricieei o seu tornozelo, brincando com a pele lisa e macia enquanto tentava lembrar de algo banal sobre mim.

— Eu nunca repassei as correntes da Samara. — Minha época de Orkut com certeza foi um grande marco na minha vida. — Acho que ganhei todos os sete anos de azar que ela prometeu... — franzi o cenho, pensando sobre sorte. — Talvez seja por isso que consegui a proeza de afundar uma padaria inteira.

Suspirei, dando um sorrisinho, tentando recuperar o bom humor da situação. Não queria lembrá-la de que estávamos ignorando o óbvio: estávamos de lados opostos, nossos interesses pessoais não conversavam entre si.

— Eu *quase* não fiz o vestibular para Direito. — disse e eu franzi o cenho, curioso. — pensei que era jogar dinheiro fora, que, apesar de ter ido bem nos simulados, não teria nota para entrar.

Aquilo era loucura, a garota que assistia ao Roda Viva aos dez anos não deveria ter medo de algo simples como uma prova. Para mim, não existia alguém mais inteligente e dedicada que Marina.

No entanto entendia o suficiente de medo para saber que às

vezes as coisas saíam do nosso controle.

— Meu avô não queria que eu fizesse gastronomia. — confessei, e ela ergueu as sobrancelhas, surpresa. Desviei o olhar de seu rosto, traçando padrões aleatórios com a ponta do dedo em suas meias. — Ele queria que eu fizesse um técnico em panificação e depois administração para seguir com a padaria.

— Mas você não queria. — adivinhou, e eu acenei positivamente com a cabeça. — Você é um ótimo chef, dá pra ver isso em como você cozinha, como fala sobre comida, sobre restaurantes... é o seu lugar. — disse tranquila, sem nenhum esforço.

O fato de que ela havia notado a minha paixão pela gastronomia me fazia feliz. Pensava que os dias na Avelar Avelã estavam me tirando isso, que todas as horas lidando com panificação, fornecedores e contas havia me roubado o brilho pela coisa. Era bom saber que não.

— Estou no Braga Neto porque minha professora favorita da graduação conseguiu a entrevista pra mim. — comentou, brincando com a barra de sua camisa. — Ganho bem, meus pais estão orgulhosos, mas às vezes... queria não ter passado no processo seletivo.

Aquilo me pegou de surpresa.

Marina era mais aplicada do que qualquer advogada que chegou para me fazer uma proposta, ela estava dando o sangue pelos seus clientes da JL Engenharia. Como era possível que tivesse dúvidas?

— Se não trabalhasse lá, nós não nos conheceríamos. — lembrei, cutucando seu abdômen de leve, de repente incomodado que houvesse essa opção, que um acaso da vida poderia ter feito com que nunca nos encontrássemos.

Marina sorriu, segurando meu pulso, acolhendo meus dedos entre os seus com carinho.

— Ter te conhecido é a melhor parte. — garantiu baixinho, seus olhos presos em nossas mãos unidas.

Não estávamos mais dando fatos desimportantes sobre nós mesmos, aquilo era diferente, por isso esperei até que ela se sentisse confortável para voltar a falar.

— Ninguém nunca me levou para um encontro antes. — confessou depois de um minuto inteiro de silêncio.

Franzi o cenho, sem conseguir imaginar qualquer cara *não querendo* exibir Marina Dantas por aí. Andar ao seu lado me dava a

sensação de ser um vencedor, como se ela fosse muito melhor do que o resto dos reles humanos. Porque ela de fato era.

— Que idiotas. — murmurei, olhando fixamente para o rosto.
— Eu te levaria para mil encontros. Espero ter a chance de levar.

Era uma promessa velada, um convite nada sutil para explorar um mundo inteiro juntos apesar da dor de falar de futuro. No entanto, Marina estava me dando um pedaço enorme seu, algo que eu guardaria numa caixa de porcelana se fosse possível.

Quis dar algo de volta.

— Eu me culpo por não ter estado com meu avô no final da sua vida. Se eu soubesse que ele estava indo, teria resolvido as merdas entre nós. — disse, e o aperto em minha mão aumentou, consolador.
— queria poder dizer que tenho orgulho da padaria, da sua história, que o problema é só... não era meu lugar.

— Tenho certeza de que ele sabe disso. — me garantiu firme, cheia de convicção, e aquilo me fez sorrir.

— E eu nunca discordo de você. — me inclinei e beijei seus dedos ao redor dos meus. — Só às vezes.

— Gosto dessas vezes. — confessou, fechando os olhos com um sorriso. — gosto como você defende seu ponto de vista, suas crenças... é admirável.

Me senti meio envergonhado por ouvir aquilo justamente da pessoa que deveria me convencer de que eu estava errado sobre a padaria. Era bom saber que alguém apreciava minha força de vontade, mesmo quando eu pensava que não era o suficiente.

— Amo que me chamem de pretinha, é como minha família sempre me chamou orgulhosamente. — voltou para nossa rodada de fatos sobre nós, e aquela aqueceu meu coração. — Me faz sentir amada, em casa.

— Pretinha. — testei a palavra surpreso com como foi fácil, delicioso se dizer. — Bem melhor para meu antigo apelido para você. — provoquei, mordendo de leve seu anelar esquerdo, imaginando como um lindo anel de ouro ficaria ali.

— Ah é? — perguntou, irônica. — Do que você me chamava?

— Mini enviada do capeta. — Marina bufou, fazendo uma expressão teatral de descontentamento.

— Acho o meu mais criativo: meu homicídio doloso. — apontou, e eu franzi o cenho. — Quando há intenção de matar. — traduziu para os meus ouvidos leigos.

Foi minha vez de gargalhar, me endireitando no sofá. Todo o risco que corri com aquela pequena advogada diabólica, quem poderia imaginar que todo esse tempo ela estaria tramando minha morte? Bem... eu imaginaria.

Nossas risadas cessaram até que a sala caísse num silêncio tranquilo, morno, o tipo que eu podia me imaginar vivendo por mais mil anos. Queria aquela paz pra mim, sempre. Queria Marina.

— Tenho um último fato. — chamou, então olhei para ela de novo, seu rosto bonito era plácido, mas não daquele jeito mascarado, como se estivesse me escondendo algo. Ali ela me mostrava tudo. — Acho que estou me apaixonando. — confessou baixinho.

Não houve surpresa ou inquietação ouvindo aquilo. Pelo contrário, foi tudo calma e tranquilidade.

— Tenho a mesma sensação. — admiti.

Capítulo 23

MARINA



Capítulo 23 | Marina

— Estou aqui para ver o doutor Hércio. — me apresentei para a secretária e pela primeira vez não estava animada e vaidosa por poder ser recebida pelo dono do escritório. Eu estava com medo, mas decidida.

Foi por isso que mandei o e-mail no dia anterior solicitando uma reunião, porque eu tinha finalmente feito uma escolha, a que parecia a mais certa. Sairia do caso Avelar Avelã porque havia um claro conflito de interesses.

Mas mais que isso.

Não acreditava mais que Estevão estava sendo um birrento cabeça dura. Ele tinha um motivo plausível para se negar, e eu finalmente enxergava isso. Por mais que ainda acreditasse que ele devia vender a padaria e seguir para seu verdadeiro sonho de abrir um restaurante, entendia o significado que o pequeno comércio tinha para eles.

Era sua história, seu legado sendo trocado por um shopping. Não havia muito mais que eu pudesse fazer, exceto me desvencilhar do caso, mas tomaria a atitude em apoio a Estevão e, de certa forma, em apoio a mim mesma.

Estava cansada de entrar em processos que eu não acreditava na esperança de subir degraus na Braga Neto. Eles teriam que me dar uma promoção pela consistência e qualidade do meu trabalho, não porque eu ajudei uma padaria a fechar as portas.

— Ele está te aguardando, Marina. — Vânia afirmou com um sorriso que, em outra época, me deixaria nas nuvens, a secretária do dono do escritório me chamava pelo nome porque eu tinha marcado uma reunião privada com o doutor Hércio.

Mas algumas coisas haviam mudado.

— Obrigada, Vânia. — agradei e segui pelo corredor, ouvindo meus saltos clicarem firmes no chão, dei dois toques na porta de madeira e aguardei a voz me pedir para entrar lá de dentro.

No entanto, ao invés disso, doutor Hércio abriu pessoalmente a porta.

— Marina! — saudou, erguendo as mãos como se estivesse feliz em me ver. — Entra, vem, acabaram de chegar minhas cápsulas de café caramelado.

Franzi o cenho, passando pelo espaço minúsculo que o advogado deixou para mim.

Os dias de pouca convivência que tive com o doutor Hércio também mudaram a percepção que tinha sobre ele. Se antes eu tinha uma ideia de que havia um verdadeiro estrategista nato comandando o lugar, entrando nos casos mais difíceis para resolver imbróglios jurídicos de alto nível, a realidade era muito menos animada. O que havia era um homem que passava a maior parte do dia tomando café caro e enviando outros profissionais para os casos realmente difíceis.

— Aceita uma xícara? — seguiu para a cafeteira sobre a estante escura cheia de livros que agora eu tinha a impressão de que nunca foram lidos. — Tenho chocolate com menta, baunilha, clássico, intenso e amêndoas torradas. — sorriu sob o ombro.

— Nada, obrigada. — agradei, apesar de amar cafeína, preferia a minha com bolhas e em latas vermelhas. — Vim tratar de um assunto rápido.

— Claro que sim. — Ele riu. — Você é uma dessas que resolvem rápido as coisas. — Aproveitei que o advogado ainda estava de costas para franzir o cenho. Como advogada, eu demorava o mesmo tempo que o resto dos profissionais para encerrar processos, não entendia de onde vinha essa crença em rapidez.

Meu coração se apertou um pouco porque talvez o doutor Hércio pensasse que eu estava ali para dar como encerrada minha expedição até a Avelar Avelã.

— Na verdade... — comecei a falar, endireitando meus ombros e empinando meu queixo, iria dar a informação de maneira profissional, sem deixar dúvidas. — Vim aqui para falar sobre a minha

participação no caso da JL Engenharia. — optei para falar o nome da empresa ao invés da padaria, porque minha postura era muito mais sobre a construtora do que sobre a Avelar Avelã.

— Claro que sim. — balançou a cabeça, tirando da máquina sua xícara branca, agora cheia de café. — Te coloquei nesse caso exclusivamente. — lembrou, mas aquilo não era verdade.

— Estive trabalhando nos meus processos em aberto também. — esclareci, porque ninguém assumiu o meu trabalho, continuei fazendo-o remotamente, inclusive achei uma solução viável para um litígio sem solução até então.

— Mas a prioridade era a Avelar Avelã. — levou a xícara até os lábios, sorvendo o café.

— É sobre ela que quero falar. — apesar de sentir vontade de retrucar mais, mostrar que estive em outros processos, precisava ir logo ao ponto. — Não acho que eu posso convencer Estevão Avelar a vender a padaria.

Hélcio ficou imóvel por um segundo, me olhando fixamente como se eu tivesse acabado de dizer que eu era a nova ganhadora do BBB ou algo tão impossível quanto. Abaixou a xícara devagar, de volta para o pires, e o colocou na bancada.

— Por quê? — questionou e a minha impressão era que ele estava ficando cada vez mais pálido.

— Mostrei todas as opções para ele, expliquei como em pouco tempo a padaria vai se tornar inviável, mas ele se mantém firme em sua posição, inclusive diversificando as vendas. — não consegui deixar de fora um pouco do orgulho que sentia pela luta de Estevão para manter a padaria.

Tinha ido até a feira, aceitado meu pedido de entrega com prontidão, negado cada uma das minhas ofertas sem pensar duas vezes. Agora podia perceber que era cabeça dura, eram princípios rígidos que o governavam.

— Você tentou de tudo? — perguntou como quem questiona a uma criança se ela já fez lição de casa.

— Doutor Hélcio, eu esgotei todos os meus argumentos. — doía um pouco no meu ego dizer aquilo, porque eu não era uma pessoa que perdia discussões, mas precisava admitir que Estevão era um oponente à altura.

— Tudo? — abriu as mãos em frente ao corpo como se pudesse segurar os argumentos. Ou então apertasse seios em frente ao seu peito, o que era impossível. — Tudo *mesmo*? — A forma sugestiva

como falou a última palavra me deixou confusa.

Para alguém que ganhava a vida em júris, doutor Hércio às vezes podia ser bem confuso.

— Não sei se estou entendendo. — admiti, e ele revirou os olhos, apoiando as mãos atrás de si, na bancada, como se fosse um adolescente descolado.

— Marina, você é uma morena tipo exportação, pode tentar um pouco *mais*. — repreendeu com um tom quase carinhoso, e meus lábios se separaram em puro choque. — Não sei... usar um pouco do seu gingado. — mexeu a cintura como um idiota. — Afinal de contas, foi por isso que te escolhi.

Permaneci em silêncio, ouvindo as palavras se repetindo na minha cabeça e esperando que elas tomassem um sentido correto.

Mas não aconteceu.

Percebendo meu choque, doutor Hércio pareceu contemplar sua própria revelação.

— Você não pensou que eu te escolhi por competência jurídica, né? — perguntou, numa mistura de incredulidade e humor. — Marina, você é *recém-formada*, nunca teria cacife para uma negociação como essa, mas achei que poderia usar seus outros *dons*. — Por que ele era a pessoa a parecer traída ali?

Senti uma mistura de choque e nojo ao ouvir as palavras do meu chefe, meu estômago revirou e comprimi meus lábios juntos, sentindo que poderia vomitar a qualquer momento. Como alguém que se considerava um profissional respeitável poderia sugerir algo tão repugnante?

Doutor Hércio esperava que eu seduzisse Estevão para convencê-lo a vender a padaria, como se meu valor estivesse nos estereótipos racistas que ele colocava em mim. O advogado não me via como a profissional competente que eu era, me enxergava como... parte do acordo. Um bônus. Um objeto como a caneta que usariam para assinar o contrato.

— Olha, Marina, não me entenda mal, não vá pelo caminho do *mimimi*. — instruiu seriamente. — Se eu fosse uma mulher negra, eu usaria isso a meu favor, eu queria ser uma. — apontou para si mesmo. — Vocês, mulheres, têm privilégios e não estão sabendo como usar isso a seu favor. Tem cota pra tudo hoje em dia, mas quando é para usarem esses poderes, vocês não querem.

O advogado acreditava mesmo que sua posição como homem branco e rico, herdeiro de um império no Direito estava ameaçada e

que as características que me colocavam dez, cem, *mil* passos atrás dele na verdade eram chances que eu podia usar.

— Não vou aceitar você sair desse caso. — disse paternalista, como se estivesse me fazendo um favor. — Vai lá, se esforça mais, joga seu charme em cima dele, seus encantos. — mexeu os ombros, rindo.

Pisquei, ainda em choque, me sentindo instável, como se o chão tivesse desaparecido sob meus pés e eu flutuasse desgovernada para longe de todas as coisas que eu conhecia. Longe do meu amor pelo Direito, do orgulho dos meus pais, da oportunidade enorme que doutora Bianca me deu, do meu apreço pela profissão, da admiração de Cecília, da forma honrada como Estevão me enfrentou.

Me sentia vazia, oca, com as palavras reverberando no meu peito.

— Você *realmente* acha que eu vou me usar como um objeto para esse escritório? — perguntei enojada, apesar do quão fraca eu me sentia, a voz saiu firme, dura, implacável.

Doutor Hércio semicerrou os olhos em minha direção, cruzando os braços.

— Essa empresa é a única em que você trabalha, então vai fazer o que for melhor para todos nós. — disse cortante, sem margem para argumentação. — Não estou pedindo, Marina, estou mandando. Você só permanece aqui se fizer esse padeiro assinar a porra daquele contrato, não me importa como. Saia desse conto de fadas em que você é uma advogada de verdade e caia na realidade. Você só tem uma boceta. Use-a.

Meu coração disparou com indignação enquanto lutava para processar suas palavras. Era como se todo o meu esforço para me tornar uma advogada respeitada e ética estivesse sendo pisoteado diante dos meus olhos. Os anos de clubes de debates, as horas acompanhando juris, pesquisando, me inspirando em advogados renomados, me inspirando *nele* não tivessem valido de nada.

— Não me olha com essa cara de cão arrependido. — pediu, como se estivesse cansado de dar bronca. — mandei umas advogadas barangas, e elas obviamente não conseguiram porque são feias demais pra isso, mas você consegue. — pegou a xícara de volta e deu um gole tranquilo em seu café.

Como ele conseguia agir normalmente depois de dizer aquelas loucuras? Como doutor Hércio conseguia conviver com aquela mentalidade?

— Nossa reunião acabou. — Apontou para a porta. — Vá fazer seu trabalho e só volte aqui com contrato assinado.

O que mais doía era que o advogado agia como se estivesse falando algo que fizesse sentido, dentro do tom, o tipo de bronca que um chefe podia dar em uma funcionária sem que isso virasse um problema. Doutor Hércio não estava sendo maldoso, machista e racista para me punir, machucar e ofender. Era simplesmente quem ele era, no que acreditava.

Me virei em direção à porta me sentindo dura, anestesiada, mas com uma vontade imensa de correr, fugir e acabar debaixo da coberta entre meus pais, protegida, de onde nunca mais sairia.

Quando eu estava com a mão na maçaneta, ele me chamou, a forma como disse meu nome fazendo um arrepio de nojo subir pela minha coluna.

— Marina, como sabe todas as reuniões que temos individualmente são confidenciais. — invocou uma das cláusulas do contrato de trabalho que assinei alegremente meses antes — Se ainda quiser trabalhar com Direito, sei que a conversa que tivemos não vai sair dessa sala. — disse tranquilo e abri a porta, passando por ela sem nem me importar em fechá-la.

Ignorei o olhar de Vânia e corri para o elevador, apertando o botão incessantemente com um medo absurdo de que, se não saísse dali rápido, Hércio viria atrás e encostaria em mim. Abracei meu corpo, sentindo tremores assaltarem meus braços com a ideia de tê-lo me tocando, como se eu estivesse me desfazendo em pedaços, colapsando.

O elevador abriu e me joguei dentro dele, apertando o andar da garagem, querendo desesperadamente sair dali. Vi Vânia me olhar com pena, mas pude ver de relance o advogado fechando a porta, e sua expressão me trouxe lágrimas aos olhos.

Hércio Braga Neto sorria satisfeito.

Capítulo 24

ESTEVÃO



Capítulo 24 | Estevão

A melhor parte de ter uma padaria que estava indo à falência era poder cantar e escutar a música que eu quisesse a plenos pulmões. Meu avô deixava um radinho perto do balcão, mas sempre com volume baixo para não incomodar os clientes.

Eu não tinha esse problema.

— O que está acontecendo? O mundo está ao contrário e ninguém reparou. O que está acontecendo? Eu estava em paz quando você chegou. — cantei mais alto do que a própria Cássia Eller enquanto espanava as gôndolas vazias.

A música ajudava a espalhar o silêncio que a falta de consumidores trazia, a voz rouca de uma das minhas cantoras favoritas espantava meus pensamentos negativos sobre todas as ligações que eu estava evitando do contador.

Quando tudo estava dando errado, Caetano, Gil, Gal e Bethânia me consolavam. Meu *Spotify* quase pifou com quantas vezes ouvi O Mundo é Um Moinho quando meu avô faleceu. Era algo que ajudava.

No entanto, ultimamente, meu grande alívio vinha de outra MPB: Marina Pegou a Baguete (do meu coração). No meio do meu relacionamento com a advogada, as coisas pareceram se assentar, o mundo ainda estava ruindo ao meu redor, mas, quando ela estava perto, nada podia me abalar.

— É, Cássia Eller — falei como um louco com a voz que cantava no meu celular. — O segundo sol realmente chegou. — sorri,

ouvindo meu próprio trocadilho idiota.

Eu estava rendido.

Não tinha outra explicação.

Amarrado como um belo pernil assado com ervas e vinho tinto, a advogada podia até me colocar *literalmente* em um forno, e eu não ligaria. Sabia que o contexto era complicado, mas não me importava, Marina Dantas era minha decisão mais acertada.

Daríamos um jeito.

Não era exatamente romântico, apesar de acreditar no amor. As duas namoradas sérias que tive na vida às vezes reclamavam que queriam mais gestos, mais declarações e, mesmo com esse histórico, eu não parava de imaginar Marina Dantas num vestido branco andando em minha direção numa igreja. Qualquer igreja. Num bosque. Na lagoa da Pampulha. Em qualquer lugar.

Jamais seria capaz de falar em voz alta, mas no meio dessas comecei a imaginar crianças entrando com a aliança, um menino e uma menina com os mesmos traços, cabelos, a mesma pele e olhos que Marina.

Estava mesmo rendido. Não tinha como negar.

O sino balançou, anunciando um novo comprador, me tirando das fantasias paternas melosas em que eu havia me metido com a mulher que era *em tese* minha inimiga.

Quando me virei, era ela em pessoa lá. Meu sorriso brotou naturalmente, sem precisar ser convocado, porque eu sempre a queria ali, crítica, provocadora e amável. No entanto, senti meu rosto cair quando a olhei com atenção.

Marina estava... *destruída*.

Seu rosto sempre sorridente, sagaz, estava manchado pelas lágrimas, contorcido pela dor enquanto tentava não chorar. Os ombros puxados para baixo, tensos e encolhidos. Ela estava sofrendo. Muito. E eu não podia suportar.

Ergui meus braços, soltando o espanador em cima da prateleira, e ela tropeçou em minha direção, desabando sobre mim, se escondendo no meu peito, os soluços sacudindo seu pequeno corpo, ressoando na minha pele. Deitei minha bochecha em seus cabelos, inspirando o cheiro bom, mas não conseguindo tirar nenhum conforto dali. Marina estava sofrendo, e isso me fazia sofrer também.

— O que aconteceu? — perguntei baixinho, não querendo assustá-la, mas meu questionamento apenas fez com que o pranto se

tornasse mais alto.

A advogada agarrou a parte de trás da minha camisa, prendendo-a entre seus dedos, como se estivesse com medo de que eu escapasse. Afaguei suas costas, esperando que o gesto trouxesse o apoio que ela precisava.

— Está tudo bem, pretinha. — garanti num sussurro. — Seja lá o que for, nós vamos resolver. — prometi, puxando-a com cuidado em direção à cadeira que ela sempre ocupava, queria pegar um copo de água, oferecer espaço para que pudesse respirar, mas Marina se agarrou ainda mais a mim.

Sentei-me na cadeira, trazendo-a para meu colo, suas pernas sobre as minhas, os braços ainda ao redor de mim, mas seu rosto se escondeu na curva do meu pescoço enquanto eu ainda massageava suas costas esperando poder fazê-la se sentir bem. Marina tremia da cabeça aos pés, os soluços agoniados, como se tentasse contê-los, mas fosse impossível.

Um rompante de raiva me tomou. Quem quer que tivesse feito ela se sentir assim, um idiota no trânsito, alguém em casa ou no trabalho, se veria comigo.

Não deixaria aquilo barato.

Nunca fui uma pessoa violenta, meu avô não acreditava que as coisas eram resolvidas com os punhos — exceto amassar pão — e passou aquele ensinamento para mim, mas estava pronto para esquecer todas as lições que aprendi e acabar com quem fez minha mulher sofrer daquele jeito.

— Ah, Estevão... — ela murmurou e voltou a chorar, esfregando seu rosto molhado no meu ombro, quase se fundindo comigo, e eu quis que sim, que pudéssemos nos mesclar e que eu dividir a dor com ela.

Segurei seus ombros com delicadeza, querendo desesperadamente vê-la, mas Marina abaixou o rosto como se estivesse envergonhada, não quisesse ser vista.

— Olha pra mim, por favor. — implorei. — Me diz o que está errado. Eu prometo, *eu juro*, vou consertar.

O chocolate derretido de seus olhos se encontrou com os meus, as orbes marejadas, avermelhadas, cheias de um sofrimento que ela não precisava carregar sozinha.

— Não acho que você consiga, Estevão... — ela sussurrou, segurando meu rosto com as mãos trêmulas. — mas eu queria que você pudesse. — Chorou, se inclinando para me beijar, seus lábios

úmidos pelas lágrimas.

Correspondi, afagando seus ombros, costas, mãos, querendo mais do que tudo que um beijo pudesse curá-la do que quer que estivesse errado. Marina se afastou, procurando por ar, e foi a vez dos meus dedos envolverem suas bochechas.

— Me diz. — implorei baixinho, e ela balançou a cabeça, negando.

— Você não merece isso. — disse, e meu polegar varreu as lágrimas dos seus olhos, acariciando a pele fria.

— Você também não. — jurei, e seu lábio inferior, tremeu, abrindo novamente a torrente de choro.

— Não mereço. — concordou, se escondendo de novo no meu ombro, chorando.

Segurei Marina, sabendo que não havia nada que eu pudesse dizer que a afastaria daquela sensação, mesmo assim tentei, abaixando meus lábios perto de sua orelha e sussurrando tudo que me viesse à mente.

“Você é perfeita”

"Tudo vai ficar bem."

"Vou cuidar de você."

"Vai passar, Marina."

"Sei que dói, mas vai melhorar."

"Estou com você."

"Estou sempre com você."

Aos poucos, o choro foi se acalmando até só restar um suspiro dolorido. Escutei o silêncio enquanto seus dedos brincavam com os cabelos em minha nuca, não fiz nenhuma menção de me levantar, continuei abraçando Marina, deixando que o contato a curasse.

— Podemos conversar? — perguntei num sussurro, e ela se encolheu. — Sei que está dolorido, mas eu gostaria que a gente conversasse. — Marina endureceu no meu colo, os ombros tensos, e afaguei, esperando que ela se acalmasse.

— Preciso... falar com você. — disse, a voz rouca, arranhada pelo choro, e se afastou, se levantando do meu colo, o rosto amassado, manchado pelas lágrimas.

— Pode dizer qualquer coisa. — prometi e vi seus olhos marejarem, estiquei a mão para segurar a dela, mas Marina deu um passo para trás e se afastou.

Ela não olhava em minha direção, seu olhar fixo nos próprios pés, a postura retraída, curvada para baixo como se um peso descomunal estivesse acumulado em seus ombros, e de novo eu quis dividir aquilo com ela, carregar parte do seu fardo.

— Não podemos mais nos ver. — ela sussurrou, a pequena frase pairando no ar. Abri a boca para dizer algo, mas a voz me faltou.

Marina não disse mais nada, tampouco me olhou, continuou firme encarando o chão enquanto eu tentava fazer as palavras fazerem sentido.

Não podíamos mais nos ver? Como assim? Ali na padaria? Sim, poderíamos, ela não me atrapalhava, pelo contrário, sua presença iluminava o mundo ao meu redor. Mesmo quando ainda estávamos concentrados em ser inimigos, não houve um momento em que a advogada não me instigasse.

Podia ser o contrário?

Eu... a atrapalhava?

— O que quer dizer? — perguntei, grudado na cadeira, sentindo minhas forças drenadas, fraco demais para me levantar.

— Existe um conflito de interesses entre nós, e por isso quero que a gente se afaste. — explicou, mas não fazia sentido para mim.

Aquilo sempre existiu, mas não era um problema antes. Tínhamos um acordo, não deixaríamos o fato de estarmos de lados opostos nos atrapalhar e estava dando certo. Passávamos a maior parte do nosso tempo juntos, e eu não estava falando apenas de sexo, Marina e eu podíamos nos sentar lado a lado numa sala em branco, e ainda assim daríamos um jeito de nos divertir.

— Isso não é um problema. — lembrei. Lutaria pela padaria, e ela daria tudo de si na Braga Neto, esse era o combinado.

— Agora é. — sussurrou, erguendo o rosto e finalmente me olhando, a máscara de plenitude que ela mantinha estava no lugar, mesmo assim consegui ver a dor.

— Não entendo, Marina.

— É como as coisas são. — deu de ombros, olhando para o balcão, mesmo lugar em que demos tantos beijos apaixonados. — Não daria certo de qualquer forma.

— É mesmo? — retruquei, dessa vez sentindo raiva, não de Marina, mas de toda aquela situação. — Porque não parecia assim até ontem quando você disse que eu devia conhecer seus pais. — apontei, lembrando das horas em que ficamos em chamada de vídeo enquanto

ela cozinhava o jantar em seu apartamento e eu fingia assistir uma série na TV.

Mesmo quando não estávamos perto, dávamos um jeito de estarmos juntos.

Essa era nossa dinâmica.

— Não complique as coisas. — implorou, a muralha de calma caindo quando mais lágrimas apareceram em seus olhos. — Já é difícil o suficiente. — deu um passo para trás, se afastando ainda mais, fugindo, desaparecendo.

Levantei-me, quebrando a distância entre nós, não podia deixar aquilo acontecer.

— Me conte o que está acontecendo. — pedi, segurando sua mão, e Marina não ofereceu nenhuma resistência, pelo contrário, seu corpo se inclinou instintivamente em minha direção.

— É melhor que você não saiba. — murmurou, e franzi o cenho.

Então algo estava mesmo errado? E por que parecia que ela queria *me* proteger?

— Você pode me contar qualquer coisa. — assegurei, acariciando seu pulso, e a cabeça de Marina tombou de lado, os cachos escorregando pelo seu ombro quando o contato pareceu acamá-la. — Por favor. — Pedi, e aquilo pareceu a acordar.

A advogada deu um passo para trás, puxando seu braço e nos separando.

— Acabou aqui, Estevão, obrigada por tudo, mas não temos mais como seguir em frente. É melhor assim. — disse seca e se virou, os saltos batendo contra o assoalho da padaria que tinha sido palco de todas as minhas despedidas.

Minha mãe saiu dali comigo na barriga e nunca voltou, minha avó passou por todo seu câncer no andar de cima até ser mandada para o hospital para fazer a passagem, meu avô também teve seus últimos suspiros sob aquele teto.

Cada indivíduo que importava para mim tinha ido embora por aquela porta e nunca mais voltou, me deixando com uma padaria que eu nem queria em primeiro lugar. Não precisava daquelas paredes, gôndolas e produtos, mas precisava daquelas pessoas.

E Marina era mais uma delas.

— Por favor, não vá. — pedi baixinho, e ela não se virou, empurrou a maçaneta, e uma lufada de ar frio soprou no meu rosto.

A última coisa que ouvi foram suas palavras baixas:

— Eu preciso, Estevão.

Capítulo 25

M A R I N A



Capítulo 25 | Marina

Cecília não disse nada, mas sua expressão por trás da máscara cirúrgica falou tudo pela forma como me seguia com os olhos pelo estúdio.

Ela sabia que tinha algo errado.

— Dá até dó de desmanchar. — disse para as unhas que tínhamos feito naquele mesmo final de semana. — Tá perfeitinha. — suspirou, e eu dei de ombros.

Não voltaria para o escritório, também não podia ir para a Avelar Avelã e, depois de três dias no sofá, evitando as ligações dos meus pais e as mensagens de todo mundo, decidi mudar as unhas. Era o máximo de produtividade que eu conseguia em meio à agonia apática.

Ninguém nunca me disse que um coração quebrado te deixava tão inútil. Apesar de ter tido algumas decepções ao longo da vida, tinha lidado com as tristezas me afundando nos estudos e mais tarde no trabalho. Quando o primeiro garoto recusou minha cartinha de “quer namorar comigo?”, eu li toda a obra de Machado de Assis. Na vez em que meu ficante do ensino médio apareceu namorando com uma loira do segundo ano, tirei mil num simulado de redação.

Era isso que eu fazia, quando o mundo me quebrava, eu voltava mais forte.

Mas não daquela vez.

As palavras de Hécio — me recusava a pensar nele como

doutor de novo — ficavam rodando na minha cabeça: “*Você não pensou que eu te escolhi por competência jurídica, né?*”, o fato de que ele não soou maldoso, mas verdadeiramente perplexo era o que mais doía. Eu podia lidar com gente horrível sendo cruel, mas era difícil negar alguém que parecia tão convicto na minha inferioridade.

Não podia acreditar que as únicas qualidades que um advogado precisava ter era ser *homem* e *branco*. Doutora Bianca era uma mulher e uma das melhores profissionais que conheci, seguia pelo menos uma cinco juristas negras no Instagram que eram as melhores em suas áreas, excelência era o sobrenome das mulheres pretas do Direito. Racionalmente, eu sabia que Hécio estava errado, mas a voz sabotadora dentro de mim insistia “e se for verdade?”.

— Hein? — Cecília chamou, me tirando dos meus devaneios.

— Desculpa, o quê? — pisquei, tentando voltar para o ateliê roxo, bonitinho e confortável ao invés de morar nos meus pensamentos ruins.

— Vamos fazer mais uma noite de jogos, quero jogar War com Junior e Estevão. — sugeriu, e me encolhi, minha amiga não respondeu à minha reação exagerada, não podia duvidar que ela estivesse jogando verde para colher maduro.

Nada passava despercebido ao olhar atento da minha amiga.

— Estevão e eu não estamos mais... — o fato de que eu não tinha uma palavra para descrever nossa relação me doeu ainda mais. A coisa mais significativa que eu tive com alguém em toda minha vida não possuía um nome — juntos.

— Por quê? — perguntou, nem um pouco surpresa. Mordi o lábio inferior, focando nas minhas unhas entre seus dedos. — Junior me disse que o padeiro está todo magoado por aí, sem contar o motivo, e agora você chega aqui parecendo que estava num velório. O que aconteceu? — questionou a última parte de forma gentil, e eu desviei o rosto.

Eu o protegi. Fim da história.

Tendo uma amostra do caráter de Hécio, sabia que minha proximidade com Estevão só levaria a mais pessoas machucadas. O advogado parecia muito confortável em me usar de todas as formas antiéticas para afetar a Avelar Avelã, manter uma relação — qualquer uma que estivesse acontecendo — só faria a padaria mais vulnerável.

Deixaria Estevão mais exposto.

E eu não podia permitir que aquilo acontecesse, não quando tinha finalmente entendido o que aquela pequena padaria significava

para ele, para sua história, para seu legado. Sabia que era questão de tempo até que a JL finalmente conseguisse o que queria, no entanto, não seria pelas minhas mãos que Estevão perderia tudo.

— Só não deu certo. — afirmei, mantendo minha voz estável.

— Tá, e eu sou a Ivete Sangalo. — debochou de leve, me arrancando um sorrisinho. Cecília tinha um jeito muito peculiar de mostrar descrença. — Aquele homem te olhava como se você fosse uma deusa, digna de veneração, e agora você está me dizendo que “*não funcionou*”? — fez aspas no ar, equilibrando o alicate de cutículas entre seus dedos.

— Precisa mais que isso para um relacionamento. — lembrei, porque ela mesmo já teve caras que a adoravam, e mesmo assim não rolou.

Só que esse não era o caso entre nós.

— Coisa nenhuma. — contrariou. — Você também ama aquele padeiro, está nítido.

Arregalei os olhos, surpresa com aquela pequena palavra: *amor*.

Era isso que estava acontecendo entre nós? Essa era a razão pela qual a decisão de me afastar de Estevão parecia doer mais do que perceber que a Braga Netto não era lugar para mim?

Ouvir minha amiga dizer aquilo trouxe um misto doloroso de satisfação e puro caos. Era como se um novo mundo se abrisse diante de mim, cheio de possibilidades e emoções que eu nunca havia experimentado antes, mas, ao mesmo tempo, esse mundo estava implodindo diante dos meus olhos porque amá-lo não me levaria a lugar algum.

Eu amava Estevão Avelar, mas não poderia tê-lo.

Me aproximar mais podia dar mais controle a Hércio. Como eu não tinha percebido desde o começo que essa era sua intenção? Ele não queria que eu fosse convincente, articulada e botasse à prova todos os ensinamentos que o tempo no Direito tinha me dado. O advogado queria que eu fosse oferecida.

Estremeci ouvindo o “*Marina, você é uma morena tipo exportação, pode tentar um pouco mais*” ecoar dentro da minha cabeça.

— É mais complicado do que parece. — murmurei, e Cecília ignorou o aviso.

— Não é nada, vocês se amam, como isso pode ser difícil? — cresci vendo o amor dos meus pais ser a coisa mais tranquila e fácil do mundo, mas infelizmente eu não tive a mesma sorte.

Meu lábio inferior tremeu com a merda das lágrimas que eu não conseguia conter desde que saí da Braga Neto.

— MD, por favor. — minha amiga implorou, deixando o alicate de lado e tirando a máscara cirúrgica do rosto. — Estou preocupada com você, me conta o que está acontecendo.

Tapei minha boca com a mão, tentando parar o soluço incontrolável, mas era impossível. Me debrucei sobre a mesa, chorando feito uma idiota porque na verdade eu era uma. Não importava o quanto estudasse, trabalhasse e me esforçasse, eu era uma tola.

— Ah, meu amor. — Cecilia se compadeceu, abraçando-me e me cercando do seu próprio carinho.

Me sentia menos pior com minha amiga ao meu lado. Ou sobre mim.

— Conta, pode contar pra mim. — implorou.

Respirei fundo, engolindo o choro e jogando o contrato de confidencialidade para o ar. Provavelmente minha amiga era a única pessoa com quem eu podia falar sobre aquilo sem ser processada, e confiava nela para isso.

— Hércio me ameaçou. — confidenciei, me endireitando, e Ceci se levantou, mas ainda manteve as mãos unidas às minhas.

— O dono da Braga Neto? — perguntou de olhos arregalados. — Te ameaçou como? Por quê?

— Ele não me mandou para a Avelar Avelã para que eu convencesse Estevão a vender a padaria, me enviou para... — me encolhi, sentindo-me suja, usada. — eu me oferecer. Não era sobre minha competência.

Cecília encostou na cadeira, os lábios entreabertos e a expressão em branco como se quisesse dizer alguma coisa, *reagir*, mas o choque era tanto que não conseguia esboçar uma resposta.

Eu a entendia, era assim que me sentia também.

— Ele me disse... — meu lábio tremeu, mas o mordi forte, empurrando a culpa e a vergonha para o fundo da minha mente. — que eu tenho uma boceta e que devia usá-la, afinal de contas, sou uma *morena tipo exportação*. — repeti as palavras, enojada.

Dizer aquilo me fez sentir de novo o peso estranho de ser a garota que não era convidada para encontros, que era ignorada nas festas, mas que recebia mensagens de madrugada de homens que esperassem que eu respondesse. Como um objeto de desfrute, alguém

cujo todo valor estava contido em sua sexualidade.

Minha amiga arregalou os olhos, suas mãos voando para o rosto, tapando-o, perplexa.

— Você está brincando. — Ceci acusou, a voz embargada como se ela mesma estivesse à beira do choro.

— Queria estar. — tentei fingir que tudo não passava de uma brincadeira, que Hércio já tinha intimidade o suficiente para fazer uma pegadinha, dizer algo da boca para fora. Mas não era verdade, o homem acreditava em suas próprias palavras.

— Marina, você *precisa* denunciar esse porco. — disse incisiva, e eu balancei a cabeça. — Sim, você tem que fazer. Não pode deixar esse psicopata solto por aí depois de dizer todas essas coisas terríveis.

Era o discurso que eu mesma repeti para vítimas em casos mais complexos, “*têm que apresentar uma queixa formal para garantir que isso não se repita*”, mas era muito mais fácil falar do que fazer.

— E você sabe o pior? — questionei e minha amiga balançou a cabeça, me deixando desabafar. — Hércio não disse isso no calor da emoção, com raiva, para me machucar, mas falou porque acredita que é isso que eu sou.

— Marina, nem se ele tivesse dito isso puto da vida, ainda não justificaria. Esse homem é nojento. — fez uma careta, jogando a cabeça para trás frustrada. — A professora que te arrumou a entrevista, Bianca, ela te adora, diz isso pra ela, conta.

Me encolhi.

Bianca Motta me disse que, se eu precisasse de ajuda no futuro, podia contar com ela. A professora ainda me mandava mensagens esporádicas sobre assuntos que sabia que eram do meu interesse, mas eu sabia que estava ocupada. Suas filhas, duas garotas gêmeas, estavam prestes a se formar em Direito, ela devia estar preocupada em garantir que as meninas tivessem bons contatos.

Meu estômago afundou quando pensei na possibilidade de Estela e Giovanna irem parar na Braga Neto.

— Não quero incomodar.

— Por que você continua fazendo isso? — Ceci questionou, revoltada. — achando que é um peso para todo mundo que te apoia. MD, essa mulher pode te ajudar, peça, por favor.

— Acho que ninguém pode me tirar dessa. — confidencieei, e seus olhos faiscaram numa emoção que eu conhecia bem: *vingança*.

— Eu com certeza posso. — levantou o alicate que estava na

mesa. — Vou arrancar as bolas daquele cretino inútil com isso aqui. — Ver minha sempre doce e tranquila amiga estar tão empenhada com a violência me fez rir, consolando-me um pouco. — Se acha que estou brincando, não me conhece, prepare a minha defesa, vou capar aquele velho maldito.

— Não, você não vai. — afirmei, voltando minhas mãos para posição de manicure. — Mas obrigada por sugerir.

Cecilia suspirou, voltando a cutilar meu indicador com maestria, tirando a pele morta e modelando a unha.

— Você não falou isso para Estevão. — adivinhou, e eu me encolhi.

— Ele precisa estar ocupado com outras coisas agora. — garanti.

Era a decisão certa. Se Hércio estava desesperado o suficiente para me ameaçar, isso significava que a JL Engenharia estava sendo firme sobre a negociação. A maioria dos prédios na rua foi demolido, a Avelar Avelã era a pedra no sapato deles, e em breve as tratativas seriam menos pacíficas.

Não era boba e inocente, sabia que Direito Empresarial era um meio cheio de corrupção e que às vezes suborno, propina e fraude eram os meios para fins milionários.

Estevão tinha que se ocupar com isso e não comigo.

— É cruel — minha amiga acusou, apesar de não falar de forma rude. — com ele e com você mesma.

— É o que posso fazer agora. — afirmei, sentindo meu coração se despedaçar por me sentir tão abandonada e saber que eu o estava deixando sozinho também. — Faltar ao trabalho e fazer as unhas. — Forcei um sorriso que trouxe uma expressão pesarosa para minha amiga.

Eu *queria* o conforto de Estevão, mais que tudo. Chorar em seus braços tinha feito com que o peso das palavras de Hércio parecesse mais suportável. Queria poder ajudá-lo também, advogar em sua defesa, mostrá-lo alternativas para barrar o avanço da JL Engenharia.

Mas o afastamento era mais seguro, não importava o quanto doesse.

— Então. — Cecilia suspirou, tentando soar animada. — Já que unhas são o que podemos fazer, unhas são o que faremos. O que vai querer hoje? Francesinha? Branco? Nude? — sugeriu entre a carta de estilos que eu usava por julgar que combinava mais com a Braga Neto.

Por isso nem precisei pensar antes de dizer.

— Quero vermelho.

Capítulo 26

ESTEVÃO



Capítulo 26 | Estevão

Não abri a padaria por três dias.

Para ser sincero, eu poderia ter tentado. Meu avô fez isso um milhão de vezes e, antes dele, o biso Pedro também havia feito a Avelar Avelã funcionar em todas as condições adversas. Mas eu não conseguia.

Deitei no meu sofá e fiquei olhando para o teto, me levantando apenas para ir ao banheiro e comer. Pela primeira vez em toda minha vida, não me importei em eu mesmo fazer as refeições com cuidado, trabalhando os ingredientes, fazendo cada parte do processo de cocção. Apesar de saber que muitos chefes não gostavam de cozinhar em casa, eu não era assim, amava preparar comida, mas não tinha forças desde que Marina Dantas passou por aquela porta.

Comi sequilhos puros de café da manhã, direto da caixa, pão com queijo no almoço e jantei uma lata de sardinha que achei perdida no armário. Nada parecia ter sabor ou graça.

Eu até *queria* me importar, sabia que deveria, as contas da padaria se acumulavam, ficar parado não ajudava nada na situação terrível em que as finanças da Avelar Avelã estavam. No entanto, não conseguia.

Apenas no quarto dia, eu desci para o primeiro andar.

As gôndolas estavam vazias porque não repus nada, não tinha grana para pagar novos produtos, a maioria dos fornecedores tinham nos abandonado. Me abandonado. Não havia um nós na Avelar Avelã.

Sabia que as duas idosas que ainda compravam na padaria estavam preocupadas, tinham mandado mensagem perguntando sobre o motivo de estarmos fechados, e eu inventei uma história sobre gripe que as afastaria dali.

Poeira se acumulou ao redor móveis, a cadeira que Marina sempre se sentava estava fora do lugar como uma lembrança amarga da última conversa que tivemos. Se fechasse os olhos, ainda podia sentir seu corpo trêmulo entre meus braços. Ela estava tão triste, tão despedaçada.

E mesmo assim me deixou.

Suspirei, passando a mão pelo rosto, sentindo a barba por fazer pinicar minha palma, o bigode precisava ser aparado urgentemente, e eu com certeza ficaria bem com um corte de cabelo, mas não me importava muito. Talvez devesse comprar umas frutas, estava me sentindo fraco, sem vitaminas, precisava me alimentar direito, tomar um sol, esticar as pernas, assar pão, fazer bolo, salvar a padaria, reerguer o negócio da minha família.

Precisava fazer tanta coisa que só a ideia de executar tudo aquilo me cansava.

Olhei ao redor, e só uma coisa me vinha à mente.

Eu estava com saudade do meu avô.

Lágrimas involuntárias nasceram nos meus olhos, e não me importei de chorar porque foi ele quem me ensinou que ter emoções era sinal de que eu ligava para as coisas. E eu me importava. Com tudo.

Não consegui fazer o básico. O mínimo. Cuidar da padaria dele, seguir seu legado, manter de pé a única coisa que provava que os Avelar haviam existido e deixado sua marca no mundo. Uma marca que era muito maior que eu.

Falhei.

Nem sabia por quanto tempo fiquei de pé ali, sentindo a dor da derrota e da saudade que era ampliada pela falta de Marina. Sentia falta do meu avô, da minha vida como chef e da única mulher que me fez sentir completo.

Eu era mesmo um perdedor.

Antes que eu pudesse desistir de tudo e voltar para o sofá, vi um homem parado na porta. Negro, grisalho, usando óculos de grau e tinha os lábios franzidos. Era Daniel Lopes, o contador do meu avô.

Ele deu um tchauzinho pelo vidro com a mão livre enquanto a

outra era ocupada por uma caixa, e eu cogitei andar de ré, devagar, fingir que nunca tinha descido ali. Consegui ver sua boca se movendo para formar um “abre aí”.

Suspirei, limpando as lágrimas dos olhos, sem me importar muito em esconder o choro porque a camisa preta amassada e os jeans e tênis surrado que vesti numa tentativa de me animar mostravam que eu não estava lá muito bem. Aquilo não era a roupa certa para receber um profissional tão bom quanto Daniel, mesmo assim, caminhei até a porta e a destranquei, percebendo que nem me dei o trabalho de tirar a chave da fechadura depois que Marina saiu.

— Oi, bom dia... — cumprimentei, forçando um sorriso.

— Bom dia, Estevão. — disse, a testa enrugada, intrigado. — Posso entrar? — perguntou quando fiquei parado como uma estátua, no meio do caminho.

— Claro. — dei um passo para o lado, assistindo-lhe olhar para o espaço quase vazio que antes era uma padaria cheia de vida.

— Você não atendeu os últimos telefonemas. — apontou, mas não era uma acusação, só uma explicação do motivo pelo qual ele estava ali.

— Estive ocupado. — muito atarefado procurando System Of Down no Spotify para escutar aquela gritaria que Marina ouvia e pensar nela enquanto aqueles cabeludos desgraçados falavam nada com nada.

— Com certeza. — concordou, olhando ao redor para a padaria que não parecia ter ninguém trabalhando nela.

Daniel me lembrava meu avô, também era um trabalhador honesto, tranquilo e que não atacava ninguém, apesar de no momento eu merecer alguns xingamentos.

— Bem, Estevão, você sabe por que eu vim aqui. — disse suave, deixando a caixa em cima da mesa que Marina trabalhava. — A situação de Avelar Avelã não estava sendo das melhores desde que a rua se transformou num canteiro de obras — O fato de que ele não me culpou pela situação da padaria quase me consolou — e infelizmente não houve uma melhora.

— Fiz o meu melhor. — falei sem saber se era uma explicação para ele ou para mim mesmo, um pedido de desculpas para o meu avô que devia estar nos ouvindo de algum lugar.

— Sei que sim, menino. — num gesto inesperado, Daniel tocou meu ombro, seu rosto contorcido pela pena. — Mas, infelizmente, não podemos continuar ignorando os números. As despesas superam em

muito as receitas. É uma situação delicada, Estevão. Devo ser honesto contigo. A Avelar Avelã está oficialmente falida.

Não parecia real, aquelas palavras nunca fizeram sentido juntas antes. Avelar Avelã e falência não combinavam com a padaria que cresci vendo prosperar.

Mas era isso que estava acontecendo.

— É importante estar ciente das leis e regulamentos que regem esse tipo de situação. — sua mão continuou firme no meu ombro enquanto dizia mais sobre os procedimentos. — um advogado pode orientá-lo melhor sobre como lidar com credores, quais são os seus direitos e responsabilidades e como garantir que todo o processo seja conduzido de forma transparente e legal.

Fechei os olhos por um segundo. Eu conhecia uma advogada, a melhor de todas, a única que disse que não deveríamos mais nos ver.

— Eu gostava muito do seu avô — disse de repente, chamando minha atenção —, essa padaria era a razão da vida dele. — ouvir aquilo só fez a culpa aumentar. — mas ele era bom com finanças, um gerente exímio. E ele também teria vindo à falência se estivesse no seu lugar.

Duvidava daquilo. Meu avô era imbatível, sabia como negociar, como fazer contatos. Joaquim Avelar não teria deixado que toda aquela situação acontecesse.

— Aqui estão todos os documentos dos últimos anos — apontou para a caixa de papelão em cima da mesa. —, mas tenho algo especificamente para você. — disse, remexendo os papéis e tirando um envelope de papel pardo, manchado pelo tempo, parecia antigo demais para ser parte das finanças. — ao longo dos anos, acabei sendo um confidente do Joaquim. — riu, provavelmente se lembrando daquela época.

— Ele também gostava muito do senhor. — garanti porque era verdade, meu avô fazia questão de mandar cestas e mais cestas de café da manhã em épocas comemorativas para o escritório do contador.

— Sei que sim. — garantiu com um meio sorriso, entregando-me o envelope. — leia isso com atenção. Seu avô deixou comigo para que, toda vez que ele estivesse com problemas financeiros, pudesse ler isso aqui. Acho que pode ajudar.

Franzi o cenho, curioso.

Não me lembrava de momentos em que Joaquim teve algum percalço financeiro, minhas memórias eram cheias de prosperidade.

O papel áspero e empoeirado arranhou meus dedos, o envelope

era grosso, cheio, pesado.

— Obrigado. — agradei quando li o remetente daqueles documentos. Pedro Avelar. Meu bisavô.

— Na segunda, passe no meu escritório, vou te dar mais orientações sobre como agir quanto à falência. — garantiu, e senti algo se contorcer dentro de mim. A última vez que havia ido até a contabilidade havia sido para receber as informações sobre herdar a padaria.

A vida tinha dado uma volta completa.

— Tchau, Estevão. — disse e saiu pela porta, não respondi, curioso demais sobre o que tinha de tão importante naquele envelope.

Sentei-me na cadeira de Marina, a mesma onde fiquei preso por horas depois que ela saiu, mas dessa vez ficar ali tinha um gosto diferente, de fascínio, poeira e um pouco de mofo. Minha rinite com certeza atacaria.

Abri a aba do envelope, vendo o papel amarelado pelo tempo escapar de dentro dele. A primeira página se tratava de uma carta com uma letra elegante, e o topo dela tinha a data e o lugar, seguido de uma mensagem curta.

Belo Horizonte, 16 de janeiro de 1955.

Caro pai,

Espero que essa carta o encontre com saúde, porque por aqui estamos bem.

Quero garantir que o senhor saiba o quanto estamos indo bem. Ao contrário do que pensou, vir para o Brasil para tentar uma vida melhor não foi um erro que matou de fome minha esposa e o Joaquim. Pelo contrário. Encontramos aqui terra para trabalhar, oportunidade para viver.

Não consegui abrir meu restaurante ainda, no entanto, sei que em breve vou poder fazê-lo. Vou realizar esse sonho, juro pela vida do meu filho. Enquanto não posso, estou com uma pequena padaria que fornece pão para um bairro todo e sob essas paredes vou conseguir juntar dinheiro o suficiente para realizar meu desejo.

Avelar Avelã é o nosso comércio que leva o seu sobrenome, apesar de sua descrença nele. Aqui encontro sustento para Rosa e para o pequeno Joaquim, que já é um brasileiro de alma.

Estamos bem, a padaria alimenta não só a barriga, mas os nossos sonhos. Aqui é só o começo.

Com respeito,

Pedro Avelar.

Olhei chocado para aquelas palavras, sentindo o coração bater mais forte no peito. Meu bisavô queria ser um chefe de cozinha tanto quanto eu, mas as condições o fizeram criar a Avelar Avelã, e ele não via a padaria como uma obrigação, mas como um trampolim para suas aspirações futuras.

A padaria alimenta não só a barriga, mas os nossos sonhos.

Conhecia a história, meu bisavô ficou doente, e minha bisa foi quem assumiu a cozinha enquanto meu avô era jovem demais para poder trabalhar. Ele morreu pouco tempo depois, talvez antes de ter coragem para enviar aquela carta desaforada.

Ri, sentindo os olhos marejados. Ninguém podia dizer que os homens Avelar deixavam barato. Por um momento fiquei imaginando o que Pedro faria se conhecesse Marina. Ele com certeza a amaria instantaneamente.

Deixei a carta com cuidado sobre a mesa e passei para as próximas páginas.

— Não é possível. — sussurrei para mim mesmo, embasbacado, lendo o conteúdo das próximas cartas.

Porque não eram correspondências, eram receitas.

Pratos típicos portugueses como bacalhau à Brás, polvo à lagareiro, arroz de mariscos com instruções cuidadosas que extrapolavam as margens do papel, as letras espremidas nos cantos explicando como cortar e temperar com cuidado. A cozinha lusitana se misturou à brasileira quando as receitas passaram a ser moqueca, vatapá, pão de queijo.

As últimas páginas eram as mais interessantes, uniam ambas as culturas com experimentações arrojadas e inventivas, como tapas recheadas de carne seca, pastel de bacalhau com queijo minas. Nessas receitas, havia comentários do meu bisavô com testes explicando o que deu certo e o que deu errado com cada uma.

Pedro Avelar se empenhou com a gastronomia tanto quanto eu me empenharia porque seu sonho era aquele. Infelizmente ele não teve tempo, condições para realizar porque era um imigrante na década de cinquenta, lutando para alimentar a esposa e o filho pequeno, mesmo assim, ousou sonhar, não vendo a Avelar Avelã como um fim, mas um meio.

Fechei os olhos, abraçando o maço de papel no meu peito, sentindo um misto de realização com curiosidade. Por que meu avô lia aquilo quando se sentia fracassando?

Talvez porque ele tivesse outras metas.

A constatação daquilo fez meu corpo inteiro sacudir num tremor assustado, ferido, mas ao mesmo tempo curado. A maior de suas aspirações era cuidar de mim e da vovó depois que minha mãe faleceu.

Vovô não queria que eu herdasse a Avelar Avelã pois queria seguir com a padaria, mas porque queria que eu tivesse um propósito, algo forte como sua própria vontade de que vovó e eu estivéssemos bem, os sonhos do meu bisavô de ter um restaurante.

A padaria era para alimentar meus sonhos, não para ser um fardo.

E eu tinha propósitos fortes. Queria também ser um grande chefe, talvez aquilo estivesse no sangue, desejava ser renomado, conhecido em toda a gastronomia. E eu podia. Nada me impedia, a Avelar Avelã não era um peso ao qual eu estava ligado.

Era um meio.

Me levantei num rompante, elaborando na minha cabeça uma lista de todas as coisas que tinha que fazer. Precisava checar se tinha farinha o suficiente para algumas receitas, chocolate temperado, leite e manteiga.

Porque eu tinha uma outra meta, uma talvez maior do que abrir um restaurante.

Eu ia reconquistar Marina Dantas.

E abrir um restaurante. Necessariamente nessa ordem.

Capítulo 27

M A R I N A



Capítulo 27 | Marina

— Oi. — falei cansada quando o interfone tocou pela terceira vez e eu estava no sofá com uma lata de doce de leite, comendo de colher e evitando o mundo lá fora. Mas com a insistência acabei cedendo.

— Dona Mari. — Dilson chamou, e eu franzi o cenho, ele parecia surpreso. — Tenho uma entrega pra senhora. — disse, e o silêncio reinou do outro lado da linha.

Meu queixo se ergueu levemente para a frente, numa careta intrigada. Ok... ele tinha uma entrega. Sempre havia entregas, mas ele nunca me ligava por isso.

— Acho melhor a senhora vir pegar. — sugeriu, e eu olhei para a lata de doce de leite em cima da mesa de centro. Abandoná-la por provavelmente uma caixa de produtos de cabelo que comprei num impulso triste e consumista?

Não valia a pena.

— Coloca no elevador, por favor, eu pego aqui. — pedi, olhando para minha camisa puída da faculdade, meias verdes, coque bagunçado e os shorts de lycra curtos, não era exatamente a imagem mais apresentável de todas.

— Ok... — falou, parecendo confuso, e permaneceu por mais alguns segundos na linha, como se tomando uma decisão.

— Obrigada, seu Dilson. — agradei, desliguei o interfone e abri a porta do meu apartamento, encostei na parede e esperei até que

o elevador apitasse no meu andar.

Essa era minha vida agora. Esperar compras da internet, ficar deitada no sofá e comer doce leite esperando uma iluminação divina me mostrar o que fazer, porque eu não tinha coragem para mais nada. Estava com medo de ir até a Braga Neto, essa era a verdade, a ideia de enfrentar Hércio me dava arrepios de nojo. Enquanto pudesse evitar aquele lugar, eu evitaria.

O elevador se abriu e de onde eu estava não conseguia olhá-lo por dentro, mas uma linda cesta foi empurrada para fora com a porta de metal ainda aberta. Franzi o cenho, intrigada. Pedi creme hidratante e não suprimentos de café da manhã.

A cesta era deslumbrante, feita de vime entrelaçado com maestria, de onde eu estava podia ver papel celofane envolvendo pães doces, bolos, caixinhas de suco, biscoitos. Me desencostei da parede e caminhei em direção a ela. Aquilo era armação de Cecília?

Me abaixei em frente ao presente e vi que sobre os produtos havia um cartão com papel timbrado, nele dizia “Eu não desisto de você. Nunca.”, no canto, havia a logo da Avelar Avelã. Peguei o cartãozinho, emocionada, os dedos trêmulos, tão absorta que nem percebi quando a voz grave soou de dentro do elevador.

— Oi, Marina.

— Ah! — gritei, caindo sentada no chão, vendo não um fantasma diante de mim, mas Estevão Avelar em pessoa, encostado no fundo do elevador, os braços cruzados e a postura relaxada.

Até ele explodir em risadas.

Filho da mãe.

Me levantei, brava, ajeitando meu short na bunda e tentando evitar minha própria gargalhada. Tinha que admitir, aquela era uma cena engraçada. De repente, o peso profundo no meu peito cessou, não havia mais aquela nuvem de tristeza pairando sobre mim.

— Desculpe. — pediu, saindo para o corredor, ainda dando uma risadinha. — Mas isso foi muito engraçado. — suspirou, saltando a cesta de café da manhã e parando a poucos centímetros de onde eu estava. — Oi. — cumprimentou, doce e afetado.

Dei um passo para trás, criando mais espaço entre nós. Por mais que apenas vê-lo já tivesse feito meu dia mais feliz, não podia me esquecer do motivo pelo qual tomei a decisão de nos afastar. Era o melhor para ele.

— O que está fazendo aqui, Estevão? — perguntei cansada, cruzando meus braços apenas para me abraçar um pouco. Tê-lo tão

perto me deixava carente, sobrecarregada, desejando que ele pudesse me confortar.

— Entregando uma encomenda para minha cliente favorita. — deu de ombros com um sorrisinho que pareceu iluminar o mundo ao nosso redor.

Dizer que ele estava bonito era quase um insulto. Estevão *era* lindo usando mais uma de suas infinitas camisas pretas, jeans claros e os tênis Vans que aprendi a amar. O bigode estava aparado, o cabelo bonito, alinhado.

Perfeito.

E não era meu.

Endireitei a coluna, descruzando os braços e querendo ser amigável, mas querendo encerrar aquela conversa.

— Obrigada por isso, me fala seu pix, e eu vou pagar pela cesta. — ofereci educada, e aquilo pareceu irritá-lo.

— A dona não paga. — deu de ombros, e eu franzi o cenho.

— Eu sou dona de quê? — perguntei, curiosa.

— Do dono. — deu um sorrisinho provocador.

— Estevão... — disse, um tom que o avisava que aquele era um caminho perigoso a se seguir. — Eu disse, acabou entre nós. — Minha voz falhou, meu coração apertado por ter que negá-lo, mas aquilo não pareceu abalar sua confiança.

— Você é minha, Marina, e não vou abrir mão de você. — seu tom não era dominador, forte, pelo contrário, era uma constatação tranquila.

Fechei os olhos, querendo não ser tão envolvida pela sensação de plenitude que me tomou por ouvir aquelas palavras. Tudo que eu mais desejava era ser cuidada, que alguém estivesse ao meu lado, lidando com toda a loucura que minha vida tinha se transformado.

— As coisas são mais difíceis do que parecem. — dei uma risadinha amarga, me encolhendo, as palavras de Hércio nublando minha cabeça.

— Eu posso ajudar. — prometeu, quebrando a distância entre nós e segurando meu rosto entre suas mãos. — Pretinha, o que quer que esteja acontecendo, eu vou resolver. Eu vou ajudar.

Deixei minhas pálpebras levantarem apenas para vê-lo perto de mim, os olhos castanhos dançando em admiração, ternura. Amor.

Não consegui resistir.

Me inclinei e conectei nossos lábios, beijando-o com desespero, medo e necessidade de conforto. O calor do seu corpo se mesclou com o meu e, por um momento, todas as incertezas desapareceram, substituídas pela certeza de que, juntos, poderíamos enfrentar qualquer desafio que a vida nos lançasse. Eu abateria mil Hércios Braga Neto com aquele chef de cozinha teimoso ao meu lado.

Sua língua dominou a minha e perdi as forças, mas Estevão me sustentou, prensando-me contra a parede quando minhas mãos enlaçaram seu pescoço. Senti falta daquilo, senti falta dele, do senso de humor idiota, das provocações, do cheiro, do calor.

Ele mordiscou meu lábio inferior quando me afastei, arfando, procurando por mais ar, mas sem sentir que eu precisava de oxigênio porque minha maior necessidade era Estevão.

— Senti sua falta, senti mesmo a sua falta. — Estevão se lamentou, ofegante, apoiando a testa no meu ombro, inspirando o cheiro do meu pescoço como se sentisse o melhor perfume de todos.

— Também senti a sua. — confessei, passando os dedos pelos seus cabelos cheios. — Como sabia que eu estava em casa? — funguei, e ele sorriu.

— Não sabia. — deu de ombros. — Ficaria acampado aqui até você aparecer. — Me diz o que está acontecendo, Marina, eu vou te ajudar. — implorou, se afastando de novo para segurar meu rosto.

Tinha duas opções, afastá-lo ou fazer com que o meu problema com Hércio se tornasse *nosso* problema. A vida toda eu fugi de ser responsabilidade das pessoas que eu amava, fiz o meu melhor, me apliquei, sofri em silêncio, fingi ser feita de pedra, e isso funcionou pelo tempo que aguentei.

No entanto, agora era diferente, tinha Estevão ao meu lado.

— Vamos entrar. — pedi, e ele balançou a cabeça, se afastando para pegar a cesta no chão, mas deixando uma mão livre para segurar a minha. — Você fez tudo isso? — perguntei, colocando um cacho rebelde atrás da minha orelha.

— Claro que sim, não sou o tipo de pessoa que compra industrializados. — fingiu estremecer enquanto passava pela minha porta, e revirei os olhos.

— É mesmo? Até as caixinhas de suco? — provoquei, e ele gemeu, deixando a cesta em cima da mesinha de centro e voltando a acolher meu rosto em suas mãos para mais beijos roubados.

— Meu Deus, senti falta dessa sua língua afiada. — me beijou, puxando de leve os cabelos da minha nuca, apenas para erguer meu

rosto, dando mais acesso aos meus lábios. — Quem poderia dizer que eu ficaria viciado em ser humilhado por uma mini advogada?

Ri, me sentindo mais leve. Amava como Estevão via todas as coisas que outras pessoas considerariam defeito e as exaltava como qualidade.

— Vem. — Puxei Estevão para o sofá com um suspiro quando ele passou a distribuir selinhos pelo meu rosto. — Vamos conversar. — Sentou-se ao meu lado, puxando minha mão para o seu peito, mantendo-a ali enquanto sentia seus batimentos fortes através da pele.

Estevão podia estar todo sorridente e brincalhão, mas também era ansioso. Me senti culpada por sair sem dar uma explicação, mas julguei ser o melhor naquele momento. E estava prestes a desfazer a decisão.

— Aquele dia em que você foi até a padaria... — começou, suave, introduzindo o assunto que ele sabia que seria difícil — algo aconteceu — não foi uma pergunta.

Respirei fundo, tomando coragem enquanto seu polegar, acariciava de leve meu pulso.

Precisava começar aquela história do começo.

— Eu entrei no caso da JL Engenharia porque recebi uma proposta de promoção. — confessei, virando meu rosto para olhar em seus olhos enquanto contava tudo, seu semblante não mudou, Estevão permaneceu apoiador. — Se eu conseguisse te convencer a assinar o acordo com a Braga Neto, viraria advogada sênior.

— Você é a única que conseguiria. — murmurou, beijando minha mão, e senti lágrimas inundarem meus olhos. Em outro momento, eu concordaria com ele. — Você é demoníaca, Marina Dantas. — brincou de leve, e eu ri, indignada sobre como aquela praga sempre parecia saber o que dizer.

— Pensei que seria fácil, que você era só um padeiro cabeça dura, implicante e que estava fazendo pirraça. — admiti com um sorrisinho, acariciando sua bochecha com as costas da mão. — Naquela época não sabia o quão errada estava, Estevão Avelar era um homem íntegro, com força de vontade.

— Eu *sou* um padeiro cabeça dura e implicante. — concordou, e revirei os olhos. Sim, ele era mesmo. — Mas minha questão com a Braga Neto nunca foi pirraça.

— Agora eu sei. — confirmei, deitando minha cabeça em seu ombro com um suspiro. — *Doutor* Hércio me disse que estava fazendo isso porque eu era ilibada, a única sem uma reputação, poderia

convencê-lo. — a forma enojada como falei aquilo o fez endurecer. — mas não foi por isso que ele me mandou lá. — não consegui evitar soar chorosa, vulnerável.

— Você pode me dizer o que quiser, Pretinha. — afirmou, mas havia uma pitada de raiva coberta ali.

— Ele me disse que tinha me mandado lá para te seduzir, que sou uma *morena tipo exportação* e tenho uma boceta que deveria... deveria... — não consegui terminar de contar, já estava chorando, desesperada.

Estevão soltou minha mão, apenas para me puxar para seu colo, me pegando como fez aquele dia na Avelar Avelã, seus braços ao meu redor, me protegendo da memória daquele horror. Ele nos balançou, suave, quase como se estivesse me ninando, sussurrando pedidos de desculpas que não deveriam vir dele.

— Eu sinto muito, Pretinha, sinto muito. Isso nunca deveria ter acontecido com você, não merece isso, ninguém merece... me perdoe. Eu devia estar lá para te proteger. — sussurrou no meu ouvido, culpado, cheio de dor.

— Você não tem culpa disso. — funguei, me endireitando, sentindo-me cansada de chorar, querendo que aquela dor cicatrizasse. — Não tinha como você saber, não tinha como ninguém saber.

Não podia imaginar que alguém esperasse que seu grande ídolo, *mentor*, diria coisas tão cruéis sobre alguém que o idolatrava. Que pensaria aqueles absurdos, no entanto, gente misógina, racista, não conseguia controlar suas ações, o ódio vazava por eles.

— Vou matá-lo. — Estevão disse firme.

— Não, você não vai. — tentei sorrir, amenizar o clima, mas sua mandíbula estava cerrada, os olhos injetados de raiva, apesar do toque gentil nas minhas costas. — Reclusão de seis a vinte anos, não quero ter um marido na cadeia.

— Ninguém fala o que ele te disse e pode sair impune, Marina. — jurou, dando um beijo em minha testa. — Esse homem vai pagar. — segurou meu rosto enquanto eu me sentia mais e mais agoniada.

— Estevão, Hécio é poderoso, não pode simplesmente...

— Eu posso e vou. — disse, e eu suspirei, abraçando-o. — Ninguém faz isso com a minha mulher.

Meu coração se inflou ouvindo aquilo.

— Não sou sua mulher. — ri, envaidecida.

— Você é. Só não sabe disso ainda.

— Só me afastei porque tinha medo de que ficar perto de você me obrigasse a fazê-lo mal, não quero te fazer desistir da padaria. Agora eu entendo. A Avelar Avelã é muito maior do que a merda de um shopping. — Queria me desculpar por ter entendido aquilo tarde demais, mas estava com medo de que aquilo só o irritasse.

Senti seus braços endurecerem ao meu redor, sua respiração pesar quando soltou um suspiro doloroso.

Oh, não...

— O que aconteceu? — perguntei, e Estevão deu um sorriso triste, tirando um cacho errante da frente dos meus olhos.

— A padaria foi à falência, Pretinha. — contou, a voz baixa. — Não tem mais o que fazer além de...

— Sinto muito. — murmurei, sentindo-me de novo marejada, triste com como tudo parecia estar errado. Estevão merecia felicidade, realização, manter seu legado. — Não queria que isso acontecesse.

— Está tudo bem. — garantiu, acariciando a lateral da minha cintura.

Mas não estava. Aquela merda de construtora tinha chegado num bairro familiar para destruir tudo, Hércio passou sobre todas as barreiras éticas para encher os bolsos de dinheiro às custas de Estevão, dos vizinhos, das famílias que cresceram ali.

Não era justo.

— Vou dar um jeito. — prometeu, e eu balancei a cabeça, concordando com ele.

— Sim, *nós* vamos dar um jeito. — precisava participar daquilo. — E eu sei como.

Se Hércio Braga Neto pensou que eu era uma péssima advogada, ele não me conhecia. Porque eu era a pior. E não pararia até conseguir o que queria.

Capítulo 28

M A R I N A



Capítulo 28 | Marina

— Você fica uma gostosa com esses terninhos, sabia? — Estevão disse quando abriu a porta do prédio para que eu entrasse, seus olhos me percorrendo de cima a baixo.

— Pensei que eu fosse irritante. — passei por ele, agradecida por sua cortesia, mas, se bem me lembrava, meu apelido anterior era *“mini enviada do diabo”*.

No entanto, tinha que admitir, era bom estar de volta aos meus blazers, calças de corte reto e saias.

— Isso também, uma coisa não tem nada a ver com a outra. — sorriu, e foi minha vez de inspecioná-lo. Meu acompanhante também estava irresistível, usando uma camisa de botão preta e calça social.

Era fofa vê-lo se esforçando para se vestir adequadamente para a ocasião.

E a bunda dele ficou incrível em alfaiataria.

— Sentindo saudade? — perguntou, vendo como eu olhava ao meu redor, absorta por aquelas paredes.

Era estranho voltar ali, como ser transportada por uma máquina do tempo para onde as prioridades eram outras, e os desejos e sonhos também. No entanto, era bom retornar e ter alguém segurando minha mão, me apoiando, apagando todas as vezes que caminhei por aquele mesmo piso e me senti sozinha, invisível. Olhei para Estevão, e sua admiração brilhava para mim.

— Não — admiti, dando de ombros —, mas é bom voltar.

Parei em frente à porta conhecida e respirei fundo, buscando coragem.

— É aqui? — perguntou, e eu balancei a cabeça, me sentindo nervosa.

A estranha sensação de estar fazendo algo errado, proibido, bagunçou meu peito. Devíamos estar ali? Parecia uma afronta, algo errado demais para alguém tão insignificante quanto eu.

No entanto, se eu era temerosa, Estevão era o contrário, ele mesmo deu dois toques na porta, alto e firme quando eu teria ficado parada por minutos em pé lá. Ergui os olhos apenas para ler o nome na plaquinha de metal. Bianca Motta.

— Pode entrar. — A voz conhecida chamou lá de dentro, e o homem ao meu lado girou a maçaneta, abrindo a porta o suficiente para que eu visse a sala em que passei horas em reuniões instigantes.

Tudo estava como eu me lembrava. A madeira envernizada do assoalho brilhava à luz suave que filtrava pelas cortinas semiabertas, enquanto as estantes repletas de livros e papéis dispostos com meticulosidade pareciam sussurrar histórias de conhecimento acumulado ao longo dos anos. De repente fui transportada para época em que Bianca me deixava por alguns minutos sozinha ali, e a curiosidade para ler cada palavra me corroía.

No centro, a mesa de mogno polido, testemunha silenciosa de debates acalorados dos estudantes de Direito Empresarial. No canto, havia um quadro negro, agora limpo e imaculado, mas que na minha época tinha sempre explicações para os alunos que iam até o gabinete.

E ali, no canto, numa cadeira de couro, estava Bianca Motta, com um sorriso largo, a mesma pele branca com algumas rugas que acompanhavam seu cabelo grisalho, curto, despojado. Ela usava uma echarpe vermelha ao redor dos ombros, e os óculos de grau tinham a armação da mesma cor.

Sorri quando ela se levantou, empurrando a mesa de madeira com as mãos levantadas.

— Oh, você chegou! — De repente eu estava dentro de seus braços, sendo apertada pela professora baixinha e calorosa. — Que saudade, Marina! Como está, querida?

Foi tão bom ser recebida por alguém que conhecia minha capacidade e, mais que isso, acreditava nela.

— E pelo e-mail, você deve ser o Estevão, prazer, sou a Bianca. — me soltou, apenas para cumprimentá-lo com um aperto de mãos educado. — Entrem, por favor, desculpem a bagunça, alguns alunos

acabaram de sair. — indicou as duas cadeiras simples e estofadas na frente da mesa.

Me sentei, sentindo aquela pitada de nostalgia, me lembrando de ser uma recém-adulta, criando coragem para pedir à minha professora modelo por orientação em uma pesquisa que eu queria fazer. Justiça Restaurativa e Comunitária, nada a ver com a linha de pesquisa de Bianca, mas, como uma das únicas professoras mulheres no departamento, ela aceitou.

— Muito bom ver você. — repetiu com um sorriso, brincando com a borda de sua echarpe, que eu sabia que devia vir de alguma expedição para outro país da América do Sul. — não quis adiantar o assunto por e-mail, estou curiosa.

Respirei fundo.

Meus lábios se separaram para contar a história sobre como eu havia destruído a oportunidade que ela me deu na Braga Neto. Engoli seco, deixando minha língua lamber o gloss claro que eu tinha aplicado para parecer mais apresentável.

Nenhuma palavra saiu.

Podia sentir os olhos de Estevão grudados em mim enquanto sua mão envolvia a minha, e isso me motivou a falar.

— Aconteceu um problema no escritório. — afirmei sem coragem de dizer o sobrenome daquele nojento. — Eles estão em tratativas com uma construtora para adquirir prédios na rua do Estevão onde ele tem um comércio, uma padaria quase centenária para ser mais exata.

— E você não quer vender. — Bianca adivinhou com um sorrisinho. — Adoro esses casos. — Minha ex-professora era conhecida por adorar muitas coisas.

— A compra de todos os prédios da minha rua dificultou os negócios. — admitiu.

— Parece que temos um embate interessante pela frente. — disse, apoiando o cotovelo no encosto da cadeira. — Adoro quando as coisas ficam um pouco complicadas.

— E houve uma complicação. — garanti. — Me foi oferecido um cargo sênior se eu conseguisse convencer Estevão a assinar o contrato. — Bianca ergueu uma sobrancelha, curiosa.

— E você negou?

— Obviamente não. — O sorriso que ela me deu acalmou um pouco as coisas no meu coração.

Não tomei a decisão errada ao aceitar o esquema que me foi proposto. Era para isso que eu tinha estudado, para receber oportunidades e ultrapassá-las. Bianca não era o tipo de pessoa que fingia que o mundo jurídico não era desigual, que mulheres tinham as mesmas oportunidades que homens, que pretos estavam em pé de igualdade com os brancos.

Para nós, seus alunos mais próximos que ela acolhia e orientava, ela sempre deixou claro que devíamos jogar as regras do jogo, o que quer que nos garantisse a chegada até nossos objetivos.

E eu tinha aprendido assim.

— Então, qual é o problema? — perguntou, franzindo o cenho, inclinando-se sobre a mesa.

Respirei fundo, dessa vez não senti a vontade avassaladora de chorar, pelo contrário, foi raiva o que me dominou. Ódio pela oportunidade que eu tinha lutado tanto para receber ter sido tirada de mim com tanta maldade.

— O doutor Hércio me disse que não tinha me colocado nessa posição pela minha expertise em direito, mas porque eu tenho uma vagina. E sou preta, sedutora. — falei enojada, assistindo ao sorrisinho da minha antiga professora cair.

— Não... — Bianca torceu os lábios, com asco — ele não disse isso.

— Sim, ele disse. — foi Estevão quem interveio, olhei para o lado e vi seus ombros travados, a mandíbula cerrada.

Bianca se levantou por um segundo e caminhou até a porta, parando em frente a ela, só quando ouvi o clique da maçaneta que entendi que ela trancou a sala para que ninguém pudesse nos interromper.

— Me conta tudo. — pediu de volta à mesa, toda a amistosidade que antes nublava nossa visita havia desaparecido. A professora, docente concentrada e gentil, desapareceu, dando lugar à jurista implacável.

Repeti as palavras que tinham passado pela minha mente nos últimos dias, mas dessa vez contei com distanciamento, não me permiti fraquejar diante de Bianca. Narrei os acontecimentos como a advogada que aprendi a ser.

— Deus... — Bianca disse quando me calei, tirando os óculos de grau do rosto e esfregando os olhos. — Eu sabia que Hércio era um porco, para ser sincera, sempre foi, desde a época em que nós estudávamos aqui. — Apontou para as paredes.

Franzi a sobrancelha, surpresa, eles pareciam muito íntimos pela forma como falavam um do outro.

— Pensei que eram amigos. — falei, e ela estalou a língua no céu da boca, girando na cadeira para olhar para a estante na nossa lateral, perdida em pensamentos.

— Não somos. — garantiu. — Nós nos usamos mutuamente e sabemos disso, ele tem um escritório grande que precisa de bons profissionais, e eu tenho ótimos alunos que necessitam de um primeiro emprego.

Aquilo me pegou de surpresa, achei que eles tinham uma relação próxima, que eram amigos, e era por isso que Bianca conseguia as entrevistas na Braga Neto para alguns dos seus pupilos.

— Eu fui do movimento dos caras pintadas, e Hércio era sempre da turma do “*deixa disso, temos que deixar a economia trabalhar*”, não gosto nem de pensar em quem ele votou nas últimas eleições. — falou enojada. — mas isso que ele fez com você foi... imperdoável, um crime, Marina.

Balancei a cabeça, concordando com ela.

Num gesto inesperado, Bianca esticou sua mão para encontrar a minha sobre a mesa enquanto Estevão tinha a outra firme entre as suas. A professora me acolheu, gentil, e aquilo fez com as lágrimas que eu tentava evitar aparecessem.

— Você não merece isso, sinto muito. Não devia ter te mandando para lá, não sabia que ele era *desse* baixo nível, mesmo assim... me sinto culpada. — afirmou com uma careta triste, a testa vincada, preocupação cravando suas feições. — Mandeí para ele os meus melhores alunos, querida, mas você é a melhor dos melhores, merecia mais.

Ouvir aquelas palavras de Bianca foi como um raio de luz em meio à escuridão que eu vinha enfrentando. Sabia que não estava sozinha, tinha Estevão ao meu lado, mas ouvir da minha grande mentora que eu fui injustiçada, foi um sopro de frescor, mesmo que em um momento difícil.

— O que eu faço agora? — perguntei, vulnerável, e ela se afastou, assumindo a postura clínica com um suspiro.

— Se você fosse sua própria advogada — questionou gentil —, o que você faria?

A pergunta de Bianca ecoou em minha mente, instigando-me a refletir sobre o que realmente era melhor para mim, o que beneficiaria o coletivo. Ergui meu olhar para ela, determinada a encontrar a

resposta dentro de mim.

— Eu lutaria. Pelo meu direito de ser tratada com respeito, de trabalhar em um ambiente seguro e livre de assédio. Pela justiça. — não foi difícil chegar àquela conclusão, pelo contrário, foi a decisão mais fácil da minha vida. — Foi para isso que me formei.

Assisti ao sorriso da minha professora crescer, e ela tentou escondê-lo, ajeitando os óculos no rosto.

— Não vai ser fácil. — garantiu. — Se vai seguir com isso em frente juridicamente, vamos precisar montar um bom caso, ainda mais para uma classe corporativista como a nossa.

Engoli seco, olhando para Estevão, que parecia confuso, mas decidido, sua padaria, o legado da família, estava em jogo, mas ele não se abalava, pelo contrário, estava firme. Então eu também estaria, se ele confiava em mim, eu podia fazer a mesma coisa.

— Você está dizendo que vou sujar meu nome no meio jurídico. — adivinhei, e ela ficou em silêncio por alguns instantes, pensando.

— Na verdade... não. — disse meio surpresa, como se o que quer que tivesse inventado na sua cabeça fosse uma boa ideia. — As meninas estão prestes a se formar, e *agora* é o sonho delas ter um escritório, quero abrir um para elas, já que não posso mandá-las para aquele chiqueiro. Mas não posso entrar como frente de negócio, preciso de uma sócia experiente com elas... você. Eu te roubaria de Hécio de qualquer forma, era só questão de tempo.

As palavras de Bianca me pegaram de surpresa. Era uma proposta inesperada, mas ao mesmo tempo repleta de significado. Sentir-me reconhecida por alguém em quem tanto confiava era um presente inestimável, mas também vinha acompanhado de um peso enorme de responsabilidade.

Enquanto processava suas palavras, pude sentir uma mistura de emoções borbulhando dentro de mim. Oportunidade, gratidão, medo do desconhecido. Mas, acima de tudo, havia uma chama de determinação que se acendeu dentro de mim, aquela que adormeceu nos meses de Braga Neto. Era hora de dar um passo adiante, de enfrentar os desafios de frente, ao lado daquelas que estavam prestes a iniciar sua jornada no mundo jurídico.

— Eu não sei se... — comecei meio envergonhada, sentindo-me quase nepotista, apesar de não termos uma ligação, e ela fechou a expressão, brava.

— O que eu te ensinei? — perguntou, brava como uma mãe, e me encolhi.

— Agarre as oportunidades. — repeti seu mantra, sentindo algo que não aconteceu quando recebi o *e-mail* de aceite do processo seletivo da Braga Neto. Senti... *esperança*. — Obrigada, Bianca, vai ser um prazer.

— O prazer vai ser todo meu. — deu um sorriso feliz do tipo que ela me dava nas orientações de Iniciação Científica. — Agora você, meu jovem. — se voltou para Estevão. — temos que chegar a uma solução para você.

— Minha solução para aquele homem é matá-lo. — falou, e eu apertei seus dedos na minha mão, não querendo quebrá-los, obviamente. Apenas torcer.

Para minha surpresa, aquilo fez minha mentora gargalhar.

— Adoro quando vocês fazem ameaças de morte, só nunca fale isso na frente de um juiz — orientou, se encostando na cadeira, esticando o pescoço, as engrenagens girando em sua cabeça. Havia um motivo além de toda sua competência para Bianca ser minha professora favorita. Ela era feroz. — Para ser sincera, acho que tem um jeito, uma opção.

— Sério? — ergueu a sobrancelha, curioso e Bianca crispou os lábios. — A padaria foi à falência, não tenho como continuar a ser uma oposição forte para a Braga Neto.

— Isso não vai ser um problema. — admitiu. — Mas pra isso você vai ter que vender a Avelar Avelã... para a JL Engenharia.

Capítulo 29

ESTEVÃO



Capítulo 29 | Estevão

— Você está nervosa. — falei, com uma mão no volante e a outra em sua coxa sobre a saia bege. Não era uma pergunta, eu já sabia a resposta.

— Estou tentando não ficar, mas... é muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. — Encostou no banco do carona, deitando a cabeça no apoio e olhando para a rua cheia.

Marina me pediu para dirigir porque ela não se sentia estável o suficiente para fazê-lo. Sabia que não era fácil.

— Não vou deixar que ele toque em você ou que lhe dirija a palavra. — sabendo que grande parte da sua ansiedade vinha de ver de novo aquele babaca e saber que eles estariam na mesma sala já estava me deixando maluco de ódio.

— Sei que sim. — ela colocou sua mão sobre a minha.

Tinha sido um pedido seu para estar ao meu lado na sala, e Bianca disse que, para o bem do plano, era melhor que estivesse mesmo. Não concordei com aquilo, mas eu era incapaz de parar Marina Dantas quando ela se decidia por algo.

Parei em frente a Braga Neto, conseguindo por sorte uma vaga diante do prédio porque, se eu tivesse problemas, teria chances de acabar estacionando em cima da cabeça de Hécio.

— Está pronta? — perguntei, e ela respirou fundo, a máscara de profissionalismo subindo pelo seu rosto, mas havia uma chama de vontade ali, algo forte e verdadeiro que não fazia parte da cena.

Marina estava obstinada e não pararia até que alcançássemos o que Bianca havia proposto.

— Vamos. — pediu, e eu abri a porta, fechando o lado do motorista e circulando o carro apenas para abrir a do carona.

— Muito educado, nem parece o homem que prometeu matar meu ex-chefe. — brincou de leve, segurando minha mão e dando um passo para o lado, de forma que ficamos o mais próximo possível.

Mesmo ali ela não deixava de me provocar.

— Você é uma coisinha irritante, sabia? — perguntei, me inclinando para beijar o topo de seus cabelos.

— Sim, eu sei. — Marina riu, acariciando minha palma com seu polegar.

— Mas é a minha coisinha irritante. — prometi quando abri a porta do prédio, e sua expressão se tornou morna, carinhosa.

Não tínhamos falado sobre futuro e relacionamentos, afinal de contas, nossas vidas se transformaram em quebra-cabeças confusos, mas sabia como me sentia e tinha uma vaga ideia de que era recíproco. Estava apaixonado por Marina Dantas, tanto que aquele sentimento parecia consumir tudo ao meu redor.

Eu não sabia como ser o antigo eu, porque amá-la agora era parte fundamental de quem eu era.

A única coisa que podia fazer era torcer para que ela sentisse o mesmo, porque eu não tinha intenções de parar de me apaixonar.

Marina não parou na portaria, pelo contrário, ela usou um cartão magnético para passar pela catraca e me trouxe junto com ela sem grandes problemas. Pelo que eu sabia, Bianca e ela tinham redigido um e-mail diretamente para Hércio — obviamente sem que ele soubesse que era uma mensagem escrita a quatro mãos — dizendo que haviam finalmente me convencido e que eu queria assinar os documentos.

Ela soltou nossas mãos e passou a caminhar ao meu lado como uma advogada durona. Algumas pessoas a cumprimentaram no caminho, mas apenas com acenar de cabeças. Era estranho vê-la assim, Marina era tão apaixonada por seu trabalho e, mesmo assim, ali ela parecia mais uma sombra da profissional dedicada que era.

Entramos no elevador, e ela apertou um botão para o último andar, mordendo o lábio inferior.

— Vai ficar tudo bem. — prometi, querendo poder tocá-la, mas sabendo que aquilo poderia estragar as coisas.

— Sei que vai. — afirmou, balançando a cabeça e cruzando os braços em frente ao peito. — Você está aqui comigo... por isso sei que vai ficar tudo bem. — disse, me olhando diretamente, e aquelas palavras pareceram muito mais profundas do que qualquer declaração.

Marina estava acostumada a ser uma lutadora solitária, vencia tudo com as próprias mãos, em silêncio, com medo de pedir ajuda, mas naquele momento ela estava me dando um pedaço muito grande de si mesma: sua confiança.

— Vamos fazer isso. — prometi, e ela balançou a cabeça.

A porta do elevador abriu, e de novo ela tomou a dianteira.

— Estou aqui para ver o doutor Hércio. — alinhei o bigode, escondendo um sorriso pelo fato de que a forma como ela disse “doutor” pareceu muito mais um palavrão do que qualquer outra coisa.

Ela era mesmo demoníaca.

— Ele e os sócios da JL Engenharia já estão esperando vocês. — a secretária falou, mas seus olhos eram fixos em Marina com o resquício de quase... *pena*. Apertei minhas mãos em punhos, a funcionária foi quem a viu saindo dali destrozada pelas palavras daquele idiota.

Quantas delas deveriam ter ouvido coisas como aquela?

Marina endireitou os ombros antes de dizer:

— Os sócios também estão aí? — apontou para a porta, e eu ergui uma sobrancelha.

Não era o que tínhamos combinado com Hércio.

— Sim. — a loira balançou a cabeça, mas aquilo não afetou minha advogadazinha, porque ela apenas se virou para mim, a expressão plácida, sem nenhum medo.

— Por aqui, senhor Estevão. — pediu, e eu quis levantar aquela saia e me ajoelhar diante dela. Nada era mais sexy do que minha mulher fodona e determinada.

Marina caminhou na minha frente, quase desfilando sobre seus saltos altos. Conseguia ver os pequenos sinais de ansiedade, mas só porque a conhecia muito bem. Se não fosse por isso, a forma como abria e fechava as mãos e tirava os cachos da frente do rosto parecia normal.

A advogada não bateu na porta, apenas a abriu e lá de dentro o barulho de conversas e risadas cessou.

A primeira coisa que vi foi... um bando de velhos brancos ao redor de uma mesa gigante de madeira. Todos de terno, com expressão variadas de divertimento. Reconheci Hércio entre eles não por suas características físicas — ele era igual a todos os outros calvos —, mas pela forma como seus olhos caíram sobre Marina. Ele a olhou como se ela fosse um brinquedo, um objeto que tinha trazido muita satisfação.

Não era orgulho. Era posse.

Engoli seco, imaginando como seria empurrá-lo pela parede de vidro e vê-lo caindo lá de cima.

— Finalmente. — disse, levantando-se e fazendo, com a quebra, com que os outros três homens se virassem em nossas direções, mas, dessa vez, a atenção de todos caiu sobre mim. — o famoso Estevão Avelar. — Não havia uma gota de apreciação em seu tom, apenas falsidade. — Vemos que o tempo amassando pão te deixou em forma. — O que para qualquer outra pessoa deveria ser uma brincadeira para quebrar o gelo, nele soou como humilhação.

Se a convivência com Marina tinha me ensinado algo, era reagir.

— Queria poder dizer o mesmo de você. — falei tranquilo. Não era o tipo de pessoa que julgava os outros pela aparência, mas alguém que se comportava como um porco geralmente se parecia com um. E aquele era o caso.

Hércio respirou fundo, raiva tingindo suas bochechas de vermelho, mas, ao invés de revidar, apenas deu um sorriso duro.

— Podemos começar? — perguntou, voltando-se para o quarteto sentado. — Não temos tempo a perder.

— Com certeza. — um dos outros velhos concordou. — Quanto antes começarmos, mais rápido vai ser o processo de demolição.

Eles iriam destruir a padaria, sabia disso, mas ouvir as palavras ainda era difícil. Mesmo sabendo que não deveria, olhei para Marina, procurando por algum conforto, algo que acalmasse meu coração, no entanto, ela olhava diretamente para o advogado. Estava enfrentando alguém que a havia machucado profundamente e, mesmo assim, era corajosa. Eu também podia ser.

— Você nos deu trabalho, garoto. — um dos homens que estava sentado, o mais velho entre eles, se levantou, esticando a mão em minha direção. — Sou Juliano Loren, fundador da JL Engenharia e devo dizer que você nos deu uma canseira.

Olhei para sua tentativa de cumprimento, mas não retribuí. Não

importava o quanto aquele cara era velho e poderoso, ainda era o homem que destruiu toda a minha rua, e aquilo não tinha perdão.

— Bem... — disse, recolhendo a própria mão quando me viu imóvel. — Esses são Olavo de Almeida, Antônio Betocchio e Alessandro Oliveira, meus sócios na construção do shopping. — Dei o meu melhor para ignorá-los também, e a expressão desconfortável no quarteto velharia me deixou satisfeito.

— Aqui temos o contrato. — Hércio disse, pegando um maço de papel de cima da mesa. — Precisa que eu leia para você? — perguntou, mais uma vez, tentando de novo me menosprezar.

Se era uma competição de quem tinha o pau maior, eu também sabia brigar.

— Não, obrigado. — falei, pegando as folhas grampeadas de sua mão. — Mas quero me sentar. — disse olhando especificamente o tal Juliano.

Os velhos franziram o cenho, mas logo o dono da JL Engenharia deu um passo para o lado, saindo da cadeira de couro e me dando o seu lugar. Sentei-me despreocupado, afastando a cadeira da mesa e cruzando meus pés sobre ela, me inclinando confortavelmente.

— Me traz um café, por favor — pedi para o tal Olavo —, sem açúcar.

— Não acho que... — Hércio começou a dizer, uma veia pulsando em sua testa.

— Shiu. — falei, levando meu indicador até os lábios. — São muitas páginas... meu café, por favor.

No final das contas, eles ainda precisavam da minha assinatura. Estava fazendo aquilo como uma vingancinha para meus antepassados. Estava desistindo da Avelar Avelã, mas pelo menos cairia com honra.

Olhei por cima do ombro para ver se Marina estava me reprovando, mas ela não me fitava, sua atenção estava fixa no horizonte da parede de vidro, os lábios comprimidos como se ela evitasse gargalhar. Sorri, passando a segunda página. Aquilo era por ela também.

— Aqui. — o sócio disse entredentes, deixando a xícara sobre a mesa com um barulho ruidoso, como se quisesse jogá-la na minha cabeça.

— Obrigado — falei, dando um sorriso brilhante —, mas não quero mais. — disse e me virei para o contrato. — Se soubesse que

vender a padaria seria tão divertido teria feito isso antes.

Que o estatuto do idoso não me pegasse acabando com aqueles velhos, porque eu estava realmente adorando.

Cheguei à última página sentindo olhos de raio laser tentando me fuzilar e peguei a caneta estilizada em cima da mesa. Fazendo uma cena, ouvindo as respirações ficarem travadas ao meu redor.

Estava tomando a decisão certa.

Rabisquei minha assinatura em todos os lugares em que estava meu nome e fechei o contrato, me endireitando na cadeira e deixando os papéis sobre a mesa.

— Um *desprazer* fazer negócios com vocês, senhores. — sorri especificamente para Hércio, desejando que ele soubesse a bomba que cairia em seu colo em alguns minutos. — Espero o dinheiro na minha conta em até 24 horas. — lembrei das palavras do acordo.

— Estará lá. — Juliano prometeu, e me levantei da cadeira.

— Muito obrigado por sua colaboração. — o advogado disse quando eu estava de costas para ele. — E, Marina, vejo que segui meu conselho... viu? Às vezes usar seu corpo funciona. — De frente para ela, vi seus olhos se arregalarem e os ombros se encolherem, afetada.

Deixei minhas pálpebras caírem por um segundo.

Tinha prometido para mim mesmo que, enquanto as provocações fossem comigo, estaria tudo bem, mas, no momento em que ele se dirigiu a ela, minha paciência se esgotou.

— Não devia ter dito isso. — suspirei, me virando para olhá-lo.

— Ah, não? Acho que... — começou a dizer, mas foi impedido pelo meu punho acertando em cheio seu nariz.

Nunca fui um cara violento, mas um soco bem dado às vezes resolvia tudo.

E aquele era o caso.

— Estevão! — Marina gritou, me puxando para longe do homem, que cambaleou para trás, segurando o rosto, sua mão tapando o sangramento imediato.

— Os anos de amassar pão realmente me deixaram em forma. — falei, balançando minha mão no ar para aliviar a dor do impacto e sorrindo para o desgraçado, que parecia à beira de uma síncope.

— Sai daqui agora! — Hércio berrou, sendo amparado pelos outros velhos.

— Com todo prazer. — disse e me permiti ser puxado por Marina para fora da sala. Praticamente corremos pelo corredor.

Minha pretinha apertou o botão do elevador incessantemente até que ele abrisse e praticamente me empurrou para dentro, ignorando os olhares curiosos da secretária, que parecia surpresa com o pequeno pandemônio.

Me senti culpado quando vi seus ombros sacudirem em um tremor ansioso.

— Marina... — chamei, culpado, não querendo que ela me visse violento. — Me desculpe por... — mas antes que eu pudesse terminar, seus braços voaram ao meu redor, me apertando e seu rosto se escondendo no meu peito.

Abracei Marina instantaneamente.

Assisti a seus dedos trêmulos desligarem o aplicativo de gravador no celular, a ficha caindo de que conseguimos pegar as últimas frases daquele canalha. Tínhamos provas.

— Acabou. — Ela suspirou quando acariciei suas costas, deitando minha bochecha sobre seus cabelos.

— Sim... acabou. — prometi, e ela se endireitou.

Vi quando ela digitou no e-mail rascunhado “Áudio em anexo”, enviar e depois ir para os contatos até achar o de Bianca e apertou o botão de ligar. Continuei com meus braços ao seu redor, protegendo até que dois toques depois a professora atendeu.

— Terminamos aqui. — Marina disse antes de qualquer cumprimento. — Conseguimos gravar, te mandei.

— Perfeito. — a voz disse determinada. — Já enviei o seu arquivo pelo e-mail para meus amigos jornalistas, entrando em contato, descobri que a Braga Neto estava no radar de assédio por uma denúncia anônima. Isso quer dizer que o caso vai ganhar notoriedade logo.

Respirei fundo, tentando manter meu coração disciplinado apesar de ele bater rápido no meu peito. Aquele era o plano delas, eu assinaria o acordo para pegar o dinheiro da Avelar Avelã e Marina tentaria coletar provas para entrar com uma denúncia formal que seria amplamente divulgada no jornal. Elas estariam à procura de outras funcionárias assediadas para montar um caso forte contra Hécio Braga Neto.

E parecia que parte do plano já estava bem encaminhado.

Apoiei minha testa no ombro de Marina, inspirando seu cheiro

para me acalmar.

— Parabéns, querida, você o enfrentou. Estou orgulhosa de você. — a professora falou, verdadeiramente impressionada do outro lado da linha. — Nos vemos na segunda para começar a falar sobre a sociedade do escritório.

— Obrigada, Bianca... — Marina engoliu em seco, sua voz falhando. — Obrigada de verdade.

— Você merece apenas o melhor. — disse, e eu concordei silenciosamente, prometendo para mim mesmo que a apoiaria naquela nova etapa.

— Obrigada. — repetiu. O outro lado do celular desligou, e me endireitei, segurando o rosto da mulher que eu amava entre minhas mãos.

— Você fez isso. — disse orgulhoso. — Enfrentou aquele babaca.

— Foi você quem deu um soco nele. — Marina riu de leve, ainda tremendo pela miríade de emoções que deviam estar lhe tomando naquele momento. Me confortou o fato de que seus olhos brilhavam, contentes.

Muita coisa havia acontecido, mas ela ficaria bem.

— Detalhes. — falei, dando de ombro teatralmente.

Um silêncio cheio caiu pelo elevador que se aproximava dos primeiros andares, quando saíssemos dali, o mundo seria outro. Não haveria mais uma Avelar Avelã, a Braga Neto estaria envolvida em um escândalo, e nossas vidas mudariam drasticamente em todos os âmbitos.

Queria aproveitar aqueles últimos segundos de paz.

— Marina... — comecei a dizer, querendo encontrar as palavras certas, as que abarcavam todo meu amor, mas ela apenas sorriu.

— Eu sei, Estevão. — disse baixinho, com um sorriso repleto de lágrimas, e me inclinei, unindo nossas testas.

— Ah, é? Sabe mesmo? — perguntei num sussurro provocador.

— Sei desde a primeira vez que te vi. — ela falou, sua mão acariciando minha bochecha. — Está perdidamente apaixonado por mim. — brincou, e eu ri.

— Você é mesmo uma sabe-tudo, Marina Dantas. — falei, sentindo meu coração inflar de tamanho, cheio pela sensação de me permitir amá-la.

Estava pronto para o fazer até o fim dos meus dias.

— A boa notícia... — começou a dizer, mas a porta do elevador se abriu, nos deixando de novo de cara com o mundo real. — é que eu também estou perdidamente apaixonada por você.

— E o que fazemos agora? — perguntei, e ela sorriu.

— Não sei — admitiu —, mas o que quer que seja, vamos descobrir juntos.

— Parece um ótimo plano, docinho. — falei e me inclinei para beijá-la, sabendo que não havia alternativa.

Estávamos juntos no que quer que nos aguardasse.



Um ano depois

— Você já mexeu com a decoração das mesas mais de dez vezes. — Marina ralhou, e eu fiz uma careta, deixando o pequeno jarro de flor no lugar e me endireitando para alisar meu avental. — Estevão, relaxa, vai dar tudo certo. — garantiu, e senti pequenas mãos abraçando minhas costas.

— Quando eu disse para você parar de organizar as canetas no dia que a Motta e Dantas Advogados Associados abriu, você ameaçou jogá-las na minha cabeça. — lembrei, segurando seus dedos junto dos meus, e ela riu atrás de mim.

— Não seja cínico, eu ameacei jogá-las quando você disse que o escritório devia se chamar Um Tiro de Justiça. — acusou, e eu dei de ombros. Era um nome comercial, ela tinha que admitir. — nem parece o mesmo cara que nomeou o Bistrô Avelã.

— Não foi muito original. — lembrei, virando-me para ela, ainda mantendo seus braços ao meu redor. — Apenas homenageei a Avelar Avelã. — falei, e ela sorriu, ficando na ponta dos pés para me beijar.

Minha impressão era que meu avô gostaria da escolha. Do nome e da namorada.

— É perfeito. — sussurrou e uniu nossos lábios.

Tinha sido um caminho longo até ali.

Para começar, eu fiquei desalojado no dia seguinte ao contrato,

quando as escavadeiras da JL Engenharia pararam na porta da padaria, me dando tempo apenas de tirar minhas coisas antes da construção que guiou minha vida vir ao chão. Não doeu tanto quanto eu imaginei que doeria, porque eu sabia que o verdadeiro legado dos Avelar estava dentro de mim.

Meu avô ainda morava no meu coração, muito além daquelas paredes. Ele me criou com todo amor e cuidado do mundo, e aquilo estava gravado na minha pele, não naquelas paredes.

Não fiquei sem teto por muito tempo, Marina me acolheu em seu apartamento apenas com a condição de que eu cozinhasse para ela todos os dias. O tempo todo. Foi a coisa mais fácil que já fiz na vida. Foi em sua casa que aconteceram os primeiros testes das receitas do Bistrô Avelã. A maioria delas eram as criações do meu bisavô com um tempero de tudo que meu avô me ensinou.

O caso do Braga Neto explodiu poucas semanas depois, porque incontáveis vítimas dos assédios morais de Hércio vieram a público contar seus testemunhos. Claro que uma parcela da classe de advogados tentou desacreditá-las, mas o estrago estava feito. O escritório perdeu dezenas de clientes, apesar de não ter fechado as portas.

Um processo jurídico se iniciou, e Hércio em breve responderia por seus crimes contra Marina e outras advogadas que sofreram em suas mãos.

Não foram tempos fáceis. Ela ainda se pegava duvidando de si mesma, com medo, mas fiz de tudo para lembrá-la da profissional fenomenal que minha amável namorada era. O fato de que seu próprio escritório com as filhas de Bianca estava sendo um sucesso ajudou. As gêmeas eram meio cruas em Direito, mas Marina estava comandando tudo com maestria.

Me pegava cada vez mais apaixonado quando nos sentávamos em seu sofá e a ouvia contar com olhos brilhantes sobre seu dia de trabalho. Era lindo de se ver. Todos os dias ao seu lado eram.

— Está quase na hora. — Marina lembrou quando se afastou de mim com um suspiro ofegante pelo beijo. — Os garçons estão começando a olhar. — Apontou para os funcionários ao nosso redor. — Além disso, meus pais, Ceci e Junior são os primeiros da fila enorme lá fora. Não queremos ser pegos assim.

— Já, já eles se acostumam. — falei, dando um selinho em seus lábios. — Têm que entender que sou apaixonado pela maior advogada do país. — gracieji, e ela revirou os olhos.

— De inimigos para namorados, que bela história. — brincou, e

eu ri.

— A mais bonita de todas, sobre como dois rivais acabaram apaixonados. Um padeiro e uma advogada. — falei, brincando com um cachinho solto de seu coque. — Vou tentar vender esse pra Netflix.

Marina se deitou no meu peito, olhando para o restaurante de onde, pelas janelas, podíamos ver as dezenas de clientes esperando pela abertura do Bistrô.

— Te amo, sabia? — declarou baixinho, e eu ainda não tinha me acostumado com aquelas palavras, ainda me pegava de surpresa ter toda aquela sorte.

— Sim, eu sei. — falei vaidoso e ganhei um tapinha. — Também te amo, Marina. Mal posso esperar para chegarmos ao felizes para sempre da nossa história.

— Essa é a melhor parte, Estevão. — riu, brincando com meu novo avental. — Acho que já chegamos lá.

Bônus



Bônus | Marina

— Eu quero o divórcio. — falei em alto e bom som, mas Estevão ignorou meu pedido enquanto colocava as cumbucas com todos os ingredientes sobre o balcão.

Sabia que não devia jogar grandes notícias em seu colo quando ele estava fazendo seu *mise en place*. Tinha visitado o Bistrô Avelã o suficiente para saber que ele era superconcentrado naquela etapa. E, em todas elas, Estevão era mesmo um cozinheiro compenetrado.

— Nós estamos casados há três meses, Marina. — lembrou, e eu ignorei, cruzando os braços, empacada como uma mula. Evitei olhar para o diamante bonito no meu dedo, porque aquilo poderia dificultar minha decisão de me separar de Estevão, mas era inevitável.

Nos casamos numa pequena igreja no Santa Maria apenas com nossas famílias e os amigos mais próximos, tudo muito simples, apenas com Júnior e Ceci como os dois padrinhos — três, se eu contasse a Estela, na barriga da minha amiga.

Ver meu marido chorar ao me assistir entrar na capela foi o momento mais lindo da minha vida, mas chegou a hora de seguirmos caminhos separados. Foi bom enquanto durou.

— Percebi que você não é o homem ideal para mim. — empinei o queixo, mentindo descaradamente, e ele gargalhou, deixando as cumбуquinhas (que ele chamava de *bowls*) para abraçar minha cintura.

— Vai se divorciar de mim porque eu quero te ensinar a torta

de maçã da minha família? — perguntou, distribuindo beijinhos pelo meu rosto, e quase me derreti. *Quase*.

— Vou me separar de você porque te pedi torta de maçã e você está me obrigando a fazê-la. — aponteí o óbvio.

Tinha me casado com um chefe conceituado, dono do título de melhor restaurante de Belo Horizonte, e esperava que no *mínimo* podia pedir por uma torta de maçã sem que isso se transformasse nas minhas lindas mãos sendo colocadas na massa.

— É a receita secreta da família Avelar, está na hora de você aprender. — disse, os dedos muito espertos acariciando minha lateral, respirei fundo, sentindo um calor conhecido inundar minhas veias.

— E cadê *you* aprendendo a receita secreta dos Dantas? — perguntei, tentando mudar de assunto, minha voz falhando, e ele riu, seus lábios roçando meu pescoço.

Merda, desse jeito eu nunca teria minha torta.

— Eu aprendi. — lembrou. — Seu pai me ensinou a tradicional feijoada da sua avó, uma que, pelo que sei, você mesma nunca quis fazer. — Seus dedos subiram pelo caminho aberto da minha saia.

Não podia fingir que meu estoque infinito de vestidos não tinha nada a ver com a tendência de Estevão de querer se despedir de mim de uma forma muito... *profunda*.

— Por que eu faria se... — engoli em seco quando ele brincou com o cóis da minha calcinha — tenho você para fazer por mim? — perguntei, minha voz perdendo toda a inflexão.

Se os juizes que me nomearam para o prêmio *Innovation in Law* me vissem toda incoerente, duvidava que seria considerada “Revelação do Direito Empresarial”.

— Você me tem para fazer tudo. — prometeu, beijando minha têmpora quando seu dedo tocou meu clitóris, me fazendo estremecer. Joguei a cabeça para trás, apoiando em seu ombro. — Mas hoje você vai aprender a fazer torta de maçã. — disse, e eu gemi, mas sua mão não deixou minha boceta.

A falange do seu dedo brincou com o monte sensível, devagar, torturante, e apoiei as mãos no balcão.

— Estevão! — implorei.

— Shiu... — pediu, falso, como se quisesse me acalmar, mas sua palma pressionou com mais força o osso púbico, fazendo com que a pressão aumentasse. — Lê pra mim o que está escrito na receita, Marina. — mordiscou o lóbulo da minha orelha.

— Não consigo. — choraminguei, tentando rebolar para aumentar o atrito, mas sua mão livre segurou minha cintura com firmeza.

— Vamos, Pretinha, você consegue. — provocou, e o conhecia bem o suficiente para saber que ele amava testar meus limites. Firmei o pescoço, sentindo a visão meio turva, e tentei olhar para o caderno de receitas diante de mim.

No começo, achei muito fofa a ideia de ele estar registrando as receitas de Joaquim e do bisavô junto com suas próprias criações, mas naquele momento odiei ter que olhar para o caderno com a caligrafia bonita.

— Duas maçãs picadas sem casca... — comecei, e ele circulou meu clitóris num ritmo mais rápido, e apertei os olhos com força. Odiava culinária. — Suco de meio limão siciliano, cinquenta gramas de uvas passas brancas...

— Você gosta de uvas passas? — perguntou irônico, seu dedo do meio escorregando para dentro de mim, e eu trinquei os dentes.

— Odeio *you* e elas. — resmunguei, sentindo cada nervo do meu corpo implorar por alívio.

Nunca mais conseguiria olhar para uma simples torta de maçã com uma visão inocente.

— Você é muito engraçadinha. — elogiou, começando um vai e vem agonizante.

— Dois ovos, cem gramas de açúcar refinado, cem *ml* de leite integral... Ah! — exclamei quando me senti tão perto do orgasmo que, por um momento, achei que fosse cair. Mas como o bom canalha que era, Estevão parou.

— Continue a receita. — pediu, e eu estremei, deixando minha cabeça pender para frente enquanto recuperava o fôlego.

— Te odeio. — falei de novo, apesar de ser uma mentira descarada.

— Igualzinho à época da Avelar Avelã, minha rival favorita. — suspirou, e, se eu não estivesse tão tensa, teria rido também.

— Cinquenta *ml* de azeite de oliva, cinquenta gramas de fécula de batata... — fiz o impossível, praticamente gemi as palavras "*fécula de batata*" quando ele tocou exatamente o ponto certo dentro de mim.

Inferno! Aquela era a *pior melhor* conversa suja de todos os tempos.

— Ainda não terminou. — Estevão cantarolou, mas podia sentir

seu pau firme na minha bunda, sabia que ele estava adorando aquilo.

Não admitiria em voz alta, mas... eu também estava.

— Cento e cinquenta gramas de farinha de trigo, uma colher de sopa de fermento em pó, creme de confeiteiro e açúcar para polvilhar. — gemi a última linha dos ingredientes, me inclinando para frente, sem conseguir me controlar mais.

Estevão saiu de dentro de mim e passou a se concentrar de novo no meu clitóris, senti lágrimas encherem meus olhos quando me aproximava cada vez mais do meu ápice.

— Você não terminou. — apontou rouco, mas eu já estava fora de mim, meu corpo inteiro implorando por alívio.

— Estevão, por favor! — supliquei, a visão turva. Não conseguiria ler mais uma palavra, nem se minha vida dependesse disso e, de fato, eu sentia que dependia.

Podia cair dura no chão se não alcançasse meu orgasmos. Estevão seria o viúvo com o maior pau duro da história.

— O que você quiser, docinho? — O fato de que ele usou o apelido da época em que nos odiávamos só fez com que a sensação de aperto aumentasse dentro de mim.

Gozei com força, ouvindo sua respiração pesada no meu ouvido me guiar para o ápice do prazer. Eu estava molhada, feliz, satisfeita e... *com mais fome*.

Suspirei quando ele saiu de dentro da minha calcinha, rindo como um moleque arteiro. Quem poderia imaginar que o futuro dono de cinco estrelas Michelin era tão perverso? Eu podia e amava aquilo.

— Essa é oficialmente minha nova receita favorita. — garantiu, e foi minha vez de gargalhar, ofegante. — Você deixa tudo mais doce, Marina Dantas.

— Feito para o seu paladar. — falei ainda meio trêmula.

— Vamos para o modo de preparo?

Não podia contrariá-lo, a vida era mesmo uma delícia ao seu lado.

FIM



Agradecimentos



Agradecimentos

No final deste livro, tive uma grande dúvida: valia a pena, de novo, falar de assédio moral no trabalho? Então, infelizmente, aconteceu algo terrível com uma amiga muito próxima e que eu amo muito. Ela foi vítima de assédio moral por parte de um colaborador superior a ela na hierarquia da empresa e se demitiu tamanha violência que a afligiu. Quando ela fez a denúncia, obtive como resposta: estamos averiguando e vamos tomar a medida certa. Você só não vai ficar sabendo porque é sigiloso. Em outras palavras: ouvimos. Só não nos importamos.

Nisso eu soube que valia a pena sim porque todos os dias as pessoas estão sendo violentadas em seus ambientes de trabalho e silenciadas em nome de uma produtividade que jamais deveria ser maior do que o bem-estar das pessoas. Sei que muitas de vocês gostariam que Hélcio tivesse um final horrível — eu também quero, nas minhas fanfics ele foi atropelado por um ônibus e em seguida um raio caiu sobre ele. Trágico! —, mas infelizmente essa não é a grande realidade da maioria das pessoas vítimas de assédio moral, no entanto, sabemos que essas vítimas estão lutando e é a luta delas que quis representar aqui.

Por isso, meu primeiro agradecimento é para minha amiga, minha pessoa. H, eu te amo muito e você me inspira todos os dias.

Agradeço à minha família, principalmente à minha mãe que um dia acordou às seis da manhã só para eu poder chorar no colo dela por uma hora inteira. Ao meu pai que achou o máximo esse mesmo dia porque meu choro significava que eu era famosa, amei o entusiasmo! Minha irmã que, se dependesse dela os haters (como ela mesma

chamou) teriam caído duros no chão. Amo vocês, obrigada pelo apoio de sempre.

Meus amigos da vida real que de novo me acolheram e me amaram (e me pediram para tirar férias), especialmente a Laurinha que respondeu todas as minhas infinitas dúvidas de Direito. Eu amo vocês mais que tudo, muito obrigada!

Agradeço também às minhas amigas autoras que me apoiaram muito no momento em que este livro ficou difícil de terminar. Agradeço mais especificamente à Karen Santos, Lola Belluci, Mari B. Maia e L. Black, minhas queridíssimas.

Agradeço às minhas betas MARAVILHOSAS, em especial à Hellen R. P. (nunca escrevo um livro sem ela ver) e à Luci Sant'Ana, que me avisou que apesar de ser uma advogada maravilhosa, é melhor eu ficar fora dos tribunais. Um ENORME muito obrigada à Bruna Renata que leu este texto na forma mais bruta e me garantiu que era bom (ou pelo menos seria, um dia hahahaha). Agradeço muitíssimo à Sheila Lucas que foi uma luz nos aspectos jurídicos deste livro e à Clarinha, a estagiária de Direito mais fofa do mundo. Obrigada, meninas.

Muito, muito, muito obrigada às mulheres maravilhosas que trabalharam neste livro. Rafaela Horn pela leitura crítica brilhante e o podcast apontando todas as coisas que só melhorariam o livro. Jenniffer Fógos pela leitura crítica também brilhante e que me deixou acesa para melhorar ainda mais minha escrita. Vocês são fodas! Agradeço às queridas Lara Silva e Evelyn Fernandes, leitoras sensíveis que me ajudaram a construir a Marina de forma mais respeitosa e representativa possível, MUITO obrigada por compartilharem tanto comigo. Agradeço às minhas queridas revisoras Julie Mangi e Ana Tinoco que apesar do prazo horrível entregaram TUDO!

Agradeço à minha equipe maravilhosa por me ajudar a trazer este livro para a vida e às talentosas capistas que fizeram oito (sim! OITO) versões até eu chegar nesta coisa linda aí. Eu teria desistido sem vocês.

Por fim, mas jamais menos importante, agradeço a você, leitora! Obrigada por me acompanhar até aqui. E se esta é a primeira vez que você me lê, muito obrigada por dar uma chance a esta capa maravilhosa na Amazon, espero que continue gostando, saiba que tenho outras comédias românticas muito fofas. Nos vemos na próxima.

Beijos,

Olivia Uviplais, sua autora de comédias românticas favorita.

Gostou? Então avalie para que Estevão e Marina façam mais receitas muito quentes naquela cozinha. Que sabor!



LEIA MEUS OUTROS LIVROS!

Manual da Conquista Imperfeita

Clichê Invertido :: Fake Dating :: Só tem uma cama

Augustus Miller tem um segredo. Bem, não é *exatamente* um segredo. Uma fofoca inventada levou a outra e, de repente, o goleiro nerd *golden boy* do Michigan Lynx é considerado o maior pegador do campus. O que não seria um problema se não fosse por um pequeno detalhe: **Gus é virgem.**

Kira Mori está indo mal na faculdade. Muito mal mesmo. Prestes a reprovar em Ética 101, parando de ir a festas para estudar, desinstalando o Tinder para se concentrar e prestando mais atenção nas aulas do que nas fofocas de atleta na cafeteria, **ela precisa de um professor particular.**

E Gus, o melhor de todos, **não está disponível.**

Os mundos da caloura popular e do geek astro do hóquei jamais se encontrariam se não fosse pela vodca, pela vontade de Kira em ajudar os embriagados e pela tendência de Gus de contar *certos segredos* quando está bêbado.

De repente, um acordo é feito.

Gus ensina teorias da Ética.

Kira ensina a arte da conquista.

Aprender nunca foi tão divertido. E delicioso.

Faça Um Pedido

Viagem no tempo - grumpy & sunshine - segunda chance - crianças fofas

Uma viagem no tempo é capaz de mudar tudo?

Nada podia ser pior do que os aniversários da solitária **Maeve Carter.**

A moça não tinha com quem comemorar a data especial porque sem família e amigos, uma vida vazia era tudo que lhe restava.

Em um momento triste a jovem acende uma velinha para si mesma e faz o mais puro dos pedidos: **queria ser amada.**

E na manhã seguinte tudo estava diferente. Maeve acorda numa casa estranha com duas menininhas espertas a chamando de mamãe e uma aliança no dedo que pertence a **Theo Jones**, um deus grego amoroso, compreensivo e *gostoso*.

O que parecia uma loucura, na verdade se torna um aprendizado: O amor nem sempre vem em pacotes convenientes.

Os Padrinhos

Enemies to lovers - Grumpy(ela) & Sunshine(ele) - Convivência forçada

Amy St. Clair e Harry Ryder não se suportam desde a primeira vez que se viram. Eles eram o velho clichê: Amy não o tolera e Harry adora

provocá-la. Ainda assim, por debaixo de toda aquela aversão, faíscas voam quando se encontram.

Agora seus melhores amigos estão se casando e, como padrinhos dessa união, os dois terão que se aturar durante um mês para ajudar nos preparativos da cerimônia. Presos um ao outro como cão e gato, eles sentirão o ódio se transformar em algo mais.

Afinal de contas, o amor nem sempre vem em pacotes convenientes.

[1] Nome fictício [2] *Mise en place* é um termo francês que significa "pôr em ordem, fazer a disposição". É também uma forma de dizer para arrumar e preparar a cozinha para começar a confeccionar os pratos

[3] Este é o segundo em comando na cozinha e é responsável por auxiliar o chefe de cozinha na gestão do pessoal. [4] *Bebê do nepotismo*, termo se refere a alguém que alcança um lugar de destaque em alguma área por ter algum familiar que é parte dessa área